



## Working Papers em Linguística, v. 23, n. 1, 2022

Centro de Comunicação e Expressão - CCE  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
Florianópolis - SC - Brasil

### Editor-chefe

Marco Antonio Martins

### Editoração

Ana Cláudia Fabre Eltermann

Ana Beatriz Ribeiro

Caio Vinícius Silva

Cecília Augusta Vieira Pinto

Clóvis Alencar Butzge

Érica Marciano de Oliveira Zibetti

Guilherme Ribeiro Colaço Mäder

Helena Gouveia

João Paulo Zarelli Rocha

Raquel Gomes Chaves

Fernanda Delatorre

### Organização

Valter Pereira Romano

Felício Wessling Margotti

### Conselho Editorial

Adair Bonini, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Adriana Fischer, Centro Universitário de Brusque, Brasil

Aline Cacilda Koteski Emilio, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Ana Cláudia Souza, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ana Paula Oliveira Santana, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

André Berri, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Clarice Nadir von Borstel, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Cláudia Regina Brescancini, Pontifícia Universidade Católica – RS, Brasil

Cristiane Lazzarotto-Volcão, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cristine Gorski Severo, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edair Maria Gorski, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edwiges Maria Morato, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Fabio Luiz Lopes da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Felício Wessling Margotti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Helena Guerra Vicente, Universidade de Brasília, Brasil

Heronides Maurílio de Melo Moura, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Izabel Christine Seara, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Josias Ricardo Hack, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Leandra Cristina de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Leonor Scliar Cabral, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Lucélio Dantas Aquino, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luizete Guimarães Barros, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Magdiel Medeiros Aragão Neto, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Mailce Borges Mota, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Inêz Probst Lucena, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Izabel de Bortoli Hentz, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Teresa Santos Cunha, Universidade do Estado de Santa Catarina

Márluce Coan, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maurício Eugênio Maliska, Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil

Monica Mano Trindade, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Morgana Fabiola Cambrussi, Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Nara Caetano Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Nelita Bortolotto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Nívea Rohling, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil

Otávio Goes de Andrade, Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Renato Basso, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Roberta Pires de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Rodrigo Acosta Pereira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ronald Taveira da Cruz, Universidade Federal do Parnaíba Piauí, Brasil

Rosângela Hammes Rodrigues, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Rosely Xavier, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Bueno Borges da Silva, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Tarcisio de Arantes Leite, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Terezinha da Conceição Costa-Hübes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Vidomar Silva Filho, Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Werner Heidermann, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

## Sumário

---

### INTROUÇÃO

---

GEOLINGUÍSTICA BRASILEIRA E PLURIDIMENSIONALIDADE: UMA APRESENTAÇÃO .....	4
Valter Pereira Romano, Felício Wessling Margotti	

### ARTIGOS

---

DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL: ENTREVISTA COM O PROFESSOR DR. HARALD THUN .....	8
Marcelo Jacó Krug, Cristiane Horst	
DA DIALETOLOGIA GERAL À DIALETOLOGIA CONTATUAL .....	16
Romário Duarte Sanches	
GEOLINGUÍSTICA: DESAFIOS DA METODOLOGIA PLURIDIMENSIONAL .....	38
Valeska Gracioso Carlos	
CONTRIBUIÇÕES DE SILVA NETO PARA OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS EM SANTA CATARINA .	52
Antonio Luiz Gubert, Vanderci de Andrade Aguilera	
ALIBWEB: ESTADO DA ARTE E PERSPECTIVAS FUTURAS .....	75
Daniela Barreiro Claro, Josane Moreira de Oliveira, Marcela Moura Torres Paim	
ESTADO DA ARTE DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DE RONDÔNIA .....	91
Iara Maria Teles, Abdelhak Razky, Diego Coimbra	
A ILHA DO PICO (NOS AÇORES, PORTUGAL) À ILHA DO DESTERRO (ATUAL FLORIANÓPOLIS NO BRASIL): ASPECTOS PROSÓDICO-ENTONACIONAIS .....	113
Izabel Christine Seara, Lurdes de Castro Moutinho	
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PARANÁ: VOGAIS MÉDIAS NO ALPR E ALIB/PR .....	144
Fabiane Cristina Altino	
TECENDO A HISTÓRIA DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL COM OS FIOS DAS TELAS DOS ATLAS LINGUÍSTICOS .....	168
Vanderci de Andrade Aguilera, Helen Cristina da Silva	
DESIGNAÇÕES PARA A “PARTE DO CORPO DA MÃE COM QUE ELA AMAMENTA OS FILHOS” .	194
Suzana Vinícia Mancilla Barreda, Daniel Abud Marques Robbin, Regiane Coelho Pereira Reis	
ESTUDOS ALIBIANOS EM MATO GROSSO: OS NOMES PARA PROSTITUTA .....	215
Laís Lara Botelho, Daniela de Souza Silva Costa, Valeska Gracioso Carlos	

DE NORTE A SUL, AS ÁREAS DIALETAIS DO BRASIL: JOGANDO “BOLINHA DE GUDE”	229
Leandro Almeida dos Santos, Silvana Soares Costa Ribeiro	
O ‘PICADINHO’ DO NORTE E O ‘GUISADO’ DO SUL: UMA ANÁLISE DIATÓPICA COM OS DADOS DO ALIB NOS EXTREMOS DO BRASIL	255
Amanda Chofard	
DESIGNAÇÕES PARA CURAU/CANJICA SEM COCO E A TRANSIÇÃO ENTRE OS FALARES NORTISTA, NORDESTINO E CENTROESTINO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS DADOS DO ALIB E DO ALITETTO	272
Vanessa Yida, Greize Alves da Silva	
ESTUDO DE ITENS LEXICAIS PERTENCENTES À FAUNA NOS ATLAS LINGUÍSTICOS DE ALAGOAS E PERNAMBUCO: EM BUSCA DE CONVERGÊNCIAS	290
Edmilson José de Sá	
COMO SE CHAMA UM RIO PEQUENO, ESTREITO, DE UNS DOIS METROS DE LARGURA NO INTERIOR PAULISTA?	311
Selmo Ribeiro Figueiredo Junior	

CAPA POR JOÃO PAULO ZARELLI ROCHA

## **GEOLINGUÍSTICA BRASILEIRA E PLURIDIMENSIONALIDADE: UMA APRESENTAÇÃO**

Há quase seis décadas, as pesquisas geolinguísticas no Brasil têm alcançado importantes avanços, seja pela realização dos denominados atlas linguísticos, seja pelo profícuo avanço nos fundamentos teórico-metodológicos nas pesquisas dialetais, o que tem despertado a atenção de estudiosos brasileiros e estrangeiros. Desde seu início, em 1963, com a obra inaugural *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de Nelson Rossi e suas colaboradoras, a Geolinguística no Brasil tomou seu próprio rumo, distanciando-se da tradicional geografia linguística, eminentemente diatópica, adentrando os “veios sociolinguísticos” (CARDOSO, 2010), com obras que recobrem diferentes espaços geográficos, grupos étnicos, contato entre línguas, numa perspectiva pluridimensional, contatual e relacional (THUN, 1998).

Este número temático da revista *Working Papers em Linguística* apresenta ao público uma amostra dos trabalhos desenvolvidos no país, bem como avanços de ordem teórico-metodológica da Geolinguística brasileira. Ao todo, além dessa apresentação, constam desse volume uma entrevista com o pesquisador alemão Harald Thun, da Universidade de Kiel (Alemanha), e 15 artigos que recobrem diferentes temas, com análise de *corpus* e cartas linguísticas de atlas e/ou projetos de atlas linguísticos, englobando estudos de natureza fonética, prosódica e semântico-lexical, além de artigos de revisão da literatura na área da Dialetoлогия.

Como abertura desse Dossiê, temos uma primorosa entrevista realizada por Marcelo Jacó Krug e Cristiane Horst com o professor Harald Thun, criador da *Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional*. A entrevista, de modo objetivo, elucida questões sobre os aspectos teórico-metodológicos da teoria que por vezes são tratados de forma rápida nos textos de Thun, além de contribuir com comentários do estudioso sobre o modelo de cartografia linguística pluridimensional em cruz.

Na sequência, no primeiro artigo, Romário Duarte Sanches, com o texto *Da Dialetoлогия Geral à Dialetoлогия Contatual*, apresenta comentários sobre os avanços e desdobramentos da Dialetoлогия Geral (DG), que engloba várias vertentes, podendo-se mencionar a Dialetoлогия Medieval/Filológica, a Dialetoлогия Estrutural, a Dialetoлогия Gerativa, a Dialetoлогия Social, a Dialetoлогия Perceptual, a Dialetoлогия Contatual e a Dialetoлогия Computacional. O autor aponta que no Brasil a Dialetoлогия Social é a mais aplicada; porém, constata-se aumento gradativo de pesquisas voltadas para a Dialetoлогия Contatual, sustentadas pelo modelo de Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, fundada por Thun (1998).

Dando prosseguimento à discussão, Valeska Gracioso Carlos, no texto *Geolinguística: desafios da metodologia pluridimensional*, apresenta reflexões sobre o modelo teórico-metodológico de Thun (1998) a partir de uma pesquisa realizada *in loco* na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. O texto traz apontamentos sobre os alcances e limitações desse modelo teórico-metodológico que foi adotado em sua pesquisa, recobrando oito dimensões da variação linguística.

O terceiro artigo do Dossiê, de autoria de Antonio Luiz Gubert e Vanderci de Andrade Aguilera, intitulado *Contribuições de Silva Neto (1957) para os estudos dialetológicos em Santa Catarina*, também de caráter teórico e da revisão da literatura, informa ao público a importância do ilustre filólogo do século passado, Serafim da Silva Neto, na formação de uma mentalidade dialetológica entre os brasileiros e, principalmente, a importância da sua obra para o desenvolvimento de pesquisas dialetológicas no Estado de Santa Catarina.

Em seguida, mais detidamente em informações sobre atlas linguísticos, Daniela Barreiro Claro, Josane Moreira de Oliveira e Marcela Moura Torres Paim, pesquisadoras do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, trazem notícias sobre o desenvolvimento de um sistema para informatização *corpus* do atlas nacional. No texto, *ALiBWeb: estado da arte e perspectivas futuras*, as autoras apresentam o sistema que está em desenvolvimento e permitirá a organização dos dados e sua inserção no banco de dados de consulta *on-line*, facilitando o seu armazenamento e, principalmente, disponibilizando-os com maior segurança, para que possam servir de base para análises linguísticas de dados orais de natureza geolinguística.

Na esteira dos atlas pluridimensionais, Iara Maria Teles, Abdelhak Razky e Diego Coimbra apresentam informações sobre o Atlas Linguístico de Rondônia com o texto *Estado da arte do Projeto Atlas Linguístico de Rondônia*. Os autores avançam com o desenvolvimento do atlas apresentando modelos de cartografia linguística já desenvolvida, além de análise sobre dois aspectos fonéticos: as vogais médias anterior /e/ e posterior /o/ em posição pretônica e a consoante /S/ em coda silábica interna. Os resultados, apresentados em cartas linguísticas e em tabelas com dados quantitativos, apontam para uma variação fonética relevante do ponto de vista geossociolinguístico.

Com dados do Projeto AMPER-POR (Atlas Multimídia Prosódico das Línguas Românicas – Língua Portuguesa), Izabel Christine Seara e Lurdes de Castro Moutinho fazem a comparação de dados entre o português do Brasil e o dos Açores no texto *Da ilha do Pico (nos Açores, Portugal) à ilha do Desterro (Atual Florianópolis no Brasil): aspectos prosódico-entonacionais*. As autoras analisam e comparam dados orais das duas comunidades, averiguando semelhanças e diferenças entre o bairro Lagoa da Conceição (Florianópolis) e as outras comunidades açorianas de Florianópolis, principalmente para os núcleos entonacionais formados por paroxítonas e proparoxítonas, em comparação com os dados de Madalena do Pico e demais localidades da ilha do Arquipélago dos Açores.

Com base em dados de dois atlas linguísticos, um rural – o Atlas Linguístico do Paraná – e outro urbano – o Atlas Linguístico do Brasil –, Fabiane Cristina Altino discute a *Varição linguística no Paraná: vogais médias no ALPR e ALIB/PR*. A partir de uma cartografia experimental para o ALiB, referente aos dados paranaenses, e uma recartografia de dados do ALPR I e II, a autora discute áreas fonéticas no território, atestando que aspectos da colonização apontam para a possibilidade da diversidade linguística no estado.

O oitavo artigo deste Dossiê, *Tecendo a história do léxico da língua portuguesa no Brasil com os fios das telas dos atlas linguísticos*, de autoria de Vanderci de Andrade Aguilera e Hélen Cristina da Silva, apresenta a análise de cartas de 12 atlas linguísticos estaduais com foco em demonstrar, por meio dessas cartas, a contribuição das várias etnias na formação do português brasileiro (PB), atestando que, dentre outras questões, os dados apontam, de um lado, a disseminação e o fortalecimento de formas do português culto e, de outro, a gradativa perda dos traços das línguas que o compuseram.

No texto *Designações para a “parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”*: um estudo geossociolinguístico e léxico-semântico em Mato Grosso do Sul (MS), Suzana Vinícia Mancilla Barreda, Daniel Abud Marques Robbin e Regiane Coelho Pereira Reis fazem uma análise de caráter léxico-semântico com vistas a discutir questões atinentes a tabus linguísticos em localidades pesquisadas pelo Projeto ALiB no estado de Mato Grosso do Sul, e também discussões sobre a variação diatópica, diasssexual e diageracional no *corpus* analisado.

Laís Lara Botelho, Daniela de Souza Silva Costa, Valeska Gracioso Carlos, no texto *Estudos alibianos em Mato Grosso: os nomes para prostituta*, trazem à tona a discussão de uma questão polimórfica do questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, a de número 142 – que trata dos designativos para “a mulher que se vende para qualquer homem”. Pautando-se em dados coletados pela equipe do Projeto em nove localidades do estado do Mato Grosso, onde foram documentadas 25 variantes lexicais, as autoras atestaram que questões extralinguísticas se refletem no léxico em uso pela comunidade, ratificando a importância das pesquisas geolinguísticas para a documentação e a disseminação da realidade linguística mato-grossense.

Para discutir a divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1922/1953), Leandro Almeida dos Santos e Silvana Soares Costa Ribeiro apresentam o texto *De norte a sul, as áreas dialetais do Brasil: jogando “bolinha de gude”*. A partir do levantamento bibliográfico das pesquisas já realizadas com o *corpus* do ALiB nas diferentes regiões brasileiras, sob uma perspectiva comparativa, os autores ressaltam que a análise possibilitou realizar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado em diversas regiões do país, além de trazer notícias sobre a configuração dialetal brasileira, com base no item lexical em análise.

Seguindo esse mesmo caminho, com vistas a traçar áreas e limites linguísticos, Amanda Chofard, no texto *O ‘picadinho’ do Norte e o ‘guisado’ do Sul: uma análise diatópica com os dados do ALiB nos extremos do Brasil*, também se pauta nos dados do Projeto ALiB com a finalidade de descrever e analisar, nas duas regiões investigadas, as diferentes formas lexicais para nomear a *carne moída*, identificando possíveis isoléxicas. Os dados demonstraram que há uma variante em comum mais usada tanto pelos nortistas quanto sulistas e que, entre outros aspectos, há variantes que apontam para áreas dialetais específicas em cada região.

Ainda com base no *corpus* do ALiB em comparação com dados cartografados pelo Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALiTETTO), o texto de Vanessa Yida e

Greize Alves da Silva – *Designações para curau/canjica sem coco e a transição entre os falares nortista, nordestino e centroestino: uma comparação entre os dados do ALiB e do ALiTETTO* – acrescenta ao Dossiê uma discussão sobre a realidade linguística do estado de Tocantins, que apresenta um comportamento dialetal distinto, singularizado em comparação ao conjunto das regiões analisadas, possivelmente resultante da constituição da população, revelando-se como um atlas linguístico de um estado brasileiro que, de forma bem sucedida, conseguiu aplicar a teoria de Thun (1998) em seu desenvolvimento e cartografiação.

Os dois últimos textos do Dossiê referem-se à análise de cartas de três atlas linguísticos. Assim, Edmilson José de Sá empreende um *Estudo de itens lexicais pertencentes à fauna nos Atlas Linguísticos de Alagoas e Pernambuco: em busca de convergências*. O artigo trata da análise de cartas de ambos os atlas estaduais, o que permitiu identificar variantes lexicais que caracterizam a norma lexical das regiões investigadas, com acepções regionalistas provenientes da cultura e das crenças dos falantes, cujos valores são transmitidos, conservados e desenvolvidos pela língua materna.

Por fim, Selmo Ribeiro Figueiredo Junior, com o texto *Como se chama um rio pequeno, estreito, de uns dois metros de largura no interior paulista*, apresenta uma análise de uma carta linguística do *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista*, fazendo considerações sobre os designativos para o referente e discutindo a variação diatópica, diastrática, diagenérica e dia-geracional.

Com satisfação, portanto, apresentamos aos leitores este Dossiê da revista *Working Papers em Linguística* que, pela amostra de trabalhos publicados, evidencia o quão é profícua a Geolinguística Brasileira. Essa coletânea de textos constitui-se. Assim, como mais um material de referência na área, visto que inclui, de forma sintética e sistematizada, diferentes pesquisas desenvolvidas no país. Desejamos uma excelente leitura!

Valter Pereira Romano  
Félicio Wessling Margotti  
(Organizadores)

## **DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL: ENTREVISTA COM O PROFESSOR DR. HARALD THUN**

PLURIDIMENSIONAL AND RELATIONAL DIALECTOLOGY:  
INTERVIEW WITH PROFESSOR DR. HARALD THUN

Marcelo Jacó Krug | [Lattes](#) | [marcelokrug.mk@gmail.com](mailto:marcelokrug.mk@gmail.com)  
Universidade Federal da Fronteira Sul

Cristiane Horst | [Lattes](#) | [cristanehorst1979@gmail.com](mailto:cristanehorst1979@gmail.com)  
Universidade Federal da Fronteira Sul

**Resumo:** Nosso objetivo com a presente entrevista com o professor Dr. Harald Thun foi trazer de forma interativa os principais conceitos da teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional por ele criada. Nosso propósito, com a entrevista, foi conversar sobre temas que não aparecem ou aparecem de forma muito resumida nos artigos e textos escritos pelo professor, assim como, por exemplo, a relação da dialetologia pluridimensional e relacional com a sociolinguística tradicional e com a dialetologia tradicional, a cartografia monodimensional e os ‘tipos’ de mapas e o sistema em cruz por ele desenvolvidos.

**Palavras-chave:** Dialetologia pluridimensional e relacional; Sistema em cruz; Cartografia linguística.

**Abstract:** Our objective with this interview with Professor Dr. Harald Thun was to bring interactively the main concepts of the theory and methodology of pluridimensional and relational dialectology created by him. Our purpose, with the interview, was to talk about topics that do not appear or appear in a very summarized way in the articles and texts written by the professor, as well as, for example, the relationship of pluridimensional and relational dialectology with traditional sociolinguistics and traditional dialectology. , the one-dimensional cartography and the ‘types’ of maps and the cross system developed by him.

**Keyword:** Pluridimensional and relational dialectology; Cross system; Linguistic cartography.

## Introdução

Na presente entrevista com o professor Dr. Harald Thun, da Universidade de Kiel, na Alemanha, realizada durante uma saída de pesquisa de campo ao Paraguai, procuramos entender melhor o funcionamento da teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional, a partir do comentário do próprio teórico e criador da teoria e metodologia. Na oportunidade, pensamos em, primeiramente, trazer uma explicação da dialetologia pluridimensional e relacional, de questões que, até então, não haviam sido escritas e esclarecidas em seus artigos. O que nos levou a realizar esta entrevista com o prof. Dr. Thun foi o fato do pouco conhecimento da teoria e metodologia por ele proposta entre os pesquisadores brasileiros. Além disso, poucas publicações foram feitas em língua portuguesa, sendo a maior parte em língua inglesa, língua alemã ou em língua espanhola, sem contar a dificuldade de acesso a esses materiais impressos aqui no Brasil. Procuramos dar ênfase às seguintes questões: no que consiste a dialetologia pluridimensional e relacional; o contraste entre a teoria laboviana e a dialetologia pluridimensional; a cartografia linguística, o sistema em cruz e como se originou a teoria; a metáfora dos cavalos; os métodos de escolha do dado a ser cartografado; a crítica da sociolinguística tradicional versus a dialetologia pluridimensional e relacional; e, por fim, os agradecimentos.

**Entrevistadores:** No que consiste a dialetologia pluridimensional e relacional?

**Prof. Dr. Thun:** Consiste em dominar essa grande quantidade de dados, que são produto de nossa metodologia. Vejam só, contrariamente à metodologia monodimensional que tem um informante só por lugar, nós temos normalmente oito, isto quer dizer, informantes de quatro grupos que se dividem por idade e por categoria sociocultural, e em cada grupo estão duas pessoas, normalmente homem e mulher. Então, em consequência, temos de quatro até oito vezes mais informações. Por exemplo, é possível que em cada um dos grupos os informantes digam coisas diferentes, nesse sentido teremos oito vezes o mesmo fenômeno em variação. Esse torna-se um grande desafio para a cartografia, pois, teoricamente, teríamos que inscrever em cada ponto oito resultados e, se for feito de maneira mecânica, pode ser motivo de grande confusão. Por isso, a solução é, por um lado, uma simplificação, assim temos mapas que só dão uma primeira aproximação do fenômeno, reduzindo, mas só no início, essa parte da variação entre quatro a oito pessoas e utilizamos somente um símbolo, são os mapas que chamamos de fenotípicos. Por exemplo, se queremos saber se existe em um dado lugar a palatalização do português brasileiro, isto é, a realização de palavras como  $d/ʒ/ia$  e  $t/ʃ/ia$ . Então, nessa primeira aproximação

ao fenômeno, simbolizamos no primeiro mapa só a existência ou a inexistência do fenômeno. Mas isso é só o começo. O princípio é separar em passos sucessivos a informação coletada, resultando em um tipo de cartografia que pode ser chamada de “Série”. Assim, para um mesmo fenômeno complexo, fazemos vários mapas que se seguem logicamente. Primeiro uma aproximação, depois entramos em todos os detalhes e, ao final, uma síntese. Um exemplo poderia ser uma síntese sobre o avanço de determinado fenômeno, por exemplo, o caso da palatalização realizada por um grupo determinado, vamos dizer, mulheres jovens, que realizam uma porcentagem avançada do fenômeno, enquanto que os homens veteranos da classe socioculturalmente baixa realizam a forma tradicional. Dessa forma, as mulheres jovens da classe culta, vamos dizer, realizam praticamente todas *bom d/ʒ/ia, t/ʃ/ia*, enquanto que os homens velhos mantêm *bom dia, tia*, sem a palatalização. Então isso poderia ser como uma síntese ao final.

**Entrevistadores:** Como e onde entra a teoria laboviana na dialetologia pluridimensional e relacional?

**Thun:** Combinamos a dialetologia tradicional com a sociolinguística e, sobretudo, com a sociolinguística de Labov. Um dos aspectos mais importantes para nós é o contraste entre as gerações. Como diz Labov na sua *apparent time*, é uma possibilidade de tornar visível o tempo num momento concreto da pesquisa, entrevistando pelo menos duas gerações. Como exemplo, podemos citar o léxico de “caçula”. Vemos que, no lado uruguaio, as pessoas velhas da classe baixa ou não conhecem a palavra ou só conhecem passivamente, mas os da mesma categoria sociocultural, jovens da classe baixa, já conhecem em parte, usam ativamente, outros conhecem passivamente, sabem que existe a palavra, sabem o que significa, mas ainda não usam. No momento que contrastamos os resultados, podemos dizer que essa é a imagem típica de uma mudança linguística, uma mudança da categoria da inovação. Uma palavra, um elemento linguístico novo está entrando em uso na língua. Também o contrário pode ser encontrado. Por exemplo, se os jovens não conhecem a forma, ou só a conhecem passivamente e os anciãos a usam ou pelo menos a conhecem passivamente, eu diria que essa é a imagem típica de uma mudança linguística da categoria da perda progressiva de um elemento.

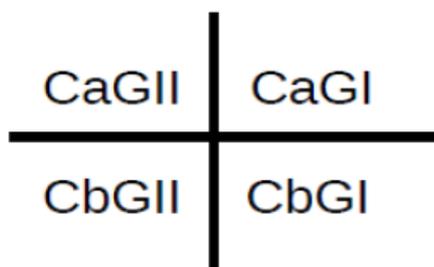
**Entrevistadores:** Dentro da cartografia linguística, o que é e como funciona o modelo em cruz?

**Thun:** O modelo em cruz, que já tem um certo êxito até na geolinguística brasileira, pode ser visto no atlas linguístico de Minas Gerais, em um atlas de uma região do Mato Grosso

do Sul, como também no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), mas adaptado. Isso, para a minha grande satisfação, diz que é útil e é isso que importa.

A necessidade é a seguinte: uma possibilidade simples e ainda legível de integrar mais de uma informação em um mapa só. Essa cruz para nós une e ao mesmo tempo divide os quatro grupos mais importantes. Grupos que chamamos de grupos *standard*, que são os grupos socioculturalmente altos e os grupos socioculturalmente baixos. Divisão entre os dois grupos, vamos dizer que a linha horizontal da cruz divide os grupos em socioculturalmente alto no compartimento acima da linha horizontal e socioculturalmente baixo, abaixo dessa linha.

A linha vertical separa as gerações, assim no compartimento da esquerda está o grupo da geração mais velha e na parte da direita estão os jovens.



Fonte: Thun (2010, p. 509).

Com isso podemos integrar quatro mapas em um só, ou seja, com essa metodologia podemos fazer uma síntese de 4 grupos em um mapa só, sem sobrecarregar a informação. Além disso, é uma possibilidade de dar uma impressão da situação linguística em um determinado lugar, por exemplo, se em uma cruz em um dado lugar todos os grupos apresentam o mesmo resultado, se encontram representados com o mesmo símbolo, isso significa unidade. Unidade linguística dessa comunidade, nesse mesmo lugar, ou se os dados apontam o mesmo resultado tanto nas duas gerações velhas, quanto nas gerações novas, mas diferentes da CaGII, isso nos indica o rumo da mudança linguística no lugar. O sistema da cruz exige uma limitação extrema na seleção dos símbolos. A primeira limitação é sempre um símbolo só em cada compartimento da cruz e não dois ou mais para não aumentar a dificuldade na interpretação das informações, pois a visão humana é uma visão tridimensional e tudo o que passa disso, nosso cérebro não registra. Por isso, é importante não colocar mais de um símbolo em cada célula do sistema da cruz.



mapas simples, claros, bem legíveis. Essa metodologia é resultado de muitas discussões com colegas que fazem outros atlas linguísticos, do estudo da evolução da cartografia em geral e de experimentos concretos. O que vem do Coseriu é essa ideia da existência de todo um complexo de variação e de uma sistematização da variação, mas ele não se ocupou de problemas práticos de cartografia. Voltando à pergunta, iniciamos em Mainz e aplicamos nas pesquisas no ADDU, no Uruguai. Nosso sistema nessa trilogia Brasil, Argentina e Paraguai, o que queremos é dar prioridade à formação de grupos de estudo e trabalho pensando sempre em parcerias. Sempre que possível, priorizamos a participação dos informantes que moram na zona estudada como forma de incentivo. Por isso, temos vocês, Cristiane, Marcelo e o Cléo Altenhofen aqui, porque se trata de analisar a língua de um grupo de falantes bilíngues de português e de um dialeto alemão. No caso do Uruguai, trabalhamos com o Adolfo Eliziancin, que conheço bem. No caso do ALGR, trabalhamos com o Almídio Arquino, de Assunção, e da parte alemã temos pelo menos uma pessoa, que sou eu. Iniciamos a aplicação com o Uruguai no ano de 1989. A fase de coleta no Uruguai foi curta, somente três anos, isso graças a um generoso financiamento da *Deutsche Forschungsgemeinschaft*. Nos outros casos, como no ALGR e ALMA – H, a coleta foi condicionada ao nosso tempo disponível, nas férias, e as condições de financiamento foram um pouco diferentes. Sempre favoráveis, mas não tão massivas como no primeiro projeto.

**Entrevistadores:** O senhor poderia explicar a metáfora dos cavalos utilizada na cartografia linguística pluridimensional?

**Thun:** Essa metáfora dos cavalos, da cronofotografia, é utilizada para explicar a evolução da cartografia. Quando se publicou o primeiro atlas linguístico nacional, que foi na França, o autor, um tal Jules Gilliéron, e seus colaboradores, falavam em terminologia que tinha a ver com a fotografia dessa época. Então temos que saber que nos anos 80 do século XIX foram inventados nos EUA todos os elementos para a fotografia moderna. A fotografia é mais velha, tem a sua origem na França com Daguerre e outros mais, mas um tal George Eastman inventou a câmera instantânea e o rolo também, ao invés dessas placas em vidro que se usavam antes, isso possibilitou a fotografia rápida. Então o Jules Gilliéron fala em foto instantânea e diz metaforicamente que um atlas linguístico deve ser uma foto instantânea de um momento da história de uma língua, sem pose. Essa era a condição anterior da fotografia que tinha condições materiais que exigiam uma imobilidade das pessoas ou dos objetos que o fotógrafo queria fazer entrar em sua câmera. Nós sabíamos todos que isso é característica das fotos antigas, as pessoas sempre posando imóveis. Então isso mudou com essa câmera de Eastman, que é o fundador da empresa Kodak, que existe até hoje. Era então a fotografia instantânea. Mas simultaneamente à

publicação do Atlas da França, se observa um progresso enorme na fotografia e é a que se chama cronofotografia, que primeiro foi usada por ingleses, franceses e austríacos. Por exemplo, o austríaco Ernst Mach, físico, utilizou essas novas possibilidades da foto instantânea para estudar movimentos de objetos no espaço e no tempo, em uma área da física que se chama balística, que estuda o caminho que percorre um projétil. Então, foi fotografado com uma técnica que é um alinhamento de aparelhos fotográficos, que, sucessivamente, com diferença mínima de tempo, fizeram fotos de um objeto em movimento. Isto se chama cronografia. O inglês Muybridge, que trabalhou com os cavalos, queria estudar e representar as fases do movimento do cavalo nos distintos momentos de seu passo, por exemplo, do passo até o galope. Com essa técnica, uniam as fotos sucessivas em uma única foto, assim vemos em uma foto só um movimento sucessivo do cavalo. Isso é esteticamente interessante, mas difícil para a percepção humana. É como ter dez ou mais fotos em uma só. Outros separaram as fotos, assim que fizeram dez fotos de um cavalo em movimento, e isso era o que se chamava, na época, cronofotografia. Fotografia sucessiva num tempo determinado. E é a base do filme moderno, porque materialmente um filme não é outra coisa além de uma sucessão de fotos e a sucessão deve corresponder às possibilidades de percepção do olho humano. Se as fotos são poucas demais, o espectador tem a impressão de uma sucessão sacudida, não elegante, assim, conforme as possibilidades perceptuais do homem, o filme tem que compreender o mínimo de fotos e não exceder a um certo máximo. Então nós utilizamos essas técnicas de cronofotografia, mapas que correspondem a fotos instantâneas, mas que estão vinculadas tematicamente na série, por exemplo, analisamos a palatalização, primeiro em uma perspectiva geral, como uma situação X em uma localidade dada, se existe ou não existe. Se existe, damos sequência com a pesquisa observando como falam os velhos, outra foto, como falam os jovens, como falam os homens, como falam as mulheres, depois como pronunciam em atos linguísticos muito controlados, por exemplo, na leitura de um texto, como pronunciam em atos linguísticos menos controlados, por exemplo, respondendo a perguntas. Como atuam linguisticamente em uma atividade de controle mínimo, na conversa livre, ou, por exemplo, o que as pessoas que dizem na leitura de um texto, se dizem “eu vou cantar”, depois na conversa dizem eu vou “cantá”, então em uma atuação linguística menos controlada pode surgir uma forma mais espontânea, assim isso também dá a possibilidade de separar em fotos instantâneas sucessivas a evolução linguística.

**Entrevistadores:** Qual o melhor método para escolher o melhor dado, visto a grande quantidade que é coletada?

**Thun:** Temos para os três projetos todos os dados duas vezes digitalizados. O questionário, a forma escrita, existe fotografia digitalizada, disponível em muitas localidades implicadas nesse trabalho, por exemplo, é fácil fazer uma cópia digital. Dessa maneira, temos

todos os dados do ALMA em Porto Alegre e em Kiel. Isso se refere aos dados já escritos no momento da pesquisa. Estão também digitalizados os dados fônicos em um CD e em um HD externo. Assim, antes trabalhávamos com fitas que ocupam muito espaço. A vantagem das fitas é que são duráveis e resistentes, já os CDs e tudo o que é digitalizado é sensível, por isso fazemos muitas cópias. A vantagem é que tudo pode ser condensado em um formato bem pequeno. Na hora concreta de fazer um mapa, voltamos aos dados escritos no questionário, pois cada ponto tem seu questionário com anotações de campo e transcrições feitas *in loco*, caso existam, e também aos dados fônicos. Quanto ao melhor dado, isso depende do aspecto que nós queremos passar à cartografia. Caso nos interesse a presença ou não de uma palavra como *caçula*, é claro que as outras formas que existem, como por exemplo, “beinjamim”, mais jovem, nesse momento não interessam para essa perspectiva, porque a seleção foi feita a favor de “caçula”, assim, só para esse mapa, o melhor dado é *caçula*, *caçula-sim* ou *caçula-não*. As outras formas irão ocupar outros mapas paralelos ou serão citados em um espaço apropriado para as “outras formas” e estarão disponíveis para pesquisas.

**Entrevistadores:** A sociolinguística tradicional critica essa metodologia, como o senhor explica essa questão?

**Thun:** A crítica é legal, é necessária, o que eles têm que perguntar também é qual é nosso interesse. Então, a dialetologia pluridimensional, como a eolingüística tradicional, são ciências do espaço, então analisamos a situação linguística em um espaço bastante grande. A sociolinguística é pontual, sempre limitada a um ponto. O Labov fez estudos de somente um bairro, por exemplo, e não vai a outro bairro, muito menos vai a outra localidade. Ele, no seu atlas, no último que publicou, aplica princípios da dialetologia tradicional, então estendendo a pesquisa ao espaço. Eu digo que a dialetologia tradicional é uma má sociolinguística, porque analisa um “tipo”, um “tipo” só em uma localidade, e a sociolinguística, em todas as suas formas, é uma má dialetologia, porque não toma em consideração o espaço, a extensão. Um projeto como o VARSUL, por exemplo, que tem muita afinidade com o nosso projeto, tem uma diferença capital, assim como o NURC também, só analisam fenômenos em certos pontos isolados. Por exemplo, o NURC só analisa dados das grandes cidades no Brasil e não se preocupa com os interespaços, o que acontece entre as cidades de São Paulo e de Porto Alegre. O que nos interessa na nossa dialetologia pluridimensional é cobrir o espaço todo com as cidades, mas também com as regiões rurais que estão entre as cidades. Assim, o espaço é básico para nós. O homem vive no espaço e no tempo e necessariamente temos que nos limitar a uma seleção de critérios da sociolinguística por faltas de todo tipo: por falta de tempo, por falta de recursos financeiros e também para não aumentar de maneira exagerada os dados. Assim, não pretendemos fazer um estudo sociolinguístico exaustivo, em todos os pontos, isso não. O que queremos fazer é aumentar os dados da eolingüística tradicional no sentido

da sociolinguística, mas não fazer tudo. Nós não fazemos monografias sociolinguísticas em cada ponto, mas damos uma impressão aproximada da estruturação da sociedade no espaço. Assim, como a sociolinguística reduz o espaço a pontos, às vezes a um só ponto, ou no melhor dos casos, a uma série de pontos, mas não interrelacionados, nós reduzimos as possibilidades da sociolinguística a algumas poucas categorias, como o sexo, a idade, a formação cultural. Assim, não é completo. Um atlas linguístico é sempre uma síntese e não podemos confundir com uma monografia local. Resumindo, comparando com a dialetologia e a sociolinguística tradicional, nós apresentamos e analisamos 8 vezes mais informações por lugar. Também, se comparado com a sociolinguística tradicional, nós ocupamos todo o território.

**Entrevistadores:** Professor Thun, queremos agradecer pela oportunidade, pelo tempo dispendido e pelas valiosas informações repassadas.

**Thun:** Para encerrar, quero dizer que o que queremos fazer é uma cartografia simples não só nos produtos, mas também na produção, aproveitando as possibilidades modernas do computador, por exemplo, e da possibilidade de dividir o trabalho, assim tanto se pode trabalhar com essa metodologia simples aqui no Brasil, como na Alemanha, coordenando e dividindo o trabalho para progredir mais rapidamente. Sempre é complicado, pois os dados são muitos e o pessoal em parte tem que ser periodicamente substituído, pois os colaboradores são estudantes na graduação e na pós-graduação e uma vez terminada a carreira acadêmica deles, chegam outros que tem que ser iniciados, isso são coisas normais. Também agradeço a oportunidade.

## Referências

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Stefan. (Ed.). *Language and Space*. v. 2: Language Mapping. Berlin: de Gruyter Mouton, 2011. p. 506-523. [Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science [HSK] series]. <https://doi.org/10.1515/9783110219166>.



Data de submissão: 30/07/2020

Data de aceite: 16/10/2020

## DA DIALETOLOGIA GERAL À DIALETOLOGIA CONTATUAL

### FROM GENERAL DIALECTOLOGY TO CONTACTUAL DIALECTOLOGY

Romário Duarte Sanches | [Lattes](mailto:romariodsanches@gmail.com) | [romariodsanches@gmail.com](mailto:romariodsanches@gmail.com)

Universidade do Estado do Amapá

**Resumo:** Este artigo busca apresentar a ideia de uma Dialetoologia Geral e suas ramificações, sobretudo da Dialetoologia Contatual aplicada no Brasil. Para embasamento teórico, têm-se as discussões de Preston (1989), Menéndez (1990), Chambers e Trudgill (1994), Fisiak (1995), Thun e Altenhofen (2016), Heeringa e Prokić (2018), entre outros. Por meio do levantamento bibliográfico, constatou-se que a Dialetoologia tradicional do século XIX adquiriu novos modelos para investigar a variação linguística. Hoje é possível falar em uma Dialetoologia Geral (DG) que engloba várias vertentes, isto é, dentro do escopo da DG pode-se mencionar a Dialetoologia Medieval/Filológica, a Dialetoologia Estrutural, a Dialetoologia Gerativa, a Dialetoologia Social, a Dialetoologia Perceptual, a Dialetoologia Contatual e a Dialetoologia Computacional. No Brasil, com base nos trabalhos geolinguísticos desenvolvidos nos últimos 20 anos, a Dialetoologia Social é a mais aplicada; no entanto, percebe-se o aumento gradativo de pesquisas voltadas para a Dialetoologia Contatual, sustentadas pelo modelo de Dialetoologia Pluridimensional e Relacional.

**Palavras-chave:** Dialetoologia Geral; Dialetoologia Contatual; Variação linguística.

**Abstract:** This article seeks to present the idea of a General Dialectology and its ramifications, especially of Contactual Dialectology applied in Brazil. For the theoretical basis of the work, there are discussions by Preston (1989), Menéndez (1990), Chambers and Trudgill (1994), Fisiak (1995), Thun and Altenhofen (2016), Heeringa and Prokić (2018), etc. Through a bibliographic survey, it was found that traditional Dialectology 19th century acquired new models to investigate linguistic variation. Today it is possible to speak of a General Dialectology (DG) that encompasses several aspects, i.e., within the scope of the DG one can mention a Medieval/Philological Dialectology, Structural Dialectology, Generative Dialectology, Social Dialectology, Perceptual Dialectology, Contactual Dialectology and Computational Dialectology. In Brazil, based on the geolinguistic works developed in the last 20 years, Social Dialectology is the most applied; however, there is a gradual increase in research aimed at Contactual Dialectology, supported by the Multidimensional and Relational Dialectology model.

**Keywords:** General Dialectology; Contactual Dialectology; Linguistic variation.

## 1 Introdução

Desde o surgimento da Dialetologia, no século XIX, observa-se no cenário epistemológico das ciências da linguagem o surgimento de múltiplas formas para investigar a diversidade de línguas e variedades. Com isso, o escopo de estudo da Dialetologia foi ampliado, sobretudo depois que dialetólogos começaram a utilizar o método geolinguístico<sup>1</sup> em suas pesquisas.

O estabelecimento da Linguística enquanto ciência, no século XX, foi um grande marco para o campo da Dialetologia, uma vez que as teorias, hipóteses e modelos metodológicos pensados para a Linguística foram aos poucos sendo incorporados e testados pela Dialetologia.

Essa inter-relação epistemológica da Dialetologia com a Linguística, e consequentemente com outras ciências (História, Antropologia, Ciências Sociais, Geografia, Ciências da Computação, etc.), foi favorável ao surgimento de ramificações da Dialetologia tradicional, impulsionando o surgimento das Dialetologias Filológica/Medieval, Estrutural, Gerativa, Social, Perceptual, Contatual e Computacional. Essas vertentes, fundadas a partir dos desdobramentos teóricos e metodológicos da Dialetologia tradicional, têm possibilitado pensar numa Dialetologia<sup>2</sup> de âmbito geral e, a partir dela, refletir a projeção de suas vertentes.

No Brasil, a Dialetologia, até meados da década de 1980, foi majoritariamente de cunho tradicional ou monodimensional. Com o início da década de 1990, pesquisadores vinculados ao *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, começaram a assumir o caráter social dos dados geolinguísticos, influenciados pelas bases da Sociolinguística e pelas contribuições dos dialetólogos alemães Harald Thun e Edgar Radtke, com a postulação da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Esse modelo foi fundamental para o estabelecimento de pesquisas no âmbito da chamada Dialetologia Contatual, favorecendo o desenvolvimento de estudos geolinguísticos em áreas brasileiras de fronteira, em comunidades de (i)migrantes e em comunidades tradicionais.

A partir disso, este estudo busca apresentar a ideia de uma Dialetologia Geral e suas ramificações, sobretudo da Dialetologia Contatual aplicada no Brasil. O artigo encontra-

---

<sup>1</sup> Segundo Coseriu (1987, p. 79), é um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

<sup>2</sup> Atualmente, Dialetologia é entendida como um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (CARDOSO, 2010).

-se dividido em cinco seções: (i) introdução, (ii) rumos da Dialectologia no Brasil, (iii) a Dialectologia Geral, (iv) a Dialectologia Contatual no Brasil e (v) considerações finais.

## 2 Rumos da dialectologia no brasil

Até a segunda metade do século XX, falava-se no Brasil em uma Dialectologia portuguesa ligada à linguística românica, como apresenta Castilho (1972/1973). O autor comenta a respeito de estudos realizados na área rural e urbana, situando diversos trabalhos publicados à época.

Nascentes (1952) foi o primeiro a propor uma divisão dos estudos dialetais no Brasil. Ele buscou dividir em duas fases: a primeira, de 1826, com o trabalho de Borges de Barros publicado no livro de Adrian Balbi, até 1920 (ano de publicação do livro *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral); e a segunda, de 1920 até meados de 1950.

Na década de 1990 a divisão de Nascente (1952) foi ampliada por Ferreira e Cardoso (1994) e, posteriormente, complementada por Mota e Cardoso (2006; 2013). Esta última proposta não difere tanto das divisões que foram sugeridas em 1994. Nesse novo panorama, apresentado por Mota e Cardoso (2006; 2013), há quatro fases que descrevem a história dos estudos dialetais no contexto brasileiro. A primeira fase corresponde ao período de 1826 a 1920; a segunda vai de 1921 a 1952; a terceira segue de 1963 a 1996; e a última e quarta fase inicia em 1996 e segue até os dias atuais<sup>3</sup>.

Sobre a divisão de estudos de caráter geolinguístico no Brasil, ratifica-se a proposta de Romano (2013), que sugere a organização desses estudos a partir de dois momentos: os realizados antes e depois do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

De acordo com Romano (2013), o primeiro momento corresponde a trabalhos caracterizados pela elaboração de atlas linguísticos estaduais. O autor destaca que não há uma uniformidade metodológica empregada nesses atlas. Um dos primeiros atlas produzido no Brasil foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI et al., 1963); seguido do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (ZÁGARI et al., 1977); *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1984); *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH et al., 2002a; 2002b; ALTEFNHOFEN et al., 2011); *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987); e o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994).

O segundo momento corresponde aos trabalhos desenvolvidos a partir dos postulados metodológicos do ALiB, que se estende do ano de 1996 até os dias atuais. Esses trabalhos são caracterizados pela abordagem moderna da variação e pelo incentivo à

---

<sup>3</sup> É importante lembrar que as propostas aqui suscitadas não fazem distinção entre os trabalhos de natureza dialetal e os trabalhos de natureza geolinguística (que trazem, em sua essência, mapas/cartas linguísticas).

criação de projetos de atlas linguísticos orientados pelos diretores científicos do ALiB. Nesse projeto, estão inseridos o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004); *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA et al., 2007); *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004); *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (ALMEIDA, 2008); *Atlas Linguístico de Pernambuco* (SÁ, 2013); *Atlas Linguístico de Goiás* (MILANI et al., 2015); o *Atlas Linguístico do Amapá* (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017); o *Atlas etnolinguístico do Acre* (KARLBERG, 2018), dentre outros que se encontram em andamento.

Com base nesse panorama, destaca-se a presença do ALiB, que desde o ano de 1996 tem contribuído com a formação de novos pesquisadores na área da Dialetoлогия, trazendo um vasto campo de conhecimento científico sobre o Português Brasileiro em seus diversos níveis: lexical, semântico, fonológico, fonético, morfológico, sintático, discursivo e pragmático.

É evidente que todos os trabalhos apresentados aqui, sob os respectivos momentos da geolinguística brasileira, são dotados de uma uniformidade que inclui a aplicação do método geolinguístico, a elaboração de mapas linguísticos e a realização de atlas linguísticos.

Os trabalhos desenvolvidos na área da Dialetoлогия são inúmeros, em sua maioria orientados pelos diretores científicos do Projeto ALiB. É possível encontrá-los nos repositórios institucionais na forma de monografias, artigos científicos, dissertações e teses, bem como em livrarias, em formato de atlas linguísticos, como já explicitado anteriormente (cf. PAIM, 2012; MOTA, 2015).

Vale ressaltar que não se trata apenas de estudos voltados à variação linguística, mas sim de trabalhos que buscam explicar e interpretar os fenômenos linguísticos com base em outras teorias e/ou métodos científicos. Dessa forma, considera-se relevante o grande acervo intelectual de obras publicadas no âmbito da Dialetoлогия, associadas à Linguística e a outras ciências em geral.

Esse cenário permite afirmar que a Dialetoлогия não pode ser concebida como uma área autônoma, que independa de outros campos de conhecimento. Ao contrário, a Dialetoлогия tornou-se tão interdisciplinar quanto a Linguística, tendo em vista que, ao longo de sua história, tem desenvolvido algumas vertentes, sendo possível falar em uma Dialetoлогия Geral e suas ramificações: Dialetoлогия Estrutural, Dialetoлогия Gerativa, Dialetoлогия Social, Dialetoлогия Perceptual e Dialetoлогия Contatual.

### 3 A dialetologia geral

Nesta seção, será apresentada a ideia de uma Dialetologia Geral<sup>4</sup> como desdobramento dos avanços teóricos e metodológicos da Dialetologia tradicional. Atualmente, a Dialetologia é considerada uma ciência geral da variação linguística (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998) e, como tal, tem desenvolvido vertentes ou linhas de investigação com o propósito de suprir as lacunas deixadas pela Dialetologia do século XIX.

Fisiak (1995), por exemplo, toma como ponto de partida a Dialetologia tradicional, mas com aprimoramentos metodológicos da Dialetologia histórica e da Linguística histórica, o que ele denomina de Dialetologia Medieval. Chambers e Trudgill (1994) apresentam três vertentes da Dialetologia tradicional: a Estrutural, a Gerativa e a Social. Preston (1989; 1999; 2002), por sua vez, torna-se o principal nome da chamada Dialetologia Perceptual. Altenhofen e Thun (2016) mencionam uma Dialetologia Contatual, com base no modelo de Dialetologia Pluridimensional e Relacional. E, de modo recente, Heeringa e Prokić (2018) mencionam uma Dialetologia Computacional.

O termo Dialetologia Medieval apareceu de forma enfática dando título ao livro organizado por Fisiak (1995), que reúne uma coletânea de estudos apresentados no *X Congresso Internacional de Linguística Histórica*, que ocorreu em Amsterdam, Holanda, em 1991. Veny (1993) ressalta que a formação dessa subárea foi influenciada pela Dialetologia Filológica. Essas duas ramificações serão consideradas aqui como sinônimas, uma vez que ambas buscam investigar os dialetos medievais em textos escritos antes do século XIX e também porque se apoiam no método da linguística histórica e da dialetologia histórica. Para Laing e Lass (2020), os falantes nativos de uma língua antiga são, em sua maioria, escritores e *copistas*<sup>5</sup>. Assim, para um estudo histórico da língua medieval, o texto escrito substitui os informantes vivos de uma pesquisa dialetal moderna.

Em suma, essa vertente pode ser caracterizada da seguinte maneira: (i) trabalha-se com a língua escrita e não com a língua falada; (ii) os dados são limitados à quantidade de textos escritos antigos; (iii) o conhecimento das informações pessoais do informante/produtor de texto também é limitado, já que, por vezes, os escritos medievais são de pessoas anônimas; e (iv) os informantes/produtores, em sua maioria, eram escolarizados por pessoas do sexo masculino, atrelados à igreja.

No que concerne à Dialetologia Estrutural, Chambers e Trudgil (1994, p. 62) afirmam que essa perspectiva foi influenciada pela linguística moderna, que apontava cons-

---

<sup>4</sup> Entende-se por “Geral” a Dialetologia tradicional que serviu e serve de ancoragem para novas perspectivas no âmbito da pesquisa dialetológica.

<sup>5</sup> *Copying scribes*.

tantes críticas à Dialetoologia tradicional, tratando da forma linguística como prática isolada, ao invés de pensá-la como parte do sistema ou da estrutura da língua. Menéndez (1990) aponta o texto de Trubetzkoy (1931) como um dos primeiros estudiosos a esboçar a aplicação do método estrutural à Dialetoologia, responsável também por propor estudo sobre a pronúncia de palavras e de fonemas iguais com a finalidade de estabelecer diferenças etimológicas, verificando as divergências fonológicas entre variedades linguísticas. O termo Dialetoologia Estrutural foi empregado pela primeira vez no artigo intitulado “*Is a Structural Dialectology Possible?*”<sup>6</sup>, de Uriel Weinreich (1954).

Na tentativa de resolver as limitações da Dialetoologia Estrutural, surge uma nova perspectiva, a chamada Dialetoologia Gerativa. Esta se mostrou como uma alternativa viável, aplicando conceitos e construtos da fonologia gerativa à descrição e comparação de dialetos diferentes. Chambers e Trudgil (1994, p. 71) consideram que a fonologia gerativa parte da aproximação de níveis da fonologia, postulando a existência de “formas subjacentes, que são as formas fonológicas e que estão listadas nas unidades lexicais” e “regras fonológicas que transformam estas pronúncias reais”.

Em síntese, a Dialetoologia Gerativa constitui-se a partir da contribuição da fonologia gerativa, buscando tratar diferenças entre os dialetos, bem como alternâncias fonológicas e morfológicas.

A Dialetoologia Social<sup>7</sup> surgiu, assim como as demais perspectivas, diante dos novos rumos da linguística moderna. Na medida em que a Dialetoologia tradicional recebia contribuições do pensamento funcionalista, influenciado também pelas Ciências Sociais, os dialetólogos começaram a perceber que a dimensão espacial da variação linguística estava sendo excessivamente estudada, falando-se pouco sobre a dimensão social. Os primeiros estudos publicados sobre os dialetos urbanos, baseados na Dialetoologia tradicional, em sua maioria, excluíam a dimensão social e selecionavam apenas os informantes que estavam acessíveis, como constam nas obras de De Camp (1958), Sivertsen (1960) e Viereck (1966).

García de Diego (1978 [1926]) pode ser considerado o primeiro estudioso a utilizar o termo “dialeto social”. Ele compreendia que a língua era composta por uma gama de dialetos complexos e geográficos, mutuamente influenciáveis, o que indicaria a superposição desses dialetos. Vale ressaltar que há outras nomenclaturas, as quais fazem parte da Dialetoologia Social: a Geossociolinguística (RAZKY, 2004; 2010), a Geolinguística pluridimensional (CARDOSO, 2010) e Sociogeolinguística<sup>8</sup> (SANTOS; CRISTIANINI, 2012).

<sup>6</sup> “É possível uma Dialetoologia Estrutural?” (tradução livre minha).

<sup>7</sup> Também é conhecida por “Dialetoologia urbana ou diastrática”.

<sup>8</sup> Santos e Cristianini (2012) buscam a interface da Geolinguística com outras áreas do saber linguístico, como a Sociolinguística e a Análise do discurso.

A Dialetoлогия Perceptual surgiu durante a realização de um simpósio, no ano de 1944. Na ocasião, Antonius Weijnen apresentou um modelo para o estudo das percepções dialetais, conhecido como *Pfeilchenmethode*<sup>9</sup>. Esse modelo passou pelo aprimoramento e ampliação de seu objeto de estudo. Segundo Ferreira (2009), em 1955, W. G. Rensink optou por aplicar a técnica *little arrow* na Holanda. Posteriormente, Willem Grootaers, no Japão, passou a utilizar uma escala gradual para representar as diferenças entre os dialetos.

Somente na década de 1980, a Dialetoлогия Perceptual ganhou força com os experimentos de Preston (1989), atualmente um dos principais representantes dessa abordagem. O autor aprimorou a técnica *little arrow* anteriormente utilizada, sendo ainda o responsável pela elaboração de novas técnicas, concebidas a partir de métodos não-linguísticos, o que favoreceu o tratamento estatístico dos dados, bem como a criação de uma cartografia dialetal mais objetiva.

Em síntese, a Dialetoлогия Perceptual consiste em usar a percepção como critério para delimitar áreas dialetais, fazendo com que os próprios informantes apontem semelhanças linguísticas em diferentes áreas geográficas de uma região ou país.

A Dialetoлогия Computacional, assim denominada por Heeringa e Prokić (2018), apareceu explicitamente como capítulo do livro *The Handbook of Dialectology* organizado por Charles Boberg, John Nerbonne e Dominic Watt. Essa vertente busca estudar as variedades linguísticas com base em programas, modelos e técnicas computacionais. Um dos principais modelos é a dialetometria, que estuda os dialetos numa abordagem quantitativa, com foco na métrica, ou seja, medem-se os fenômenos de variação geográfica por meio de procedimentos estatísticos exatos e comparáveis. Nessa Dialetoлогия, é possível incluir também a criação de programas computacionais específicos, tendo como exemplo os programas *GeoLing* (RAZKY; CRUZ, 2014) e o *[fGVCLin]* (ROMANO; SEABRA, 2014), que podem auxiliar no mapeamento linguístico e na quantificação dos dados, resultando em atlas linguísticos interativos e digitais.

A Dialetoлогия Contatual (DC), tratada por Altenhofen (2013) e Altenhofen e Thun (2016), surge dentro do modelo de Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996), que busca investigar tanto o espaço monodimensional da variação (dimensão diatópica) quanto o espaço pluridimensional (mais de uma dimensão variacional: idade, sexo, escolaridade, profissão, religião, migração, etc.).

É nesse aspecto pluridimensional que se encontram as dimensões e parâmetros linguísticos/extralinguísticos inseridos na Dialetoлогия Contatual como as dimensões diatópica-cinética, dialingual, e diacontatual, isto é, consideram-se o processo de (i)migração dos informantes, o perfil plurilíngue dos informantes e o contato de línguas. Segundo Altenhofen e Thun (2016), essa perspectiva tende a combinar espacialidade e socialidade, buscando considerar as novas configurações do mundo moderno ou pós-moderno.

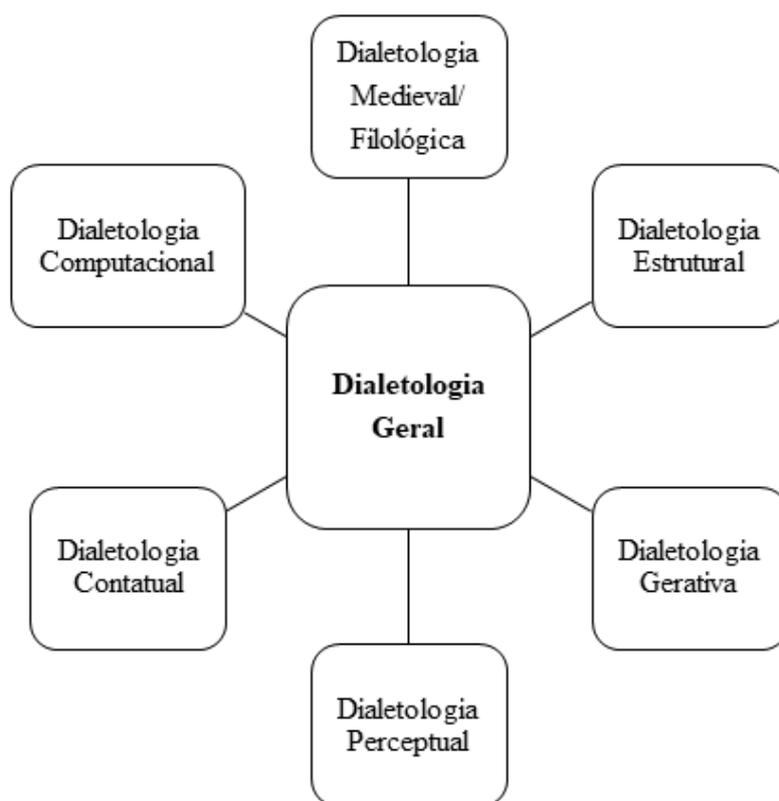
---

<sup>9</sup> Método da seta (tradução minha).

Na perspectiva da Dialetologia Contatual, o que deve prevalecer é o estudo da variedade falada em/de contato com outras variedades, tanto em contextos monolíngues quanto em contextos plurilíngues, levando em consideração a complexidade das sociedades modernas, no que diz respeito à mobilidade dos falantes, aos possíveis contextos de interação, à variação em espaços *rurbanos*, além da correlação dos fenômenos variacionais com a realidade geográfica, histórica e sociocultural do falante.

Com base no que foi apresentado nesta seção, verifica-se que a “crise da dialetologia”, a que se referem Radtke e Thun (1996)<sup>10</sup>, parece ter enfraquecido, já que hoje é possível falar em Dialetologia Geral. Este termo foi usado por Rossi (1967) e também por Montes (1987), porém, com sentido mais restrito, referente ao quantitativo de trabalhos dialetais produzidos. Retoma-se o uso do termo aqui na intenção de apresentar as novas configurações e avanços teóricos e metodológicos da Dialetologia, como sintetiza o esquema abaixo.

**Figura 1** – Esquema de Dialetologia Geral



Fonte: Esquema elaborado pelo autor.

<sup>10</sup> Com o surgimento da Sociolinguística, acreditava-se no declínio da Dialetologia como uma disciplina que não se sustentaria por muito tempo, perdendo espaço para a nova disciplina da Linguística.

O esquema apresentado pela Figura 1 ilustra o amadurecimento das discussões dialetológicas, bem como situa os desdobramentos epistemológicos da Dialectologia com foco na variação linguística. A ideia de uma Dialectologia Geral (DG) e suas vertentes implica em ratificar seu status de ciência moderna, capaz de estudar a variação linguística de forma sistemática, em diferentes áreas geográficas, e tendo como base modelos teórico-metodológicos diversificados (Estrutural, Medieval/Filológica, Gerativa, Social, Perceptual, Computacional, Contatual, etc.), resultando em mapeamentos geolinguísticos.

Com base nos avanços da Dialectologia no Brasil, nota-se a existência de um acervo considerável de estudos dialetológicos e geolinguísticos voltados à perspectiva da Dialectologia Social. Em número menor, têm-se estudos sobre Dialectologia Gerativa, como o trabalho de Araújo (2018). Sobre Dialectologia Perceptual constatam-se os trabalhos de Ferreira (2009), Amaral (2014) e Lopes (2017); e em Dialectologia Estrutural/Medieval, numa abordagem sobre o latim vulgar, tem-se o trabalho de Jesus (2007).

Em relação à Dialectologia Contatual, como foco na dimensão diatópica-cinética, dialingual e diacontatual, percebe-se forte contribuição do modelo de Dialectologia Pluridimensional e Relacional a novas pesquisas nesse âmbito, sobretudo as realizadas no Brasil em áreas de fronteira, em comunidades de (i)migrantes e em comunidades tradicionais plurilíngues. A seguir, apresentam-se um conjunto de trabalhos dialetais nessa perspectiva pluridimensional e contatual.

#### **4 A dialetologia contatual no Brasil**

As mudanças sociais e geográficas ocorridas nos últimos séculos, além de propiciarem o aparecimento de novas perspectivas científicas (linguísticas ou não), possibilitaram que a Dialectologia tradicional experimentasse abordagens (teórica e metodológica) até então desconhecidas. No que diz respeito à Dialectologia Contatual, constatou-se, com base no levantamento bibliográfico de pesquisas geolinguísticas já realizadas ou em andamento, que esta vertente tem se propagado nos programas de pós-graduação do Brasil, principalmente nas regiões Sul e Norte.

As pesquisas inseridas na Dialectologia Contatual, em geral, contemplam em suas bases metodológicas as dimensões *diatópica-cinética* (mobilidade geográfica dos falantes), *dialingual* (falantes bilíngues/plurilíngues) e *diacontatual* (contato entre línguas). Esses estudos estão materializados por meio de teses, dissertações e projetos de atlas linguísticos.

As primeiras pesquisas geolinguísticas, em face de seus aspectos contatuais e de migração, ganharam impulso no Brasil a partir da contribuição de quatro projetos de atlas linguísticos. Três atlas abrangendo a área fronteira e um atlas regional brasileiro. No caso dos três primeiros, encontram-se: o *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU-Norte), o *Atlas Linguístico Guaraní-Românico* (ALGR) e o *Atlas Linguístico-Contatual das minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* (ALMA-H), conhecidos como “trilogia rio-platense” (ALTENHOFEN; THUN, 2017). Já sobre o atlas regional, trata-se do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS).

Sobre a “trilogia rio-platense”, cada um desses atlas busca verificar um tipo específico de contato linguístico. Por exemplo, o ALMA-H trata do contato entre uma língua minoritária de imigração alemã (hunsriqueano) e as línguas oficiais românicas locais (português e espanhol, respectivamente); o ADDU-Norte visa estudar o contato entre duas línguas oficiais românicas (português e espanhol); e o ALGR contempla o contato entre uma língua minoritária autóctone (guarani) e as línguas oficiais românicas (espanhol e português). Ressalta-se ainda que a base metodológica desses atlas corresponde ao modelo da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (ALTENHOFEN; THUN, 2016).

O *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), projeto idealizado por Walter Koch e colaboradores, na década de 1980, é considerado o primeiro e único atlas brasileiro que contempla toda uma região – neste caso, a Região Sul, formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O ALERS teve sua primeira publicação em 2002 e uma segunda edição em 2011. A rede de pontos compreende a zona urbana e rural dos três estados da Região Sul, totalizando 294 localidades, onde foram entrevistados um homem e uma mulher, analfabetos ou de pouca escolaridade.

Vale ressaltar que a informante do sexo feminino não se constituía a informante principal. A princípio, o ALERS parece não caracterizar nenhum aspecto referente a um atlas contatual, contudo, traz em sua metodologia uma orientação dialingual:

[...] na medida em que distingue o português falado pela população rural menos escolarizada de localidades monolíngues e bilíngues, com presença, sobretudo, de falantes de alemão, italiano e polonês, onde se configura um português de contato (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 371).

Esses quatro atlas linguísticos são um marco na história da Dialetoлогия latino-americana, por acrescentarem à Geolinguística dimensões até então não exploradas pela Dialetoлогия moderna. São traços que correspondem à dinâmica social e geográfica das

sociedades contemporâneas e que exploram variedades faladas para além da área rural, como as áreas urbanas, de fronteiras, indígenas, quilombolas e de migração. Em suma, essas áreas de/em contato caracterizam o espaço pluridimensional da variação linguística.

A seguir, apresenta-se um conjunto de estudos geolinguísticos que exploram em sua base metodológica aspectos da Dialetoologia Contatual. O quadro abaixo mostra o título do trabalho, a variedade linguística estudada, a natureza, o autor e o ano de defesa/publicação (ou se ainda está em andamento).

**Quadro 1 – Pesquisas em Dialetoologia Contatual**

<b>Título</b>	<b>Variedades</b>	<b>Natureza</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
A variação do português em contato com o Italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS	português - italiano	Dissertação	Letícia Cao Ponso	2003
Difusão Sócio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil	português - italiano	Tese	Felício Wessling Margotti	2004
Atlas Linguístico do município de Ponta Porã – MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai	português - espanhol - guarani	Dissertação	Regiane Coelho Pereira Reis	2006
Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil	alemão - português - inglês	Tese	Elvine Siemens Dück,	2011
Variação Linguística do Português em contato com o Espanhol e o Guaraní na perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da fronteira entre o Brasil e o Paraguai	português - espanhol - guarani	Tese	Regiane Coelho Pereira Reis	2013
“Tu dampém fala assim?": macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues Hunsriqueano-Português	português - hunsriqueano	Tese	Sabrina Gewehr-Borella	2014
Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari	português - alemão	Dissertação	Aline Horst	2014
O Português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai	português - espanhol - guarani	Tese	Valeska Gracioso Carlos	2015
Standard e substandard do Alemão em contato com o Português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch	hunsriqueano - português - espanhol	Dissertação	Lucas Löff Machado	2016

Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupi-Guarani em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão	português com línguas indígenas tupi-guarani	Tese	Regis José da Cunha Guedes	2017
Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística	português - wajãpi	Dissertação	Maria Doraci Guedes Rodrigues	2017
Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado em áreas indígenas de Língua Tupi-Guarani nos Estados do Pará e Maranhão	português com línguas indígenas tupi-guarani	Tese	Eliane Oliveira da Costa	2018
Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté	português com línguas indígenas asuriní do Xingu - araweté	Dissertação	Fábio Luidy de Oliveira Alves	2018
Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado pelos Baré (Nheengatu), Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira (AM)	Português com línguas indígenas - baré - tukano - baniwa	Tese	Maria Ivanete de Santana Félix	2019
Microatlas Linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá	português - kheuól	Tese	Romário Duarte Sanches	2020
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata	português - alemão	Atlas	Cléo Altenhofen e Harald Thun	Andamento
Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB)	línguas da família Tupi-Guarani	Atlas	Ana Suelly Arruda Câmara Cabra e outros	Andamento
Atlas Linguístico do Português falado em Área Indígena	português de contato com línguas da família Tupi-Guarani	Atlas	Abdelhak Razky e outros	Andamento

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o Quadro 1 nota-se que os trabalhos se iniciam a partir dos anos 2000 e continuam até os dias atuais. Como forma de confirmar as características da Dialetoologia Contatual presentes nesses estudos, serão apresentados, a seguir, um breve resumo do que foi pesquisado e uma amostra do resultado alcançado. Nesse sentido, foram selecionadas quatro teses de doutorado (MARGOTTI, 2004; REIS, 2013; GUEDES, 2017; SANCHES, 2020) e três macroprojetos de atlas linguísticos em andamento (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* - ALMA, *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil* - ASLIB e *Atlas Linguístico do Português falado em Área Indígena* - ALiPAI).

A Tese de Margotti (2004), intitulada “Difusão Sócio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil”, buscou estudar a dinâmica do português no espaço pluridimensional de contato com o italiano em oito localidades dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O autor seguiu a orientação da Dialectologia Pluridimensional e Relacional. Como resultado da pesquisa, Margotti (2004) evidenciou a ocorrência de variação no modo e na intensidade correspondente à difusão de traços associados ao português, sendo possível notar uma difusão mais intensa nas localidades de Orleans (SC) e Caxias do Sul (RS). Ele constatou também que há uma maior resistência à inovação linguística na cidade de Rodeio (SC) e Sananduva (RS). Sobre as dimensões de idade, de sexo e de escolaridade, há certa tendência ao uso de variantes sem interferência do italiano, especialmente na fala de informantes urbanos, jovens e escolarizados.

A Tese de Reis (2013), intitulada “Variação Linguística do Português em Contato com o Espanhol e o Guarani na Perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai”, objetivou descrever a variação do português em contato com o espanhol e o guarani. Para isso, a autora investigou 10 localidades fronteiriças (entre Brasil e Paraguai), utilizando os procedimentos metodológicos da Dialectologia e da Geolinguística Pluridimensional, controlando as dimensões diatópica, dialingual, diage-racional e diassexual. A Tese está dividida em dois volumes: o primeiro contempla a base teórico-metodológica e a apresentação dos resultados; o segundo diz respeito ao conjunto de mapas linguísticos que resultou em um atlas linguístico-contatual, mostrando a interinfluência das variedades em foco.

A Tese de Guedes (2017), intitulada “Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão”, buscou mapear o perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas pertencentes à família Tupi-Guarani (Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Tembé, Guajajara e Guaraní Mbyá), em áreas indígenas dos estados do Pará e do Maranhão. O autor adotou a Dialectologia Pluridimensional e Relacional, controlando variáveis como: sexo, faixa etária e escolaridade. O trabalho resultou no levantamento do perfil sociolinguístico dos indígenas e apresentou também cartas sobre variação fonética, mostrando que o português falado pelos indígenas é influenciado pelas variedades da família Tupi-Guarani, principalmente na fala de informantes mais velhos.

A Tese de Sanches (2020), intitulada “Microatlas Linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá”, objetivou a elaboração de um atlas contatual em área indígena e de fronteira (Brasil-Guiana Francesa), investigando a variação lexi-

cal do português e do kheuól, variedade crioula de base francesa falada pelos Karipuna. O autor também adotou o modelo de Dialectologia Pluridimensional, contemplando as dimensões: diatópica, diassexual, diageracional e dialingual. A Tese resultou em dois volumes, o primeiro com as bases teórico-metodológicas e o segundo em um microatlas linguístico com 106 mapas lexicais, mostrando a interinfluência do português e do kheuól.

Para encerrar o levantamento de trabalhos que adotam a perspectiva da Dialectologia Contatual, têm-se três macroprojetos em andamento, que marcam os novos rumos da Dialectologia no Brasil. São eles: o *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H)*, o *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB)* e o *Atlas Linguístico do Português falado em Área Indígena (ALiPAI)*.

O ALMA-H, coordenado pelos professores Cléo Altenhofen (UFRGS) e Harald Thun (Universität de Kiel), vem sendo desenvolvido por meio da cooperação entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, e a Universidade de Kiel, na Alemanha, tendo como objetivo a criação de um banco de dados etnolinguísticos da variedade hunsriqueano em contato com o português e o espanhol. Para execução do ALMA-H, foram selecionadas 41 localidades na Bacia do Prata, abrangendo o Paraguai, a Argentina e, principalmente, cidades do Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). O projeto segue o modelo da Dialectologia Pluridimensional e Contatual, controlando nove dimensões (diatópica, diatópico-cinética, diastrática, diageracional, diassexual, dialingual, diafásica, diarreferencial, diarreligioso).

O ASLIB, por sua vez, tem como coordenadora geral a professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Universidade de Brasília). O projeto conta com a colaboração de pesquisadores de várias universidades brasileiras, principalmente vinculados à Universidade Federal do Pará (UFPA), tendo o professor Abdelhak Razky como vice-coordenador. De acordo com Cabral et al. (2015), o projeto assume como pressuposto metodológico a Dialectologia Pluridimensional, responsável pelo controle das dimensões diatópicas, diagenéricas, diageracionais, diastráticas, diafásicas e diarreferenciais. O projeto também explora um parâmetro novo, o genético ou tipológico, e conta com a utilização do *Questionário Fonético-Fonológico (QFF)* do Projeto ALiB, adaptado. Os informantes da pesquisa foram divididos socioculturalmente (bilíngues, faixa etária, sexo e escolaridade – esta última se possível) em diferentes áreas indígenas brasileiras pertencentes à família linguística Tupi-Guarani. Inicialmente, foram selecionadas as seguintes línguas indígenas: Tembé e Guajajára, Asuriní do Tocantins, Suruí do Tocantins, Tuparí, Xokleng, Awetí e Kaxinawá, futuramente outras línguas poderão ser incluídas.

O ALiPAI, coordenado pelo professor Abdelhak Razky (UFPA/UnB), deriva do Projeto ASLIB. O objetivo desse projeto consiste em mapear e descrever a variação fonético-lexical do português falado em áreas indígenas nos estados do Pará e do Maranhão. Nesse sentido, a rede de pontos considera as línguas indígenas definidas no plano de pesquisa do ASLIB. Os informantes devem ser qualificados como nativos da localidade, sendo falantes de português e da língua indígena. Para coleta dos dados, o projeto utiliza os questionários do Projeto ALiB, *Questionário Fonético-Fonológico (QFF)* e *Semântico-Lexical (QSL)*.

Esses três macroprojetos e os diversos trabalhos contatuais mencionados aqui<sup>11</sup> comprovam os novos rumos que a Dialetoлогия vem traçando no Brasil, principalmente na perspectiva da Dialetoлогия Contatual, levando em consideração a mobilidade dos falantes, as línguas/variedades faladas por eles, além do contexto sócio-histórico relacionado ao contato entre línguas que as comunidades pesquisadas se inserem. Nota-se, em função desta síntese, a forte presença do modelo de Dialetoлогия Pluridimensional e Contatual nas bases metodológicas de inúmeros trabalhos/projetos. Alguns, expressamente marcados pela macroanálise da variação, outros contendo, de forma inicial, características de uma Dialetoлогия Contatual.

### **Considerações finais**

A partir das discussões levantadas neste artigo, é importante lembrar que não se está propondo uma nova ciência, mas sim buscando situar teórica e metodologicamente os rumos que a Dialetoлогия Geral (DG) vem alcançando nessas últimas décadas, sobretudo através da Dialetoлогия Contatual no Brasil. Tampouco é possível esgotar o tema no espaço que este artigo permite.

O objetivo foi, antes de tudo, apresentar, previamente, como a Dialetoлогия conseguiu desenvolver novas abordagens teóricas e metodológicas, algumas com sucesso, outras, nem tanto. De qualquer modo, ela tem sido aprimorada, e isso não se restringe ao uso do método geolinguístico, mas ao olhar interdisciplinar dado pelo pesquisador às variedades complexas que, por vezes, parecem inexplicáveis.

O contexto plurilíngue e as novas configurações geográficas e sociais do Brasil, de certo modo, vêm contribuindo e influenciando a formação de uma Dialetoлогия genuinamente moderna, que busca acompanhar as mudanças sociolinguísticas e socioculturais dos falantes.

---

<sup>11</sup> É importante ressaltar que há outros trabalhos nessa perspectiva contatual, subsidiados a partir do Projeto ALMA-H e que podem ser consultados acessando os links a seguir: <https://www.ufrgs.br/projalma/bibliografia/tesesedissertacoes/> [https://cdea.tche.br/clealtenhamofen/?page\\_id=2307](https://cdea.tche.br/clealtenhamofen/?page_id=2307)

No Brasil, as pesquisas dialetológicas estão concentradas na perspectiva social, ora geradas pelo clima harmonioso, até certo ponto, entre sociolinguistas e dialetólogos, ora pela necessidade de responder às diversas críticas lançadas contra a Dialetologia tradicional. Além da vertente social, há também trabalhos de cunho Estrutural, Medieval/Filológica, Gerativa, Perceptual, Computacional e Contatual. Na intenção de confirmar a presença desta última vertente no Brasil, foram apresentados trabalhos que trazem, em seus aparatos teórico-metodológicos, pressupostos da Dialetologia Contatual.

Por fim, este artigo também responde às falácias de que a Dialetologia estaria em decadência, mostrando que isso nunca se sustentou, tampouco a de que seu método e área de investigação são limitados. O que confirmamos aqui são as constantes transformações epistemológicas da área e o quanto ela tem avançado na tentativa de explicar e interpretar a complexidade das variedades linguísticas e, conseqüentemente, das variações linguísticas.

## Referências

- AGUILERA, V. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- ALMEIDA, F. C. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. 157 p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALTENHOFEN, C. et al. (Org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Cartas Semântico-Lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- ALTENHOFEN, C. V. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista de Letras, Sinop*, n. 12, v. 6, 2013.
- ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil Bacia do Prata. In: AGUILERA, V.de A.; ROMANO, V. P. *A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016, p. 371-392.
- ALVES, F. L. de O. *Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2018.
- AMARAL, M. P. do. *Dialetologia perceptual: mapas mentais no sul do Brasil*. Anais do

XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL). João Pessoa, 2014.

ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.

ARAÚJO, R. C. Gramática gerativa e dialetologia: dos princípios e parâmetros aos atlas sintáticos. In: CARVALHO, D. da S.; SOUSA, L. T. *Gramática gerativa em perspectiva*. São Paulo: Blucher, 2018.

CABRAL, A. S. A. C. et al. *L' Atlas linguistique sonore des langues indigènes du Brésil: um projet em cours*. *Géolinguistique*, Grenoble, n. 15, p. 215-227, 2015.

CARDOSO, S. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S; MOTA, J. Percursos da geolinguística no Brasil. *ALFAL*, v. 29, n. 1. jun., 2013, p. 115-142.

CARLOS, V. G. O. *Português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2015.

COSERIU, E. A geografia linguística. In: COSERIU, E. *El hombre y su lenguaje*. Tradução de Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-117.

CASTILHO, A. T. de. Rumos da dialetologia portuguesa. *Revista Alfa*. São Paulo. v. 18/19, p. 115-153, 1972/1973.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.

COSTA, E. O. da. *Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2018.

CRUZ, M.L. C. *Atlas Linguístico do Amazonas*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004, v. I e II.

DE CAMP, D. *The pronunciation of english in San Francisco*. Orbis, 1958.

DIETRICH, W.; THUN, H.; SYMEONIDIS, H.; AQUINO, A. Atlas Linguístico Guaraní-Románico. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano (Dialectología pluridimensionalis Románica). *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* v. 8, Miscelánea de lingüística ibero-americana, 2010, p. 239-242.

DÜCK, E. S. *Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FÉLIX, M. I. de S. *Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado pelos Baré (Nheengatu), Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira (AM)*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2019.

FERREIRA, C. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C. S.S. Percepções dialectais e atitudes linguísticas: o método da dialectologia perceptual e as suas potencialidades. Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, p. 251-263, 2009.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FISIAK, J. (Ed.). *Dialectologia Medieval*. New York: De Gruyter Mouton, 1995.

GARCÍA DE DIEGO, V. *Manual de dialectología española*. 3. ed. Madrid: Centro Iberoamericano de Cooperación, 1978 [1926].

GEWEHR-BORELLA, S. *Tu dampém fala assim? macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e desonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues Hunsriqueano-Português*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

GUEDES, R. J. da C. *Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará (UFPA), 2017.

HEERINGA, W.; PROKIĆ, J. Computational Dialectology. In: BOBERG, C.; NERBONNE, J. WATT, D. (Eds.). *The Handbook of Dialectology*. Oxford: Wiley Blackwell, 2018. (p. 330-347).

HORST, A. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

JESUS, C. R. R. de. Para uma abordagem dialetológica “estruturalista” do latim vulgar: Vänäänen e o método comparatista. *Estudos da Língua(gem)*, v. 5, p. 41-55, 2007.

KARLBERG, L. G. L. *Atlas etnolinguístico do Acre (ALAC): fronteiras léxicas*. Rio Branco: Edufac, 2018.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (Org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*: vol. 1 Introdução. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (Org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*: vol. 2. Cartas Fonéticas e Morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

LAINING, M.; LASS, R. Introduction. In: LAINING, M. *A Linguistic Atlas of Early Middle English: 1150 - 1325. Version 3.2*. Disponível em: <http://www.lel.ed.ac.uk/ihd/laeme2/laeme2.html>. Acesso em: 01 de jul. 2020.

LOPES, J. B. *Variação, percepções e atitudes linguística dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos Linguísticos. Chapecó – SC, 2017.

MACHADO, L. L. *Standard e substandard do Alemão em contato com o Português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

MARGOTTI, F. W. *Difusão Socio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MENÉNDEZ, F. G. *Dialectología y sociolingüística españolas*. Alicante: Espagrafic, 1990.

MILANI, S. E.; REZENDE, T. F.; CRUZ, A. da; SILVA, D. M. da. *Atlas Linguístico de Goiás (ALINGO)*: léxico-fonético. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

MONTES GIRALDO, J. J. *Dialectología general e hispano-americana*. 2. ed. Bogotá: ICC, 1987.

MOTA, J. A. Análises do corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): balanço do estágio atual. In: MOTA, J. A. et al. *Documentos 5: projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliação e perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015, p. 23-70.

MOTA, J.; CARDOSO, S. Sobre a Dialetoлогия no Brasil. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

NASCENTES, A. Études dialectologique du Brésil, ORBIS. *Bulletin International de Documentation Linguistique*. v.1, p. 181-184, 1952.

OLIVEIRA, D. (Org.). *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PAIM, M. M. T. A presença do Projeto ALiB nos estudos sobre a língua portuguesa. In: CARDOSO, S. et al. *Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 33-76.

PONSO, L. C. A. *variação do português em contato com o Italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

PRESTON, D. R. (Ed.). *Handbook of Perceptual Dialectology 1*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

PRESTON, D. R. *Perceptual Dialectology*. Nonlinguists Views of Areal Linguistics. Dordrecht/ Providence: Foris Publications, 1989.

PRESTON, D. R.; LONG, D. (Ed.). *Handbook of Perceptual Dialectology 2*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, A. *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: [s. n.]. 2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. *Lenguaje* (Universidad del Valle), v. 32, 2010, p. 313-330.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, A; CRUZ, R. Mapeamento dos dados linguísticos no programa Atlas Linguístico Digital (GeoLing). In: *Anais do III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística*. Paraná: UEL, 2014, p. 700-711.

REIS, R. C. P. *Atlas Linguístico do município de Ponta-Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. 2. v. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2006.

REIS, R. C. P. *Variação Linguística do Português em Contato com o Espanhol e o Guaraní na Perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2013.

RODRIGUES, M. D. G. *Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2017.

ROMANO, V. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*. Londrina, v.13, n. 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1963.

ROSSI, N. A dialectologia. *Revista Alfa*. São Paulo. v.11, p. 90-115, 1967.

SÁ, E. J. de. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANCHES, R. D. *Microatlas linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá*. Tese (Doutorado). Belém-PA: Universidade Federal do Pará (Programação de Pós-Graduação em Letras), 2020.

SANTOS, I. P. dos; CRISTIANINI, A. C. (Org.). *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. 1. ed. São Paulo: Paulistana, 2012.

SIVERTSEN, E. *Cockney Phonology*. Oslo: Oslo University Press, 1960.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (org.). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

THUN, H.; FORTE, C. E.; ELIZAINCÍN, A. *El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Presentación de un proyecto. *Iberoromania*, 30: 26-61, 1989.

TRUBETZKOY, N. S. *Phonologie et géographie linguistique*. Prague: TCLP, 1931.

VENY, J. *Dialectologia filológica: textos e estudis de cultura catalana*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1993.

VIERECK, W. *Phonematische analyse des dialekts von Gateshead-upon-Tyne*. De Gruyter, 1966.

WEINREICH, U. *Is a structural Dialectology Possible?* Word, X, 1954, p. 388-400.

ZÁGARI, M. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.



Data de submissão: 03/07/2020

Data de aceite: 10/08/2020

## GEOLINGUÍSTICA: DESAFIOS DA METODOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

### GEOLINGUISTICS: PLURIDIMENSIONAL METHODOLOGY CHALLENGES

Valeska Gracioso Carlos | [Lattes](mailto:vgracioso@uol.com.br) | [vgracioso@uol.com.br](mailto:vgracioso@uol.com.br)  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Resumo:** Este trabalho apresenta algumas considerações metodológicas aplicadas em uma pesquisa de doutorado, que visou a descrição das variedades linguísticas da língua portuguesa falada na região de fronteira entre Brasil e Paraguai, mais especificamente, no estado do Paraná e o departamento *del Alto Paraná*, e a consequente produção de cartas linguísticas de caráter contatual e topodinâmico da área investigada. Em termos metodológicos, seguindo os pressupostos da Dialectologia Pluridimensional, foram consideradas as oito dimensões propostas por Thun (1998), a saber: diatópica, diastrática, diassexual, diageracional, a diatópico-cinética, dialingual, diafásica e diarreferencial. A utilização dessas dimensões interfere diretamente na escolha da rede de pontos, na definição do perfil do informante, no tipo de questionário e, até mesmo, nos dados para a ficha do informante. Só foi possível considerar as oito dimensões devido ao tipo de trabalho proposto, à região que proporciona uma gama de diferentes contatos linguísticos e, sobretudo, às migrações no Oeste do Paraná e às imigrações ao Paraguai. A pesquisa buscou compreender o comportamento linguístico, nas suas diferentes variedades, diante de dimensões de ordem linguística, espacial e social.

**Palavras-chave:** Dialectologia Pluridimensional; Topodinâmica; Línguas em Contato.

**Abstract:** This paper presents some methodological considerations applied in a doctorate degree research, which viewed the linguistics variety description of Portuguese language spoken in the border region between Brazil and Paraguay, more specifically, in Paraná State and the Department of *del Alto Paraná*, and the consequent production of contactual character and topodynamic linguistic maps from the investigated area. In methodological terms, following the Pluridimensional Dialectology, we considered the eight dimensions proposed by Thun (1998): diatopic, diastratic, diasexual, diagerational, diatopic-kinetic, dialingual, diaphasic and diareferencial. These dimensions usage interfere directly in the choice of the location, in the informant profile, the kind of questionnaire, and even in the informant data sheet. It was only possible to consider the eight dimensions due to the kind of proposed research, the region which provides a range of linguistic contacts and, above all, the migrations in the west of Paraná and the migrations to Paraguay. The study sought to understand the linguistic behavior, in its different varieties, in the face of dimensions of linguistic, space, and social order.

**Keywords:** Pluridimensional Dialectology; Topodynamics; Language Contact.

## 1 Introdução

Este artigo apresenta as questões metodológicas que embasaram nossa tese de doutorado (CARLOS, 2015), que teve como objetivo a descrição das variedades linguísticas da língua portuguesa falada na região de fronteira entre Brasil e Paraguai, mais especificamente, no estado do Paraná e o departamento del Alto Paraná. A pesquisa está pautada pelos construtos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e apresentou como resultado a produção de cartas linguísticas de caráter contatual e topodinâmico.

A Dialetoologia Pluridimensional, em seu escopo, combina a variação diatópica (horizontal) com a variação diastrática (vertical), convertendo o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística. Dessa forma, estuda o comportamento linguístico, nas suas diferentes variedades, conforme as dimensões de ordem social e linguística. Abarca, também, outros fatos que pertencem a outras disciplinas como a Pragmática e a Psicolinguística (THUN, 1998).

Conforme Thun (1998), a Dialetoologia Pluridimensional considera oito dimensões da variação linguística: dialingual (duas ou mais línguas em contato); diatópica (variação atribuída a distintas localidades); diastrática (diferentes estratificações sociais); diageracional (diferentes faixas etárias); diafásica (diferenciação entre respostas de questionários e conversas livres); diatópico-cinética (grupos sociais estáticos em comparação com a mobilidade de outros grupos sociais); diassexual (modo de falar de homens e mulheres); e diarreferencial (modo de falar do informante contrastado com a sua consciência linguística).

A respeito da Dialetoologia Pluridimensional, o autor esclarece que:

[...] o espaço variacional da Dialetoologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetoologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais. (THUN, 1998, p. 706).

Além disso, considera o parâmetro contatual na descrição da variação linguística, dada a importância de se considerar as línguas minoritárias, o bilinguismo e as condições em que realiza o contato linguístico.

Ainda, pondera em suas análises as alternâncias de estilos (dimensão diafásica) durante situações reais de interação social, por isso, normalmente, são selecionados três esti-

los de fala (THUN, 1999), a saber: a leitura (L), respostas às perguntas dos questionários (R) e a conversação livre ou dirigida (C). Durante a leitura, o informante está mais tenso e tem maior controle sobre sua fala; durante a realização do questionário, ele pode se sentir um pouco mais livre, mas ainda está muito atento às respostas; e, finalmente, durante a conversação livre ou dirigida pode até esquecer que está sendo entrevistado, assim, é nessa fase que se obtém o maior grau de espontaneidade.

Do mesmo modo, investiga o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) em contraste com os dos grupos topostáticos (pouco móveis no espaço). Como dito anteriormente, os movimentos migratórios exigem nova metodologia de pesquisa, uma vez que deixa de existir o informante nascido na localidade e sem mobilidade. Diante disso, se não levamos em conta o informante topodinâmico, como explicar o avanço ou o retrocesso de uma variante linguística em uma determinada área? A comparação entre informantes topodinâmicos e topostáticos também pode ser frutífera, pois é capaz de revelar a manutenção ou mudança de comportamento linguístico.

São características da Dialectologia Pluridimensional a utilização de algumas técnicas e métodos na coleta dos dados, como o método da sugestão e a pluralidade de informantes. O método da sugestão (*sugerencia*<sup>1</sup>) busca registrar não apenas a primeira resposta e espontânea do informante, mas também outras respostas conhecidas, que podem ser usadas por ele ou não. Dessa forma, perguntamos, insistimos, para depois sugerirmos. Com as sugestões, podemos conseguir comentários metalinguísticos acerca dessas respostas. No entanto, para isso o inquiridor deve estar preparado, realizando um estudo anterior à coleta de dados, com uma lista de possíveis variantes para variável a ser documentada. De acordo com Thun (1999, p. 483), “[...] com as sugestões procura-se registrar também os dados que, momentaneamente na situação da entrevista ou com permanência na cabeça do entrevistado, pertencem a estratos não espontaneamente ativados ou de disponibilidade só passiva”.

A pluralidade de informantes durante a entrevista é outra técnica recorrente da Dialectologia Pluridimensional, cujo intuito é aumentar a representatividade dos dados. No entanto, ao realizar o inquérito com mais de um informante, estes devem apresentar perfis idênticos. Nesse sentido, podem ser apuradas as convergências e divergências nas respostas dos informantes, além de seus comentários metalinguísticos. Ainda que, na tese, não tenha sido utilizado esse recurso, sua utilização pode ser de extrema relevância.

---

<sup>1</sup> O termo *sugerencia* tem sido amplamente usado, ainda que não esteja presente nos dicionários de língua portuguesa. Oriundo da língua espanhola, significa sugestão. Optamos por esse termo em nosso trabalho, assim como Thun (1999).

## 2 Dimensão diatópica

A dimensão diatópica compreende os estudos voltados às diferenças dialetais distribuídas em áreas geográficas, isto é, em áreas espaciais. Sendo assim, é a base de todo e qualquer estudo dialetológico e geolinguístico, pois se parte de mapas para registrar a variedade linguística, num dado espaço geográfico. Conforme Cardoso (2010, p. 15),

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para a outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Desse modo, dentro desse espaço geográfico, que, segundo a autora, também é histórico e social, busca-se descrever e registrar a variação linguística dentro de uma própria língua, em contato com outras línguas ou mesmo com variedades da mesma língua. Essa realidade linguística é motivadora da escolha da região pesquisada: a fronteira do Brasil com o Paraguai, mais especificamente, a região oeste do estado do Paraná e o departamento de Alto Paraná.

Na definição final da rede de pontos foram consideradas quatro localidades, sendo duas do lado paraguaio e outras duas da parte brasileira. Assim, para a rede de pontos do lado Paraguai, considerando a presença de comunidades brasileiras, foram selecionadas as cidades de Santa Rosa del Monday, cujas correntes migratórias procedem do sul do Brasil, e San Alberto, que foi colonizada por migrações procedentes do norte.<sup>2</sup> Para o lado brasileiro, foram eleitas duas cidades do Paraná: Missal, colonizada por sulistas, e Terra Roxa, influenciada pela corrente nortista. Posto isso, a rede de pontos está representada no Quadro 1, que segue.

**Quadro 1** – Rede de Pontos.

Ponto	Descrição do ponto
Ponto PY01	Terra Roxa – Paraná – Brasil
Ponto PY02	Missal – Paraná – Brasil
Ponto BR01	San Alberto – Alto Paraná – Paraguai
Ponto BR02	Santa Rosa del Monday – Alto Paraná – Paraguai

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

<sup>2</sup> Para este trabalho consideramos influências nortistas quaisquer influências advindas das outras regiões do Brasil que não sejam as da região sul do País.

### 3 Dimensão diastrática

A dimensão diastrática está relacionada às classes sociais, isto é, aos parâmetros educacionais, ocupacionais e econômicos do informante. Deste modo, tomamos como base para o estudo em tela o parâmetro educacional como essa dimensão, pois acreditamos que a escola tem função primordial na formação linguística do cidadão, já que atua como preservadora das formas de prestígio e é responsável pelo ensino-aprendizagem da língua padrão. Conforme Silva-Corvalán (1989, p. 79), “El sistema educacional crea consciencia lingüística entre niños y adolescentes mediante la enseñanza de reglas prescriptivas y la corrección abierta de rasgos lingüísticos de poco prestigio”.

A partir do exposto, foram considerados falantes alfabetizados que tiveram seus estudos completos até o Ensino Fundamental, os quais chamamos de **Cb** (classe baixa), contrapondo com informantes que tiveram o Ensino Superior completo, que chamamos de **Ca** (classe alta). Diante disso, buscamos apurar e contrastar as competências nas respostas de falantes com maior escolaridade com os de pouca escolaridade.

Vale ressaltar que os informantes, filhos de brasileiros nascidos no Paraguai (brasiguaios) foram à escola paraguaia e receberam ensino em língua espanhola. Assim, podemos contrastar as respostas dos jovens brasileiros, que receberam educação no Brasil, e dos jovens brasiguaios, que tiveram educação no Paraguai, e, igualmente, verificar as semelhanças e diferenças.

### 4 Dimensão diassexual

A variável sexo é de fundamental importância no estudo dialetológico, pois sabemos que homens e mulheres, no decorrer da história, assumem papéis diferenciados numa dada sociedade e, conseqüentemente, falam de maneira distinta. Moreno Fernández (2008 [1998], p. 41) afirma que “El arcaísmo o innovación del habla de las mujeres no depende tanto del sexo cuanto del tipo de vida que se lleva en cada lugar”.

Ainda, acredita-se que as mulheres têm mais consciência dos valores que a comunidade faz dos usos da linguagem e, portanto, apoiam a língua padrão e as formas mais “corretas”. Corroboramos nosso pensamento com as palavras de Lopes Morález (1993, p. 125):

En el fondo, las diferencias lectales entre hombres y mujeres surgen de un conjunto definido de actitudes: son diferentes socialmente porque, aunque estemos lejos (al menos en las comunidades occidentales) de movernos dentro de límites fijos e inflexibles, son diferentes los patrones educativos y distintos los papeles asignados a ambos los sexos. (LOPES MORÁLEZ, 1993, p. 125):

Portanto, espera-se que o comportamento social das mulheres seja mais educado e “correto”, assim como sua fala deveria ser. Segundo Silva-Corvalán (1989), presume-se que o comportamento feminino seja mais cortês, mais indeciso e submisso, mais correto e ajustado à sociedade, enquanto que os homens podem romper regras e se comportarem de maneira rude, agressiva e, até, mais vulgar.

Por isso, deve se entender a variável sexo como dependente de outras variáveis, como idade, profissão, contatos e papéis sociais. Deste modo, considerou-se a opção por informantes dos dois sexos, ou seja, homens e mulheres, levando em conta, assim, a dimensão diassexual, pois a pesquisa pretendeu verificar se existem diferenças entre a fala de ambos os sexos, além de apurar se a forma de prestígio tende ou não a predominar na fala feminina ou se elas são as precursoras da mudança linguística (LÓPEZ MORALES, 1993; MOLICA; BRAGA, 2003); LABOV 2008). A opção pelos dois sexos visou, ainda, verificar se as mulheres são mais suscetíveis a incorporar em sua fala as interinfluências de outras línguas em contato, ou se são conservadoras nesse sentido. Além disso, se é possível comparar a mulher jovem com aquela idosa e verificar se há variações devido ao papel social da mulher jovem na sociedade moderna. Ainda, se pode verificar se há uma neutralização do efeito da variável sexo nas faixas mais jovens da população, já que essa geração de mulheres pertence a uma rede social parecida com a dos homens da mesma geração.

### **5 Dimensão diageracional**

A dimensão diageracional pode tornar visível a diacronia, pois reproduz a coexistência de duas gerações. A fala de jovens e idosos, segundo Altenhofen (2006, p. 176), “[...] aparece como uma espécie de história em miniatura ou um sinal de futuro”. Por isso, definimos duas faixas etárias para o informante: de 18 a 30 anos, que denominamos de **GI** (geração jovem), e de 50 a 65 anos, que chamamos de **GII** (geração dos idosos). Deixamos uma lacuna quanto à faixa etária intermediária, pois essa relevância reside no fato de favorecer a identificação de possíveis inovações entre as gerações mais jovens e de conservadorismo entre os mais idosos (SILVA-CORVALÁN, 1989; LÓPEZ MORALES, 1993; LABOV, 2008).

Ainda, acredita-se que a depois de certa idade, aproximadamente até os 30 anos, as características linguísticas do indivíduo já estão sedimentadas. Para López Morales (1993, p. 113), “Cada generación exhibe la norma adquirida durante su adolescencia y primera juventud”. À vista disso, justificamos a exclusão da faixa intermediária. Ademais, três faixas etárias aumentariam consideravelmente a quantidade de dados, dificultando a execução da pesquisa conforme nossos objetivos.

Com relação aos informantes pertencentes ao **GII**, tivemos certa dificuldade em encontrá-los nas cidades paraguaias que tivessem terminado o Ensino Superior. Isso se explica à medida que esses imigrantes quando deixaram suas terras no Brasil, como também deixaram a escola. Logo, a solução foi a diminuição da faixa etária em dois casos: a mulher, **GII, Ca** de San Alberto (44 anos); e o homem, **GII, Ca** de Santa Rosa del Monday (43 anos). Justificamos essa escolha com as palavras de Radke e Thun (1996, p. 42),

É necessário que decidamos se preferimos obter informantes em número suficiente em cada localidade, flexibilizando os critérios para cada caso, ou operar com critérios rigidamente definidos, correndo o risco de, em determinados lugares, não encontrar nenhum informante adequado.

Acreditamos que o rigor científico deva ser respeitado, portanto, registramos esse fato na metodologia, assim como na análise dos dados.

## **6 Dimensão diatópico-cinética**

A busca por informantes sedentários para o Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU) fez com que Thun (1996) e seus colaboradores repensassem a metodologia aplicada por eles até então. Assim sendo, o autor separou os informantes em duas categorias, agrupando os relativamente móveis na categoria topostática e os muito móveis na categoria topodinâmica. Assim, ele se justifica:

Para una visión realista del Uruguay moderno, nos parecía fundamental registrar y comparar el comportamiento lingüístico de ambos grupos, y así nació el otro parámetro del atlas: el topodinámico. El parámetro diatópico se dividió en topostático y topodinámico. (THUN, 1996, p. 221).

A experiência na coleta de dados revelada por Thun (1996), apenas remete a realidade social dos dias atuais, que, em busca de melhorias, migram, e com elas ocorre o contato linguístico intervareial, em outras palavras, o contato entre duas variedades da mesma língua.

Outro dado relevante levantado pelo autor no que se refere ao informante não sedentário, é o fato de que, como dito anteriormente, depois de certa idade, as características linguísticas da fala do indivíduo já estão sedimentadas e apresentam mais dificuldade em assimilar a variedade da nova localidade: “[...] la acomodación lingüística a los hábitos del nuevo ambiente necesita cierto tiempo para sedimentarse y después de algunos

años no avanza más, según parece” (THUN, 1996, p. 212).

Considerando a abundância dos movimentos migratórios na região de fronteira foram selecionados, no Paraguai, os informantes da segunda faixa etária, ou seja, os mais idosos (**GII**), sendo nascidos no Brasil, mas tendo vivido pelo menos metade da vida no Paraguai, e os informantes da primeira faixa etária, isto é, os mais jovens (**GI**), sendo filhos desses imigrantes brasileiros, mas já nascidos no Paraguai. Do lado brasileiro, os informantes idosos (**GII**) tampouco são nascidos na localidade, no entanto, viveram pelo menos metade da vida ali, enquanto os mais jovens (**GI**) são nascidos na localidade e praticamente passaram a maior parte da vida nela. Desse modo, podemos comparar a fala de grupos móveis (**GII**) com grupos relativamente estáveis (**GI**).

## 7 Dimensão dialingual

Devido à peculiaridade da região analisada, não poderíamos deixar de mencionar a importância dos contatos linguísticos, resultantes do povoamento de imigrantes gaúchos no Oeste do Paraná e do contato com a fronteira paraguaia. Assim sendo, interessou-nos o contato linguístico entre variedades da língua portuguesa e o dessas variedades com a variedade do espanhol e do guarani falados na região de fronteira do Paraguai. Não considerar essas questões de contato linguístico seria ignorar ou falsear a realidade linguística da região. Ademais, como foi mencionado, a mobilidade populacional resultante da modernidade facilita esse contato. Conforme Radke e Thun (1996, p. 41), “[...] o fato de que é preciso documentar não somente a coexistência de línguas e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre outras provavelmente só seja negado por aquele que ainda sonha com dialetos puros”.

A abundância dessas migrações, sejam elas diárias (devido ao trabalho) ou não, pode resultar na variação e mudança linguística, além do bilinguismo.

Para averiguar como ocorrem essas interinfluências linguísticas, pensou-se em um questionário que contrastasse a fonética, a semântica, o léxico, a estrutura sintático-morfológica da variedade sulista (influências vindas do sul do Brasil) e aquela nortista (de mais regiões do Brasil). Do mesmo modo, aplicamos a técnica da sugestão a partir dessas variantes previamente estabelecidas. Com relação às outras línguas, espanhol e guarani, no questionário semântico-lexical, após a resposta dada em português, pedíamos as referências léxicas castelhanas e guaranis.

Ainda, nas cidades paraguaias, entrevistamos, em língua portuguesa, paraguaios, homens e mulheres, da primeira faixa etária (**GI**), com os dois níveis de escolaridade (**Ca**

e **Cb**), com o intuito de verificar e descrever qual variante da língua portuguesa é falada por eles diante das dimensões diassexual, diageracional e diastrática.

## **8 Dimensão diafásica**

A dimensão diafásica está relacionada ao uso que se faz da língua durante o momento de interação social. Dependendo do contexto, das pessoas e do momento em que se realiza a interação, o indivíduo seleciona os registros, ou seja, elege sua postura linguística diante da situação de comunicação.

Nesse sentido, compreende-se três estágios com diferentes níveis de espontaneidade, a saber: leitura (L), resposta às perguntas do questionário (R) e conversa livre ou dirigida (C). A leitura a partir da parábola do filho pródigo, texto já utilizado pela dialetologia românica desde 1897, na França (Cardoso, 2006). Esse estágio representa o estilo menos espontâneo e de controle, o qual pode vir a ser a reprodução do estilo aprendido na escola e, portanto, sendo um indício de uma possível mudança linguística (THUN, 1999). As respostas aos questionários também apresentam um caráter de monitoramento por parte do informante, pois se sente intimidado ao não saber uma resposta. No entanto, as respostas ganham uma característica metalinguística quando o informante se volta ao inquiridor para assegurar o acerto da questão: “é isso, não é?”. A conversação é mais livre, podendo o informante até esquecer a situação de entrevista e falar espontaneamente.

Ainda que se possa descrever a variação diafásica dos informantes, essa é uma tarefa muito delicada. Normalmente, os inquiridores não pertencem à comunidade linguística a qual estão pesquisando, então, apresentam uma variação linguística diferente da localidade, podendo interferir na fala do informante. A situação da entrevista, por mais que tentemos que o informante se sinta à vontade, não deixa de ser uma situação de formalidade. Os inquiridores, em quase sua totalidade, são pesquisadores, isto é, vem de uma universidade, o que leva à intimidação dos informantes. Por essas razões, concordamos que “[...] a descrição a variação diafásica põe em evidência uma necessidade especialmente notória de ajustes metodológicos e de aprimoramento das técnicas de gravação, para se convertê-la em um elemento constitutivo da documentação geolinguística” (RADTKE; THUN, 1996, p. 40).

Na verdade, o papel do inquiridor é de fundamental importância na coleta de dados, pois se ele quer documentar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas, deve “[...] tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade” (TARALLO, 2007, p. 21). Assim, ele poderá conseguir a tão esperada situação natural de comunicação.

## 9 Rimensão diarreferencial

A dimensão diarreferencial está relacionada à capacidade que o informante tem em avaliar sua língua e a do outro, como também a existência de uma consciência linguística quanto à variedade linguística usada por ele. Desse modo, utilizamos um questionário de Atitudes Linguísticas, no qual o informante responde a perguntas diretas. Ainda, durante o Questionário Semântico-Lexical utilizamos a técnica de entrevista em três tempos (THUN, 1999): perguntar, sugerir e insistir. Essa técnica permite, além de documentar a resposta espontânea, registrar os comentários metalinguísticos sobre o conhecimento de certa variante, os quais, conforme Thun (1995, p. 11), “Son indicadores importantes de hechos como la integración de extranjerismos, la arquitectura de una lengua histórica o conflictos sociolingüísticos”.

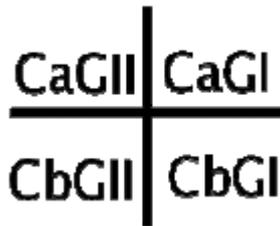
A postura do informante com respeito à língua muito nos tem a dizer com relação a variedades linguísticas, sendo elas estigmatizadas ou não.

## 10 Representação dos dados

A sistematização dessa macroanálise se concretizou por meio da representação de uma célula em forma de cruz para cada ponto, na qual os dados foram cartografados, com a devida indicação das diferentes dimensões selecionadas para a pesquisa. Os quatro compartimentos da cruz representam os quatro grupos pesquisados por ponto. Na parte superior da linha horizontal, posicionam-se os informantes que terminaram o Ensino Superior (**Ca**) e, na parte inferior, informantes alfabetizados, que estudaram no máximo até Ensino Fundamental (**Cb**); à esquerda da linha vertical, situam-se os mais idosos (50 a 65 anos, **GII**) e, à direita, os mais jovens (18 a 30 anos, **GI**).

Dessa maneira, com o intuito de contemplar a dimensão diassexual, teremos para cada localidade uma cruz para os informantes do sexo masculino e outra para os informantes do sexo feminino. Utilizamos para diferenciar homens e mulheres as letras **H** para homem e **M** para mulher, por exemplo, a representação da mulher idosa de ensino fundamental seria: **MCbGII**. Os informantes paraguaios são representados com uma **p**, assim, representamos o jovem com ensino superior: **HCaGIp**. Cabe aqui recordar que entrevistamos paraguaios, filhos de paraguaios, homens e mulheres, com duas escolaridades, apenas da geração jovem. A Figura 1 a seguir demonstra a sistematização da cruz.

**Figura 1** – Sistematização por meio de cruz – pluridimensional.



Ca: Informantes com escolaridade com Ensino Superior Completo

Cb: Informantes com escolaridade até o Ensino Fundamental

GII: Geração dos idosos (de 50 a 65 anos)

GI: Geração dos jovens (de 18 a 30 anos)

Fonte: Carlos (2015) com base em Thun (2008).

As dimensões diafásica e diarreferencial são, normalmente, cartografadas separadamente e analisadas de forma qualitativa e quantitativa. No entanto, esclarecemos que para a tese (CARLOS, 2015) não utilizamos esses dados.

Para melhor compreensão e visualização da metodologia utilizada, apresentamos, a seguir, a carta<sup>3</sup> que demonstra as quatro localidades investigadas, assim como o perfil dos informantes, num total de 40 entrevistados, oito para cada localidade brasileira e 12 para cada paraguaia (Figura 2).

**Figura 2** – Rede de pontos e perfil dos informantes.



Fonte: Carlos (2015).

<sup>3</sup> A carta aqui apresentada equivale a Figura 14 - Carta II – Perfil dos informantes, da tese, no entanto, para este artigo, será utilizada para representar a rede de pontos, além do perfil dos informantes.

Ainda, com relação ao perfil dos informantes, julgamos necessário apresentar o local de origem de seus familiares e as línguas que afirmaram falar. Essas informações foram obtidas para o preenchimento da ficha do informante, contudo, não podemos precisar a veracidade dessas informações, uma vez que nos foi dada de acordo com o conhecimento e a perspectiva que cada informante tem de si, do seu *background* e de sua competência comunicativa em diferentes línguas. Essas informações são primordiais para nos auxiliar na análise de dados.

## 11 Desafios

A Pluridimensionalidade multiplica consideravelmente a quantidade de dados e os cruzamentos que se pode e deve fazer entre uma e outra dimensão, pois procura:

[...] analisar e comparar **adicionalmente** entre um ponto e outro (dimensão diatópica), a fala de homens e mulheres (dimensão diassexual), de diferentes faixas etárias (dimensão diageracional), pertencentes a estratos sociais distintos (dimensão diastrática) e falantes de uma ou mais línguas (dimensão dialingual), com competência metalinguística para perceber e “julgar” variantes distintas da língua (dimensão diarreferencial), conforme sua posição social e a sua competência para empregar mais de um estilo da fala, conforme a situação (dimensão diafásica). (ALTENHOFEN, 2006, p. 137, grifo nosso).

Entretanto, ao aumentar a quantidade de dados, também aumentamos o poder explanatório da pesquisa e, conseqüentemente, permitimos uma visão mais detalhada da variação linguística na área investigada. Assim, a solução foi reduzir a quantidade de localidades e o número de perguntas nos questionários. Em um primeiro momento, contávamos com 12 localidades, que, a partir do modelo cartográfico proposto, foram reduzidas a apenas quatro e no que diz respeito ao questionário linguístico foram suprimidas 28 questões.

Vale ressaltar que todo trabalho, que resulta em atlas linguístico ou cartas linguísticas, não é um fim em si mesmo, muito ao contrário. Cardoso e Ferreira (1994, p. 20), demonstra-nos claramente essa afirmação citando o dialetólogo Manuel Alvar: “As descobertas feitas por um atlas são como brechas na muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado. E será necessário voltar sobre a brecha para ampliá-la e encontrar o fruto perseguido”.

De fato, realizar um trabalho dialetológico exige coragem, tempo, disponibilidade, recursos financeiros para viagens, transcrições e elaboração de mapas linguísticos. Todavia, conhecer as realidades culturais e linguísticas diferentes da nossa é uma realização pessoal imensurável.

## Referências

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Interfaces entre dialetologia e história. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.
- ALVAR, Manuel. *Manual de dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 1996.
- CARDOSO, Susana Alice Marcelino. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE*, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARLOS, Valeska Gracioso. *O português de aqui e além fronteira: um estudo das variedades da língua portuguesa em contato em contextos de fronteira*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel Lingüística, 2008[1998].
- LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1993.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la Geolingüística Románica: Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Org.). *Dialectología Pluridimensional Románica*. Heidelberg/Mainz: Westensee-Verlag Kiel, 1996. p. 26-49.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- THUN, Harald. La pluridimensionalidad del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: *Congreso Del español de Américas*. Bruxelas: 1995. p. 1-35.
- THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica: los montevideanos en Rivera. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Org.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21., 1995, Palermo. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

THUN, Harald. O tratamento do material etnográfico no Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: ENCONTRO SOBRE CULTURA POPULAR, 1. 1999, Ponta Delgada. *Anais...* Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499.



Data de submissão: 19/11/2020

Data de aceite: 30/06/2021

## CONTRIBUIÇÕES DE SILVA NETO PARA OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS EM SANTA CATARINA

SILVA NETO'S CONTRIBUTIONS TO THE DIALETHOLOGICAL  
STUDIES IN SANTA CATARINA

Antonio Luiz Gubert | [Lattes](#) | [antoniojubert@gmail.com](mailto:antoniojubert@gmail.com)  
Instituto Federal de Santa Catarina | Universidade Estadual de Londrina

Vanderci de Andrade Aguilera | [Lattes](#) | [vanderci@uel.br](mailto:vanderci@uel.br)  
Universidade Estadual de Londrina

**Resumo:** Neste estudo, é apresentado um breve histórico das pesquisas dialetológicas no espaço catarinense, com foco para os trabalhos pós-obra de Silva Neto (1957[1955]). A partir de um levantamento bibliográfico em material físico e também em meio eletrônico, foram respondidas as sugestões apresentadas pelo autor em sua obra *Guia para estudos dialetológicos*, seção “Sugestões para Estudo”, indicando se as pesquisas foram ou não realizadas conforme a indicação. Os resultados apontaram que todas as sugestões de estudo indicadas pelo autor já foram contempladas, mesmo que parcialmente, em alguma pesquisa e que há estudos dialetológicos bastante consistentes no estado de Santa Catarina. Tais achados são importantes para a Linguística como um todo, especialmente, para a área de Dialetologia, já que preenchem a ausência de um estudo sobre tal tema.

**Palavras-chave:** Dialetologia; Geolinguística; Santa Catarina; Serafim da Silva Neto.

**Abstract:** In this study, we present a brief history of dialectological research in Santa Catarina, focusing on Silva Neto's post-work (1957[1955]). From a bibliographic survey in physical material and also in electronic media, the suggestions presented by the author in his work “Guide for Dialectological Studies (1957[1955]), section “ Suggestions for Study ”, were answered, indicating whether or not the research was carried out as The results showed that all study suggestions indicated by the author have already been considered, even partially, in some research and that there are very consistent dialectical studies in the state of Santa Catarina. Such findings are important for Linguistics as a whole, especially for the area of Dialectology, since they fill the gap of a study on this topic.

**Keywords:** Dialectology; Geolinguistics. Santa Catarina; Serafim da Silva Neto.

## 1 PERCURSO DOS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS EM SANTA CATARINA: UMA INTRODUÇÃO

A dialetologia, para Dubois (1978), é uma disciplina com a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos, estabelecendo seus limites. Para o autor, a área tem como focos: a) a descrição dos diferentes sistemas ou dialetos em que se diversifica uma língua; b) o estabelecimento dos limites geográficos de falares que podem ser tomados isoladamente sem referência aos falares vizinhos ou aos que pertençam à mesma família linguística.

Já para Câmara Júnior, (2011, p. 94-95), a dialetologia pode ser entendida como “[...] o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos”. Acrescenta, ainda, que há duas técnicas para o desenvolvimento da dialetologia: a da Geografia Linguística, que busca a distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal, e a da “[...] descrição dos falares por meio de monografias dedicadas a uma dada região” (CÂMARA JÚNIOR, 2011, p. 94-95), compondo gramáticas e glossários regionais.

A Geolinguística ou Geografia Linguística, então, ocupa-se da projeção em mapas das ocorrências dialetais e pode ser definida como o “[...] estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes” (DUBOIS, 1978, p. 307). Jordan (1962, p. 273, nota 100), ao comentar as contribuições de Adolphe Terracher, diz que, para esse estudioso, a geolinguística “[...] significa a representação cartográfica do material linguístico com o objectivo de determinar a repartição topográfica dos fenómenos fonéticos”. Desse modo, pode ser considerada como um método de coleta e análise de dados, uma nova metodologia para o estudo da linguagem, não exatamente<sup>1</sup> uma ciência.

Nas palavras de Castilho (1973), a dialetologia é uma das mais brilhantes afirmações da Linguística Românica e um de seus campos mais desenvolvidos.

A origem dos estudos dialetológicos antecede a criação da área. Há relatos sobre pesquisas bastante antigas envolvendo dialetos<sup>2</sup>, mas somente no século XIX, como será visto com mais detalhes em seguida, a área passou a ser sistematizada.

No Brasil, é possível considerar o trabalho de Domingos Borges de Barros nessa linha, conforme palavras de Cardoso (1999, p. 1, grifo do autor):

A primeira manifestação, porém, que se pode caracterizar de natureza dialetal sobre o português do Brasil deve-se a Domingos Borges de Barros,

<sup>1</sup> Para mais detalhes, ver a obra de Romano (2013).

<sup>2</sup> Como, por exemplo, o estudo do linguista alemão Georg Wenker, em 1876.

Visconde de Pedra Branca, que escreveu, em 1926, quando ministro plenipotenciário do Brasil na França e a pedido do geógrafo vêneta Adrien Balbi, um informe sobre *‘les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal’* o qual vem inserido às páginas 172-175 da *Introduction à l’Atlas ethnographique du globe*. Trata-se de uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil.

A partir da contribuição do Visconde de Pedra Branca, são iniciados os estudos dialetais no Brasil que, dependendo do autor, podem ser divididos em até quatro fases: Nascentes (1953) divide-os em duas; Ferreira e Cardoso (1994) em três; Mota e Cardoso (2006) em quatro.

Para este estudo, será considerada a divisão proposta por Mota e Cardoso (2006), ampliando-a para o espaço e tempo determinado para esta pesquisa: a) 1ª fase - de 1826 a 1920; b) 2ª fase - de 1921 a 1952; c) 3ª fase - de 1953 a 1996; d) 4ª fase - de 1996 aos dias atuais.

Romano (2013, p. 203) comenta sobre a divisão proposta por Mota e Cardoso (2006):

De acordo com as autoras, cada uma dessas fases tem em seu marco inicial e final obras ou iniciativas científicas que visam ao desenvolvimento dos estudos dialetais. Grosso modo, a primeira fase caracteriza-se pelo predomínio da produção de obras de caráter lexicográfico. A segunda, pela produção de obras de caráter monográfico, específicas de determinada região, além da produção de obras gerais sobre o português do Brasil. A terceira fase caracteriza-se, principalmente, pelo surgimento dos trabalhos geolinguísticos, com a elaboração de atlas de diferentes estados da Federação. A quarta fase refere-se aos trabalhos dialetais desenvolvidos a partir do momento em que o Projeto ALiB deu início às suas atividades.

Nesse sentido, busca-se aqui investigar informações publicadas na terceira fase, a qual se estende até a quarta e abarca os dias atuais. Para tanto, serão utilizadas as questões de pesquisa apontadas por Silva Neto (1957[1955], p. 43), na seção “sugestões para estudo”, que nada mais são que possibilidades de estudos no espaço delimitado do estado de Santa Catarina.

Os resultados do levantamento de dados poderão contribuir para a Linguística como um todo – especialmente para a área de Dialectologia –, já que buscam evidenciar todo o percurso histórico das pesquisas dialetológicas no espaço catarinense e trazendo à tona possíveis lacunas que devam ser preenchidas.

## 2 PESQUISAS DE GRANDE ABRANGÊNCIA

### 2.1 O projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil)

O projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL), de abrangência regional, nasce em 1982, com o objetivo de discutir recursos e meios para dinamizar os estudos nas áreas de Geografia, Linguística, Bilinguismo e Variação Linguística, que passaram a constituir três grupos de trabalho; e reunia professores representantes de quatro universidades brasileiras, a saber: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O projeto, de abrangência regional, é constituído por três grupos de trabalho: 1) Atlas Linguístico e Etnográfico; 2) Bilinguismo; 3) Variação Linguística.

Como propósitos, o VARSUL objetivou oferecer:

- a) subsídios para a descrição do português falado e escrito no Brasil; b) condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas; c) condições para formação de novos pesquisadores; d) subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas (VARSUL, 2020, n.p.).

Quanto à metodologia, seguiu-se a linha laboviana. Os dados foram transcritos em três linhas: com notações ortográficas, outra com as variações e, na terceira, uma classificação morfossintática dos itens, acrescida de alguns registros de estilos da fala.

Depois de transcritos, os dados foram armazenados eletronicamente. A PUC/RS encarregou-se de converter os áudios originais de cassete para CD (Compact Disc). Hoje, o projeto constitui-se do Banco de Dados VARSUL e da Amostra Digital VARSUL: “O Banco de Dados VARSUL fornece dados empíricos para trabalhos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado, e também serve como fonte para diversas pesquisas na área de Sociolinguística” (VARSUL, 2020, n.p.). Além disso, é composto por 288 entrevistas, de zonas urbanas, com abrangência de quatro cidades de cada um dos estados da região Sul: Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) e Paraná (Curitiba, Pato Branco, Londrina e Irati).

A Amostra Digital VARSUL é formada por trechos de áudios, com duração entre cinco e 15 minutos, de 40 entrevistas: 24 das capitais do Sul do Brasil (oito de cada capital), oito da amostra Monguilhott<sup>3</sup> e oito da amostra Brescancini e Valle<sup>4</sup> – os dois últimos, representativos de zonas rurais de Florianópolis.

<sup>3</sup> De autoria da pesquisadora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

<sup>4</sup> Em referência às pesquisadoras Cláudia Regina Brescancini e Carla Regina Martins Valle.

De acordo com a página do projeto<sup>5</sup>, o banco de dados continua sendo ampliado, com o acréscimo de amostras de todas as sedes: “À amostra básica, constituída de informantes sem curso superior, distribuídos por grau de escolaridade, sexo e faixa etária (acima de 25 anos), outras vêm sendo acrescentadas, contemplando novas regiões, diferentes faixas etárias, bem como níveis de escolaridade” (PROJETO VARSUL, 2020, n.p.).

Ademais, é importante ressaltar que o VARSUL já gerou inúmeros trabalhos científicos, tanto de alunos de graduação, bolsistas de iniciação científica, como mestrandos e doutorandos, confirmando sua relevância científica.

## **2.2 O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**

Santa Catarina, ao contrário do estado vizinho Paraná, bem como de outros estados da nação, não conta com um atlas linguístico exclusivo. O que há disponível são estudos que envolvem a Região Sul como um todo, por exemplo, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Este, inclusive, é o primeiro atlas a não se limitar ao estudo de um único estado de modo isolado – que se justifica pelo interesse dos pesquisadores em delimitar áreas linguísticas para além dos limites interestaduais.

A 1ª edição do documento data de 2002, quando da publicação do volume 1: Introdução, e do volume 2: Cartas fonéticas e morfossintáticas. Na sequência, vieram: Introdução & Cartas Fonéticas e Morfossintáticas (2. ed., 2011); e Cartas Semântico-Lexicais (2011) (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002a, 2002b).

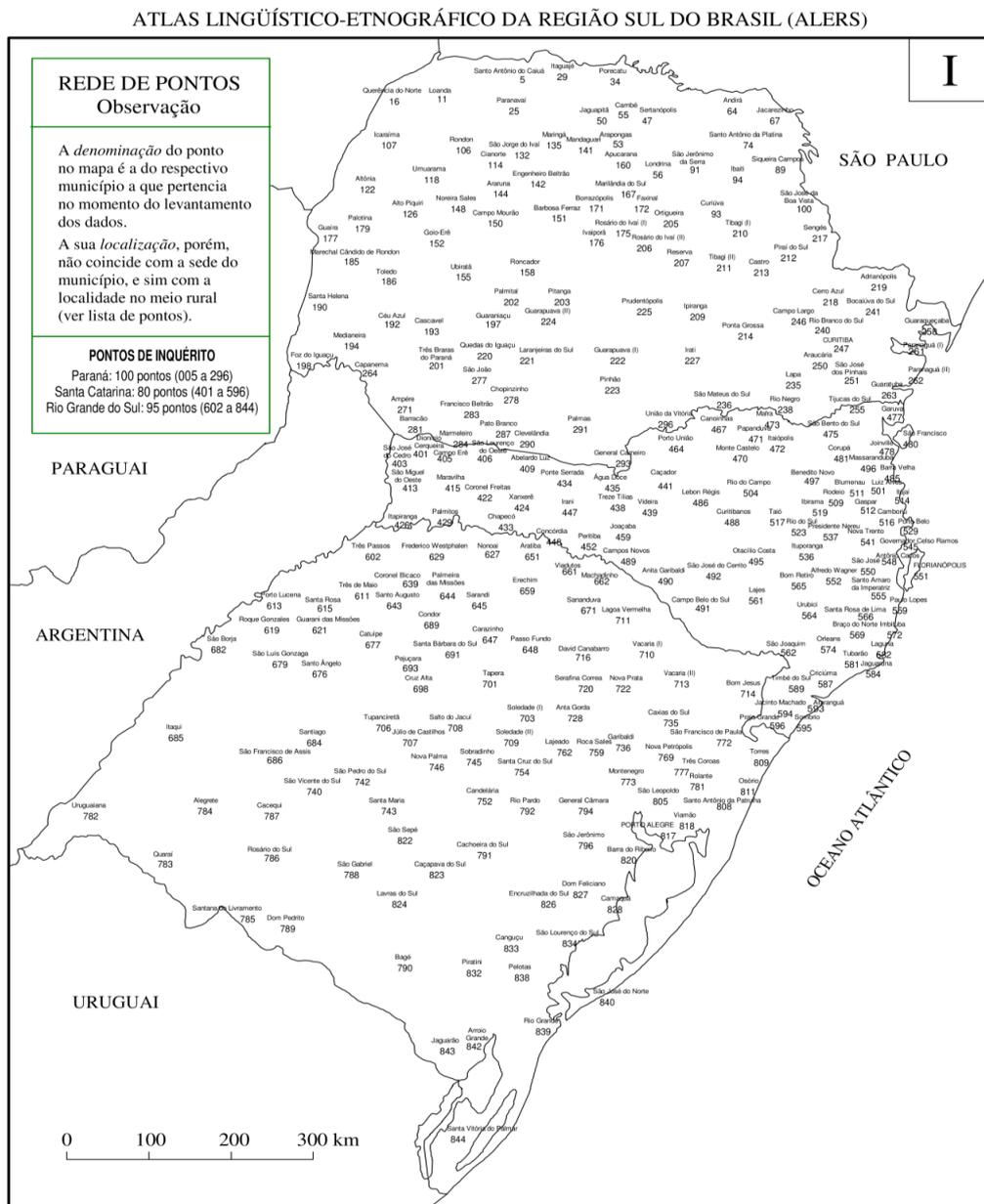
O projeto é de natureza interinstitucional, composto por pesquisadores da UFPR, UFSC e UFRGS, que coletaram dados em uma rede de pontos de 294 localidades não urbanas: 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina, e 95 no Rio Grande do Sul, aos quais se somam os dados obtidos de 19 pontos urbanos, para análise da variação diastrática. São aproximadamente 1.127 horas de gravação, com cerca de 300.000 dados linguísticos do português falado na área em estudo.

A ênfase do ALERS recai sobre a variação diatópica, monodimensional, do português rural falado pelas classes menos escolarizadas na Região Sul do Brasil. Além disso, no atlas estão registradas as variantes linguísticas com maior probabilidade de serem as mais frequentes e representativas do ponto de inquérito, não sendo, portanto, as únicas formas existentes. A Figura 1 mostra a rede de pontos do ALERS:

---

<sup>5</sup> Endereço eletrônico do Projeto VARSUL: [https://www.varsul.org.br/amostra-digital-varsul.php?\\_lng=br](https://www.varsul.org.br/amostra-digital-varsul.php?_lng=br)

Figura 1 – Rede de pontos do ALERS.



Fonte: Projeto ALMA (2017).

É um território bastante abrangente e foi preciso trabalho árduo para encontrar falantes de ambos os sexos<sup>6</sup>, acima dos 35 anos, que se dispusessem a responder o inquérito. Com os resultados, “[...] dispõe-se, desta maneira, de um valioso banco de dados linguísticos, representativo sobretudo da variedade do português falado pela população rural de baixa escolaridade, na Região Sul do Brasil”<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Da relação de informantes constam apenas os do sexo masculino.

<sup>7</sup> Informação disponível em: [https://www.ufrgs.br/letras/?page\\_id=291](https://www.ufrgs.br/letras/?page_id=291),

### 2.3 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

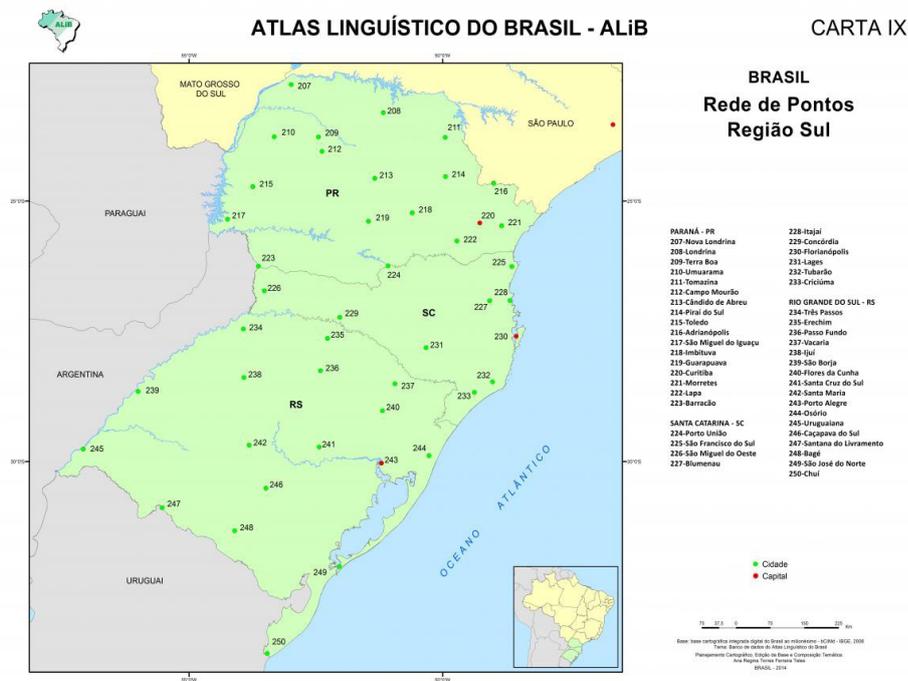
O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é considerado como um estudo de grande abrangência, já que envolve todo o território nacional, e tem como meta de criação de um atlas geral do país. Do empreendimento, sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), participam pesquisadores de 12 universidades sob a coordenação de um Comitê Central.

O trabalho ainda está em execução, contudo, em 2014, já foram lançados o volume I (Introdução); e o Volume II (com 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de estado). Os próximos volumes previstos, segundo o site do projeto<sup>8</sup>, “[...] darão conta dos resultados das 225 localidades, distribuídas por todos os estados da federação, e dos demais dados das capitais” (ALiB, 2020).

Quanto aos procedimentos metodológicos, o projeto se fundamenta na geolinguística contemporânea, “priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar” (PROJETO ALiB, 2020, n.p.).

A rede de pontos conta com um total de 250 localidades, selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais. A Figura 2 mostra a rede total de pontos para o sul do Brasil.

Figura 2 – Pontos para a Região Sul.



Fonte: Projeto ALiB (2020).

<sup>8</sup> Site do Projeto ALiB: <https://alib.ufba.br/>

Em Santa Catarina, foram selecionados 10 pontos distribuídos de forma a abranger todas as regiões do Estado. Cada cidade recebe um número identificador: 224 - Porto União; 225 - São Francisco do Sul; 226 - São Miguel do Oeste; 227 - Blumenau; 228 - Itajaí; 229 - Concórdia; 230 - Florianópolis; 231 - Lages; 232 - Tubarão; e 233 - Criciúma.

O questionário contempla os vários níveis da linguagem, com a seguinte distribuição: 159 perguntas para o nível fonético-fonológico, às quais se juntam 11 questões de prosódia; 202 perguntas para o nível semântico-lexical; e 49 perguntas para o nível morfofossintático. A esses três tipos de questionário, acrescentam-se quatro questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal –, seis perguntas de metalinguística e um texto para leitura – a “Parábola dos sete vimes”. Ainda, sobre os questionários:

[...] publicou-se uma primeira versão, em 1998, a fim de atender a solicitações de pesquisadores interessados em conhecer e testar esse instrumento da metodologia do ALiB e propiciar as aplicações de caráter experimental previstas e realizadas em diferentes pontos do país. A partir do que revelaram esses inquéritos procedeu-se a uma análise crítica e à reformulação dos questionários com vistas à elaboração da versão final a ser aplicada em todo o território nacional. Essa versão foi recentemente (2001) publicada pela Universidade Estadual de Londrina, em 2001. (ALiB, 2020, n.p.)

Com relação aos informantes, o número total é de 1.100, distribuídos em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos –, de ambos os sexos e com, no máximo, ensino fundamental: “O perfil dos informantes procura atender a questões espaciais, por isso são filhos da localidade pesquisada e de pais também da área, mas também inclui o controle de variáveis sociais tais como idade, sexo e escolaridade” (ALiB, 2020, n.p.). Nas capitais dos estados, foram entrevistados também mais quatro cidadãos com ensino superior, com o controle de idade e sexo conforme já mencionado.

#### **2.4 O Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)**

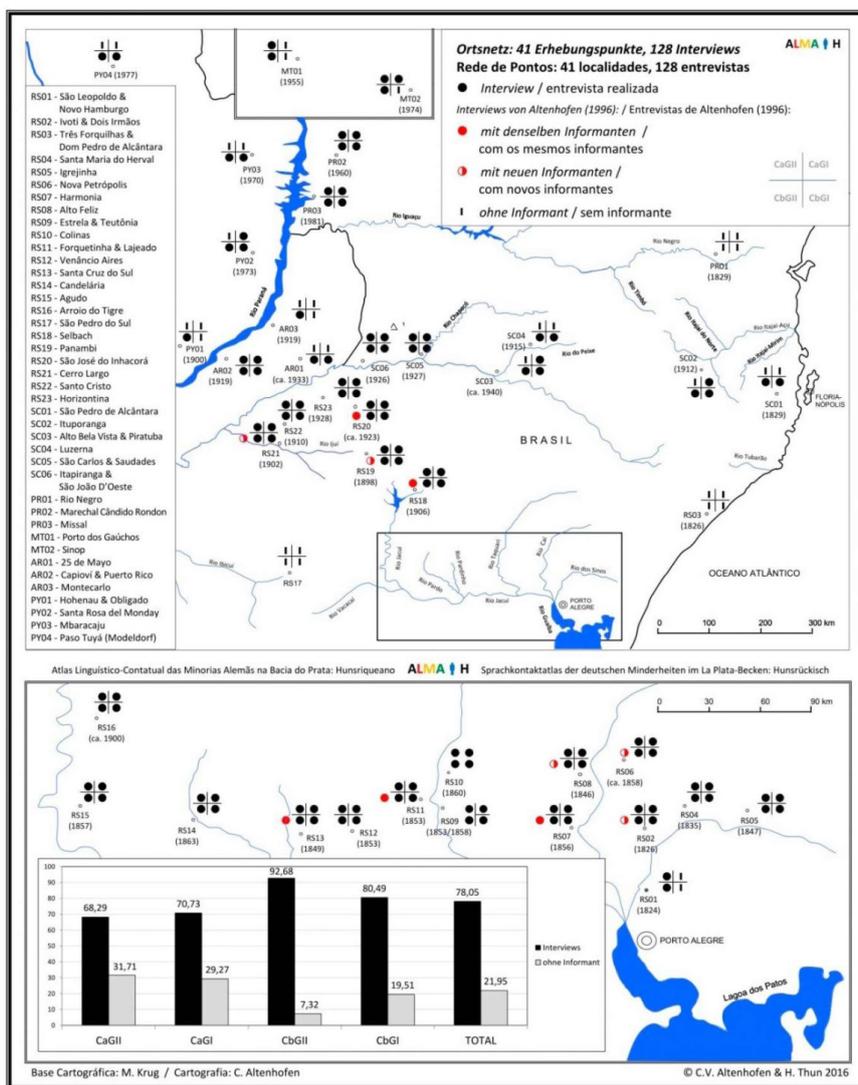
O Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)<sup>9</sup> é um grande projeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística da Christian-Albrecht-Universität (CAU), de Kiel, Alemanha, e de Germanística do Instituto de Letras daUFRGS, Brasil, sob a coordenação respectiva de Harald Thun e Cléo Vilson Altenhofen.

<sup>9</sup> Site do Projeto ALMA: <https://www.ufrgs.br/projalma/>

O macroprojeto, de princípio federativo e transnacional, reúne subprojetos das diferentes variedades do alemão, como, por exemplo, o *Hunsrückisch*<sup>10</sup>. Pode-se citar a pesquisa de outras variedades, como o Hochdeutsch, o pomerano, o vestfaliano, entre outras.

O Figura 3 traz a rede de pontos do projeto para a variedade *Hunsrückisch*, com seis pontos em Santa Catarina (SC01 São Pedro de Alcântara, SC02 Ituporanga, SC03 Alto Bela Vista e Piratuba, SC04 Luzerna, SC05 São Carlos e Saudades e SC06 Itapiranga e São João d’Oeste):

Figura 3 – Rede de pontos do ALMA para o *Hunsrückisch*.



Fonte: Projeto ALMA (2017).

<sup>10</sup> O idioma é definido “[...] como uma coiné de contato com o português derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida, a partir da primeira metade do séc. XIX, sobretudo ao Rio Grande do Sul, leste de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo” (site do ALMA).

Quanto à metodologia, o ALMA segue o princípio teórico da dialetologia pluridimensional e contatual, combinando “[...] a dimensão diatópica (horizontal), interesse primordial da dialetologia tradicional, com dimensões sociais (verticais), tradicionalmente enfocadas pela sociolinguística”<sup>11</sup>.

O questionário, composto por um total de 442 perguntas mais corpus de leitura, etnotextos e material iconográfico, teve como parâmetros de composição e aplicação os seguintes pontos:

Além 1) da entrevista sistemática para posterior comparação (dimensões diastrática, diageracional e diatópica) e 2) da vinculação a parâmetros de outra dimensão por afinidade de traços (como no caso da dimensão diarreligiosa, atrelada à comparação entre pontos com parâmetros distintos, e da dimensão diatópico-cinética, que contrasta a topodinâmica do comportamento linguístico nas migrações e distintas áreas de ocupação), têm-se pelo menos mais dois caminhos a considerar: 3) análise de dados não-sistematicamente levantados (para o caso p.ex. da dimensão diassexual, em que define *a posteriori*, a partir das entrevistas realizadas, os dados de ambos os parâmetros) e 4) o contraste por meio de instrumentos de coleta de dados distintos. Para a dimensão diafásica, consideram-se p. ex. entrevistas de conversa livre (etnotextos), resposta a questionário e leituras em português e alemão; do mesmo modo, há perguntas específicas para a dimensão diarreferencial (ALMA, 2017).

No total, foram 372 informantes e 128 entrevistas, somando aproximadamente 800 horas de gravação. É de se considerar, então, a complexidade do estudo e a dificuldade relatada de encontrar os informantes ideais para responder o inquérito.

Como resultados do trabalho, estão publicados gratuitamente para *download* no site do Projeto três E-books, sendo eles: *Hunsrückisch* em Prosa & Verso (2017); Cartas de imigrantes de fala alemã (2018); e Livro do Inventário do *Hunsrückisch* (2018). Como o projeto ainda está em execução, é de se esperar mais publicações futuras.

### 3 PESQUISAS DE ABRANGÊNCIA MAIS PONTUAL: TESES E DISSERTAÇÕES

Importante considerar o papel fundamental das universidades catarinenses para as pesquisas no campo da Dialetologia. Nessas instituições, especialmente nas públicas, como a UFSC e a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), atuam inúmeros pesquisadores e seus alunos, que detêm o árduo trabalho de coleta, análise e sistematização de dados das mais variadas representações de língua do espaço catarinense.

---

<sup>11</sup> Informação disponível no site do ALMA na aba “dimensões”: <https://www.ufrgs.br/projalma/dimensoes/>

É possível citar, por exemplo, o trabalho dos seguintes pesquisadores<sup>12</sup>:

- a) Mário Bonatti (1968) - *O dialeto trentino de pomeranos, SC: um estudo de antropologia linguística*, tese de doutorado, USP, 1968;
- b) Paulino Vandresen (1974) - *Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna*, tese de doutorado, PUCRS, 1974, e outras publicações;
- c) Andrieta Lenard (1976) - *Lealdade linguística em Rodeio (SC)*, dissertação de mestrado, UFSC, 1976;
- d) Oswaldo Furlan (1982) - *Influência Açoriana no Linguajar Catarinense*, tese de doutorado, UFRJ, 1982; o livro “*Influência Açoriana no português do Brasil e em Santa Catarina*” e outras publicações;
- e) Fiorelo Zanella (1985) - *A mortalidade linguística do dialeto italiano no município de Taió - SC*, dissertação de mestrado, UFSC, 1985;
- f) Ivete Marli Boso (1992) - *Entre passado e futuro: bilinguismo em uma comunidade trentino-brasileira*, dissertação de mestrado, UFSC, 1992;
- g) Elias José Mengarda (1996) - *Aquisição do dialeto vêneto no contexto familiar catarinense*, dissertação de mestrado, UFSC, 1996;
- h) Marizete B. Spessato (2001) - *Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó*, dissertação de mestrado, UFSC, 2001;
- i) Felício Wessling Margotti (2004) - *Difusão Sócio-Geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil*, tese de doutorado, UFRGS, 2004; e outras publicações, em especial, em coautoria com Hilda Gomes Vieira;
- j) Antonio Luiz Gubert (2012) - *Influências do talian no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético*, dissertação de mestrado, UFPR, 2012;
- k) Paula Cristina Merlo Bortolotto (2015) - *O “talian” na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco*, dissertação de mestrado, UFFS, 2015;
- l) Clarí Wehrmann (2016) - *A situação do alemão em Tunápolis e Cunha Porã, Santa Catarina: dimensão diarreligiosa*, dissertação de mestrado, UFFS, 2016.
- m) Simone Raquel Bernieri (2017) - *Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC*, dissertação de mestrado, UFFS, 2017;
- n) Elena Wendling Ruscheinsky (2019) - *“Uma vez falando em alemão”: o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste*, dissertação de mestrado, UFFS, 2019;
- o) Ana Elizabeht Fornara (2019) - *Aspectos do bilinguismo deutsche-Português em Saudades-SC e Talian-Português em Nova Erechim-SC*, dissertação de mestrado, UFFS, 2019;
- p) Angélica Kaufmann (2019) - *Manutenção do deutsch e deutsch em contato com o português em Mondai/SC e Saudades/SC*, dissertação de mestrado, UFFS, 2019;

---

<sup>12</sup> Agradecimento especial ao professor Felício Wessling Margotti (UFSC) pela indicação dos trabalhos.

Como é possível observar, os trabalhos são inúmeros – e vários sequer foram mencionados. Pelas dimensões deste artigo, não será possível analisá-los individualmente, apenas na relação dialógica com a obra de Silva Neto (1957[1955]), que se apresenta a seguir.

#### **4 AS “SUGESTÕES PARA ESTUDO” DE SILVA NETO PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA**

Com base em elementos histórico-geográficos, Silva Neto (1957[1955]) dividiu Santa Catarina em seis zonas principais, a saber:

- 1) Zona de influência açoriana, constituída por grande parte do litoral;
- 2) Zona de influência paulista-bandeirante, constituída pela região serrana;
- 3) Zona ligada ao Paraná e constituída por uma faixa que acompanha toda a fronteira norte;
- 4) Zona ligada ao Rio Grande do Sul e constituída por uma faixa que acompanha toda a fronteira sul;
- 5) Zona de colonização alemã;
- 6) Zona de colonização italiana.

Essa divisão, contudo, ignora a presença de comunidades indígenas – que estão distribuídas por todo o território do estado, inclusive, com línguas diferentes entre si –, assim como a (pequena, mas existente) zona de fronteira com a Argentina, no extremo oeste do estado. Caberia, então, uma atualização da quantidade das zonas para, no mínimo, oito.

Na sequência, o autor indica que os estudos deveriam dar conta de responder as seguintes questões (1957[1955]) sobre a territorialidade, tais como: a) onde acaba uma região e começa outra?; b) que caracteriza, linguisticamente, umas e outras regiões?; c) qual o grau de aculturação linguístico-etnográfico que se pode observar nas zonas de influência extra-portuguesas?; d) qual a contribuição vocabular dos alemães e dos italianos para o português local?

Como acréscimo, Silva Neto (1957[1955], p. 43) recomenda:

A todas essas perguntas só se pode responder depois de realizar inquéritos *in loco*. Qualquer afirmação que não parte deles é frágil e tem pés de barro. O objetivo final de um grande estudo dialetológico de Santa Catarina será o de estabelecer-lhe as áreas linguístico-etnográficas.

Pelas características sociais da época, como a inexistência de internet e instrumentos tecnológicos para coleta de dados, assim como incipiente desenvolvimento dos transportes, o autor acabou por sugerir a aplicação de inquéritos por modos que hoje podem não ser considerados como os ideais. “Com paciência e tenacidade”, segundo Silva Neto (1957[1955], p. 43), o pesquisador de campo poderia obter dados a partir das seguintes ações:

- 1- Um inquérito por correspondência, confiado aos professores e padres;
- 2- A criação de um corpo de correspondentes voluntários, que se prestasse a ir respondendo aos vários questionamentos que lhes fossem enviados;
- 3- Uma série de inquéritos linguístico-etnográficos *in loco*, destinados quer a oferecer materiais preciosos, quer a ir treinando os pesquisadores;
- 4- A preparação de, no máximo, três inquiridores que, sob a direção de investigador mais experimentado, constitua a equipe realizadora do Atlas Regional de Santa Catarina. (SILVA NETO, 1957[1955], p. 43-44).

O ponto três, ao contrário dos demais, pode ser considerado ainda hoje como ideal para a coleta de dados. É na pesquisa *in loco*, a partir da coleta de dados por meio de inquéritos abrangentes, que a língua real emerge.

Quanto aos pesquisadores convocados ao trabalho, o autor sugere que devem participar “[...] desde os mais moços até os trabalhadores experimentados da *Comissão Catarinense de Folclore*”<sup>13</sup> (SILVA NETO, 1957[1955], p. 43). Quanto à metodologia, destaca que “[...] é preciso começar aos poucos, partindo de inquéritos parciais, até poder abarcar o questionário completo, que abranja todas as esferas semânticas” (SILVA NETO, 1957[1955], p.43). Atualmente, com o aumento significativo das Universidades e de programas de Pós-graduação, o trabalho de coleta e análise está nas mãos dos estudantes e pesquisadores, garantindo maior cientificidade aos resultados.

Sobre a composição e a abrangência do inquérito, o autor frisa que “[...] sempre todos os inquéritos devem ter cunho linguístico-etnográfico” e que “[...] talvez fosse de bom alvitre, como treino, estudar bem a Ilha e depois passar ao continente” (SILVA NETO, 1957[1955], p. 43). Ainda, Silva Neto (1957[1955]) alerta, portanto, para que o inquérito tenha uma composição mais abrangente, buscando evidenciar a língua real. Quanto a iniciar pela Ilha (Florianópolis), considerando que é a capital do estado e local sede da UFSC, é perfeitamente aceitável a sugestão.

Na sequência, o autor apresenta algumas sugestões de pesquisas:

---

<sup>13</sup> Foram encontrados vários documentos virtuais e atuais da Comissão, o que mostra que essa permanece ativa.

- 1- *A pesca em Santa Catarina; suas técnicas e instrumentos. Os peixes.* Podia começar-se pela Ilha e estender-se a todo o litoral;
- 2- *Os animais em Santa Catarina* (ou, para começar, na Ilha de Santa Catarina). Esse estudo engloba não só os nomes dos animais, mas também dos objetos e atividades com eles relacionados;
- 3- *Nomes de partes do corpo humano.* Pode fazer-se o inquérito numa comunidade ou, o que é ideal, em todo o Estado. As pesquisas no terreno podem ser ampliadas com *inquéritos por correspondência*;
- 4- *Nomes para “embriaguez”.* Veja a observação supra;
- 5- *Nomes para “criança”.* Veja a observação supra;
- 6- *A trilogia da vida: nascimento, casamento, morte*;
- 7- *Estudo linguístico-etnográfico sobre a mandioca*;
- 8- *Estudo linguístico-etnográfico da casa.* Com plantas e desenhos;
- 9- *Estudo linguístico-etnográfico do carro de bois*;
- 10- *A cachaça*;
- 11- *Estudo linguístico-etnográfico das medidas* (para a superfície, para comprimento e para secos e líquidos);
- 12- *Estudo linguístico-etnográfico global de uma comunidade*;
- 13- *Estudo das isoglossas do fonema S*;
- 14- *A canoa*;
- 15- *A alimentação*;
- 16- *As plantas*;
- 17- *Nomes para “papagaio de papel”.* (SILVA NETO, 1957[1955], p. 43-44, grifo do autor).

Todas as sugestões apresentadas por Silva Neto (1957[1955]) serão investigadas neste estudo, verificando se já foram realizados estudos sobre cada um dos itens, assim como a metodologia utilizada e os resultados obtidos. Em exceção, não será comparado o questionário apresentado pelo autor para a coleta de dados com os outros questionários que possam surgir nas pesquisas, considerando que o autor classifica o próprio modelo de inquérito tão somente como um “esboço”.

Para finalizar a seção, Silva Neto (1957[1955], p. 45) apresenta uma última sugestão, que é sobre a responsabilidade, a autoria, das pesquisas: “[...] devo dizer que aos Catarinenses, sobretudo a eles, compete o estudo de sua terra e de sua gente”. A sugestão será considerada como tal, ou seja, apenas como um conselho, não uma determinação.

## **5 Metodologia para a coleta e análise dos dados sobre Santa Catarina**

A pesquisa que deu origem a este estudo traz uma abordagem quali-quantitativa, uma vez que procura pela quantidade de estudos dialetológicos e reflete sobre os achados. Quanto ao procedimento, é considerada como bibliográfica já que ocorre essencialmente a partir da análise de documentos impressos e virtuais.

Para a coleta de dados, foram consultadas as seguintes plataformas, expostas no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1** – Plataformas de dados.

<b>Tipo</b>	<b>Nome</b>
Virtual	ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
Impresso	ALiB – Atlas Linguístico do Brasil
Virtual	Biblioteca de Teses e Dissertações da UFSC
Virtual	Biblioteca de Teses e Dissertações da UFRGS
Virtual	Biblioteca digital da UEL
Virtual	Projeto VARSUL
Virtual	Repositório digital de Teses e Dissertações da UFSC
Virtual	Repositório digital de Teses e Dissertações da UFFS
Virtual	Repositório digital de Teses e Dissertações da UFRGS
Virtual	Repositório digital de Teses e Dissertações da UFPR

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nas plataformas, foram procuradas correspondências para as sugestões de estudo apontadas por Silva Neto (1957[1955]) – ver seção anterior deste artigo –, cujas perguntas de pesquisa foram sintetizadas em quatro:

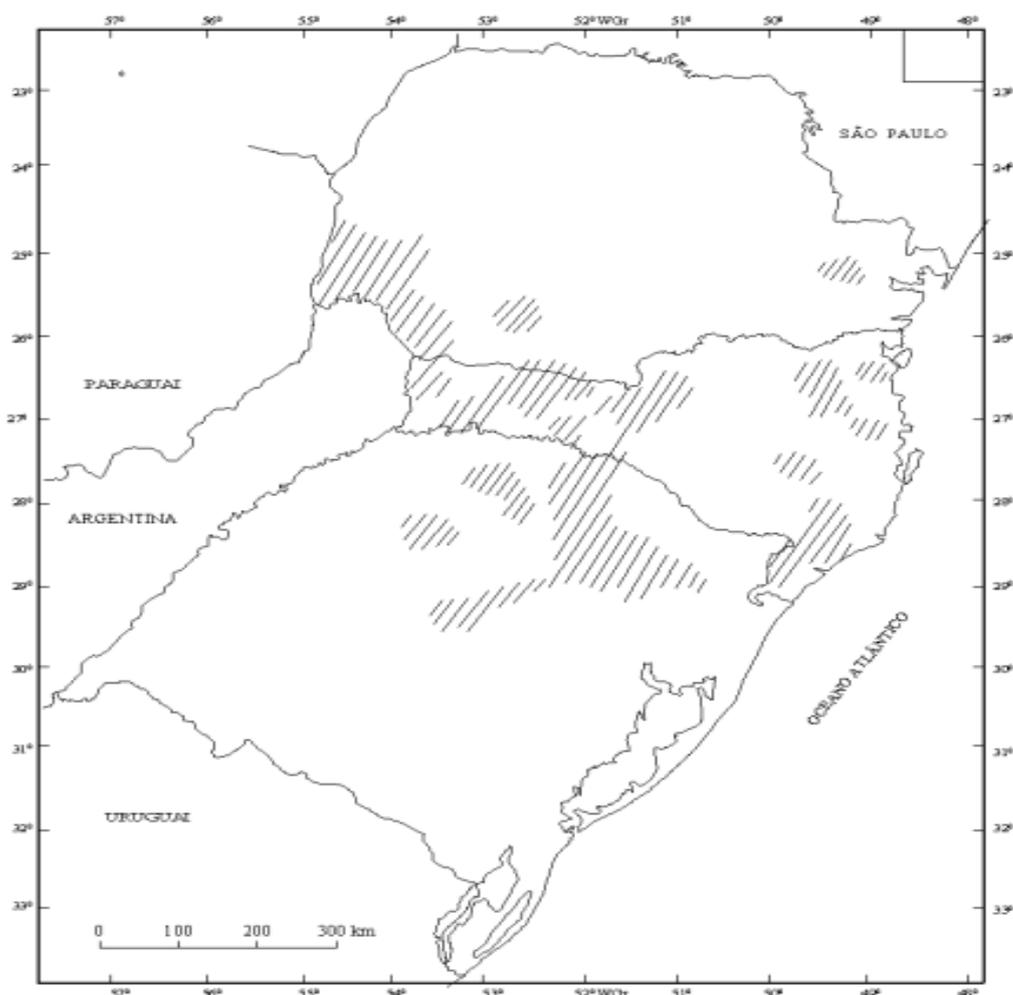
- a) Há alguma proposta de divisão dialetal do estado, estabelecendo áreas linguístico-etnográficas?
- b) Há estudo sobre a contribuição vocabular dos colonizadores?
- c) Se houve algum estudo, os questionários foram de cunho linguístico-etnográfico, aplicados *in loco*?
- d) Há inquéritos investigando os seguintes temas:
  - A pesca;
  - Os animais;
  - Partes do corpo humano.
  - Nomes para “embriaguez”;
  - Nomes para “criança”.
  - A trilogia da vida: nascimento, casamento, morte;
  - Estudo linguístico-etnográfico sobre a mandioca;
  - Estudo linguístico-etnográfico da casa;
  - Estudo linguístico-etnográfico do carro de bois;
  - A cachaça;
  - Estudo linguístico-etnográfico das medidas;
  - Estudo linguístico-etnográfico global de uma comunidade;
  - Estudo das isoglossas do fonema S;

- A canoa;
- A alimentação;
- As plantas;
- Nomes para “papagaio de papel”?

## 6 Resultados

Para a questão (a), se “há alguma proposta de divisão dialetal do estado, estabelecendo áreas linguístico-etnográficas?”, é possível citar que os atlas linguísticos mencionados na primeira seção deste artigo dão conta de estabelecer algumas áreas, assim como quaisquer das teses e dissertações indicadas. O que falta são trabalhos sobre as línguas indígenas em Santa Catarina, que são muitas e pouco estudadas. O Figura 4, extraído de Margotti (2004), traz as áreas bilíngues português-italiano (provavelmente, português-italian), exemplificando a existência de divisões dialetais.

**Figura 4** – O português em contato com o italiano no Sul do Brasil.



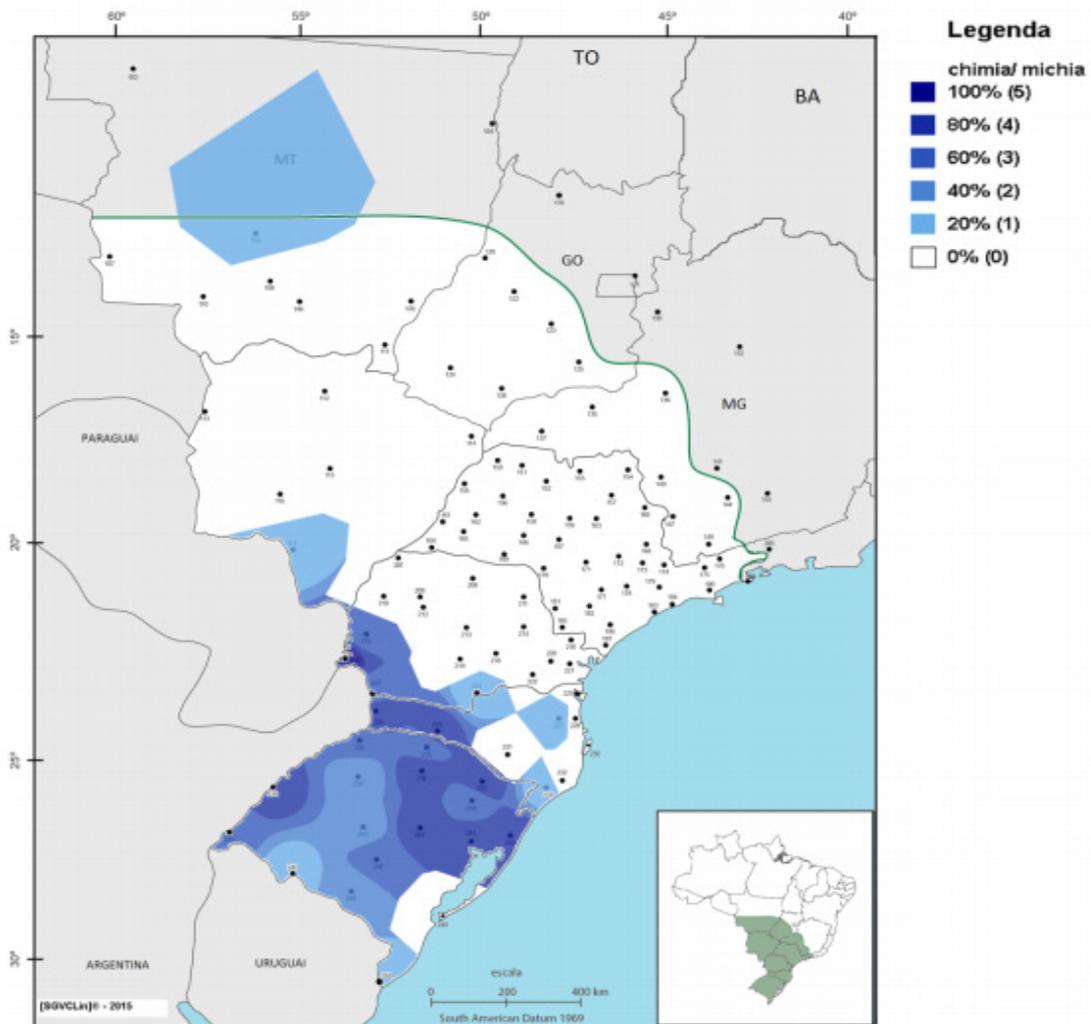
Fonte: Margotti (2004, p. 42).

As áreas mais escuras do mapa (distintas com hachuras) mostram as localidades em que o português e o italiano convivem em regime de bilinguismo. Em Santa Catarina, é possível perceber que essas localidades se concentram no Oeste e se irradiam para o Leste.

Respondendo à questão (b), se “há estudo sobre a contribuição vocabular dos colonizadores?”, podem ser citados, novamente, os projetos maiores, mas é nas teses e dissertações que se encontram os pormenores, como no estudo de Oswaldo Furlan (1982, 1989), *Influência Açoriana no Linguajar Catarinense*, e na tese de Romano (2015).

Para exemplificar, trazemos o Figura 5 das ocorrências de “chimia/michia” elaborado por Romano (2015). “Chimia” é um vocábulo trazido pelos colonizadores alemães, forma aportuguesada de *Schmier*, conjugação do verbo alemão *Schmiereren*, que significa “passar [algo] [em outra coisa]” (por exemplo, passar manteiga ou geleia em uma fatia de pão). “Michia” é uma variação de “chimia”.

**Figura 5** – A realidade gradual de chimia/michia.



Fonte: Romano (2018, p. 124).

A pergunta (c) questionava se, havendo estudos, “os questionários foram de cunho linguístico-etnográfico, aplicados *in loco*?”. Como mencionado, há vários estudos, mas nem todos facilitados pelos questionários linguístico-etnográficos. O projeto VARSUL, por exemplo, bem como o ALiB, privilegiam o questionário *linguístico*, mas também contam com perguntas de cunho *linguístico-etnográfico*. Em trabalhos menos amplos, como o de Gubert (2012), o inquérito privilegiou a coleta de dados linguísticos, porém, assim como os estudos mencionados, contou com perguntas de abordagem linguístico-etnográfica.

As “perguntas metalinguísticas” do questionário do ALiB, então, podem ser usadas como exemplos de perguntas *linguístico-etnográficas*. A Figura 6, que segue, traz as questões propostas pelo ALiB:

**Figura 6** – Perguntas metalinguísticas do ALiB.

### PERGUNTAS METALINGÜÍSTICAS

1. Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em \_\_\_\_\_ (citar a cidade onde está)? Se houver, identificar os grupos “que falam diferente”.
3. Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas “que falam diferente”?
4. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de \_\_\_\_\_ (citar a cidade onde está)?
5. Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
6. No passado, falavam diferente aqui?

Fonte: Projeto ALiB, 2020.

Para esclarecer se as últimas sugestões de estudo propostas por Silva Neto (1957[1955]) para Santa Catarina já foram investigadas, recorreremos, outra vez, ao questionário do ALiB, o mais abrangente de todos os questionários pesquisados para este estudo, conforme observamos no Quadro 2.

**Quadro 2** – Comparação das sugestões de Silva Neto com o questionário do ALiB.

<b>Pergunta: Há inquéritos investigando os seguintes temas?</b>	
<b>Sugestões de Silva Neto (1957[1955])</b>	<b>Questionário do ALiB</b>
A pesca	Parcialmente. A questão 50 do questionário fonético-fonológico, por exemplo
Os animais	Questionário semântico-lexical sobre fauna (questões 64-88)
Partes do corpo humano	Questionário semântico-lexical sobre o corpo humano (questões 89-120)
Nomes para “embriaguez”	Questionário semântico-lexical sobre convívio e comportamento social (questão 144)
Nomes para “criança”	Questionário semântico-lexical sobre os ciclos da vida (questão 132)
A trilogia da vida: nascimento, casamento, morte	Questionário semântico-lexical sobre os ciclos da vida (questões 121-135)
Estudo linguístico-etnográfico sobre a mandioca	Parcialmente. Questionário semântico-lexical sobre atividades agropastoris (questão 50)
Estudo linguístico-etnográfico da casa	Parcialmente. O questionário semântico-lexical sobre a habitação (questões 168-175)
Estudo linguístico-etnográfico do carro de bois	Parcialmente. Questionário semântico-lexical sobre atividades agropastoris (questões 54-56)
A caça	Parcialmente. Questionário semântico-lexical sobre alimentação e cozinha (questão 182)
Estudo linguístico-etnográfico das medidas	Parcialmente. Questão 21 do questionário morfossintático (grande x pequeno); questões 34-38 do questionário semântico-lexical (tempo)
Estudo linguístico-etnográfico global de uma comunidade	O ALiB como um todo
Estudo das isoglossas do fonema S	O questionário fonético-fonológico como um todo
A canoa	Parcialmente. Apenas a questão 51 do questionário fonético-fonológico
A alimentação	Questionário semântico-lexical sobre alimentação e cozinha (176-187)
As plantas	Questionário semântico-lexical sobre atividades agropastoris (questões 39-51)

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos questionários do ALiB (ALiB, 2001).

Observando o Quadro 2, é possível perceber que os temas apontados por Silva Neto (1957[1955]) foram contemplados, mesmo que parcialmente, em algum trabalho. Um único estudo, o ALiB, reuniu todas as sugestões, bem como outras não indicadas pelo autor. Contudo, é importante considerar que a parcialidade indica que o tema não foi ex-

plorado de modo consistente (no caso, no ALiB), necessitando de aprofundamento – ou mesmo de um trabalho denso que possa ser chamado de “estudo linguístico-etnográfico” –, considerando que não foram encontradas pesquisas dessa natureza.

## 7 Considerações finais

A obra de Serafim da Silva Neto (1957[1955]), mesmo após meio século de publicação, ainda pode ser considerada como atual e fundamental para os estudos dialetológicos no Brasil. Para o estado de Santa Catarina, o autor indicou inúmeros estudos possíveis de serem realizados, contribuindo significativamente para o desenvolvimento das pesquisas sobre a língua no espaço catarinense.

A pesquisa mostrou que as sugestões apresentadas pelo autor em 1955 já foram contempladas, mesmo que parcialmente em algum dos estudos evidenciados neste artigo: seja em algum dos macroprojetos, como o ALiB, ou nos estudos de menos abrangência, como as dissertações e teses. Esse resultado evidencia o grande esforço dos pesquisadores em mapear não somente o estado catarinense, mas também em compreender a língua para além dos limites interestaduais.

Apesar do cenário positivo apresentado, o estado de Santa Catarina ainda carece de estudos dialetológicos mais abrangentes com relação às línguas indígenas, que são inúmeras e estão presentes em diversas cidades do território. Esse é um trabalho para os próximos anos e exigirá grande empenho das universidades e pesquisadores, considerando a ampla abrangência do estudo, assim como de importantes investimentos financeiros por parte dos governos e agências de pesquisa.

## Referências

ALERS. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/alers/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

ALIB. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: ALiB, 2020. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

ALMA. *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)*. O que é o *Projeto ALMA?* Porto Alegre: UFRGS, 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

BERNIERI, S. R. *Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC 2017.

BONATTI, M. O. *dialeto trentino de pomeranos, SC: um estudo de antropologia linguística*. 1968. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1968..

BORTOLOTTI, P. C. M. *O “talian” na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2015.

BOSO, I. M. *Entre passado e futuro: bilinguismo em uma comunidade trentino-brasileira*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992..

CAMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASTILHO, A. T. de. Rumos da dialetologia portuguesa. *Alfa*, São Paulo, n. 18/19, 1973.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A dialectologia no Brasil: perspectivas. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 233-255, 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 mar. 2020.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FORNARA, A. E. *Aspectos do bilinguismo deitsche-Português em Saudades-SC e Talian-Português em Nova Erechim-SC*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2019..

FURLAN, O. A. *Influência Açoriana no Linguajar Catarinense*, 1982. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 1982.

FURLAN, O. A. *Influência Açoriana no português do Brasil e em Santa Catarina*. Florianópolis, SC: UFSC, 1989.

GUBERT, A. L. *Influências do talian no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

IORDAN, I. *Introdução à linguística românica*. Tradução de Júlia Dias Ferreira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1962.

KAUFMANN, A. *Manutenção do deitsch e deutsch em contato com o português em Mondai/SC e Saudades/SC*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN. Cléo Vilson (Org.). *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre: UFRGS; UFSC; UFPR, 2002a. v. 1. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/letras/?page\\_id=291](https://www.ufrgs.br/letras/?page_id=291). Acesso em: 15 mar. 2020.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN. Cléo Vilson (Org.). *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre: UFRGS; UFSC; UFPR, 2002b. v. 2. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/letras/?page\\_id=291](https://www.ufrgs.br/letras/?page_id=291). Acesso em: 15 mar. 2020.

LENARD, A. *Lealdade linguística em Rodeio (SC)*. 1976. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976.

MARGOTTI, F. W. *Difusão Sócio-Geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MENGARDA, E. J. *Aquisição do dialeto vêneto no contexto familiar catarinense*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953[1922].

ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 2, 2013.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Estudo Linguísticos) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2015.

ROMANO, V. P. Áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil sob uma perspectiva geolinguística. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, p. 103-145, 2018.

RUSCHEINSKY, E. W. *“Uma vez falando em alemão”*: o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2019.

SPESSATO, M. B. *Marcas da história*: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis, 2001.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957[1955].

VANDRESEN, P. *Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna*. 1974. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1974.

VARSUL. Variação Linguística na Região Sul do Brasil. *Projeto VARSUL*. Porto Alegre: PUC/RS, 2020. Disponível em: <http://www.varsul.org.br/?modulo=secao&id=37#self>. Acesso em: 15 mar. 2020.

WEHRMANN, C. *A situação do alemão em Tunápolis e Cunha Porã, Santa Catarina*: dimensão diarreligiosa. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016.

ZANELLA, F. *A mortalidade linguística do dialeto italiano no município de Taió - SC*. 1985. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1985.



Data de submissão: 13/10/2020

Data de aceite: 18/06/2021

## ALiBWEB: ESTADO DA ARTE E PERSPECTIVAS FUTURAS

### ALiBWEB: STATE OF ART AND FUTURE PERSPECTIVES

Daniela Barreiro Claro | [Lattes](#) | [dclaro@ufba.br](mailto:dclaro@ufba.br)  
Universidade Federal da Bahia

Josane Moreira de Oliveira | [Lattes](#) | [josanemoreira@hotmail.com](mailto:josanemoreira@hotmail.com)  
Universidade Estadual de Feira de Santana | Universidade Federal da Bahia

Marcela Moura Torres Paim | [Lattes](#) | [marcelamtpaim@yahoo.com.br](mailto:marcelamtpaim@yahoo.com.br)  
Universidade Federal Rural de Pernambuco | Universidade Federal da Bahia

**Resumo:** O presente artigo dá a conhecer o sistema denominado ALiBWeb, que se encontra em construção, à comunidade acadêmica. O processo de informatização do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) começou em 2007, quando aconteceram as reuniões iniciais sobre análise de requisitos para o desenvolvimento de um banco de dados e, conseqüentemente, de um sistema que possibilitasse gerenciar os dados armazenados. Assim, será mostrada a importância do ALiBWeb, que permitirá a organização dos dados e sua inserção no banco, facilitando o seu armazenamento e, principalmente, garantindo maior segurança com a informatização e disponibilizando-os a fim de socializá-los, para que possam servir de base para análises linguísticas de dados orais de natureza geolinguística.

**Palavras-chave:** Projeto Atlas linguístico do Brasil; Informatização; Sistema ALiBWeb.

**Abstract:** This article presents to the academic community the web system, called ALiBWeb, which is under construction. The automation of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) project started in 2007, with meetings to analyze the requirements for developing the database and, consequently, the web system, which manages such data. ALiBWeb enables the management of data easing the storage and guaranteeing greater data security to make it available. Consequently, the data will be socialized, so that they can serve as a basis for linguistic analyzes with oral data of geolinguistic nature.

**Keywords:** Linguistic Atlas of Brazil Project; Automation; ALiBWeb System.

## 1 Introdução

Apresenta-se, neste estudo, o banco de dados e o sistema ALiBWeb (em construção) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), desenvolvido em âmbito nacional, que já publicou os dois primeiros volumes (CARDOSO et al., 2014a; CARDOSO et al., 2014b), estando em andamento os volumes 3, 4, 5 e 6.

Trata-se de um projeto nos moldes da Geolinguística Pluridimensional contemporânea (THUN, 2000), que integra a Dialectologia e a Sociolinguística, uma vez que, ao lado da variável diatópica, inclui parâmetros sociolinguísticos (LABOV, 2008 [1972]), considerando as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade.

Este artigo busca descrever a importância da informatização do banco de dados do referido projeto para disponibilizar os dados que foram coletados em campo, a fim de socializar o conhecimento adquirido, permitindo que pesquisas sejam aprimoradas na área da Dialectologia. Nesse sentido, um sistema web (ALiBWeb) está sendo desenvolvido para projetar os dados armazenados no banco de dados com o intuito de os pesquisadores de áreas afins e próximas (história, antropologia, sociologia, ciência da computação, entre outras) terem novos subsídios para o conhecimento da variação linguística nas diversas áreas brasileiras. Com essa informatização, os dados atualizados poderão ser disponibilizados através do ALiBWeb e, assim, servir para uma melhor interpretação do caráter multidialectal do português do Brasil, podendo servir para estudo de variação na escola, com base em dados reais oriundos de pesquisa de campo, coletados *in loco*.

Além desta seção introdutória, este artigo é composto por quatro seções que abordam: o Projeto ALiB (seção 2), o encontro da Dialectologia e da Ciência da Computação (seção 3); o banco de dados e o sistema ALiBWeb (seção 4); as perspectivas futuras do banco de dados (seção 5); e, por fim, as considerações finais (seção 6), seguidas das referências.

## 2 O Projeto ALiB

Antes de relatar como começou o processo de informatização do Projeto ALiB, é importante expor os objetivos e os aspectos metodológicos do referido projeto, cujas bases foram lançadas no Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em 1996, em Salvador-BA (Brasil).

O Projeto ALiB tem como meta a produção de um atlas geral do Brasil, no que se refere à língua portuguesa, e tem por objetivos, entre outros: (i) documentar e descrever a língua portuguesa falada no Brasil; (ii) estabelecer isoglossas para a delimitação de áreas

as dialetais brasileiras; e (iii) oferecer dados para análises linguísticas e para subsidiar o ensino de língua portuguesa.

Para concretizar o desejo de produzir o atlas, os pesquisadores constituíram um Comitê Nacional, responsável por gerenciar as atividades do empreendimento, tendo como uma de suas metas manter a unidade teórico-metodológica do projeto e garantir a execução das atividades de modo conjunto e coordenado. Esse Comitê está constituído atualmente por 13 membros pesquisadores vinculados a dez universidades públicas brasileiras<sup>1</sup>.

O projeto, na sua essência de âmbito linguístico, pois se propõe a documentar, descrever e interpretar a diversidade do português brasileiro, tem, exatamente por esse caráter, uma evidente interface com ramos distintos do conhecimento organizado, decorrente do fato de que a história de uma língua é a história do próprio povo que a fala. Esse caráter de que se reveste o Projeto ALiB tem duas evidentes implicações: por um lado, inspira e fundamenta a sua concepção na pluralidade do conhecimento; por outro, permite que, dos resultados que venha a oferecer, se beneficie amplo espectro das ciências na atualidade.

Quanto ao primeiro dos aspectos, a concepção do projeto conduziu a que se buscase fundamentação em diferentes campos do conhecimento. A definição da rede de pontos para levantamento de dados, por exemplo, requereu aprofundado conhecimento no campo da história, da antropologia, da demografia, da geografia (física, humana e política) e, sobretudo, dos estudos culturais, da economia de cada região, do desenvolvimento social e político, do aspecto religioso. A seleção de localidades reflete não apenas o interesse linguístico, mas também o perfil sócio-histórico das zonas mapeadas, que, se, por um lado, é um indicador de importância para a visão de língua, por outro, encerra um relevante feixe de correlações sócio-histórico-culturais.

Nesse sentido, a rede de pontos do Projeto ALiB é composta de 250 localidades, aí incluídas as capitais brasileiras (com exceção de Brasília e Palmas, pelo seu pouco tempo de formação). Para a seleção das localidades foram considerados os seguintes critérios: (i) distribuição geográfica; (ii) história da cidade; (iii) demografia; (iv) características socioculturais; e (v) perfil linguístico.

Para a seleção de informantes, fez-se necessário um estudo da formação demográfica do Brasil, da constituição da sociedade, dos aspectos sociológicos e antropológicos que marcam a composição da população brasileira, a que se acrescenta um conhecimen-

---

<sup>1</sup> Cf. informações sobre a composição do Comitê Nacional de coordenação do Projeto ALiB no *site* do projeto: <https://alib.ufba.br/content/comit%C3%AA-nacional>.

to da realidade social na qual se inserem os entrevistados. Isso levou a que se buscasse harmonizar diferentes variáveis sociais – como idade, sexo, escolaridade – para que se pudesse obter uma amostra linguística representativa da diversidade linguística do país. Dessa forma, foram entrevistados 1.100 informantes (oito em cada capital e quatro em cada cidade do interior), de ambos os sexos, distribuídos por duas faixas etárias (Faixa I – de 18 a 30 anos e Faixa II – de 50 a 65 anos), totalizando cerca de 3.300 horas de gravação. Nas capitais, os informantes são estratificados em dois níveis de escolaridade (fundamental e universitário); nas demais localidades, todos os informantes têm apenas o nível fundamental.

O Projeto ALiB nasceu, assim, evidenciando uma profunda correlação com outros ramos do conhecimento científico. A sua implantação, em 1996, propiciou a retomada da discussão da metodologia relativa aos trabalhos de natureza geolinguística e à elaboração de instrumentos de trabalhos adequados às necessidades de coleta de dados empíricos, fatos tão importantes ao desenvolvimento da Geolinguística no Brasil, a ponto de já se interpretar o Projeto ALiB como marco de uma nova fase na Dialectologia Brasileira, a quarta, definida por Mota e Cardoso (2006) – se se admitem as três fases anteriormente propostas por Ferreira e Cardoso (1994), em ampliação às duas anteriormente propostas por Nascentes (1952; 1953) –, ou a quinta, para Teles (2019).

Considera-se, portanto, uma forma de expansão desse conhecimento específico a transferência de tecnologia dele decorrente na área da pesquisa geolinguística, a partir do aproveitamento das discussões metodológicas ocorridas em reuniões e *workshops* nacionais e regionais, em palestras e em minicursos ministrados pelos pesquisadores que integram a equipe do Projeto ALiB.

Entre os pontos que podem ser arrolados como de transferência de tecnologia, destacam-se:

- (i) Questionário Linguístico – os questionários do ALiB (COMITÊ NACIONAL..., 2001) envolvem vários níveis linguísticos: fonética/fonologia, incluindo a prosódia; morfossintaxe; léxico; e pragmática. Além disso, há ainda discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e a leitura de um texto. Pela sua amplitude com relação aos diversos níveis de estudo da língua de que trata, os questionários têm servido de base para a elaboração de questionários específicos, em pesquisas diversas, para trabalhos de pós-graduação e para a realização de atlas linguísticos regionais, fornecendo elementos que

funcionam como facilitadores de novas investigações sobretudo daquelas de iniciativa de jovens investigadores;

- (ii) Implementação de atlas regionais<sup>2</sup>, com o conseqüente crescimento de grupos de pesquisa na área da Dialetoologia e o aumento do número de trabalhos de pós-graduação sobre aspectos da Dialetoologia brasileira;
- (iii) Formação de jovens pesquisadores, com uma procura cada vez maior de estudantes de graduação e de pós-graduação pelo trabalho com dados do ALiB e pela orientação acadêmica de pesquisadores do projeto. O Comitê Nacional do Projeto ALiB tem procurado, continuamente, agregar jovens pesquisadores e estudantes de graduação e de pós-graduação à investigação científica<sup>3</sup>. A titulação obtida por estudantes, os trabalhos por eles desenvolvidos, assim como a presença no quadro de professores das instituições de ensino superior são dados comprobatórios da ação dos membros do Comitê na formação de jovens pesquisadores.

Cumpramos detalhar um pouco os questionários do ALiB. O questionário fonético-fonológico tem 159 perguntas (aí incluídas as questões de prosódia – para investigar as interrogativas, por exemplo) e abarca fenômenos como a realização das vogais pretônicas e postônicas, o /s/, o /r/ e o /l/ em coda silábica, a realização de ditongos, a realização de /t, d, n, l/ diante de [i], dentre outros fenômenos variáveis. O questionário semântico-lexical abrange 14 áreas semânticas (acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana) e tem 202 perguntas. O questionário morfossintático conta com 49 perguntas, envolvendo fenômenos como a marcação do gênero e do número, o uso de artigo antes de antropônimos, o uso dos pronomes, os tempos verbais, a negação, dentre outros. Há ainda quatro questões de pragmática (como o falante se dirige a um interlocutor mais jovem ou mais velho e de ambos os sexos), quatro temas para discurso semidirigidos (relato de uma experiência pessoal, comentário e discurso reportado, por exemplo) e seis questões metalinguísticas (qual a língua que se fala, se há pessoas que falam diferente, por exemplo), além do texto “A parábola dos sete vimes” para leitura.

<sup>2</sup> No que se refere aos atlas regionais desenvolvidos a partir da implantação do Projeto ALiB e com a utilização de metodologia desenvolvida pelo Projeto, sugere-se a consulta a Aguilera e Romano (2016).

<sup>3</sup> Sobre a produção acadêmica realizada com base no *corpus* do Projeto ALiB, sugere-se a consulta ao *site* oficial do Projeto, item “publicações”, disponível em: <https://alib.ufba.br/>.

O resultado imediatamente esperado do Projeto ALiB é, evidentemente, a produção do próprio atlas, cujos volumes iniciais, *Introdução e Cartas Linguísticas I*, foram publicados em 2014. Esse conjunto de dados espelha, na sua amplitude maior, as variedades do português falado no Brasil. A cartografia dos dados, com base na georreferencialidade, objetiva, além de mapear os dados linguísticos: (i) mostrar coordenadas seguidas no povoamento do país, desfazendo dúvidas sobre roteiros de penetração ou oferecendo elementos comprobatórios de levadas de povoamento fixadas nesses locais ou que por eles transitaram; (ii) assinalar o papel de acidentes geográficos na difusão de hábitos linguísticos – como se pode ver examinando, por exemplo, o papel dos rios – ou no isolamento de fenômenos que se detêm por trás de montanhas ou incrustados em vales.

No que se refere à educação, mais especificamente ao ensino de língua portuguesa, é altamente significativa a contribuição do Projeto ALiB, cujos resultados propiciarão um melhor equacionamento do ensino-aprendizagem à diversidade de cada região, uma vez que, descritas as peculiaridades de cada área e caracterizada a variedade de uso da língua ali dominante, pode-se construir um modelo de ensino do vernáculo mais eficaz e baseado em usos reais.

A esses aspectos relacionados, com os quais não se pretendeu esgotar a indicação das possibilidades de interdisciplinaridade do projeto, mister se faz destacar o que advém de um atlas para os estudos linguísticos.

Embora amplo em sua proposta, o Projeto ALiB tem limitações, como, por exemplo, a quantidade de pontos da rede, a quantidade de informantes por localidade, as faixas etárias extremas e a variável escolaridade apenas nas capitais. Isso se justifica pela decisão de optar por um projeto exequível num país de dimensões continentais e com uma população numerosa, com uma equipe relativamente pequena – mas muito bem preparada – e com os poucos recursos recebidos para deslocamento, hospedagem e aquisição de material. Ainda assim, ressalte-se que foram percorridos 277.851 km, do Oiapoque ao Chuí!

Incluir a faixa etária intermediária (entre 31 e 49 anos), por exemplo, implicaria ampliar em um terço todo o trabalho e tempo de pesquisa de campo. Aumentar o número de informantes por célula implicaria mais trabalho e tempo ainda, o que inviabilizaria a execução do projeto. Encontrar informantes com nível universitário de escolaridade em algumas cidades do interior do Brasil, sobretudo em alguns estados do Norte e do Nordeste, por exemplo, ainda é difícil num país com tantas desigualdades sociais, com sérios problemas na educação pública e com pouco acesso da população à universidade.

Esses recortes necessários, que limitam a amostra do ALiB, objetivam mostrar uma fotografia da diversidade da língua portuguesa falada no Brasil. Como toda foto capta um

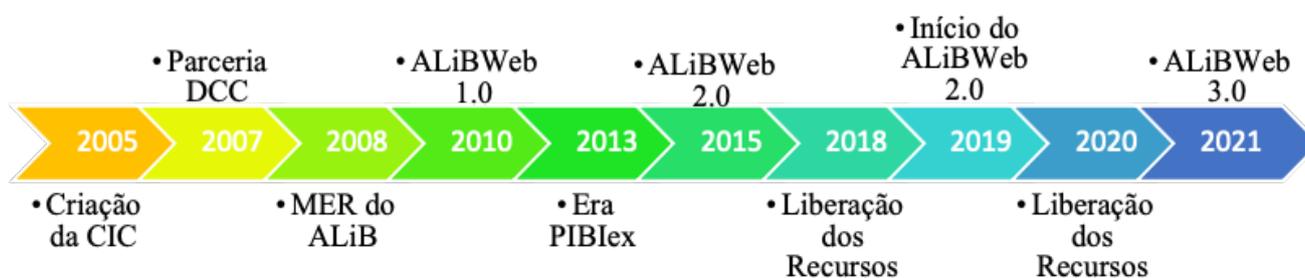
instante de um *flash* (não é um vídeo), cabe aos interessados, a partir do que é possível ver numa foto, a curiosidade de voltar a campo e verticalizar a pesquisa de determinado(s) fenômeno(s) em determinada(s) localidade(s) registrado(s) pelo ALiB. O que se quer mesmo é instigar a continuidade e o aprofundamento da pesquisa empírica, o que, aliás, já tem sido feito por pesquisadores que se inspiraram nos primeiros resultados do ALiB.

Por outro lado, tem sido alto o investimento na informatização do projeto, incluindo um sistema denominado ALiBWeb e um banco de dados com o intuito de salvar, gerenciar e disponibilizar as informações coletadas. Para tanto, foi necessário estabelecer um diálogo com a Ciência da Computação, do qual se fala na seção seguinte.

### 3 Quando a Dialetoлогия e a Ciência da Computação se encontram

A informatização do Projeto ALiB ocorreu em várias etapas, sendo iniciada em 2005 quando da criação da Comissão de Informatização e Cartografia (CIC). Essa comissão tinha como principal objetivo informatizar o ALiB, facilitando as consultas aos dados catalogados pelos inquiridores do projeto e auxiliando a geração das cartas linguísticas. A Figura 1 descreve a linha de tempo desta informatização, principalmente no que concernem os aspectos relacionados à Ciência da Computação.

**Figura 1** – Linha de Tempo da Informatização do ALiB



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Em 2007, iniciou-se a parceria com o Departamento de Ciência da Computação (DCC) da Universidade Federal da Bahia, tendo um membro integrante na CIC. Durante todo o ano de 2007 e o ano de 2008, esse membro participou das diversas reuniões do Projeto ALiB com o intuito de compreender a sua essência, o seu objetivo e subsidiar a criação do banco de dados do ALiB através do Modelo de Entidades e Relacionamentos (CHEN, 1990).

Em 2010, o Projeto ALiB teve o primeiro projeto de pesquisa aprovado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a realização das atividades referentes à CIC. O objetivo desse projeto foi o desenvolvimento do ALiBWeb, na sua primeira versão, com o intuito de facilitar as consultas aos dados catalogados. Inicialmente, as interfaces prioritárias foram as administrativas, porém houve a necessidade de criar um *importador* para que os inquéritos realizados no Word fossem importados para o banco de dados do ALiB de uma maneira semi-automatizada. Durante os dois anos subsequentes, o foco do projeto foi no desenvolvimento dos novos módulos correspondentes à política de acesso e às cartas linguísticas. Porém, com o final do projeto e a descontinuidade do *framework* utilizado no desenvolvimento do projeto, a atualização e manutenção do mesmo para garantir um desempenho satisfatório foi comprometida e, assim, novas iniciativas foram necessárias.

Em 2013, devido à situação financeira em que o país estava condicionado, a solução para a manutenção do sistema ALiBWeb foi através dos diversos projetos de Programa de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBEx) oferecidos pela UFBA.

Um novo panorama surgiu no final de 2014 e em 2015, quando o Projeto ALiB teve outro projeto de pesquisa aprovado para o desenvolvimento do ALiBWeb, desta vez através da Fundação de Amparo e Pesquisa da Bahia (FAPESB). Apesar da aprovação do projeto, a liberação dos recursos só ocorreu por volta de 2018, quando houve um movimento para a contratação de uma empresa especializada em desenvolvimento de *software*. Em tempo, uma análise aprofundada do ALiBWeb, na sua versão 1.0, foi desenvolvida com o objetivo de averiguar o que poderia ser reutilizado e o que deveria ser desenvolvido com tecnologia mais atualizada. Após essa análise, foi recomendado que o sistema ALiBWeb fosse desenvolvido em uma linguagem de programação mais leve e com fácil interatividade entre os usuários. Assim surgia a segunda versão do ALiBWeb, que iniciou o seu desenvolvimento em 2019.

O avanço do desenvolvimento do ALiBWeb na segunda versão foi impactado novamente pela crise financeira e a liberação da segunda parcela do projeto em desenvolvimento só ocorreu após mais de um ano da requisição. Isso impactou no ritmo do projeto e no desenvolvimento de algumas das suas funcionalidades, que foram retomadas no segundo semestre de 2020, durante a pandemia do coronavírus que assolava o país.

Ainda em 2019, o ALiB teve outro projeto de pesquisa aprovado no CNPq com recursos bem reduzidos, mas que permitirá o desenvolvimento do Mapa Falante, correspondendo à terceira versão do ALiBWeb.

Na seção seguinte, descreve-se o estado atual do sistema ALiBWeb e detalha-se a estrutura do banco de dados que comporta os dados do ALiB.

#### **4 O estado atual do banco de dados e do sistema ALiBWeb**

Tecnologicamente, o ALiBWeb é um sistema inovador em âmbito internacional, visto que se utiliza de tecnologias relevantes da área de Ciência da Computação com o intuito de melhor desenvolver e publicar os dados inseridos no banco de dados do Projeto ALiB. O próprio ALiBWeb já é, pela sua própria natureza, uma contribuição tecnológica para ambas as áreas: a Dialectologia e a Ciência da Computação.

O ALiBWeb é especificado em módulos que permitem gerenciar as transcrições dos inquéritos; assim como os informantes e as suas respostas. Além dessas funcionalidades, possui módulos de auditoria, autorização e autenticação de usuários. Esse sistema foi desenvolvido em Ruby on Rails (SMART, 2016). Na fase atual, está sendo feita a validação e os ajustes nos módulos, envolvendo a interação dos usuários finais. Quanto à análise linguística e às cartas geradas pelo ALiBWeb, estas correspondem às cartas que já foram publicadas, o que indica que os testes apresentam resultado positivo.

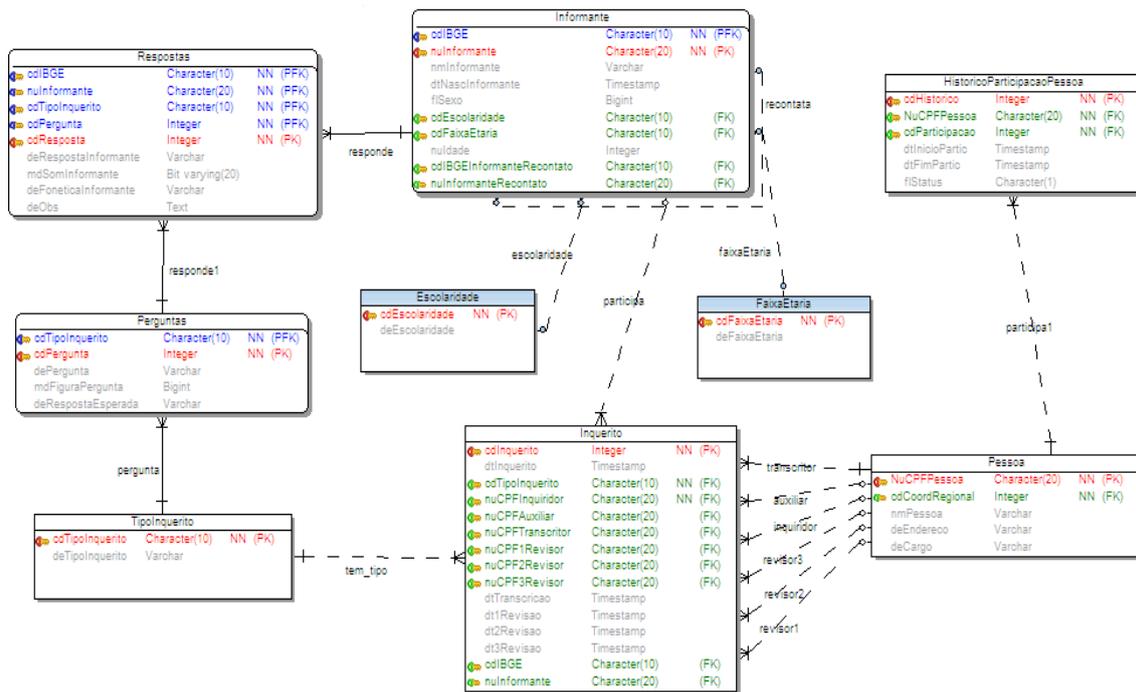
##### **4.1 O banco de dados**

O banco de dados do ALiB foi conceituado e modelado através do Modelo de Entidades e Relacionamentos (MER) (CHEN, 1990) e contém mais de 60 entidades e relacionamentos referentes ao Projeto ALiB. O mapeamento relacional foi realizado para o Sistema Gerenciador de Banco de Dados (SGBD) PostgreSQL (GONZAGA, 2007). Os dados do ALiB foram importados através de um módulo do ALiBWeb denominado Importador de Inquéritos, no qual os inquéritos transcritos em documentos no formato Word foram incluídos no sistema ALiBWeb.

A reorganização de alguns módulos culminou com uma evolução no MER do ALiB. Assim, uma nova versão do MER foi gerada através da Engenharia Reversa, ou seja, a partir do banco de dados PostgreSQL. Devido a sua grandiosidade, a última versão do MER do ALiB pode ser visualizada no endereço: <<https://drive.google.com/ALiB-MER>>.

Algumas entidades e relacionamentos do MER do ALiB foram destacados na Figura 2.

**Figura 2** – Principais entidades do MER do ALiB



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Para os interessados na área de Modelagem de Dados, dentre as principais entidades, destacam-se: *Inquérito*, *Informante*, *Pessoa*, *Respostas*, *Perguntas* e *Tipos de Questionário*. A construção de um banco de dados relacional em um Sistema Gerenciador de Banco de Dados Relacional (SGBD-R) envolve três etapas principais. A primeira delas, que é o Projeto Conceitual do banco de dados, é a criação do Modelo de Entidades e Relacionamentos (MER) com o intuito de conceber o banco de dados requerido e ter as diversas interações com o usuário. A segunda etapa, denominada de Projeto Lógico, corresponde ao mapeamento do MER para um SGBD-R específico; no caso do ALiB, o mesmo foi mapeado para o PostgreSQL. Nesse nível, as entidades do MER passam a ser mapeadas para relações e as instâncias de entidades passam a ser as tuplas<sup>4</sup>. Por fim, a terceira etapa é a criação das tabelas no banco de dados relacional com as chaves primárias (*primary keys*) e as chaves estrangeiras (*foreign keys*), garantindo a integridade referencial (ELMASRI; NAVATHE, 2019).

Realizado o mapeamento para o SGBD-R, observam-se, em vermelho, as chaves primárias de cada relação, que permitem identificar unicamente as tuplas. Em verde, as chaves estrangeiras permitem garantir a restrição de integridade referencial nas tuplas de

cada relação. E, por fim, em azul, destacam-se as chaves primárias, que também são chaves estrangeiras na relação. A cardinalidade entre cada relação no MER está mapeada em cada relacionamento binário descrito na Figura 2. As cardinalidades apresentadas são 1:1, 1:N e M:N (ELMASRI; NAVATHE, 2019). Essas cardinalidades definem qual o tipo de relacionamento e o tipo de participação que cada relação tem com o relacionamento.

Uma vez mapeado o banco de dados para o PostgreSQL (GONZAGA, 2007), iniciou-se o desenvolvimento do sistema web denominado ALiBWeb, que será detalhado na subseção seguinte.

#### 4.2 O sistema ALiBWeb

O sistema ALiBWeb possui uma área de acesso público e uma área de acesso restrito e estará, em breve, disponível gratuitamente na Internet, permitindo a geração de cartas linguísticas como produto final. As cartas são geradas por linguistas e disponibilizadas publicamente.

Através do ALiBWeb, o usuário pode selecionar os dados de que precisa utilizando filtros. Assim, ele pode selecionar os dados a partir de perguntas ou respostas aos questionários e escolher o retorno dos dados (em valores absolutos e em percentuais) por localidade, sexo, faixa etária e/ou escolaridade. É possível ainda manipular os dados realizando agrupamentos. Por exemplo, para a pergunta 202 – “Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber \_\_\_\_\_ (cf. item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 48) –, são respostas documentadas, dentre outras, *bar*, *barzinho*, *boteco* e *bodega*. O usuário pode, então, agrupar *bar* e *barzinho*, por exemplo, se for do seu interesse, como uma única lexia. O sistema então contará *bar* e *barzinho* como uma única variante em relação às demais e ajustará o total de ocorrências e os percentuais.

Nos testes do ALiBWeb, é possível documentar as respostas para a pergunta 191 – “Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 37). São respostas registradas para essa questão *ruge*, *blush* e *carmim*, como mostra a carta L26, publicada no volume 2 do *Atlas linguístico do Brasil* (CARDOSO, 2014b, p. 331), reproduzida na Figura 3, em que o vermelho é *ruge*, o azul é *blush* e o amarelo são outras variantes, dentre as quais *carmim*.

**Figura 3** – Denominações diatopicamente representativas para *ruge* – Carta L26 –

capitais de estado



Fonte: Cardoso et al. (2014b, p. 331).

Após a seleção dos dados e o retorno dos resultados numéricos, no ALiBWeb, pode-se gerar uma carta linguística, como ilustrado na Figura 4, a seguir, em que o vermelho é *ruge*, o azul é *blush* e o amarelo são outras variantes, dentre as quais *carmim*:

Figura 4 – Carta gerada pelo ALiBWeb



Fonte: Carta gerada pelas autoras no ALiBWeb.

Comparando as cartas apresentadas nas figuras 4 e 5, vê-se que os resultados são

equivalentes, ou seja, o sistema ALiBWeb reproduz fielmente as cartas já publicadas no volume 2 do ALiB, o que atesta a sua funcionalidade no que diz respeito ao acesso ao banco de dados. Além de gerar as cartas, o sistema apresenta os dados com o número de ocorrências e os percentuais de cada variante selecionada, além de permitir filtros e possíveis agrupamentos dos dados.

Além do acesso aos dados e da geração das cartas linguísticas, o usuário, desde que seja autorizado de acordo com a Política de Acesso do ALiB, pode ainda acessar a ficha do informante e outras informações, como data da realização do inquérito, inquiridores etc. Também é possível editar a legenda das cartas (cores e nomes dos agrupamentos) e escolher a ordem de colocação das esferas, se por maior frequência absoluta ou por maior número de localidades em que a forma ocorreu.

### **5 O que o futuro nos reserva?**

A equipe do Projeto ALiB reconhece as suas limitações no que tange à constituição de uma amostra nacional: (i) o número de localidades; (ii) a quantidade de informantes por localidade (oito nas capitais e quatro nas cidades do interior); (iii) as faixas etárias extremas (Faixa 1 – de 18 a 30 anos e Faixa 2 – de 50 a 65 anos); (iv) a consideração da escolaridade apenas nas capitais (no interior todos os informantes são de nível fundamental); (v) a má qualidade de alguns áudios; (vi) a má condução de algumas entrevistas; (vii) a não obtenção de algumas respostas; (viii) a necessidade de reformulação de algumas perguntas, que, hoje, implicam preconceitos.

É importante também ressaltar duas grandes dificuldades enfrentadas pela equipe do projeto: (i) a enorme extensão do país; e (ii) a falta de financiamento suficiente para a pesquisa.

Todavia as perspectivas do projeto são alentadoras. Com os ajustes que estão sendo feitos no sistema ALiBWeb, novos módulos devem ser agregados, tornando viável a incorporação dos áudios para a elaboração de mapas sonoros. Há muitas análises linguísticas em andamento que serão apresentadas nos próximos volumes que serão publicados. Os dados integrantes do banco de dados do Projeto ALiB têm servido como fonte de material para análises também na área da Fraseologia e na área da Ciência da Computação, ampliando seu escopo inicial. E, finalmente, aventa-se a possibilidade de ampliação da amostra, com a execução de novos inquéritos.

Enfim, a contribuição social do Projeto ALiB reside não só na produção da ciência

(na pesquisa de professores universitários, de estudantes de pós-graduação e de graduação) mas também na sua divulgação ao público em geral. E o sistema ALiBWeb permite o acesso e a manipulação dos dados do banco do ALiB para a geração e a visualização de cartas linguísticas com os resultados do projeto como produto, colaborando com o conhecimento e a difusão da diversidade linguística do país, rica e diversificada em usos, mas ainda pouco (re)conhecida pela sociedade extramuros das universidades brasileiras.

## 6 Considerações finais

O Projeto ALiB destaca-se pela contribuição social e pelo aporte que pode trazer ao estudo da diversidade da língua portuguesa, permitindo o conhecimento da variação espacial, explicitando as diferenças e convergências que se registram no território nacional, relacionando áreas dialetais a áreas socioculturais e oferecendo um conjunto de dados linguísticos que venham a contribuir para o conhecimento e a descrição da diversidade linguística do país e para o fornecimento de dados para o aperfeiçoamento do ensino do português.

Os volumes iniciais publicados do *Atlas linguístico do Brasil* são de fundamental importância para o entendimento da variação linguística com base na realidade da língua, de forma a eliminar preconceitos e discriminações sociais, mostrando como convivem diferenças e convergências, de acordo com as normas das diferentes comunidades, reconhecendo, porém, a validade da existência de variedades, conforme as normas das comunidades.

Além disso, os volumes 1 e 2 do atlas fornecem elementos para a construção da história da língua portuguesa no Brasil, quer pela indicação dos caminhos seguidos, quer pela natureza das opções de mudança feitas, quer pelo estabelecimento de camadas caracterizadas linguística, social e geograficamente, quer, ainda, pela referência a resultados de contato com outras línguas ou à adoção de empréstimos linguísticos. Assim, os atlas permitem a atualização de dicionários da língua portuguesa bem como auxiliam a construção de uma gramática voltada para a diversidade do português brasileiro.

Cientificamente, o banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil terá contribuições tanto para a área da Dialectologia quanto para a área da Ciência da Computação, visto que já há dissertações de mestrado e teses de doutorado sendo desenvolvidas em ambas. Espera-se que, com a informatização desse atlas, novas teses em ambas as áreas possam ser desenvolvidas, contribuindo para o crescimento da pesquisa na área de Dialectologia e, também, na área de Processamento de Linguagem Natural, especifica-

mente na Extração da Informação.

O resultado imediatamente esperado do ALiBWeb é, evidentemente, o Atlas Falante, no qual será possível a audição da voz do informante no momento em que foi inquirido, além das cartas linguísticas dinâmicas, geradas de acordo com os requisitos do usuário do ALiBWeb. O desenvolvimento do ALiBWeb tem sido longo por causa da escassez de recursos financeiros, dificultando o desenvolvimento mais rápido desse sistema. No entanto a trajetória percorrida até o presente momento revela a perseverança em desenvolver esse sistema, que possibilitará o gerenciamento de dados orais de natureza geolinguística importantes para a academia e para a sociedade em geral.

## Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina. EDUEL, 2016.
- CARDOSO, Suzana Alice et al. *Atlas linguístico do Brasil*. v. 1: Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, Suzana Alice et al. *Atlas linguístico do Brasil*. v. 2: Cartas linguísticas I. Londrina: EDUEL, 2014b.
- CHEN, Peter. *Modelagem de dados – a abordagem entidade-relacionamento*. São Paulo: Makron Books, 1990.
- COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.
- ELMASRI, Ramez; NAVATHE, Shamkant. *Sistemas de banco de dados*. 7. ed. São Paulo: Pearson Education, 2019.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- GONZAGA, Jorge Luiz. *Dominando o PostgreSQL*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2007.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice. Sobre a dialetologia no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice (Org.). *Documentos 2*. Projeto Atlas

Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS – Bulletin International de Documentation Linguistique*, Louvain, t. 1, n. 1, p. 181-184, 1952.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS – Bulletin International de Documentation Linguistique*, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

SMART, Mark. *Ruby on rails 5: web app development for beginners*. Seiten/Verlag: Createspace, 2016.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e georreferenciamento na geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX<sup>e</sup> siècle. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 1998, Bruxelles. *Actes...* Tübingen: Max Niemeyer, 2000, v. 3, p. 367-388.



Data de submissão: 29/10/2020

Data de aceite: 29/06/2021

## ESTADO DA ARTE DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DE RONDÔNIA

STATE OF THE ART OF THE PROJECT LINGUISTIC ATLAS OF RONDÔNIA

Iara Maria Teles | [Lattes](#) | [itelles18@gmail.com](mailto:itelles18@gmail.com)  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Abdelhak Razky | CNPq | [Lattes](#) | [arazky@gmail.com](mailto:arazky@gmail.com)  
Universidade de Brasília (UnB) | Universidade Federal do Pará (UFPA)

Diego Coimbra | [Lattes](#) | [diegocoimbrast@gmail.com](mailto:diegocoimbrast@gmail.com)  
Universidade Federal do Pará

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar o estado da arte do projeto Atlas Linguístico de Rondônia. O estudo segue a orientação teórico-metodológica da Dialetoologia Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996), a Sociolinguística Quantitativa (GUY; ZILLER, 2007), a perspectiva da Geossociolinguística (RAZKY, 1998) e a noção de agrupamento fonético (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019). Foram analisados 16 pontos de inquérito que compõem a rede de pontos do ALiRO (Atlas Linguístico de Rondônia). Nas localidades dos municípios do interior de Rondônia, foram entrevistados 4 informantes em cada localidade, estratificados conforme os grupos de fatores considerados nesta pesquisa, quais sejam: *faixa etária* (2 informantes de 18 a 30 anos e 2 de 50 a 65 anos) e *sexo* (2 homens e 2 mulheres). Na capital, entrevistou-se 8 informantes estratificados em *sexo* (4 homens e 4 mulheres), *faixa etária* (4 informantes de 18 a 30 anos e 4 informantes de 50 a 65 anos) e *escolaridade* (4 informantes com ensino fundamental e 4 informantes com ensino superior). No total, foram elencados 20 aspectos fonético-fonológicos variáveis no banco de dados do ALiRO, sendo 9 concernentes aos segmentos vocálicos e 11 concernentes aos segmentos consonantais. Neste estudo, foram descritas e analisadas as vogais médias anterior /e/ e posterior /o/ em posição pretônica e a consoante /S/ em coda silábica interna. Os resultados, apresentados em cartas linguísticas e em tabelas com dados quantitativos, apontam para uma variação fonética relevante do ponto de vista geossociolinguístico.

**Palavras-chave:** Variação fonética; Região Norte; Geossociolinguística; ALiRO.

**Abstract:** This paper aims to present the state of the art of the Linguistic Atlas of Rondônia's Project. The study follows the theoretical-methodological orientation of Pluridimensional Dialectology (RADTKE; THUN, 1996), Quantitative Sociolinguistics (GUY; ZILLER, 2007), Geosociolinguistic perspective (RAZKY, 1998), and the notion of Phonetic Grouping (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019). 16 geographic points that compose ALiRO's network were analyzed. In the geographic points that compose the cities of Rondônia's rural zone, 4 informants were interviewed in each point, which were stratified according to the factor groups considered in this research, namely: *age group* (two informants from 18 to 30 years old and two from 50 to 65 years old) and *sex* (two men and two women). In the capital, 8 stratified informants were interviewed according to *sex* (4 men and 4 women), *age group* (4 informants from 18 to 30 years and 4 informants from 50 to 65 years) and *schooling* (4 informants with elementary education and 4 informants with higher education). Overall, 20 phonetic-phonological aspects were listed in ALiRO's database, 9 concerning vowel segments and 11 concerning consonant segments. 2 phenomena are retained for the purpose of this paper: the middle vowels /e/ and /o/ in pre-stressed position and /S/ in internal syllabic coda position. The results, presented in 3 linguistic maps and tables, indicate relevant phonetic variation from a geosociolinguistic perspective.

**Keywords:** Phonetic Variation; North Region; Geosociolinguistics; ALiRO.

## 1 Introdução

Quando se percorrem os diversos municípios do Estado de Rondônia, constata-se, de oitiva, uma variedade de falares, o que dificulta determinar com precisão um traço linguístico único que possa caracterizar o povo rondoniense. Em virtude disso, constata-se a importância da pesquisa que resultou no desenvolvimento do Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO.

Pode-se dizer que Rondônia é um Estado cosmopolita. Qual o motivo dessa afirmação? A resposta encontra-se na história peculiar da formação de sua população. Atualmente, Rondônia conta com cerca de 1.787.279 habitantes distribuídos em 237.765,376 km<sup>2</sup>. Em seu início, a formação do Estado deveu-se a pioneiros vindos das mais diversas regiões do Brasil – sobretudo do Nordeste – e de outros países (Líbano, França, Grã-Bretanha, Estados Unidos da América, Caribe, Espanha e países provenientes do continente africano, entre outros), atraídos por diversas razões, quais sejam: cons-

trução da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – EFMM, extração da borracha, garimpo e agropecuária.

Como ainda é relativamente inexistente uma pesquisa sobre o falar de Rondônia, o ALiRO descreve os diversos falares desse Estado, considerando as influências dos diferentes grupos que vieram a constituir-lo para responder à pergunta: será que se pode dizer que o Estado de Rondônia já possui um falar próprio ou ele ainda está surgindo com a população mais jovem? Essa pesquisa vem, assim, contribuir para o desenvolvimento dos estudos geossociolinguísticos no panorama brasileiro, sobretudo com a influência do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

Dessa forma, a importância do ALiRO, além do valor linguístico da descrição e análise dos aspectos fonéticos e geossociolinguísticos dos falares rondonienses, da discussão da variação inter e intradialetal e mudança linguística e da possibilidade de se realizar, a longo prazo, uma experiência de cooperação entre diferentes pesquisadores e diferentes instituições, reside, sobretudo, na contribuição para a documentação e constituição de um banco de dados dos falares rondonienses como acervo linguístico do Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia – CEPLA – da Universidade Federal de Rondônia, *Campus* de Guajará-Mirim.

Para falar da população do Estado de Rondônia, em relação à questão étnica, ela é semelhante ao restante do país, pois é formada por brancos, negros e índios. No entanto, devido à grande imigração e migração durante os ciclos de produção econômica, diversos povos dessas etnias deram sua contribuição para a sociedade rondoniense, cuja identidade regional ainda está em formação (AMARAL, 2012).

Como dito anteriormente, Rondônia é um Estado cosmopolita, uma mistura de várias culturas, de tal sorte que ainda não há nenhum traço cultural prevalecendo sobre outro por causa das intensas e constantes ondas de migração.

As influências sobre o vocabulário também são variadas: no Amazonas nota-se a produtividade de *arengar* (brigar), *banho* (balneário); no Pará, a expressão *Éraste!* (acompanha os sinônimos de *Égua!*), tu *alopra* (apela) e *acocar* (abaixar); no Nordeste, observa-se a produtividade de *abestado* (*abobalhado, doido, leso, distraído*), *acochado* (apertado), *alesado* (*abobalhado, distraído*); o *guri*, muito presente no falar gaúcho é bastante empregado em algumas cidades, e, em outras, o *piá* paranaense. Entre os jovens, é usado o *piseiro*, gíria local com o sentido de *festa, bagunça*, mas também encontramos *barca* (festa jovem) (AMARAL, 2012).

Portanto, este artigo tem por objetivo demonstrar a inserção do ALiRO teórico-metodologicamente na Dialectologia moderna demonstrando empiricamente os resul-

tados alcançados por meio de uma amostra analítico-descritiva de três aspectos fonético-fonológicos, quais sejam: /S/ em coda silábica interna, vogal média anterior /e/ em posição pretônica e vogal média posterior /o/ em posição pretônica.

## **2 A fase moderna da Geolinguística brasileira**

O Projeto ALiRO nasceu em 2006, aproveitando avanços teórico-metodológicos da Dialectologia Moderna (CARDOSO, 2010), dos aportes da abordagem Geossociolinguística iniciada no Norte do Brasil (RAZKY, 1998; 2004; 2010) e dos aportes de estudos sobre a Dialectologia Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996).

A nível macrorregional, pode-se afirmar que o marco basilar dos avanços teóricos da Dialectologia brasileira se concretizou com o início, em 1996, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. O projeto ALiB marca, segundo Mota e Cardoso (2006), a quarta fase dos estudos dialetais no Brasil, que alia os avanços teóricos na dialectologia tradicional herdada da Europa e da vertente norte-americana da sociolinguística, a qual já tinha uma produção sólida no Brasil dos anos 90.

O Projeto ALiB constituiu uma metodologia rígida de recolha de dados, a qual exerceu influência sobre grande parte dos estudos dialetais que o sucederam. A exemplo disso, têm-se os atlas regionais, bem como teses, dissertações e artigos que seguiram a mesma linha de investigação. A metodologia do ALiB, que foi aplicada em diferentes projetos de atlas linguísticos, permite que sejam elaborados estudos comparativos entre esses atlas, a fim de estabelecer características interdialetais entre diferentes espaços geográficos (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019, p. 4).

A importância teórico-metodológica do ALiB e de outros projetos em curso na época de seu lançamento demonstraram a relevância de uma descrição linguística que busca analisar o aspecto horizontal (diatópico) e o aspecto vertical (social no sentido mais amplo do termo). Nessa mesma época, os estudos dialetais do Norte investigavam as relações íntimas entre o local e o social, entre o quantitativo e o qualitativo, entre as técnicas sociolinguísticas e as técnicas geolinguísticas. O projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará, por exemplo (RAZKY, 1997), seguia a orientação geossociolinguística (RAZKY, 1998) para melhor entender a microvariação e macrovariação linguística em 51 localidades do Estado do Pará, levando em consideração o espaço físico e social na descrição dos fenômenos linguísticos. Um dos frutos desse movimento foi o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (RAZKY, 2004).

A abordagem geossociolinguística, como outras denominações presentes nessa quarta fase da Dialetoologia brasileira moderna, trouxe à tona resultados que permitiram melhor entender a variação linguística no Brasil e revisar dados geolinguísticos pautados em metodologias monodimensionais e bidimensionais que deixavam do lado a investigação representativa socialmente de microespaços geográficos.

Os estudos sociolinguísticos no Brasil que se dedicam a espaços muito limitados, como a descrição de uma cidade, muitas vezes acabam generalizando ou induzindo generalizações de seus resultados a espaços vizinhos, criando dialetos imaginários, enquanto a variação linguística está sujeita a muitas variáveis e que a variável geográfica tem um peso muito importante. Outros estudos, por terem como objetivos grandes espaços geográficos e uma amostragem reduzida, também podem deixar do lado a riqueza que uma boa estratificação social pode produzir. É neste sentido que defendemos a abordagem geo-sociolinguística. (RAZKY, 2010, p. 12, tradução nossa)<sup>1</sup>

A dialetologia brasileira, em sua forma moderna, ganhou com a implementação de tecnologias de cartografia que marcaram a confecção de cartas linguísticas em diferentes fases e acompanharam o rumo do desenvolvimento teórico da dialetologia brasileira.

De acordo com Razky e Cruz (2020), as técnicas de mapeamento do primeiro atlas linguístico regional do Brasil, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI et al., 1963), por exemplo, constituíram um trabalho exclusivamente manual. Embora tenha sido elaborado com alto rigor científico, com metodologias de cartografia linguística monodimensionais, todas as suas cartas foram confeccionadas manualmente seguindo o que era atual na época. Por outro lado, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (KOCK et al., 2002) usou um conjunto de programas computacionais que facilitaram a criação de mapas baseados em um banco de dados definido de acordo com uma metodologia específica, desenvolvida para o próprio ALERS.

Uma etapa importante nas metodologias de cartografia no Brasil foi alcançada com o desenvolvimento do programa de mapeamento linguístico SPDGL (VIEIRA, 1996). Esse empreendimento de grande porte na história da Dialetoologia brasileira ficou limi-

---

<sup>1</sup> “Les études sociolinguistiques au Brésil qui se sont consacrées à des espaces très limités, comme la description d’une ville finissent souvent par généraliser ou induire à des généralisations de leurs résultats aux espaces voisins créant ainsi des dialectes imaginaires, alors que la variation linguistique est sujette à beaucoup de variables et que la variable géographique a un poids très important. D’autres études, pour avoir comme objectifs des espaces géographiques étendus et un échantillonnage réduit peuvent aussi laisser de côté la richesse qu’une bonne stratification sociale peut produire. C’est dans ce sens que nous défendons la démarche géo-sociolinguistique.”

tado, no entanto, a uma metodologia dialetológica ligada a uma estratificação social limitada, o que não respondia às exigências da dialetologia urbana, a qual se inspirou nos métodos da Geolinguística multidimensional que, por sua vez, integra uma estratificação mais complexa do ponto de vista da seleção estratificada dos informantes, das localidades e dos tipos de entrevistas, para a confecção de relatórios e cartas linguísticas que permitem visualizar diferentes dimensões de análise.

Um desenvolvimento nas técnicas de cartografia computadorizada no Brasil foi alcançado com a publicação do Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA (RAZKY, 2004). O projeto ALiSPA, realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e da Universidade Federal do Pará – UFPA, constitui a primeira experiência de construção de um atlas linguístico digital no Brasil. Em sua versão atual, a coleta de dados consiste apenas na aplicação de questionários e atém-se somente à variação fonética presente no Estado do Pará. É um programa realizado para um objetivo específico, mas que apresenta um desenvolvimento importante na área de dialetologia urbana, visto que consegue mapear dados estratificados socialmente. O programa reúne amostras da fala de 40 (quarenta) informantes nativos de dez cidades paraenses e permite gerar 600 cartas fonéticas automaticamente, disponibilizar em frequência absoluta a variação fonética, representar acusticamente todo o banco de dados fonéticos existente, gerar cartas estratificadas a partir da pesquisa do usuário e, por fim, possibilita ao usuário ouvir o áudio dos itens do Questionário Fonético-Fonológico – QFF com as realizações dos informantes. No entanto, o ALiSPA só atendia aos objetivos do ALiSPA e só permitia gerar dados para outros projetos mediante configurações especiais do *software*.

A primeira versão experimental de um programa de cartografia geossociolinguístico foi a maquete Geoling, que iniciou em 2004 e foi desenvolvida em 2012 como protótipo experimental (RAZKY; CRUZ, 2020), que não chegou a ser registrado como *software* a ser usado fora da UFPA por falta de parceria com o setor de informática.

Em 2014, uma proposta importante de *software* foi alcançada graças ao esforço coletivo de três pesquisadores que desenvolveram o programa SGVCLin (ROMANO et al., 2014). O SGVCLin conseguiu alcançar, com certa rapidez e eficácia, o sucesso no meio geolinguístico brasileiro ao permitir, em um ambiente orientado para objetos (*object-oriented*), gerenciar bancos de dados geolinguísticos e cartografar dados diatópicos

e sociais. Em sua versão atual, o programa não gerencia, no entanto, dados sonoros para tornar a cartografia mais dinâmica no sentido de permitir ao usuário ouvir os dados transcritos e cartografados.

Um avanço notável da Dialetologia está ligado à integração da descrição dialetométrica de dados geolinguísticos (SÉGUY, 1973). A Dialetometria, que até então era bastante divulgada e usada em diferentes partes da Europa, começou a ser aplicada a bancos de dados de atlas publicados no Brasil, como é o caso do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994) e o Atlas Linguístico do Paraná II (ALTINO, 2012). No entanto, há ainda um espaço a ser preenchido entre uma descrição puramente estatística na geração de cartas linguísticas e uma descrição de cartas geradas a partir de uma análise exploratória dos dados envolvendo diferentes camadas estatísticas que representam o detalhe dentro do geral. Trata-se de uma perspectiva que não faz abstração do que parece pouco relevante diante de cálculo puramente estatístico. Os dados geossociolinguísticos na dimensão multifatorial permitem comparações mais representativas dos nano e micro agrupamentos espaciais de variantes linguísticas que algumas interpretações estatísticas rápidas podem negligenciar.

O Projeto ALiRO segue essa visão geossociolinguística e pretende disponibilizar um acervo sonoro de cada carta fonética gerada e uma análise de cartas em espaços menores que exigem uma análise geográfica em nanoagrupamentos, microagrupamentos, macroagrupamentos e supra-agrupamentos (RAZKY et al., 2018, 2019). Neste sentido, o ALiRO segue as técnicas adotadas no ALISPA (2004) e o modelo de cartografia em pizzas e histogramas usado no ALiB. Além disso o ALiRO pretende disponibilizar uma versão falante do Atlas.

### **3 A Metodologia Geossociolinguística do ALiRO**

O corpus para a análise linguística e elaboração do ALiRO foi constituído por meio de pesquisa direta nos Pontos de Inquérito (PI) com a aplicação dos três questionários do ALiB (Comitê Nacional, 2001), a saber: a) Questionário Fonético-Fonológico (QFF); b) Questionário Semântico-Lexical (QSL); c) Questionário Morfosintático (QMS), além de questões de prosódia, pragmática, metalinguísticas e das que propõem discursos semidirigidos.

Para a seleção dos informantes, foram observadas as variáveis definidas pelo Comitê

Nacional do ALiB (2001): questão espacial, faixa etária, sexo e escolaridade, tendo em vista trabalhos comparativos posteriores.

O perfil dos informantes foi assim definido segundo os seguintes critérios extralinguísticos:

- a) **sexo:** os informantes foram distribuídos em dois grupos: masculino e feminino. Na capital do Estado, foram 8 informantes (quatro homens e quatro mulheres), e 04 informantes (dois homens e duas mulheres) em cada localidade do interior do Estado;
- b) **faixa etária:** foram situados em duas faixas etárias: 1ª faixa etária de informantes entre 18 e 30 anos e a 2ª faixa etária de participantes com idade entre 50 e 65 anos;
- c) **nível de escolaridade e profissão:** todos alfabetizados, tendo cursado, no máximo, o ensino fundamental, com uma profissão definida inserida no contexto social local; somente na capital é que, além dos quatro informantes com ensino fundamental, foram inquiridos mais quatro, com ensino superior;
- d) **naturalidade:** todos são naturais da localidade pesquisada e filhos de pais também nascidos na região.

No entanto, não só pela história da formação da população de Rondônia, mas também por ser um Estado que possui apenas dois municípios cuja criação se deu antes dos anos 1940, Porto Velho e Guajará-Mirim, foi impossível encontrar informantes em todos os pontos de inquérito que se enquadrassem no perfil delineado. Assim, pelas características de sua criação e formação de sua população, o ALiRO é um atlas que integra o contínuo topodinâmico da história do Estado dentro de uma preocupação topoestática do banco de dados.

A fim de se obter uma amostra representativa dos “falares” rondonienses para efeito da pesquisa do ALiRO, foi adotada a divisão do Estado em três regiões: Região Norte, Vale do Guaporé-Mamoré e Cone Sul, considerando três fatores:

1. os Rios Madeira e Guaporé-Mamoré;
2. duas mesorregiões: do Madeira-Mamoré e do Leste Rondoniense;
3. as influências recebidas de imigrantes e migrantes na colonização de Rondônia de acordo com Silva (1984), o que foi constatado pelas análises dos dados da pesquisa.

Selecionaram-se dezesseis pontos de inquéritos (PI), doze municípios e quatro distritos, dentre os cinquenta e dois municípios do Estado, conforme o Quadro 1.

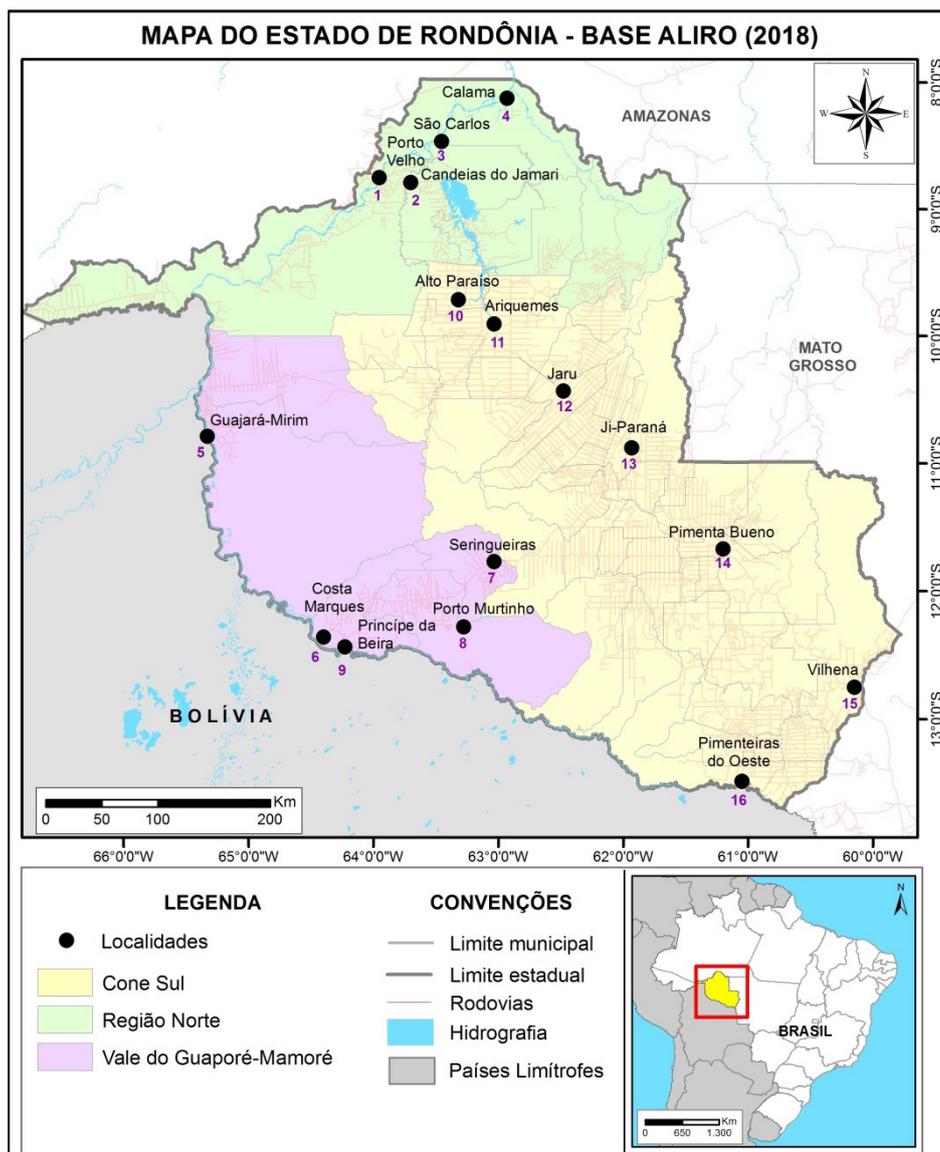
**Quadro 1** – Localidades investigadas

MICRORREGIÕES	NUMERAÇÃO	MUNICÍPIO
Norte	01	Porto Velho
	02	Candeias
	03	São Carlos (distrito)
	04	Calama (distrito)
Vale do Guaporé-Mamoré	05	Guajará-Mirim
	06	Costa Marques
	07	Seringueiras
	08	Porto Murtinho (distrito)
	09	Forte Príncipe da Beira (distrito)
Cone Sul	10	Alto Paraíso
	11	Ariquemes
	12	Jaru
	13	Ji-Paraná
	14	Pimenta Bueno
	15	Vilhena
	16	Pimenteiras

Fonte: Razky, Telles e Coimbra (2019, p. 7).

A Figura 1 da primeira carta base do ALiRO mostra as 16 localidades distribuídas pelas 3 mesorregiões<sup>2</sup> do Estado de Rondônia.

**Figura 1** – Localização geográfica dos pontos de inquérito



Fonte: IBGE/Documentação própria do ALiRO.

#### 4 Amostra de análise cartográfica de dados fonéticos do ALiRO

Dentre a amplitude dos fenômenos fonético-fonológicos do ALiRO, destacaram-se neste artigo três fenômenos, quais sejam: /S/ pós-vocálico, vogal média pretônica /e/ e vogal média pretônica /o/. A escolha por esses aspectos fonético-fonológicos se dá em virtude da produtividade variacionista que esses fenômenos apresentaram na análise dos dados do ALiRO.

##### 4.1 A variação do /S/ pós-vocálico

Nesta seção, buscou-se analisar as realizações de /S/ em posição de coda silábi-

ca interna e externa, na tentativa de verificar quais variantes predominam no falar de Rondônia. Desse modo, identificaram-se duas variantes, a saber: fricativa alveolar [s] e fricativa pós-alveolar [ʃ]<sup>3</sup>.

Para se chegar aos resultados analisados nesta seção, analisaram-se vinte e um itens lexicais para as realizações de /S/ em coda silábica interna e externa, a saber: (009) *Luz*, (015) *Fósforo*, (021) *Arroz*, (031) *Casca*, (063) *Três*, (064) *Dez*, (067) *Estrada*, (069) *Desvio*, (084) *Escola*, (086) *Giz*, (088) *Rasgar*, (102) *Questão*, (113) *Pescoço*, (120) *Costas*, (124) *Caspa*, (126) *Desmaio*, (137) *Voz*, (155) *Paz*, (156) *Mesma*, (157) *Hóspede* e (158) *Esquerdo*. No total, foram analisados 1290 dados referentes ao /S/ em posição de coda silábica interna e externa. O Quadro 2 abaixo exemplifica as ocorrências do referido aspecto fonético-fonológico.

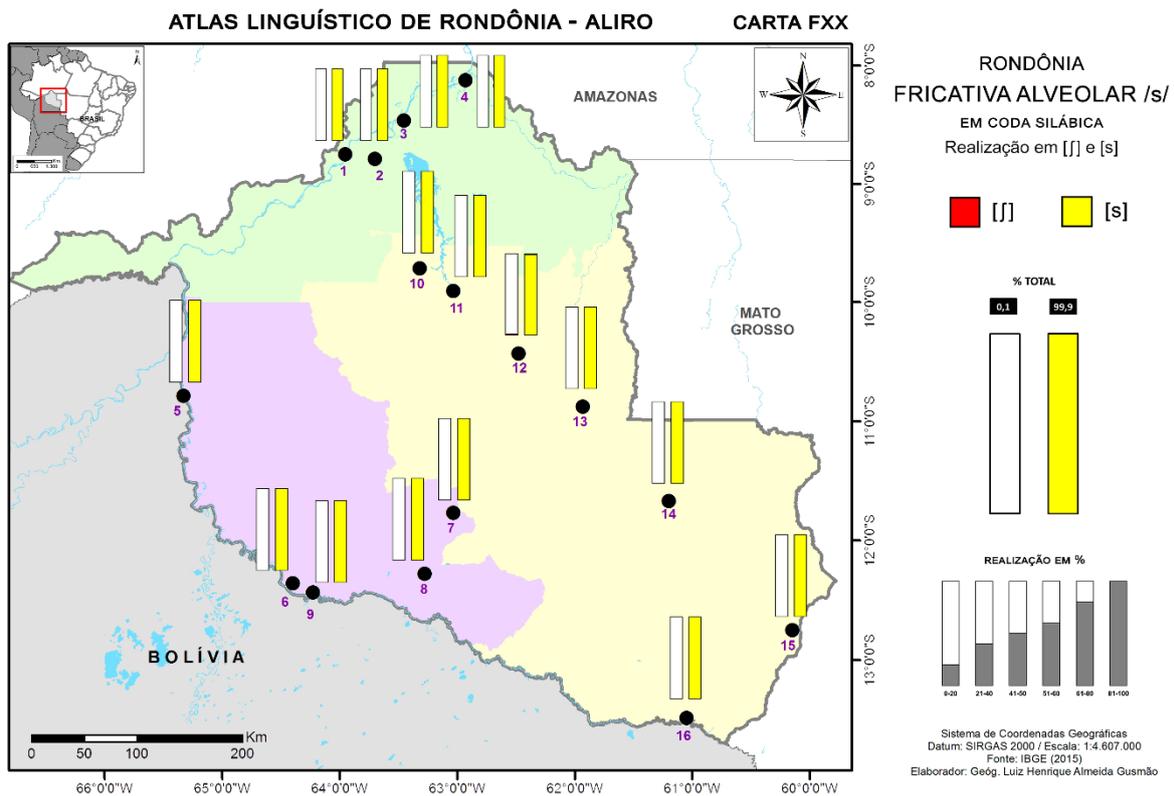
**Quadro 2** – Amostra ilustrativa das realizações de /S/ em coda silábica interna e externa

Amostra ilustrativa das REALIZAÇÕES DE /S/ EM CODA SILÁBICA			
Nº	ITEM	[s]	[ʃ]
009	Luz	[ˈlujs]	–
063	Três	[ˈtrejs]	–
120	Costas	[ˈkɔstɐ]	[ˈkɔʃtɐ]
124	Caspa	[ˈkaspɐ]	–
126	Desmaio	[dezˈmajɔ]	–

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Os dados analisados acerca do /S/ em posição de coda silábica interna e externa, como mostra a *Figura 2*, demonstraram índices quase categóricos para a variante fricativa alveolar. Todavia, embora não haja variação significativa quanto a esse aspecto fonético-fonológico no falar de Rondônia, a comparação desse resultado com os dados dos demais atlas linguísticos dos estados da Região Norte mostra um contínuo dialetal que ultrapassa os limites geopolíticos das fronteiras dos estados do Pará, Amazonas e Rondônia.

**Figura 2** – Carta diatópica do /S/ em coda silábica interna e externa (localidades)



Fonte: Banco de dados do projeto ALiRO.

Faz-se importante destacar que a ocorrência de fricativa pós-alveolar na fala de Rondônia ocorreu apenas no item *costas*, sendo realizado, portanto, como [ˈkɔʃtɐ]. Hora e Monaretto (2003) e Hora e Henrique (2016) demonstraram que, na fala de João Pessoa, a predominância de realização é da fricativa alveolar [s], no entanto houve ocorrência de fricativa pós-alveolar [ʃ] em um condicionamento fonológico específico: quando a consoante fricativa alveolar /s/ está diante das consoantes coronais /t, d, n/ – ocorrendo, portanto, em posição de coda silábica interna –, a fricativa alveolar passa a ser realizada como fricativa pós-alveolar [ʃ]. Hora e Monaretto (2003) explicam esse fenômeno a partir do processo de dissimilação, isto é, a fricativa alveolar /s/ possui os traços [+coronal, +anterior], bem como as coronais /t, d, n/, desse modo, o fonema /s/ sofre dissimilação para um fonema articulatoriamente próximo e que não viole o molde silábico da língua portuguesa<sup>4</sup>, realizando-se, portanto, como [ʃ], o qual possui também o traço [+coronal],

<sup>4</sup> Em língua portuguesa, as consoantes que podem ser realizadas em posição de coda silábica se limitam aos fones [s, z, ʃ, ʒ, r, l, x, ɣ], portanto a consoante que mais se aproxima de /s/ e que pode ser realizada como alofone em posição de coda silábica em língua portuguesa é a fricativa pós-alveolar [ʃ].

porém difere-se de /s, t, d, n/ por possuir o traço [-anterior].

Embora a ocorrência da fricativa pós-alveolar no item lexical *costas* possa ser explicada pelo processo de dissimilação, os dados analisados para /S/ em posição de coda silábica interna e externa mostraram que o fator diatópico é mais forte que os condicionamentos fonológicos e, dessa forma, a não-palatalização ou *manutenção* de /S/, no Estado de Rondônia, é um aspecto gramaticalizado no português falado no Estado.

#### 4.2 Variação da vogal média /e/

A análise de dados apontou a presença de três variantes envolvendo a vogal média /e/ em posição pretônica: o *alçamento* (/e/ > [i]), o *abaixamento* (/e/ > [ɛ]) e a *manutenção*<sup>5</sup> em [e].

Para se chegar aos resultados obtidos nesta seção, analisaram-se vinte e um itens lexicais para as realizações de /e/ pretônico, a saber: (002) *Terreno*, (003) *Prateleira*, (004) *Televisão*, (006) *Tesoura*, (008) *Travesseiro*, (011) *Elétrico*, (027) *Fervendo*, (049) *Elefante*, (067) *Estrada*, (069) *Desvio*, (074) *Seguro*, (081) *Emprego*, (084) *Escola*, (106) *Mentira*, (110) *Perdão*, (123) *Ferida*, (126) *Desmaio*, (144) *Perfume*, (150) *Perdida*, (152) *Perguntar* e (158) *Esquerdo*. No total, foram analisados 1341 dados referentes à vogal média /e/ em contexto pretônico. O *Quadro 3* abaixo exemplifica as ocorrências das três variantes encontradas para essa vogal.

**Quadro 3** – Amostra ilustrativa das realizações da vogal média /e/ pretônica

Amostra ilustrativa das REALIZAÇÕES DA VOGAL MÉDIA /e/ PRETÔNICA				
Nº	ITEM	Abaixamento	Alçamento	Manutenção
02	Terreno	[te'hẽno]	–	[te'hẽno]
04	Televisão	[televi'sãw]	–	[televi'sãw]
06	Tesoura	–	[ʃi'zore]	[te'sore]
08	Travesseiro	–	[travi'sero]	[trave'sero]
011	Elétrico	[ɛ'letriko]	–	[e'letriko]
067	Estrada	–	[is'tradɛ]	[es'tradɛ]

<sup>5</sup> Considera-se, neste estudo, *manutenção* como sendo a forma invariável da vogal média anterior /e/ em posição pretônica, isto é, a vogal média-alta [e].

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

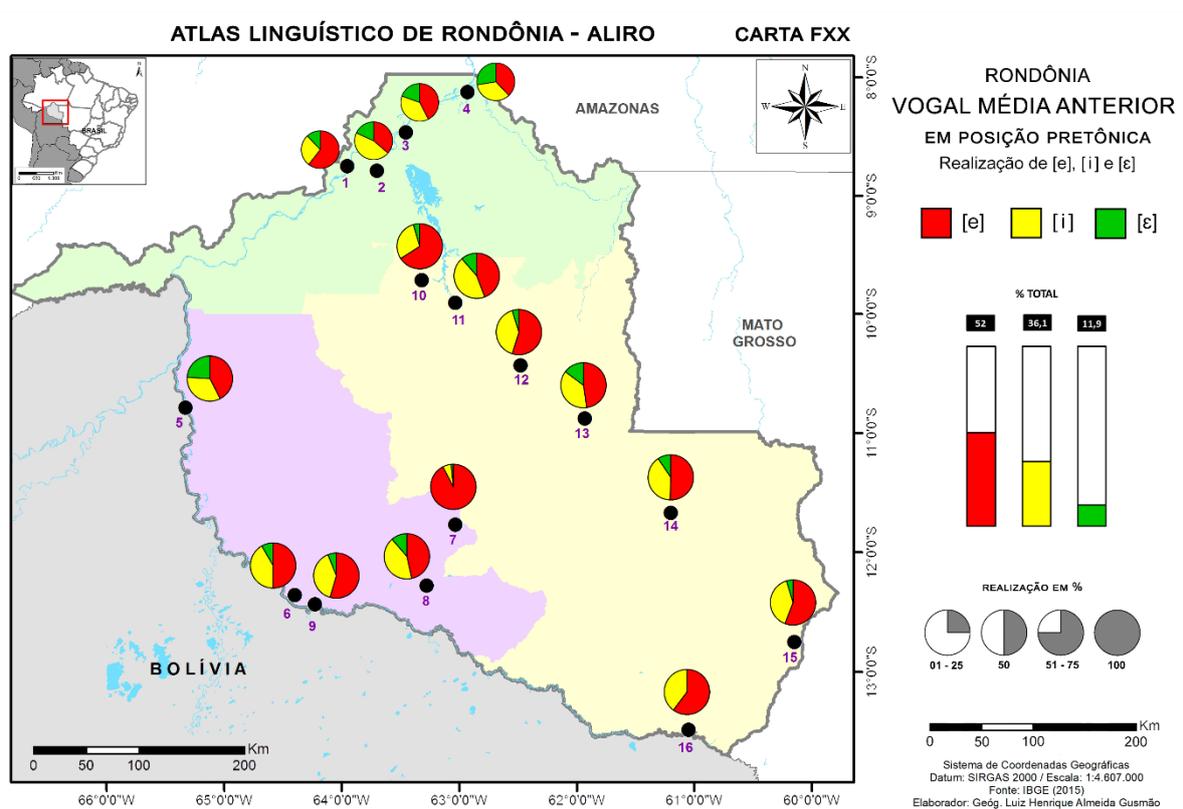
Os resultados apontam a dimensão diatópica como fator importante para o uso de cada variante, demonstrando uma concentração maior de cada uma dessas variantes em uma das microrregiões elencadas para este estudo. Ademais, dentre os fatores diatráticos, apenas o fator diageracional apresentou influência relativamente significativa, apontando o *abaixamento* de /e/ como mais recorrente na fala dos informantes de segunda faixa etária. Observou-se, ainda, que os informantes mais jovens tendem a manter invariável a vogal /e/ em posição pretônica. Dentre os contextos fonológicos analisados, a altura e posterioridade da vogal tônica e o contexto fonológico posterior e anterior da vogal pretônica se mostraram significativos para a realização dos processos fonológicos da vogal em análise.

Em Rondônia, como mostra a Figura 3, há uma maior tendência de *manutenção* da vogal média anterior em posição pretônica (52%). No entanto, o índice de *alçamento* dessa vogal constitui uma realização relativamente significativa no território rondoniense (36,1%). Percebe-se também que, apesar da baixa frequência total (11,9%), o *abaixamento* da vogal se fez presente em quase todas as localidades estudadas, só não ocorrendo no PI-16. Nesse contexto estadual, as 3 variantes constituem um macroagrupamento para cada variante<sup>6</sup> que cobre todo o espaço de Rondônia, com exceção da vogal baixa que não é registrada em PI-16-Pimenteiras. Esses macroagrupamentos exigem, no entanto, uma análise mais fina para melhor categorizar o impacto de cada variante do ponto de vista de sua frequência.

---

<sup>6</sup> Razky, Teles e Coimbra (2019) elaboraram um estudo com o *corpus* do ALiRO referente à vogal média anterior /e/ em posição pretônica em que traçaram cartograficamente a distribuição das variantes dessa vogal, identificando macroagrupamentos (Ma1, Ma2 e Ma3), microagrupamentos (Mi1 e Mi2) e um nanoagrupamento (Nano1), demonstrando, por meio de cartas de agrupamento fonético, a distribuição heterogênea da variação da vogal média /e/ em posição pretônica.

**Figura 3** – Carta diatópica da vogal média anterior em posição pretônica (localidades)



Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

O fator diasssexual, como a Tabela 1 evidencia, não exerceu influência quanto à escolha das variantes da vogal média anterior, apresentando frequências muito similares tanto entre os informantes do sexo masculino quanto entre as informantes do sexo feminino.

**Tabela 1** – Percentual da vogal média anterior em posição pretônica (sexo)

Sexo	Abaixamento		Alçamento		Manutenção	
	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%
Masculino	83/670	12,4	246/670	36,7	341/670	50,9
Feminino	76/671	11,3	239/671	35,6	356/671	53,1
Total	159/1341	11,9	485/1341	36,2	697/1341	52

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Na Tabela 2, encontram-se as ocorrências e percentuais de ambas as faixas etárias. Pode-se notar que a segunda faixa etária tende a realizar com mais frequência o *abaixamento* (15,9%) e o *alçamento* (40,6%) da vogal pretônica anterior. Percebe-se, ainda, que a primeira faixa etária foi a que mais manteve a vogal invariável, atingindo 58,5% de frequência de *manutenção*.

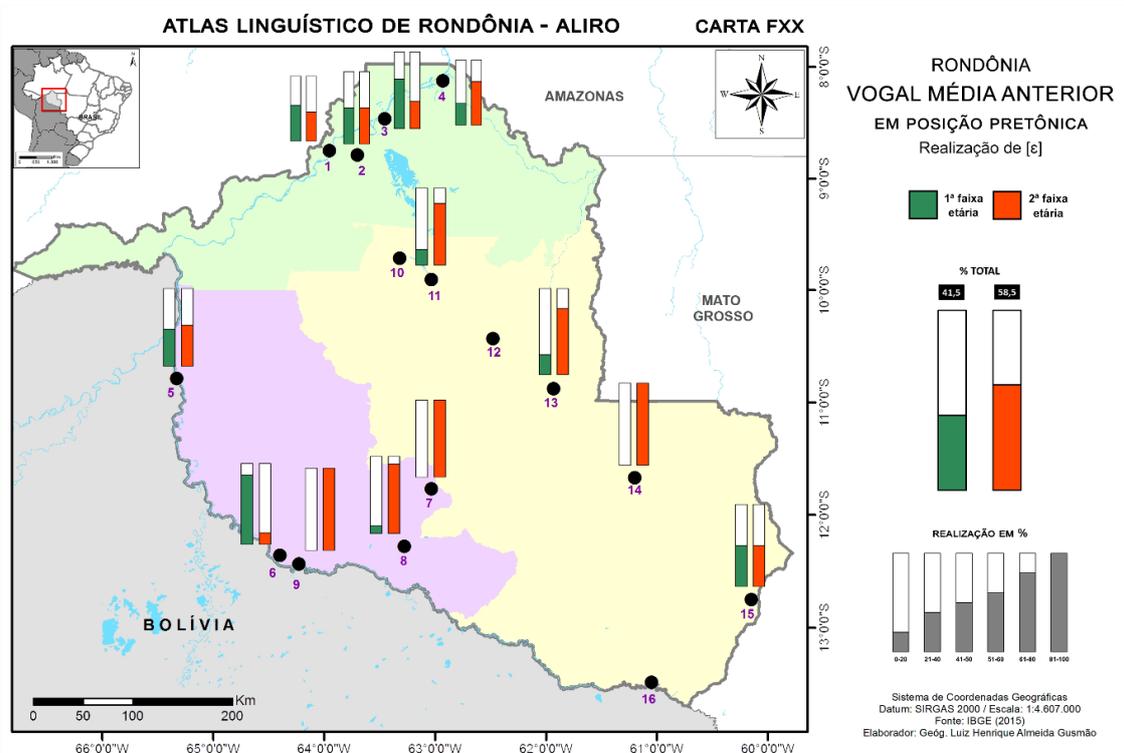
**Tabela 2** – Percentual da vogal média anterior em posição pretônica (faixa etária)

Faixa etária	Abaixamento		Alçamento		Manutenção	
	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%
1ª	66/737	9	240/737	32,6	431/737	58,5
2ª	93/604	15,4	245/604	40,6	266/604	44
<b>Total</b>	<b>159/1341</b>	<b>11,9</b>	<b>485/1341</b>	<b>36,2</b>	<b>697/1341</b>	<b>52</b>

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

A Figura 4 demonstra que a distribuição do *abaixamento* entre os municípios, no que diz respeito às faixas etárias, é heterogênea, embora o percentual total, tanto para a primeira faixa etária (41,5%) quanto para a segunda faixa etária (58,5%), não tenham sido substancialmente díspares. Dessa forma, constatou-se frequência categórica em PI-07-Seringueiras, PI-09 – Forte Príncipe da Beira e PI-14-Pimenta Bueno, embora tenha sido possível verificar que, dentre as microrregiões, o Vale do Guaporé-Mamoré e o Cone Sul possuem frequência muito elevada de *abaixamento*, diferentemente da Região Norte, que apresentou frequência mais equilibrada entre a primeira e a segunda faixa etária.

**Figura 4** – Carta diageracional do *abaixamento* da vogal média anterior em posição pretônica



Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

### 4.3 Variação da vogal média pretônica /o/

A análise de dados apontou a presença de duas variantes envolvendo a vogal média pretônica /o/: o *alçamento* (/o/ > [u]) e a *manutenção*<sup>7</sup> em [o].

Para se chegar aos resultados analisados nesta seção, analisaram-se seis itens lexicais para as realizações de /o/ pretônico, a saber: (022) *Gordura*, (025) *Colher*, (037) *Bonito*, (122) *Joelho*, (148) *Dormindo* e (149) *Assobio*. No total, foram analisados 368 dados referentes à vogal média /o/ em contexto pretônico. O Quadro 4 abaixo exemplifica as ocorrências das duas variantes encontradas para essa vogal.

**Quadro 4** – Realizações da vogal média /o/ pretônica

REALIZAÇÕES DA VOGAL MÉDIA /o/ PRETÔNICA			
Nº	ITEM	Alçamento	Manutenção
022	Gordura	[guh'dʊrɐ]	[goh'dʊrɐ]
025	Colher	[ku'λɛ]	[ko'λɛ]
037	Bonito	[bu'nitʊ]	[bo'nitʊ]
122	Joelho	[ʒu'eλʊ]	[ʒo'eλʊ]
148	Dormindo	[duh'mĩdʊ]	[duh'mĩdʊ]
149	Assobio	[asu'biw]	[aso'viw]

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Os resultados apontaram a dimensão diatópica como fator relevante uma vez que há agrupamentos fonéticos em diferentes níveis no Estado (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019).

Dentre os contextos fonológicos, a altura da vogal tônica, o peso silábico e o contexto fonológico posterior e anterior da vogal pretônica se mostraram significativos para o processo de *alçamento* da vogal em análise.

A variável diasssexual, assim como na vogal média anterior, não demonstrou ser determinante para a escolha das variantes encontradas. Todavia, como se nota na Tabela 3, os informantes do sexo masculino parecem optar, com maior frequência, pelo *alçamento* (56,8%) da vogal posterior em posição pretônica. As informantes do sexo feminino, por sua vez, conservam, com maior frequência, a vogal invariável (48,6%).

**Tabela 3** – Percentual da vogal média posterior em posição pretônica (sexo)

Sexo	Alçamento		Manutenção	
	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%
Masculino	105/185	56,8	80/185	43,2
Feminino	94/183	51,4	89/183	48,6
<b>Total</b>	<b>199/368</b>	<b>54,1</b>	<b>169/368</b>	<b>45,9</b>

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Para a variável diageracional, como mostra a Tabela 4, o índice de *manutenção* da vogal média posterior em posição pretônica foi mais frequente entre os informantes mais jovens (55,4%), ao passo que o *alçamento* dessa vogal foi mais recorrente na fala dos informantes de segunda faixa etária (65,7%).

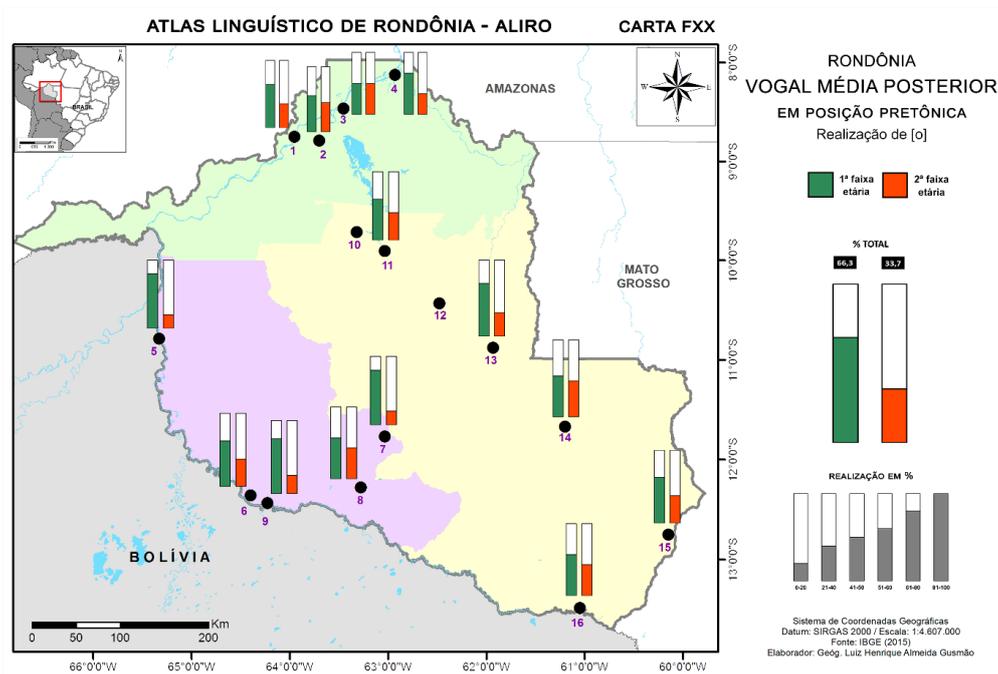
**Tabela 4** – Percentual da vogal média posterior em posição pretônica (faixa etária)

Faixa etária	Alçamento		Manutenção	
	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%
1ª	90/202	44,6	112/202	55,4
2ª	109/166	65,7	57/166	34,3
<b>Total</b>	<b>199/368</b>	<b>54,1</b>	<b>169/368</b>	<b>45,9</b>

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

A Figura 5 demonstra que a *manutenção* da vogal média posterior foi predominante em todo o território rondoniense (66,3%) para a primeira faixa etária, com exceção do PI-03-São Carlos, em que a frequência de [o] foi igual para ambas as faixas etárias.

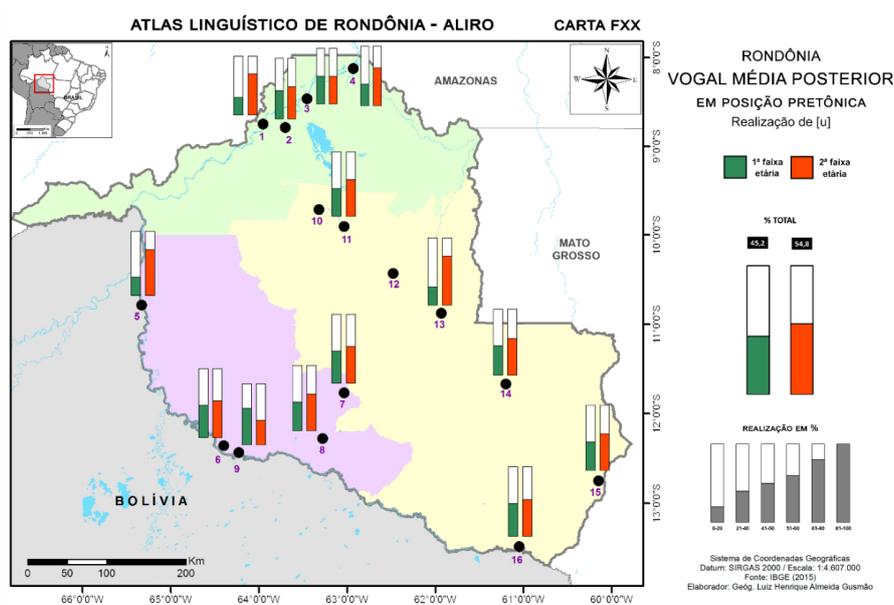
Figura 5 – Carta diageracional da *manutenção* da vogal média posterior em posição pretônica



Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Diferentemente da *manutenção*, o *alçamento* foi mais recorrente entre os informantes mais velhos (54,8%). Como mostra a Figura 6, o *alçamento* foi predominante em todas as localidades estudadas com exceção do PI-09-Forte Príncipe da Beira e PI-03-São Carlos.

Figura 6 – Carta diageracional do *alçamento* da vogal média posterior em posição pretônica



Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

### **Considerações finais**

Este artigo se propôs mostrar o estado da arte do projeto Atlas Linguístico de Rondônia, utilizando amostras de segmentos consonantais e vocálicos que foram analisadas com base no *corpus* levantado para a elaboração do referido atlas. Pode-se constatar que o ALiRO se insere na perspectiva geossociolinguística da Dialectologia moderna. Ademais, ressalta-se que o ALiRO contribui, primeiramente, como um acervo documental para a variação fonética no território rondoniense, uma vez que metodologicamente sua rede de pontos foi escolhida em pontos de inquéritos estratégicos, que puderam representar significativamente a variação fonética no Estado de Rondônia. Soma-se a isso a possibilidade, após sua publicação, de se elaborar estudos comparativos voltados para a variação linguística em Rondônia e seus estados vizinhos, quais sejam: Acre, Amazonas e Mato Grosso.

As análises geossociolinguísticas apresentadas demonstram o rigor teórico-metodológico com que foi conduzida a pesquisa que constitui o ALiRO, uma vez que as cartas experimentais não comprovam somente a descrição e o mapeamento minuciosos do português falado no Estado de Rondônia, mas ampliam possibilidades de análise para observações quanto ao contínuo dialetal entre Amazonas e Pará, por exemplo.

Dessa maneira, faz-se fundamental destacar a importância histórica no que concerne à análise linguística, tanto no que tange à variação quanto no que diz respeito à mudança linguística. Os processos histórico-geográficos pelos quais o Estado de Rondônia passou configuram uma significativa representatividade na distribuição variacional concernentes aos aspectos fonético-fonológicos analisados. Por isso a relevância do projeto ALiRO não se estende somente ao aspecto geossocial e geolinguístico da variação do português falado em Rondônia, mas também à sua contribuição para a documentação sincrônica e histórica de seus falares.

### **Referências**

AGUILERA, V. de A. *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALTINO, F. C. *Atlas Linguístico do Paraná v. II: comentários sobre a Dialectometria*. ESTUDOS LINGUÍSTICOS. São Paulo, 2012, v. 41, n. 2, p. 818-832.

AMARAL, N. F. G. do. Processos Migratórios em Rondônia e sua influência na língua e na cultura. *Linha d'Água*, 25, p. 87-107, 2012.

CARDOSO, S.; Alice A. et al. *Atlas Linguístico do Brasil Cartas Linguísticas 1*, Londrina: EDUEL, 2014

CARDOSO, S. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

GUY, G.; ZILLER, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORA, D.; HENRIQUE, P. F. Estudo sobre a percepção da fricativa coronal pós-vocálica em João Pessoa. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 147-164, 2016.

HORA, D.; MONARETTO, V. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: Hora, D.; COLLISCHONN, G. (Org.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: EDUEPB, 2003.

KOCK, W. et al. *ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. v. 1. UFRGS: Rio Grande do Sul, 2002.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Sobre a Dialectologia no Brasil. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, A. Uma análise lexicométrica das narrativas de Santarém. *MOARA*, Belém, v. 8, p. 123-137, 1997.

RAZKY, A. (Org.). *Atlas linguístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM. [CD-ROM]. 2004.

RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. A. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998. p. 155-164.

RAZKY, A. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. *Estudos Linguísticos e Literários*. n. 41 Salvador, UFBA, 2010.

RAZKY, A. et al. Agrupamentos fonéticos da vogal média anterior /e/ em posição pretônica no Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO). *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v.61, p. 1-19, 2019.

RAZKY, A. et al. Variação léxico-semântica e agrupamento lexical do item *cambalhota* no Atlas Léxico-Sonoro do Pará (ALESPA). *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 40, jul.-dez., 2018.

RAZKY, A.; CRUZ, R. Geoling: a maquete do programa de cartografia linguística. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de; LIMA, A, F. de. (Org.). *Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro - Volume 2*. 1ed.Campinas- SP: PPONTES EDITORES, 2020, v. 2, p. 121-138.

ROMANO, V. P. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. *Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS*. Campo Grande, v. 18, n. 35, 2014, p. 135-153.

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÉGUY, J. La dialectométrie dans l'Atlas linguistique de la Gascogne. *RLiR* 37, 1973, p. 1-24.

SILVA, A. G. da. *No Rastro dos Pioneiros*. Porto Velho: Escopo Editora, 1984.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10<sup>a</sup> ed., 5<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

VIEIRA, H. G. Fundamentos para organizar, implementar e manter um banco de dados geolingüístico. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Eduel, 1998. p. 207-224.



Data de submissão: 20/11/2020

Data de aceite: 30/06/2021

**DA ILHA DO PICO (NOS AÇORES, PORTUGAL)  
À ILHA DO DESTERRO (ATUAL FLORIANÓPOLIS NO BRASIL):  
ASPECTOS PROSÓDICO-ENTONACIONAIS**

FROM PICO ISLAND (IN THE AZORES, PORTUGAL)  
TO DESTERRO ISLAND (CURRENTLY FLORIANÓPOLIS IN BRAZIL):  
PROSODIC-ENTONATIONAL ASPECTS

Izabel Christine Seara | CNPq | [Lattes](#) | [izabel.seara@ufsc.br](mailto:izabel.seara@ufsc.br)  
Universidade Federal de Santa Catarina

Lurdes de Castro Moutinho | [ORCID](#) | [lmoutinho@ua.pt](mailto:lmoutinho@ua.pt)  
Universidade de Aveiro – Portugal

**Resumo:** Este estudo sincrônico trata de aspectos prosódico-entonacionais da comunidade da Lagoa da Conceição (Ilha do Desterro – atual Florianópolis – Santa Catarina – Brasil) e da freguesia de Madalena do Pico (Ilha do Pico – Açores). Com foco nas modalidades declarativa neutra e interrogativa total, procuramos indícios da presença dos Açores na Ilha de Santa Catarina, colonizada por açorianos. Esta pesquisa, realizada no âmbito do Projeto AMPER-POR (Atlas Multimídia Prosódico das Línguas Românicas – Língua Portuguesa), utilizou metodologia estabelecida pelo projeto. Analisamos 108 sentenças por localidade. Os parâmetros analisados foram: contorno das curvas de F0, sílaba que apresenta o pico de F0 e seu alinhamento na região nuclear das sentenças, duração e intensidade das vogais, e a tessitura. Para esses parâmetros, observamos diferenças entre os dados da Lagoa da Conceição e Madalena do Pico. Comparamos esses dados com os de outras comunidades florianopolitanas (Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha) e açorianas (Fenais da Ajuda (São Miguel) e Vila Nova (Terceira)), retratadas em Moutinho; Seara (2019), referentes à sílaba que apresenta o pico de F0 e ao seu alinhamento na sílaba. Percebemos semelhanças entre Lagoa da Conceição e as outras comunidades florianopolitanas e açorianas, principalmente para os núcleos entonacionais formados por paroxítonas e proparoxítonas. Porém, não foram percebidas semelhanças entre os dados de Madalena do Pico e as demais localidades. Resultados revelam características peculiares e com distanciamento entre as duas comunidades focalizadas no presente estudo bastante evidente. Portanto, análises mais aprofundadas são imprescindíveis para que tais características sejam confirmadas como identitárias das comunidades estudadas.

**Palavras-chave:** Aspectos prosódico-entonacionais; Lagoa da Conceição (Florianópolis); Madalena do Pico (Açores); Influência açoriana.

**Abstract:** This synchronic study deals with prosodic-intonational aspects of the Lagoa da Conceição (Desterro Island - currently Florianópolis - Santa Catarina - Brasil) and Madalena do Pico (Island of Pico - Azores). Based on the focus on neutral declarative and total interrogative modalities, we look for indications of the presence of the Azores on the Island of Santa Catarina, colonized by Azoreans. This study was carried out within the scope of the AMPER-POR Project (Prosodic Multimedia Atlas of Romance Languages - Portuguese Language) and the methodology used was the one established by the project. We analyzed 108 sentences for each community. The parameters analyzed were: contour of F0 curves, F0 peaks and their alignments in the nuclear region of the sentences, duration and intensity of vowels, and difference between the maximum value and the minimum value of F0 in each sentence (*tessitura*). For all these parameters, we observed differences between the data from Lagoa da Conceição and Madalena do Pico. We compared these data with those of other Florianopolitan (Santo Antônio de Lisboa and Ribeirão da Ilha) and Azorean communities (Fenais da Ajuda (São Miguel) e Vila Nova (Terceira)), depicted in Moutinho; Seara (2019), referring to the F0 peak and its syllable alignment, as well as we have noticed similarities between Lagoa da Conceição and the other Florianopolitan and Azorean communities, mainly for the intonational nuclei formed by paroxyton and proparoxyton. However, there were no similarities between the data from Madalena do Pico and the other communities. The obtained results show very peculiar characteristics and a very evident gap between the two communities focused on the present study. Therefore, more in-depth analyzes are essential for these characteristics to be confirmed as identities of the communities studied.

**Keywords:** Prosodic-intonational aspects; Lagoa da Conceição (Florianópolis); Madalena do Pico (Azores); Azorean influence.

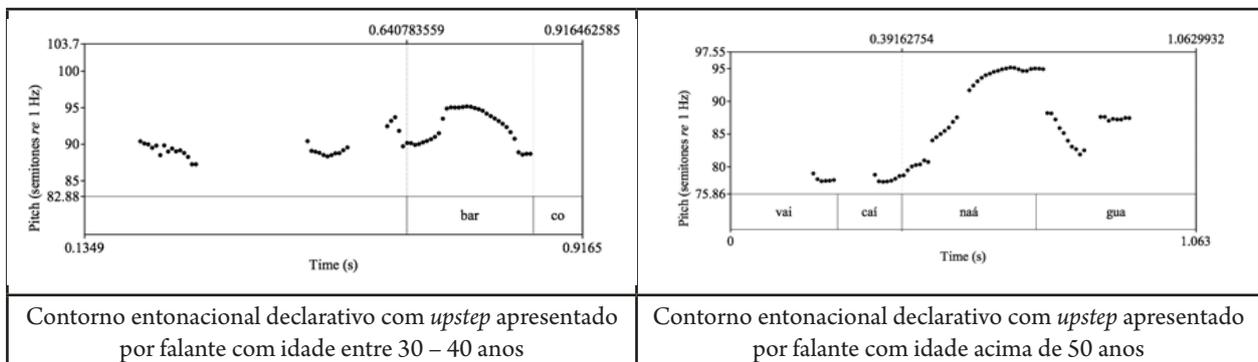
### 1 Contextualizando a pesquisa

Este texto trata de um estudo sincrônico de algumas características prosódico-entonacionais nas modalidades declarativas neutras e interrogativas totais que possam indicar a presença açoriana no falar florianopolitano, região não-urbana. Os dados aqui apresentados são referentes à comunidade da Lagoa da Conceição (ao Leste de Florianópolis, Brasil) e à freguesia de Madalena do Pico (na ilha do Pico, Açores). Esses resultados se juntam aos já divulgados em Moutinho; Seara (2019) que tratam de dados referentes às comunidades brasileiras de Ribeirão da Ilha (ao Sul de Florianópolis), Santo Antônio

de Lisboa (ao Norte de Florianópolis) e às freguesias açorianas de Vila Nova (na ilha Terceira) e de Fenais da Ajuda (na ilha de São Miguel). Todos esses dados foram coletados e analisados usando a mesma metodologia que explicitaremos mais adiante e definida, desde o início do Projecto AMPER, para todas as equipes que fazem parte desse Projeto.

Estudos sobre os aspectos prosódico-entonacionais do falar florianopolitano (OLIVEIRA; SEARA; SOSA, 2019; SEARA; SOSA; OLIVEIRA, 2018; SEARA; SOSA, 2017) têm evidenciado características prosódicas próprias desse falar, como, por exemplo, a presença de um contorno declarativo com *upstep*, menos ou mais pronunciado, na produção de falantes manezinhos<sup>1</sup> jovens e mais velhos, respectivamente. Esse contorno, diferente do contorno entonacional declarativo canônico do PB (CUNHA, 2000; MORAES, 2008; NUNES, 2011; 2015, dentre outros)<sup>2</sup>, exibe, no núcleo entonacional (final da sentença), um pico bastante alto seguido por uma drástica queda na parte inferior do registro do falante. Observe, na Figura 1, exemplos desse contorno melódico.

**Figura 1** – Contorno entonacional declarativo com *upstep* característico do falar *manezinho*



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O presente estudo faz parte do Projeto Atlas Multimídia Prosódico do Espaço Românico para a Língua Portuguesa (AMPER-POR) nas variedades do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB), que faz investigações no domínio da geoprosódia das línguas românicas. É coordenado por Lurdes de Castro Moutinho da Universidade

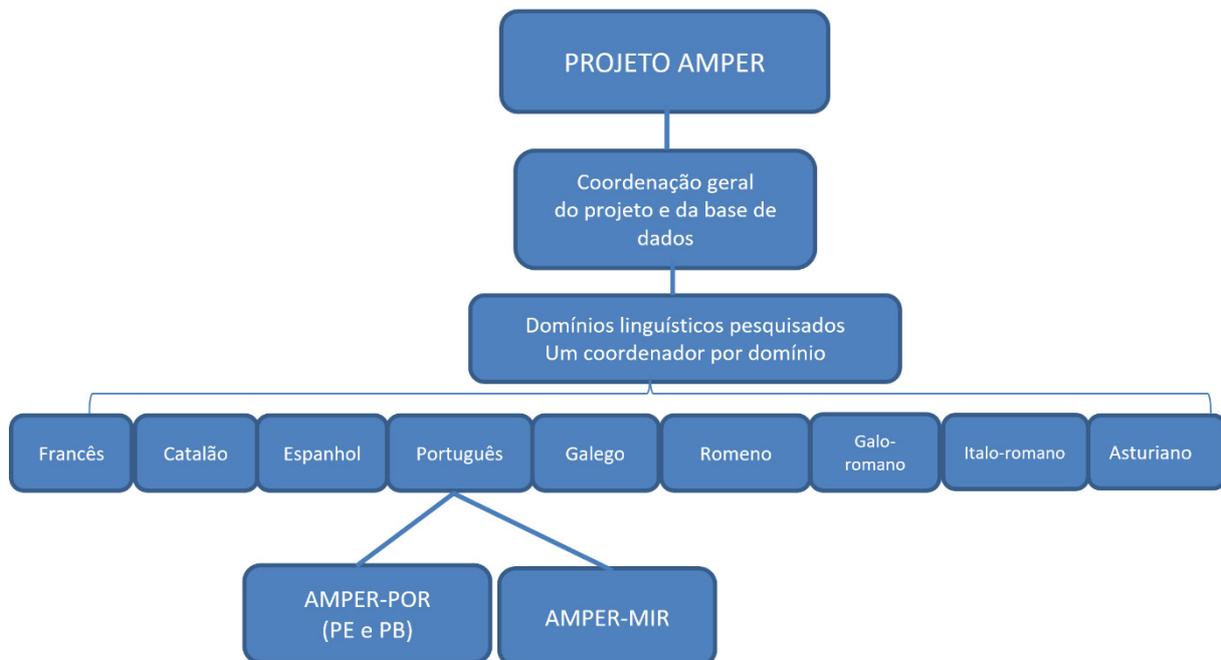
<sup>1</sup> Esse termo é geralmente empregado como um adjetivo afetuoso por aqueles que conhecem e admiram o falar florianopolitano por suas particularidades e não como um termo pejorativo. Esse falar é característico, principalmente, de regiões não-urbanas de Florianópolis, a capital do Estado de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Na sentença declarativa padrão do PB, o núcleo entonacional é o H+L\*L%, ou seja, a maior altura tonal está na sílaba pré-tônica, que é seguida por uma queda tonal concentrada na sílaba tônica.

de Aveiro, para o PE e para o PB. No início de 2004, foram integrando o AMPER-POR, pesquisadores de vários estados brasileiros e, em 2008, foi a vez de Santa Catarina.

O Projeto AMPER-POR faz parte de um projeto mais vasto designado por AMPER (Atlas Multimídia Prosódico do Espaço Românico). Antonio Romano, da Universidade de Turim – LFSAG, Itália, é, atualmente, o coordenador geral do projeto e responsável pela base de dados em construção, contando esta com a colaboração de Valentina De Iacovo, também da Universidade de Turim. O principal objetivo desse projeto é a realização de um Atlas que permita visualizar e quantificar a variação dialetal prosódica. O projeto AMPER estende-se por diversos domínios linguísticos, abrangendo todos os espaços de línguas românicas. Cada domínio linguístico tem um coordenador principal responsável por esse domínio que, em consonância com o responsável por cada uma das equipes de pesquisa, constituídas nesse domínio, selecionam as áreas dialetais onde se realizarão os inquéritos que constituirão os dados a serem submetidos à análise acústica. Na Figura 2, sintetizamos a organização do Projeto e destacamos os subdomínios para a Língua Portuguesa (AMPER-PE; AMPER-PB) e para a Língua Mirandesa (AMPER-MIR), associada ao espaço geográfico onde se fala português.

**Figura 2** – Domínios linguísticos que compõem o Projeto Atlas Multimídia Prosódico do Espaço Românico (AMPER)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

As pesquisas realizadas dentro do Projeto AMPER possibilitam a comparação entre as línguas, uma vez que adotam as mesmas estratégias de inquérito, os mesmos procedimentos de análise instrumental e, prioritariamente, têm por foco as modalidades declarativa neutra e interrogativa total. Os informantes são homens e mulheres com idades acima de 30 anos com nível de escolaridade fundamental ou médio.

Todos os grupos de pesquisa que fazem parte do Projeto AMPER devem seguir essas indicações, visto que uma das suas principais finalidades é de estabelecer uma tipologia entonacional do espaço linguístico românico, análogo ao que vem sendo desenvolvido com tipologias fonético-lexicais, desenvolvidas no âmbito de outros grupos de pesquisa geolinguística.

No que concerne à variedade do português do Brasil (PB), existem nove equipes constituídas<sup>3</sup>, tendo algumas delas dado por concluídas as suas colaborações. Estão nesse caso as equipes do Amazonas, Nordeste, Rio de Janeiro e Paraná.

Mantêm-se ativas as equipes da Amazônia, Minas Gerais, Sergipe, Espírito Santo, São Paulo e Região Sul. A equipe da Amazônia tem sob sua responsabilidade os estados de Amapá, Amazonas, Pará e Maranhão (apenas São Luís); a de Minas Gerais inclui as cidades de Belo Horizonte, Mariana e Varginha; a equipe do Espírito Santo desenvolve pesquisa nos municípios de Santa Teresa e Vitória; a de São Paulo inclui as cidades de São Paulo, São José do Rio Preto, Marília, Ribeirão Preto, Sorocaba, Campinas, Guaratinguetá e Santos; a do Sergipe, envolve os municípios de Aracaju, Lagarto, Estância e Itabaiana. Finalmente, a equipe designada por Região Sul abarca os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O primeiro, Santa Catarina, com pesquisa nos municípios de Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages. O segundo, Rio Grande do Sul, com pesquisa apenas na capital, Porto Alegre.<sup>4</sup>

Desse modo, o presente estudo, desenvolvido no âmbito do referido Projeto, intenta contribuir para o alargamento dos conhecimentos sobre aspectos prosódico-entonacionais. Partindo da hipótese de que a presença dos açorianos em Florianópolis deixou marcas no seu falar, interessa-nos aqui investigar as marcas deixadas em nível prosódico-entonacional, na produção de frases declarativas neutras e interrogativas totais.

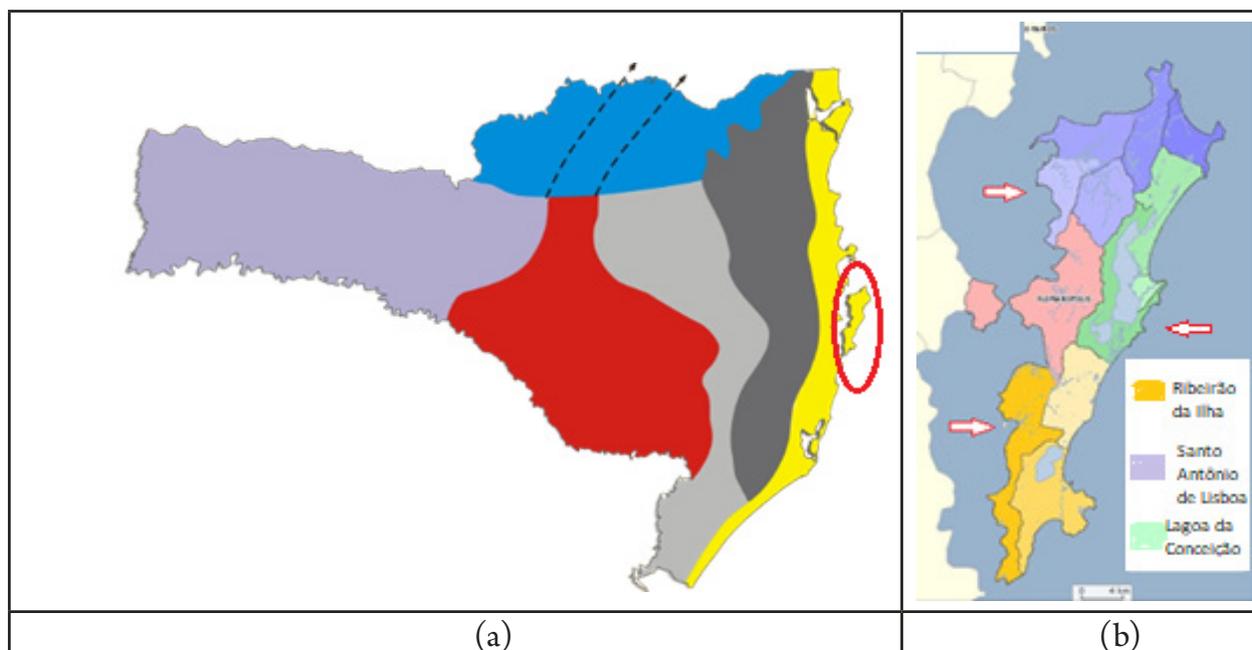
Conforme pode ser observado na Figura 3, Santa Catarina foi um estado que teve em todo o seu litoral regiões povoadas por açorianos.

---

<sup>3</sup> As equipes brasileiras podem ser consultadas no endereço [http://www.varialing.eu/?page\\_id=272](http://www.varialing.eu/?page_id=272).

<sup>4</sup> Para informações mais detalhadas, consultar o link: [http://www.varialing.eu/?page\\_id=272](http://www.varialing.eu/?page_id=272).

**Figura 3** (a) Mapa de Santa Catarina mostrando, em amarelo, as regiões de colonização açoriana e a ilha de Santa Catarina no círculo vermelho; (b) parte insular de Florianópolis, com setas apontando para Santo Antônio de Lisboa, localizado ao Norte da ilha (lilás), Ribeirão da Ilha, localizado ao Sul da ilha (ocre) e Lagoa da Conceição, localizada a Leste da ilha (verde)



Fonte: Adaptado de (a) <http://povoamentoacorianomadeirense.blogspot.com/2015/03/a-vida-dos-acorianos-e-madeirenses-para.html>, (b) <http://www.mobfloripa.com.br/Arquivos/Mapa%20distritos%20administrativos.jpg>

Na Figura 3, podemos contemplar a posição geográfica de Florianópolis e a localização das comunidades de Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa e Lagoa da Conceição na parte insular da cidade (Sul, Norte e Leste, respectivamente).

Feita a contextualização e definido o objetivo da pesquisa aqui desenvolvida, começaremos por apresentar, de forma sucinta, alguns dados históricos, relativos à colonização da Ilha do Desterro, atual Florianópolis, pela comunidade açoriana.

## 2 Um pouco da história

Para esta visão histórica, encontramos alguns textos que nos informam da origem dos colonos que vieram para a região da Ilha do Desterro, no século XVII.

Furlan (1989), por exemplo, fala da existência de uma lista do ano de 1746, indicando as regiões de onde vieram os açorianos que migraram para a freguesia de Nossa Senhora do Desterro, fundada em 1637, juntamente com o percentual de cada região. São elas: São Miguel (4,2%); Graciosa (9,9%); Terceira (11,68%); Faial (15,4%); Pico (22,7%); São Jorge (36%).

Piazza (1983 apud FURLAN, 1989) refere que os açorianos se estabeleceram no litoral catarinense, desde São Francisco do Sul até Laguna, conforme pode ser visto no mapa exibido na Figura 3. Furlan (1989) prossegue dizendo ainda que, no século XIX, na ilha de Santa Catarina, em consequência da chegada das populações luso-açorianas, foram criadas as freguesias de Nossa Senhora da Lapa do Ribeira (hoje Ribeirão da Ilha), Santo Antônio (hoje Santo Antônio de Lisboa), Nossa Senhora da Conceição da Lagoa (hoje Lagoa da Conceição) e ainda Rio Tavares.

Encarnação (2008) indica que a chegada dos primeiros açorianos à ilha de Santa Catarina foi por volta de 1689; no entanto, apenas no século seguinte é que teve início a colonização de fato. As primeiras localidades eram compostas por vilarejos de pescadores que ainda hoje preservam as tradições e os costumes trazidos pelos açorianos. Essas tradições manifestam-se nas festas religiosas, danças folclóricas, como o boi-de-mamão e, também, no vocabulário e no modo de falar dos habitantes.

Todas essas referências de natureza histórica motivaram o nosso interesse por verificar se o que se observa como característico da identidade manezinha teria também relação com aspectos prosódico-entonacionais de açorianos. Entre as regiões de onde vieram os açorianos em maior percentual, está a ilha do Pico. Assim, no presente estudo sincrônico, focalizaremos os dados orais coletados, em particular, nessa ilha.

### **3 O falar manezinho e açoriano no âmbito do Projeto AMPER-POR**

Primeiramente, queremos destacar que o Projeto AMPER-POR já tem, em seu banco de dados, amostras dos falares das freguesias açorianas de Vila Nova (ilha Terceira) e Fenais da Ajuda (ilha de São Miguel) e também amostras de dados de Florianópolis, dos falares da região urbana (região central da ilha). Esses dados resultam da análise de estruturas enunciativas com 10, 13 e 14 vogais. Outros dados foram coletados em outras ilhas açorianas e, neste momento, já dispomos das análises das sentenças com estruturas simples – SVO – mas apenas com 10 vogais. Esse é o caso dos dados de Madalena do

Pico (ilha do Pico). Os dados da região não-urbana de Florianópolis (Santo Antônio de Lisboa, Ribeirão da Ilha e Lagoa da Conceição), comunidades que, aparentemente, apresentam a fala manezinha mais preservada, também já foram coletados e suas sentenças com 10 vogais encontram-se analisadas.

Já existem alguns estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto AMPER-POR sobre os dados da cidade de Florianópolis, quer sobre sua região urbana (NUNES; SEARA, 2019; NUNES, 2011, 2015; SEARA; SILVA; BERRI, 2011), quer sobre sua região não-urbana (SEARA; MOUTINHO, 2020; MOUTINHO; SEARA, 2019). E, também, já há algumas pesquisas sobre dados das freguesias de Fenais da Ajuda (Ilha de São Miguel) e Vila Nova (Ilha Terceira) do arquipélago dos Açores, como por exemplo, Moutinho; Coimbra; Bernardes (2015) e Moutinho; Seara (2019).

Sobre a região urbana de Florianópolis, Nunes (2011, 2015) realizou uma primeira pesquisa comparando dados de Florianópolis e Lages e, em uma segunda pesquisa, comparando dados de florianopolitanos e de sergipanos. Seus resultados mostraram que foi na observação intrassilábica, ou seja, na observação da sílaba em que se encontra o pico de F0 e no seu alinhamento, que estavam as diferenças entre os dados de florianopolitanos e lageanos. Para as declarativas, o alinhamento é, em geral, à esquerda. Nas interrogativas, o lageano apresenta alinhamentos à direita e o florianopolitano um alinhamento medial. Entre sergipanos e florianopolitanos, a autora verificou que a média de F0, a variação de altura F0 no movimento de subida e a tessitura se mostraram importantes parâmetros de distinção entre as variedades dialetais aqui estudadas.

Sobre a região não-urbana de Florianópolis, já foram investigados, em Moutinho; Seara (2019), dados de Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha, fazendo cruzamentos com as freguesias de Fenais da Ajuda (ilha de São Miguel) e Vila Nova (ilha Terceira). Essa investigação mostrou que há semelhanças quanto à variação de F0 entre declarativas neutras e interrogativas totais, sendo os valores de F0 das interrogativas mais elevados do que o das declarativas. Quanto à duração das vogais, foi verificada uma correlação de forte a moderada entre os dados das duas freguesias açorianas e Ribeirão da Ilha.

Considerando-se que, segundo Furlan (1989), a ilha de Pico foi a que apresentou um dos maiores percentuais de migração para Florianópolis (22%), achamos importante cruzar os dados acústicos obtidos para essa ilha com os das comunidades manezinhas, em

especial da Lagoa da Conceição, dados que ainda não haviam sido comparados com as demais localidades açorianas e florianopolitanas.

#### **4 As questões de pesquisa**

Nossas questões de pesquisa focalizam as comunidades, localizadas no interior da ilha, que apresentam uma variedade de fala conhecida como manezinho. Essa variedade parece manter muitas das características do português europeu, uma vez que falantes manezinhos são, muitas vezes, confundidos com portugueses, por brasileiros de outras variedades dialetais. Esse falar com características bastante peculiares tem sido foco de análises fonético-lexicais (SEARA, 2019; BIASIBETTI, 2018; BASSI; SEARA, 2017; BRESCANCINI, 2015; BROD, 2014; ENCARNAÇÃO, 2008, dentre outras), mas também de análises prosódico-entonacionais, em especial, aquelas vinculadas ao projeto AMPER-POR (SEARA; MOUTINHO, 2020; MOUTINHO; SEARA, 2019; NUNES; SEARA, 2019; NUNES, 2011, 2015; SEARA; SILVA; BERRI, 2011; dentre outras). Desse modo, pretendemos com mais este estudo continuar perseguindo a influência açoriana no português brasileiro e, para isso, buscamos responder as seguintes questões de pesquisa:

- (1) sentenças declarativas neutras e interrogativas totais produzidas por falantes da comunidade da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, apresentam marcas dialetais relacionadas aos contornos das curvas de F0, à sílaba em que se encontra o pico de F0 e ao seu alinhamento, que remetam a características prosódico-entonacionais de falantes da freguesia de Madalena do Pico, nos Açores?
- (2) haveria marcas dialetais que poderiam estar relacionadas à duração e à intensidade das vogais ou à tessitura apresentadas para as sentenças produzidas pelos falantes dessas duas localidades?
- (3) quando comparamos os dados da Lagoa da Conceição e Madalena do Pico com outras comunidades florianopolitanas (Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha) e açorianas (Fenais da Ajuda (São Miguel) e Vila Nova (Terceira)), são verificadas semelhanças entre elas?

Na sequência, abordaremos, de forma sintética, os procedimentos metodológicos empregados no presente estudo.

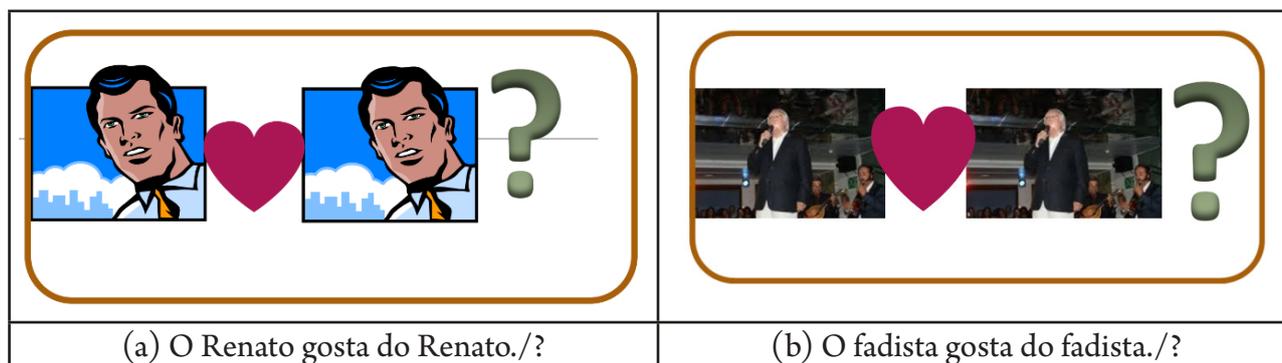
## 5 Metodologia

A metodologia usada para a coleta, tratamento e análise dos dados é a descrita, desde o início, para o Projeto AMPER e sua descrição detalhada pode ser também encontrada em Moutinho; Coimbra (2014); Contini et al. (2008); Moutinho; Zerling (2004), dentre outros. Esses procedimentos metodológicos<sup>5</sup> são os mesmos utilizados por todas as equipes do Projeto AMPER e permitem a comparação entre diferentes falares e modalidades de sentenças, visto que as estratégias de coleta de dados, os contextos linguísticos e as estruturas sintáticas são semelhantes para todas as línguas românicas que participam do referido Projeto.

### 5.1 O *corpus* AMPER-POR

O *corpus* do Projeto AMPER-POR é constituído, como dito anteriormente, de sentenças com estruturas sintáticas semelhantes. A elicitación das frases é feita com recurso de imagens. O uso de imagens tem por objetivo permitir uma maior naturalidade na produção das sentenças, evitando a fala lida. Na Figura 4, são exibidos exemplos das imagens empregadas para os *corpora* do Brasil (em 4(a)) e dos Açores (em 4(b)), para o mesmo tipo de enunciado.

**Figura 4** – Exemplos das imagens empregadas nos *corpora* do Brasil e dos Açores



Fonte: Adaptado do exemplo de estímulo visual apresentado para obtenção das frases.

Disponível em: [http://www.varialing.eu/?page\\_id=704](http://www.varialing.eu/?page_id=704).

<sup>5</sup> Em [http://www.varialing.eu/?page\\_id=704](http://www.varialing.eu/?page_id=704), página web do Projeto AMPER-POR, também se encontram descritas todas as fases da metodologia utilizada.

O *corpus*-base é constituído de 33 sentenças declarativas neutras e 33 interrogativas totais, perfazendo um total de 66 sentenças com palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, no início e no final de cada enunciado, a fim de poderem cobrir todo o tipo de acento lexical da Língua Portuguesa. As sentenças (do tipo SVO, SVADJ ou SVPREP) têm de 10 a 14 vogais cada uma. Aquelas com maior número de vogais dizem respeito a enunciados com extensões adjetivais e locativos, quer no início, quer no final de cada enunciado. Para o presente estudo, estamos considerando apenas as sentenças com 10 vogais, levando-se em conta que estudos (por exemplo, NUNES, 2011, 2015) têm mostrado que não há variação em função do número de vogais, mas sim em função da posição da sílaba no núcleo entonacional. Desse modo, acreditamos que os resultados obtidos com as sentenças com 10 vogais serão suficientes para caracterizar o comportamento prosódico-entonacional de sentenças declarativas neutras e interrogativas totais. Veja, no Quadro 1, as sentenças analisadas e os respectivos códigos AMPER, nas duas colunas mais à esquerda no quadro.

**Quadro 1** – Sentenças do *corpus* AMPER-POR constituídas de 10 vogais e seus respectivos códigos

<i>Decl.</i>	<i>Inter.</i>	<i>Brasil</i>	<i>Açores</i>
kwka/	kwki	O bisavô gosta do bisavô./?	O capataz gosta do capataz./?
kwpa	kwpi	O bisavô gosta do pássaro./?	O capataz gosta da música./?
kwta	kwti	O bisavô gosta do Renato./?	O capataz gosta do fadista./?
pwka	pwki	O pássaro gosta do bisavô./?	A música fala do capataz./?
pwpa	pwpi	O pássaro gosta do pássaro./?	A música fala da música./?
pwta	pwti	O pássaro gosta do Renato./?	A música fala do fadista./?
twka	twki	O Renato gosta do bisavô./?	O fadista gosta do capataz./?
twpa	twpi	O Renato gosta do pássaro./?	O fadista gosta da música./?
twta	twti	O Renato gosta do Renato./?	O fadista gosta do fadista./?

Fonte: Brasil ([http://www.varialing.eu/?page\\_id=272](http://www.varialing.eu/?page_id=272))

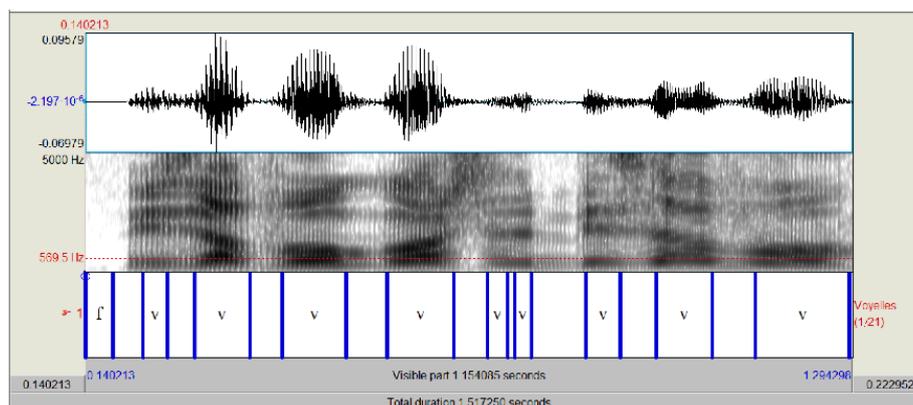
Açores ([http://www.varialing.eu/?page\\_id=1972](http://www.varialing.eu/?page_id=1972))

## 5.2 A coleta e etiquetagem dos dados

A coleta dos dados é realizada a partir das imagens que compõem as sentenças inseridas em *slides* do *Power Point* e apresentadas aleatoriamente para os sujeitos. As sentenças do *corpus* devem ser gravadas várias vezes (em torno de 8 ou 9 repetições). Ao final, são selecionadas as três melhores repetições, quer dizer aquelas que não contenham hesi-

tações ou ênfases e que as vogais que foram apagadas, ou seja, que não foram produzidas, estejam na mesma posição nas três repetições de cada sentença. Explicando melhor, se a primeira vogal foi apagada na primeira repetição da sentença *O bisavô gosta do bisavô*, nas outras duas repetições, suas primeiras vogais também não deveriam ter sido produzidas. Esse é um requisito imposto pelos *scripts*<sup>6</sup> desenvolvidos expressamente para os pesquisadores do projeto AMPER e que calculam as médias dos parâmetros das três repetições analisadas, utilizando o *software* Praat (BOERSMA; WEENINK, 2019). Cada uma das repetições tem suas vogais segmentadas em v (presença da vogal) ou f (ausência da vogal). Nesse último caso, indicando o seu apagamento ou desvozeamento.<sup>7</sup> Observe, na Figura 5, um exemplo de etiquetagem das sentenças.

**Figura 5** – Exemplo de etiquetagem da sentença declarativa neutra: *O bisavô gosta do bisavô*



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Levando-se em conta o número de sentenças declarativas (9) e interrogativas (9) com 10 vogais e as três repetições de cada sentença, obtém-se, para cada informante, um total de 54 sentenças para análise, o que se traduz, nesse caso, em um total de 540 vogais etiquetadas.

### 5.3 Os participantes

Para a presente pesquisa, foram selecionados, dos dados totais, apenas os relativos aos homens com idade acima de 30 anos e com ensino médio. Tratamos os dados de

<sup>6</sup> Estes *scripts* do Praat foram criados para o AMPER-POR por Albert Rilliard (LIMSI-Paris), em 2008.

<sup>7</sup> Os casos de vogais desvozeadas são anotados com o mesmo código do apagamento, pois vogais desvozeadas não apresentam valores de F0. Nesse caso, o *script* as analisa como apagamento, permitindo, desse modo, gerar as curvas de F0, considerando, para os casos de apagamento e desvozeamento, um valor fixo de 50 Hz.

um sujeito para cada localidade, perfazendo um total de seis participantes (três açorianos: Madalena do Pico (Ilha do Pico), Fenais da Ajuda (Ilha de São Miguel), Vila Nova (Ilha Terceira), e três brasileiros: Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa e Lagoa da Conceição (Ilha de Santa Catarina)). No entanto, analisamos as produções dos sujeitos da Lagoa da Conceição e de Madalena do Pico separadas das demais, devido à observação de um comportamento diferenciado com relação às outras localidades. E, ao final, juntamos esses resultados aos dados dos quatro sujeitos restantes. Com esse número de participantes, foram analisadas 324 sentenças e 3240 vogais<sup>8</sup>.

As gravações foram realizadas em um ambiente silencioso, com um gravador digital (Zoom H4N), com microfones de cabeça unidirecional e um notebook diante do participante, no qual são apresentados os estímulos visuais que conduzirão o participante a gerar as sentenças do *corpus*.

#### 5.4 As análises

Lembrando que os parâmetros analisados foram: valores de duração<sup>9</sup>, de intensidade<sup>10</sup>, de F0, localização e alinhamento de F0 e tessitura, a seguir apresentamos a metodologia empregada para a análise desses dados.

Depois de etiquetadas as vogais das três repetições de cada sentença, os parâmetros físicos relacionados à duração, intensidade e frequência fundamental (F0) são coletados automaticamente por um *script* do programa Praat (BOERMA; WEENINK, 2019), criado para tal fim. Para F0, são calculados três valores em cada vogal (no início (f01), no meio (f02) e no final da vogal (f03)) para uma melhor avaliação da evolução do movimento intrassilábico de cada uma das vogais analisadas. Na Figura 6, pode ser visualizada a tabela gerada pelo *script* automatizado da sentença mostrada na Figura 5.

---

<sup>8</sup> O total de 324 sentenças corresponde a 54 sentenças x 6 sujeitos. E o total de 3240 vogais corresponde a 54 sentenças x 6 sujeitos x 10 vogais.

<sup>9</sup> A metodologia de gravação de dados, empregada pelo projeto AMPER, foi pensada de forma a minimizar características como, por exemplo, velocidade de fala. E a seleção de três repetições também auxilia a evitar produções com hesitações, ênfases ou falas muito rápidas.

<sup>10</sup> O microfone de cabeça utilizado nas gravações permite que a distância da boca ao microfone seja a mesma na gravação de todos os dados de um mesmo sujeito, evitando que a aproximação/afastamento do microfone da boca possa ser um fator de variação da intensidade. Essa é uma recomendação sugerida em Barbosa (2019) para que se possa fazer “comparações entre medidas de intensidade que dependam apenas do uso que o falante faz desse parâmetro” (BARBOSA, 2019, p. 28).

**Figura 6** – Valores de duração, intensidade e frequência fundamental gerados automaticamente pelo *script* do Praat para a sentença declarativa *O bisavô gosta do bisavô*

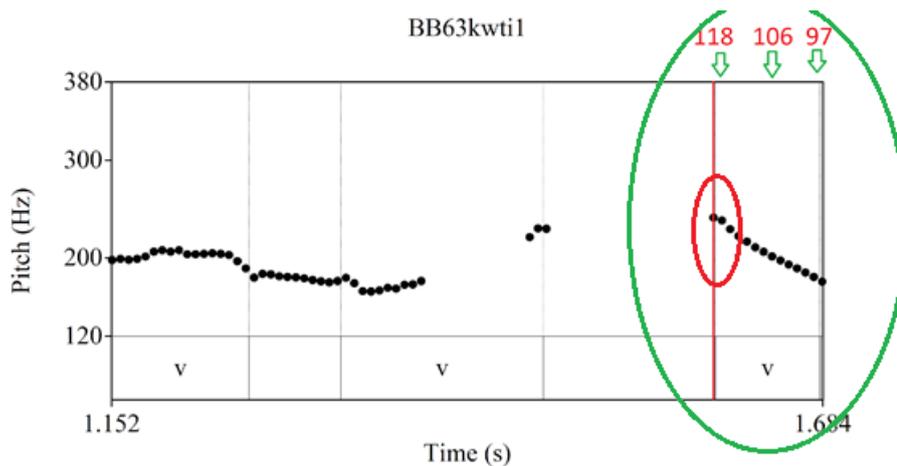
```
BB64kwa1.txt  "O bisavô gosta do bisavô."
```

	duration [ms]	energy [dB]	fo1	fo2	fo3 [Hz]
1	0	0	50	50	50
2	37	50	124	124	120
3	83	64	132	133	109
4	95	63	139	164	153
5	100	62	142	162	152
6	14	47	176	176	177
7	17	50	177	177	176
8	51	50	193	198	179
9	84	52	223	235	231
10	142	56	200	166	140

Fonte: Gerado pelo *script* automatizado via Praat.

A observação do alinhamento e localização do pico de F0 é feita a partir dos valores apresentados nos três pontos de F0, coletados pelo *script* para cada vogal, conforme pode ser visto nos valores apresentados no exemplo exibido na Figura 7. Nessa figura, o pico de F0 no núcleo entonacional se encontra na sílaba pós-tônica (círculo verde) e o alinhamento do pico está à esquerda nessa sílaba (círculo vermelho).

**Figura 7** – Curva do contorno de F0 do núcleo entonacional da sentença interrogativa *O bisavô gosta do Renato*, com indicação, na palavra *Renato*, da sílaba em que se encontra o pico de F0 (círculo em verde) e seu alinhamento (círculo em vermelho)

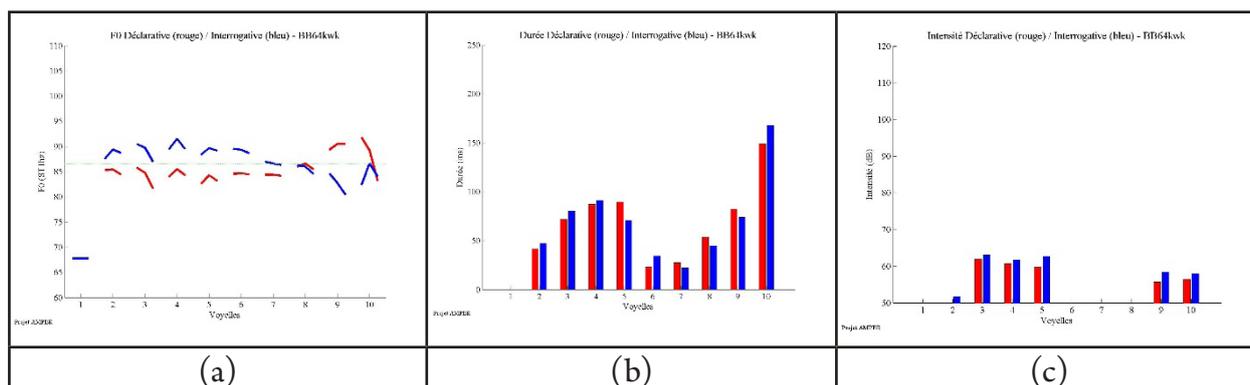


Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os dados relativos à frequência fundamental (F0) foram transformados em semi-tons (st), considerando que essa medida reflete mais adequadamente a maneira como as vibrações são processadas pelo sistema auditivo humano (BARBOSA, 2019). Estudos, como, por exemplo, Milan; Kluge (2017), mostram também que diferenças de 3st ou mais já são percebidas pelo ouvido humano.

Com os resultados numéricos referentes à duração, intensidade e frequência fundamental, são gerados gráficos com valores médios das três repetições e com a sobreposição das sentenças declarativas e interrogativas com a mesma estrutura sintática. Exemplos desses gráficos, da sentença: *O bisavô gosta do bisavô*, são exibidos na Figura 8.

**Figura 8** – Gráfico referente, em (a), às curvas de F0; em (b), aos histogramas dos valores de duração e, em (c), de intensidade das vogais presentes na sentença: *O bisavô gosta do bisavô*. Em vermelho, dados referentes à frase declarativa neutra e, em azul, à interrogativa total



Fonte: Gerado automaticamente a partir de uma interface do *software* MatLab.

Para a observação de diferenças entre a escala melódica dos falantes açorianos e florianopolitanos, foi analisada a tessitura, definida, segundo Mateus et al. (1990), como “a escala melódica do falante, i.e. os limites em que se situam os seus valores mais altos e mais baixos de F0, quando fala normalmente” (p. 193). A tessitura foi então calculada a partir da identificação dos valores máximos e mínimos de F0, levantados pelo *script* que coletavam automaticamente os dados numéricos, considerando que as sentenças produzidas podem ser descritas como fala normal.

Para validação de diferenças estatísticas significativas entre os dados, utilizamos primeiramente o teste de Shapiro para verificar a normalidade dos dados. Valores de  $p < 0,05$  indicam que os dados não são normais e o teste de diferenças empregado será o teste

de Wilcoxon, recomendado para testes não-paramétricos. Caso os dados sejam normais, o teste de diferenças empregado será o teste t de *Student*, recomendado como teste paramétrico. Serão consideradas diferenças significativas quando o valor de  $p < 0,05$ <sup>11</sup>.

Com esses parâmetros e os gráficos gerados, são realizadas as análises dos dados de cada comunidade e pode ser feita a comparação entre elas. São esses resultados que discutiremos na seção a seguir.

## 6 Resultados do estudo

No estudo que aqui conduzimos, trataremos dos resultados referentes à variação de F0, investigando a sílaba em que se encontra o pico de F0 e o seu alinhamento, a partir de uma visão global do comportamento das curvas de F0, presentes nos gráficos de sobreposição de declarativas neutras e interrogativas totais e nos dados numéricos gerados pelos *scripts*. Apresentaremos ainda resultados relativos à duração, à intensidade e, também, à tessitura das sentenças, ou seja, à variação de F0 entre o ponto mínimo e o ponto máximo em cada sentença, parâmetro que tem evidenciado diferenças entre variedades brasileiras (NUNES, 2015). Nessa primeira parte, cruzaremos os dados da comunidade da Lagoa da Conceição com os da freguesia de Madalena do Pico.

O foco da investigação é, **principalmente**, a região nuclear (final da sentença), ou seja, aquela que, para o PB, tem se mostrado como portadora de maior informação para a distinção entre declarativas e interrogativas.

Na sequência, faremos uma comparação dos dados da Lagoa da Conceição e Madalena do Pico com os dados das comunidades açorianas de Fenais da Ajuda e Vila Nova e das comunidades brasileiras de Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha. Nesse caso, a ênfase da observação será em relação à sílaba em que se encontra o pico de F0 e seu alinhamento, e também quanto ao parâmetro tessitura, uma vez que ele ainda não havia sido analisado para essas localidades. Como a estratégia de coleta e análise dos dados é a mesma, é-nos possibilitada a comparação entre as estruturas das sentenças em todas essas localidades.

### 6.1 De Madalena do Pico à Lagoa da Conceição

#### 6.1.1 Variações relacionadas à frequência fundamental (F0)

Iniciamos nossa descrição dos dados de Madalena do Pico nos Açores e Lagoa da Conceição em Florianópolis com os parâmetros relacionados à sílaba em que se encontra

---

<sup>11</sup> O valor de  $p$  é o nível de significância da hipótese nula em um teste estatístico. Assim, um valor de  $p$  inferior a 0,05 indica fortes evidências contra a hipótese nula.

o pico de F0 e ao seu alinhamento no núcleo entonacional de cada sentença produzida. Nessa averiguação, constatamos diferenças entre as duas localidades. A Tabela 1 resume esses resultados, salientando o comportamento mais frequente para cada modalidade, considerando a posição da tônica na palavra que constitui o núcleo entonacional das sentenças analisadas.

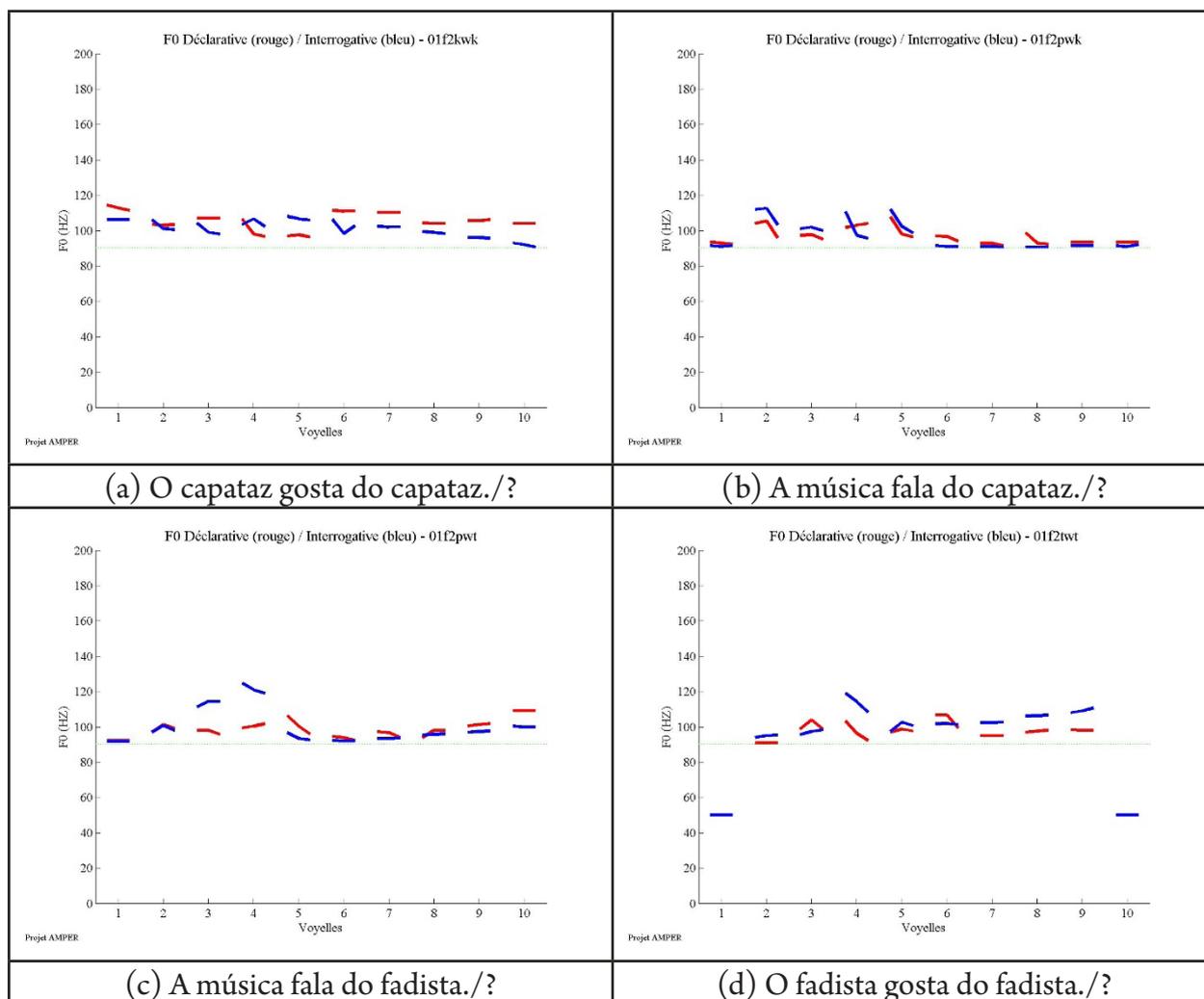
**Tabela 1** – Observações relativas à sílaba em que se encontra o pico de F0 e ao seu alinhamento na sílaba no núcleo entonacional das sentenças declarativas neutras e interrogativas totais concernentes à Lagoa da Conceição e à Madalena do Pico

Localidades	Sílaba em que se encontra o pico de F0		Alinhamento do pico de F0 na sílaba	
<b>Oxítonas</b>				
Modalidade	Declarativa	Interrogativa	Declarativa	<b>Interrogativa</b>
Madalena do Pico	sem pico	sem pico/tônica	sem alinh.	sem alinh./à esquerda
Lagoa Conceição	tônica	tônica	à esquerda	à esquerda
<b>Paroxítonas</b>				
Madalena do Pico	sem pico	pós-tônica	sem alinh.	variável
Lagoa Conceição	pré-tônica	Tônica	à esquerda	à esquerda/medial
<b>Proparoxítonas</b>				
Madalena do Pico	sem pico	pós-tônica/tônica	sem alinh.	à esquerda
Lagoa Conceição	tônica	pós-tônica	à esquerda	à esquerda

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Pelos resultados apresentados na Tabela 1, podemos verificar que, enquanto no núcleo entonacional das sentenças produzidas pela comunidade brasileira observa-se um pico de F0 alinhado preferencialmente à esquerda da tônica, fato já observado por Nunes (2011), para as declarativas em Florianópolis; para a comunidade açoriana, 70% das sentenças declarativas e 30% das sentenças interrogativas não apresentaram pico de F0 na região nuclear. Observe, na Figura 9, exemplos das curvas de F0 exibidas pelos dados da freguesia de Madalena do Pico.

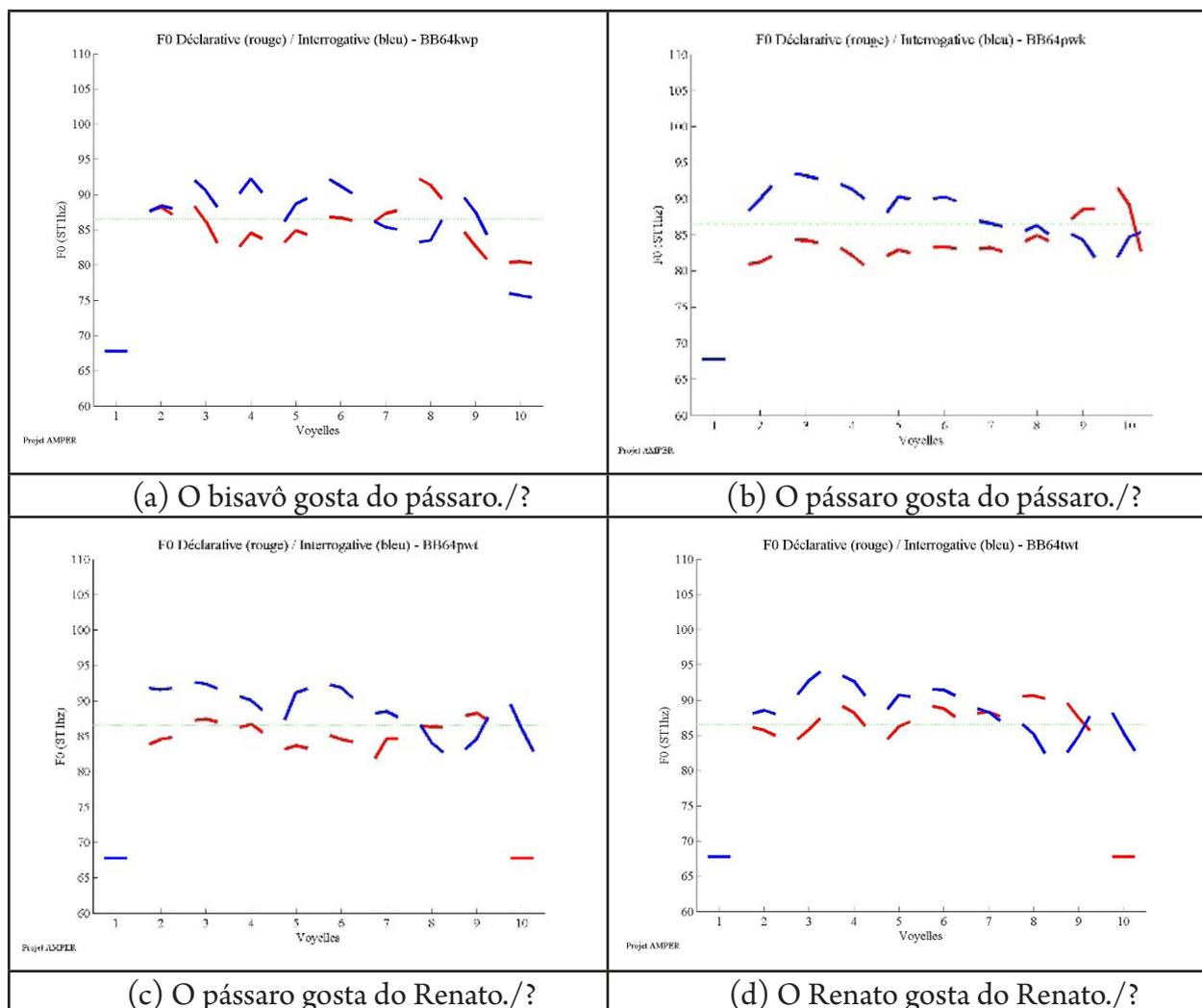
**Figura 9** – Exemplos de curvas de F0 de sentenças declarativas neutras (em vermelho) e interrogativas totais (em azul) observadas nos dados da freguesia de Madalena do Pico, com indicação pelas setas vermelhas da região do núcleo entonacional e pelas setas pretas da região do pré-núcleo entonacional



Fonte: Gráficos gerados automaticamente a partir de uma interface do *software* MatLab.

Nos exemplos mostrados na Figura 9, percebe-se a ausência de picos de F0 na região nuclear (setas vermelhas). No entanto, esses dados mostram também picos de F0 um pouco mais salientes na região pré-nuclear (setas pretas) das sentenças. Observe agora, na Figura 10, exemplos de curvas de F0 exibidas pelos dados da comunidade da Lagoa da Conceição.

**Figura 10** – Exemplos de curvas de F0 de sentenças declarativas neutras (em vermelho) e interrogativas totais (em azul) observadas nos dados da comunidade da Lagoa da Conceição, com indicação pelas setas vermelhas da região do núcleo entonacional e pelas setas pretas da região do pré-núcleo entonacional



Fonte: Gráficos gerados automaticamente a partir de uma interface do *software* MatLab.

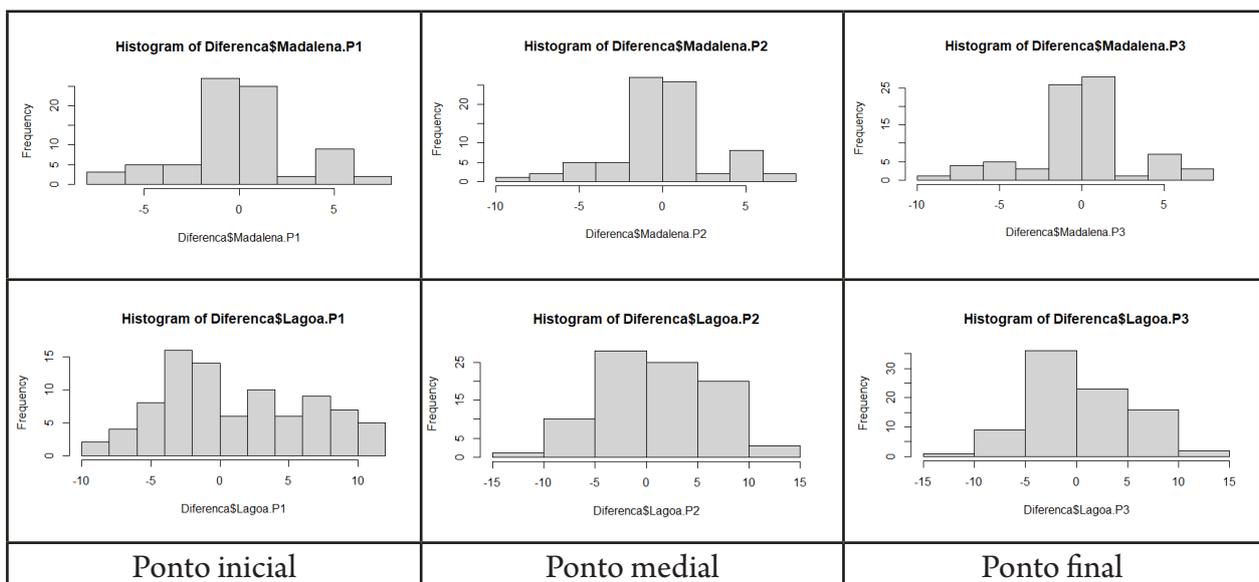
Veja que, nos exemplos apresentados na Figura 10, podemos verificar picos de F0 que ocorrem tanto no núcleo quanto no pré-núcleo de sentenças declarativas e interrogativas. Esses picos mostram-se bem mais evidentes do que aqueles apresentados na Figura 9, referentes aos dados de Madalena do Pico. Picos de F0 bastante salientes no núcleo de sentenças declarativas também já haviam sido identificados como contorno declarativo com *upstep* em Seara; Sosa (2017).

Conforme colocado anteriormente, para o português brasileiro, é, principalmente, nos movimentos realizados na região final das sentenças (região nuclear) que se têm as diferenças entre modalidades. No entanto, Milan; Kluge (2017), estudando as produções de curitibanos (estado do Paraná-Brasil) sob os critérios do Projeto AMPER-POR, verificaram que esses sujeitos identificam uma pergunta e uma afirmação apenas pelo pré-núcleo. Talvez esse seja o caso de Madalena do Pico, mas não é o que ocorre para os dados da Lagoa da Conceição.

A partir de testes de percepção, Milan; Kluge (2017) observaram que diferenças de 3 st ou mais entre modalidades já eram percebidas pelo ouvido humano. Assim, utilizamos esse parâmetro para observar as diferenças entre os movimentos do pico de F0 na região nuclear das sentenças nas duas localidades em estudo.

Desse modo, examinamos a distribuição de valores referentes às diferenças de F0 na região nuclear entre sentenças declarativas neutras e interrogativas totais nas duas localidades investigadas. Observe a Figura 11.

**Figura 11** – Diferenças em semitons (st) entre as sentenças declarativas neutras e interrogativas totais verificadas na região nuclear (no ponto inicial, medial e final de cada vogal) das produções de Madalena do Pico (linha superior da tabela) e Lagoa da Conceição (linha inferior da tabela)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

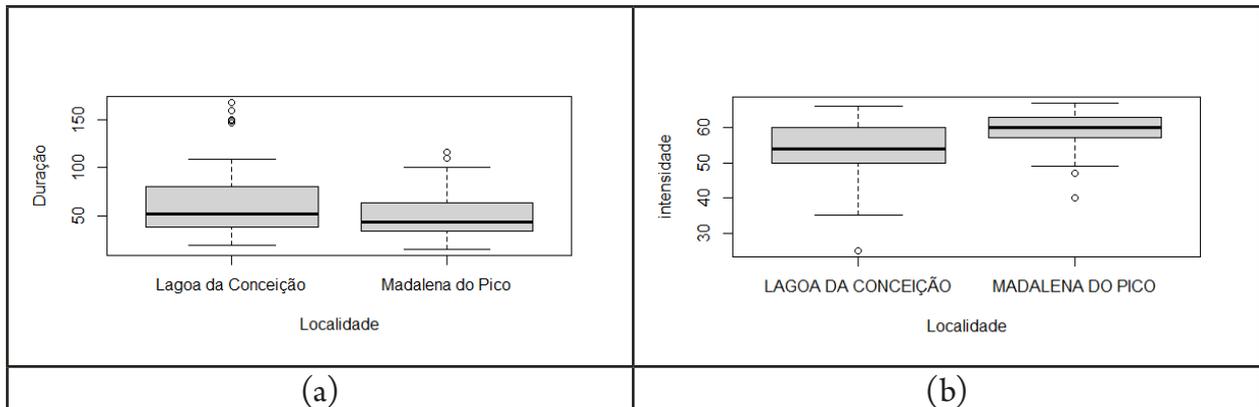
Os resultados mostram que os valores de diferença de F0 entre declarativas e interrogativas apresentam-se bem mais altos para os dados da Lagoa da Conceição. Testes de correlação de Pearson entre os valores de diferenças observadas para cada um dos três pontos de coleta em cada vogal das sentenças produzidas nas duas localidades mostram que não há correlação entre elas (0,0652; 0,4815; 0,0383). Os histogramas da Figura 11 revelam também que essas duas localidades têm distribuições diferentes, no núcleo entoacional, em relação à variação de F0 entre declarativas e interrogativas. Os valores positivos mais recorrentes para os dados da Lagoa da Conceição indicam um maior número de sentenças declarativas com F0 mais alto na região nuclear do que para as interrogativas, reforçando assim os achados de Seara; Sosa (2017) sobre o contorno declarativo com *upstep*.

Observando em mais detalhes as diferenças nos valores de F0 (st) entre declarativas neutras e interrogativas totais, notamos que, para os dados de Madalena do Pico nos Açores, ocorre um percentual muito maior de diferenças entre as declarativas e interrogativas menores do que 3 st. Nos dados da Lagoa da Conceição em Florianópolis, há uma distribuição mais ampla dessas diferenças mostrando um percentual muito maior de diferenças acima de 3 st, quando comparados aos dados de Madalena do Pico. Certamente testes de percepção poderão indicar se, por conta desses resultados, ouvintes perceberiam mais diferenças entre as declarativas e interrogativas da comunidade brasileira do que entre as mesmas sentenças produzidas por açorianos.

### **6.1.2 Duração e Intensidade**

Com foco agora nos valores de duração e de intensidade das vogais produzidas nas sentenças do *corpus*, por açorianos de Madalena do Pico e de florianopolitanos da Lagoa da Conceição, verificamos que a duração das vogais apresentada pelos florianopolitanos é significativamente maior ( $p=0,002375$ ) do que aquela apresentada nos dados dos açorianos; no entanto, para a intensidade, temos o inverso: a intensidade das vogais exibida nos dados dos açorianos é significativamente maior ( $p=0,00266$ ) do que aquela vista nos dados de florianopolitanos. Observe, na Figura 12, os gráficos da distribuição dos dados para as duas comunidades, referentes aos valores de duração e intensidade coletados.

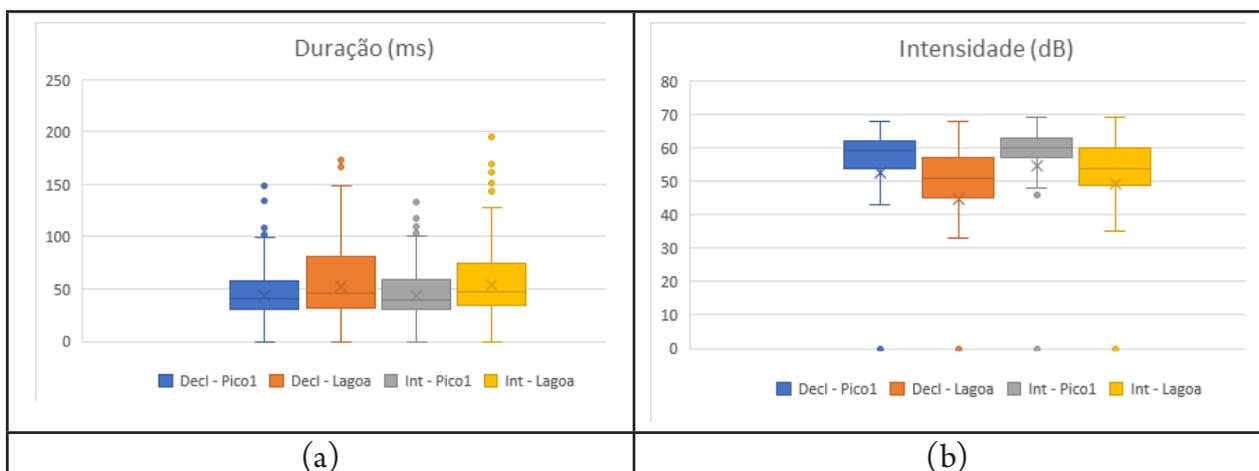
**Figura 12** – Boxplot da distribuição dos valores correspondentes à: (a) duração (ms) e (b) intensidade (dB), referentes às localidades de Lagoa da Conceição e Madalena do Pico



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Separamos os dados das declarativas e interrogativas referentes à duração e à intensidade e verificamos que, entre as modalidades, não parece haver diferenças. Isso pode ser visto pelos valores da mediana (linha central dos *boxplots* da Figura 13) e pela distribuição dos dados que evidenciam semelhanças entre as modalidades das mesmas localidades. No entanto, observa-se que, quando comparamos os valores das medianas e a distribuição dos dados entre comunidades, verificamos diferenças, principalmente com relação ao parâmetro intensidade.

**Figura 13** – Boxplot da distribuição dos valores correspondentes à: (a) duração (ms) e (b) intensidade (dB), referentes às localidades de Lagoa da Conceição e Madalena do Pico para as modalidades declarativas e interrogativas totais

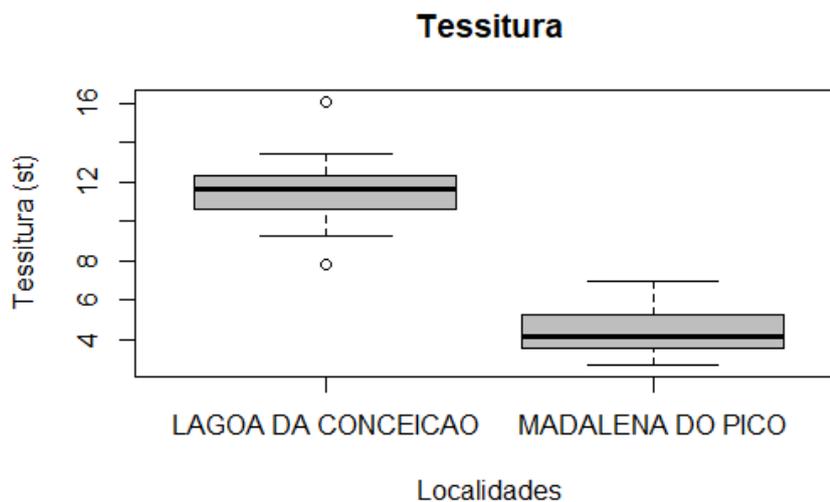


Fonte: Elaborado pelas autoras.

### 6.1.3 Tessitura

Ainda, na observação dos movimentos das curvas de F0, verificamos que a diferença média entre o valor máximo e mínimo de F0, ou seja, a tessitura, é significativamente menor ( $p < 0,05$ )<sup>12</sup> para os açorianos da freguesia de Madalena do Pico, ilha do Pico (média de 4,44st), quando comparada à tessitura apresentada pelos florianopolitanos da Lagoa da Conceição (média de 11,48st). Pela verificação do gráfico apresentado na Figura 14, podemos notar que a distribuição dos dados e os valores da mediana verificados nas produções das duas localidades já evidenciam diferenças significativas entre suas tessituras.

**Figura 14** – Boxplot dos valores correspondentes à tessitura (em st) referentes às localidades da Lagoa da Conceição e Madalena do Pico



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Uma vez apresentados os resultados relativos à freguesia de Madalena do Pico e Lagoa da Conceição referentes ao comportamento global da curva de F0, aos picos de F0 e seus alinhamentos, à duração e intensidade das vogais produzidas em cada sentença e à tessitura, passaremos a uma discussão desses resultados. Consideraremos os resultados concernentes à tessitura e juntaremos a eles os resultados relativos às comunidades florianopolitanas de Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha e os das comunidades açorianas de Fenais de Ajuda, na ilha de São Miguel, e de Vila Nova, na ilha Terceira.

<sup>12</sup>  $p=2,783e^{-14}$

## 6.2 Índícios da presença dos Açores em Florianópolis

Na pesquisa por nós apresentada em Moutinho; Seara (2019), para os dados referentes às comunidades florianopolitanas de Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha e às açorianas de Fenais de Ajuda, na ilha de São Miguel, e ainda os de Vila Nova, na ilha Terceira, foram observadas semelhanças quanto ao comportamento do pico de F0 e de seu alinhamento entre as localidades açorianas e florianopolitanas referidas acima. Retomamos esses dados na Tabela 2, incluindo os dados aqui analisados de Madalena do Pico (ilha do Pico) e Lagoa da Conceição (Florianópolis).

**Tabela 2** – Sílabas em que se encontra o pico de F0 e seu alinhamento na região nuclear das sentenças nos dados das comunidades florianopolitanas de Santo Antônio de Lisboa, Ribeirão da Ilha, Lagoa da Conceição e das freguesias açorianas de Vila Nova (ilha Terceira), Fenais da Ajuda (ilha de São Miguel) e Madalena do Pico (ilha do Pico).

Localidades	Sílabas em que se encontra o pico de F0		Alinhamento do pico de F0 na sílaba	
Oxítonas				
Modalidade	Declarativas	Interrogativas	Declarativas	Interrogativas
Vila Nova	pré- tônica	tônica	à esquerda	medial
Fenais da Ajuda	pré- tônica	pré-tônica	à esquerda	à esq/ medial
<b>Madalena do Pico</b>	<b>sem pico</b>	<b>sem pico/tônica</b>	<b>sem alinh.</b>	<b>sem alinh./à esquerda</b>
Sto Antônio	pré- tônica	tônica	medial	medial
Ribeirão	pré- tônica	tônica	medial/à esq	medial
<b>Lagoa Conceição</b>	<b>tônica</b>	<b>tônica</b>	<b>à esquerda</b>	<b>à esquerda</b>
Paroxítonas				
Vila Nova	pré- tônica	tônica	à esquerda	medial
Fenais da Ajuda	pré- tônica	tônica	à esquerda	medial
<b>Madalena do Pico</b>	<b>sem pico</b>	<b>pós-tônica</b>	<b>sem alinh.</b>	<b>variável</b>
Sto Antônio	pré- tônica / tônica	tônica	medial/à esq	à direita
Ribeirão	pré- tônica	tônica	à esq/medial	à direita
<b>Lagoa Conceição</b>	<b>pré-tônica</b>	<b>tônica</b>	<b>à esquerda</b>	à esquerda/medial
Proparoxítonas				
Vila Nova	tônica	tônica	à esquerda	medial
Fenais da Ajuda	tônica	tônica	à esquerda	medial
<b>Madalena do Pico</b>	<b>sem pico</b>	<b>pós-tônica/tônica</b>	<b>sem alinh.</b>	<b>à esquerda</b>
Sto Antônio	tônica	tônica	à esquerda	à direita/ medial
Ribeirão	tônica	tônica /pós- tônica	à esq/medial	à dir/à esq
<b>Lagoa Conceição</b>	<b>tônica</b>	<b>pós-tônica</b>	<b>à esquerda</b>	<b>à esquerda</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pela Tabela 2, verificamos que os dados referentes a Madalena do Pico se distanciam tanto dos dados das demais freguesias dos Açores, quanto das comunidades florianopolitanas. Já os dados da Lagoa da Conceição se assemelham aos dados das freguesias açorianas. Essas semelhanças dizem respeito principalmente ao núcleo entonacional das declarativas constituído por vocábulos paroxítonos e proparoxítonos. Isto é, apresentam alinhamento à esquerda na pré-tônica e alinhamento à esquerda na tônica, respectivamente, destacados em vermelho na Tabela 2.

Para completarmos os nossos dados, examinamos ainda os valores de tessitura já por nós investigados (MOUTINHO; SEARA, 2019) nas comunidades florianopolitanas de Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha e nas açorianas de Fenais de Ajuda, na ilha de São Miguel, e de Vila Nova, na ilha Terceira. Os valores apurados serão comparados com os valores de tessitura observados nos dados das duas localidades analisadas inicialmente no presente estudo (Madalena do Pico e Lagoa da Conceição).

As diferenças encontradas entre as tessituras são significativas para todos os cruzamentos ( $p < 0,05$ ), à exceção do cruzamento entre Vila Nova x Ribeirão ( $p > 0,05$ )<sup>13</sup> e Fenais da Ajuda x Santo Antônio de Lisboa ( $p > 0,05$ )<sup>14</sup>. Pela Tabela 3, podemos notar que os dados de Madalena do Pico e Lagoa da Conceição continuam como extremos neste conjunto maior de dados.

**Tabela 3** – Valores médios de tessitura (em st) verificados em sentenças declarativas neutras e interrogativas totais nas três freguesias dos Açores (Portugal) e nas três comunidades de Florianópolis (Brasil)

Localidades	Declarativas Neutras	Interrogativas Totais
<b>Madalena do Pico (Pico)</b>	<b>4,23</b>	<b>4,65</b>
Fenais da Ajuda (São Miguel)	8,27	6,90
Vila Nova (Terceira)	8,33	10,56
Santo Antônio de Lisboa	7,52	6,84
Ribeirão da Ilha	9,34	8,54
<b>Lagoa da Conceição</b>	<b>10,95</b>	<b>12,01</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

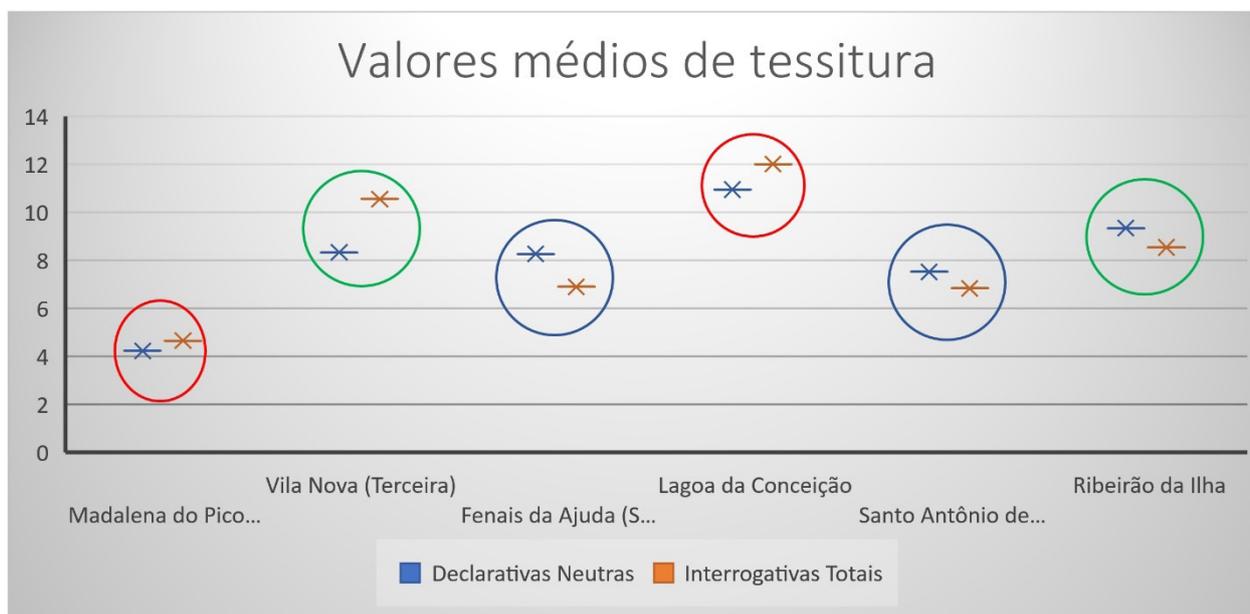
Os valores de tessitura averiguados nas sentenças produzidas em Madalena do Pico são significativamente menores do que os apresentados nas produções das demais localidades, assim como os valores de tessitura exibidos pelas sentenças produzidas nos dados

<sup>13</sup>  $p=0,4524$

<sup>14</sup>  $p=0,4873$

da Lagoa da Conceição são significativamente maiores do que os apresentados nos dados das demais localidades brasileiras e portuguesas. Assim, tanto Madalena de Pico quanto a Lagoa da Conceição apresentam valores de tessitura que se afastam um do outro e das demais localidades, posicionando-se nos extremos mais baixo e mais alto, respectivamente. Esse comportamento da tessitura pode ser observado nos círculos vermelhos exibidos na Figura 15.

**Figura 15** – Valores médios de tessitura apresentados para as sentenças produzidas nas comunidades açorianas e florianopolitanas



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os dados mostrados na Figura 15 atestam, mais claramente, as semelhanças de comportamento indicadas pelos testes estatísticos, ou seja, há um comportamento da tessitura semelhante entre as comunidades de Vila Nova e Ribeirão da Ilha (nos círculos verdes) e entre Fenais da Ajuda e Santo Antônio de Lisboa (nos círculos azuis). Estes resultados vão ao encontro do já descrito em Moutinho; Seara (2019), onde as autoras haviam indicado comportamentos relacionados à duração que davam indícios da aproximação das freguesias portuguesas acima referidas e Ribeirão da Ilha.

## 7 Considerações finais

Feitas as análises e apresentados os resultados, vamos responder às nossas questões de pesquisa.

A primeira delas relaciona-se aos achados concernentes a marcas dialetais considerando-se os contornos das curvas de F0, a **sílab**a em que se encontra o pico de F0 e seu alinhamento na sílaba. Em todos esses parâmetros, observamos diferenças entre os dados da Lagoa da Conceição e Madalena do Pico. E fomos mais além, procurando olhar esses resultados juntamente com os dados por nós já investigados em Moutinho; Seara (2019) para outras localidades florianopolitanas e açorianas.

Os resultados mostraram que, enquanto para os dados de outras localidades açorianas e florianopolitanas foram encontradas semelhanças, os dados de Madalena do Pico distanciam-se das demais. Acrescenta-se a isso a observação de que os dados dessa freguesia apresentam um movimento mais saliente da curva de F0 na região pré-nuclear das sentenças, diferentemente das demais localidades, mesmo açorianas. A região nuclear apresenta-se, predominantemente, sem movimentos da curva de F0, evidenciando que a diferença entre as modalidades declarativa e interrogativa se daria na região pré-nuclear. Os dados da Lagoa da Conceição apresentam comportamento semelhante ao das outras comunidades florianopolitanas e açorianas, principalmente para os núcleos entonacionais das declarativas formados por paroxítonas e proparoxítonas, ou seja, alinhamento à esquerda na pré-tônica e alinhamento à esquerda na tônica, respectivamente.

A segunda questão de pesquisa olha para os dados de duração, intensidade e tesseitura e a terceira compara os dados de Madalena do Pico e Lagoa da Conceição com as demais comunidades açorianas e florianopolitanas.

Para todos esses parâmetros, foram observadas diferenças significativas entre os dados da Lagoa da Conceição e de Madalena do Pico. Na comparação do parâmetro tesseitura com as localidades de Fenais da Ajuda e Vila Nova nos Açores e Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha em Florianópolis, os resultados mostraram que não foram verificadas diferenças significativas entre os dados de Vila Nova e Ribeirão e entre os dados de Fenais da Ajuda e Santo Antônio de Lisboa.

A comparação entre todas as variedades pesquisadas nos permitiu dizer que Lagoa da Conceição, apesar de apresentar um certo distanciamento com os dados de Madalena do Pico, aproxima-se tanto dos dados de açorianos das ilhas de São Miguel e Terceira, quanto de dados dos florianopolitanos do Ribeirão da Ilha e Santo Antônio de Lisboa. Dessa forma, dá indícios da presença dos Açores nessa comunidade. Madalena do Pico, por outro lado, distancia-se de todas as demais localidades, não só brasileiras, mas também portuguesas.

Estes resultados afastam-se do que seria esperado, já que, segundo Furlan (1989), grande parte dos açorianos teria vindo da ilha de Pico (22,7%) que migrou para a região

insular de Florianópolis. Nesse caso, seriam esperadas maiores semelhanças entre as comunidades pesquisadas.

Análises exploratórias ainda bastante preliminares de outros dados vindos de Madalena do Pico indicam comportamento semelhante aos aqui descritos para os dados do informante pesquisado. No entanto, considerando essas características tão peculiares de Madalena do Pico e com um distanciamento tão evidente entre os resultados das duas comunidades focalizadas na presente pesquisa, parece-nos imprescindível a análise das sentenças com um maior número de vogais e a observação de um maior número de informantes dessa freguesia, para que possamos confirmar ou não tais características como identitárias das comunidades estudadas.

Para além disso, estamos cientes de que deve ser equacionada a aplicação de testes de percepção, porque nos poderão ajudar a melhor perceber como são sentidas essas diferenças/semelhanças entre essas comunidades.

Apesar de os dados terem de ser olhados ainda com alguma cautela por conta do número de informantes, acreditamos que o presente estudo tenha contribuído para uma visão geoprosódica das variedades faladas na parte insular da cidade de Florianópolis e nas ilhas de Pico, Terceira e São Miguel.

Ainda como conclusão, acrescentaríamos que pesquisas desta natureza nunca podem ser vistas como trabalhos acabados, mas cada estudo é mais um passo no conhecimento da geoprosódia, no nosso caso do português<sup>15</sup>. E parafraseando o criador e primeiro Coordenador do Projeto AMPER, Professor Michel Contini, no decorrer de um Congresso em *Variação Linguística nas Línguas Românicas*, em 2019, na Universidade de Aveiro, estes tipos de pesquisa nunca se podem dar por terminadas, como não podemos dar por terminada a análise de uma língua que os homens falam (CONTINI, 2019).

## Referências

BARBOSA, P. A. *Prosódia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

BASSI, A.; SEARA, I. C. A produção das fricativas alveolar, ápico-alveolar e palatoalveolar em coda silábica no PB e no PE. *Letras de Hoje*, v. 52, p. 77-86, 2017.

BIASIBETTI, A. P. C. S. *Produção e percepção das fricativas sibilantes em Porto Alegre/*

---

<sup>15</sup> Agradecemos aos pareceristas anônimos pelas sugestões que contribuíram para a clareza do texto e dos resultados. Salientamos, todavia, que “erros” remanescentes são de nossa inteira responsabilidade. Agradecemos ainda o apoio concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através de bolsa de pesquisa, processo n. 308066/2018-9.

RS e Florianópolis/SC. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2018.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer. Amsterdã: Instituto de Ciências Fonéticas de Amsterdã, 2019. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BRESCANCINI, C. R. A palatização em coda em Florianópolis/SC: variáveis sociais. *Working Papers em Linguística*, 16(1), Florianópolis, jan/jul, p. 75-97, 2015.

BROD, L. M. *A lateral nos falares florianopolitano (PB) e portuense (PE): casos de gradiência fônica*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CONTINI, M. et al. L'avancement des recherches en géoprosodie et le projet AMPER. *Estudios de Fonética Experimental* (ISSN 1575-5533), p. 111-122, 2008.

CONTINI M. *Estudos em variação linguística nas línguas românicas*. Aveiro: UA Editora, 2019, p. 4.

CUNHA, C. S. *Entoação regional no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: FL/ UFRJ, 2000.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. Um breve estudo do léxico conservador presente no falar ilhéu do distrito de Santo Antônio de Lisboa, litoral de Santa Catarina. *Revista de estudos lusófonos*, n.º. 0, itens 9 e 10, 2008.

FURLAN, O.A. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1989.

MATEUS, M. H. M.; ANDRADE, A.; VIANA, M. C.; VILLALVA, A. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MILAN, P.; KLUGE, D. C. Diferenças na região pré-nuclear entre sentenças assertivas e interrogativas do dialeto curitibano: produção e percepção. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 2, p. 289-316, 2017.

MORAES, J. A. The Pitch Accents in Brazilian portuguese: analysis by synthesis. In: *Proceedings of the Fourth Conference on Speech Prosody*, 2008. Campinas: Unicamp, p. 389-397, 2008.

MOUTINHO, L. C.; COIMBRA, R. L. Variation prosodique dans les interrogatives totales du Portugais Europeen continental. In: CONGOSTO, Y.; MONTERO, M. L.;

SALVADOR, A. (eds.). *Fonética experimental, educación superior e investigación*, III vol. Madrid: Editorial Arco/Libros: 2014, p. 153-170.

MOUTINHO, L. C.; COIMBRA, R. L.; BERNARDES, M. C. R. Sul de Portugal continental e Açores: Distância geográfica também distância prosódica? In: MOUTINHO, L. de C.; COIMBRA, R. L.; FERNÁNDEZ REI, E. *Estudos em variação geoprosódica*. Aveiro: UA Editora, 2015, p. 111-121.

MOUTINHO, L. C.; SEARA, I. C. A presença dos Açores em duas comunidades de Florianópolis (SC): aspetos prosódico-entonacionais. *Géolinguistique*, v. 19, p. 1-19, 2019.

MOUTINHO, L. C.; ZERLING, J.-P. Análise comparada de três padrões prosódicos em francês e em português europeu. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 12, n. 2, p. 111-143, jul./dez. 2004.

NUNES, V. G.; SEARA, I. C. A investigação da prosódia de sentenças interrogativas totais em variedades dialetais catarinenses e sergipanas com foco em diferentes metodologias. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIX, p. 202-223, 2019.

NUNES, V. G. *A prosódia de sentenças interrogativas totais nos falares catarinenses e sergipanos*. 2015. 561f. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

NUNES, V. G. *Análises entonacionais de sentenças declarativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano*. 2011. 178f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

OLIVEIRA, R. P.; SEARA, I. C.; SOSA, J. M. Contorno entonacional declarativo com upstep no falar manezinho e seu significado: uma abordagem crítica. In: MOUTINHO, L. C.; COIMBRA, R. L.; REI, E. F.; SOUSA, X.; BAUTISTA, A. G. (Org.). *Estudos em variação linguística nas línguas românicas*. 1. ed. Aveiro-Portugal: UA Editora, 2019, v. 1, p. 338-355.

SEARA, I. C.; SILVA, M. C. F.; BERRI, A. A entoação do SN-Sujeito no PB falado em Florianópolis: sentenças declarativas e interrogativas totais. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. IX, p. 157-168, 2011.

SEARA, I. C.; SOSA, J. M. A identidade dialetal do “manezinho” com foco em características entonacionais. *Letras de Hoje*, v. 52, p. 51-57, 2017.

SEARA, I. C.; SOSA, J. M.; OLIVEIRA, R. P. A vitalidade identitária de contornos entonacionais característicos do falar manezinho. *Gragoatá* (UFF), v. 23, p. 632-653, 2018.

SEARA, I. C. Algumas observações sobre características segmentais da variedade florianopolitana. In: MOUTINHO, L. de C.; COIMBRA, R. L.; REI, E. F.; SOUSA, X.; BAUTISTA, A. G. (Org.). *Estudos em variação linguística nas línguas românicas*. 1ed. Aveiro: UA Editora, 2019, v. 1, p. 49-63.

SEARA, I. C.; MOUTINHO, L. de C. A variação na entoação de declarativas neutras e interrogativas totais nas três capitais do Sul do Brasil. *Revista do GEL*, v. 17, n. 2, p. 230-266, 2020.



Data de submissão: 30/11/2020

Data de aceite: 30/06/2021

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PARANÁ: VOGAIS MÉDIAS NO ALPR E ALIB/PR

LINGUISTIC VARIATION IN PARANÁ:  
VOWELS /E/ E /O/ IN ALPR AND ALIB/PR

Fabiane Cristina Altino | [Lattes](#) | [fabiane@uel.br](mailto:fabiane@uel.br)  
Universidade Estadual de Londrina

**Resumo:** Uma das tarefas de pesquisadores sobre o estudo da variação linguística é a de verificar se as características sócio-históricas e a diversidade geográfica são perceptíveis na fala dos habitantes. Esse objetivo está presente nos atlas regionais e nos atlas nacionais e, nesta perspectiva, vários trabalhos de cunho dialetológico foram empreendidos e inúmeros atlas regionais foram publicados. Entre eles, o ALPR – Atlas Linguístico do Paraná, organizado em dois momentos: o primeiro de Aguilera, publicado em 1994, e o segundo, ainda sem publicação, por Altino, em 2007, resultado da tese de doutoramento. Este artigo pretende discutir os dados registrados nas cartas fonéticas dos dois volumes do Atlas Linguístico do Paraná, cotejá-los com os dados registrados nas entrevistas do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, também no estado em questão, observando as falas de homens e mulheres entrevistados e buscando estabelecer o grau de influência dos diversos grupos étnicos presentes no estado em relação à manutenção ou alçamento das vogais média anterior e posterior. Os aspectos da colonização apontam para a possibilidade da diversidade linguística do estado.

**Palavras-chave:** Vogais médias; ALPR; ALiB; Dialetologia.

**Abstract:** One of the tasks of researchers in the study of linguistic variation is to verify whether socio-historical characteristics and geographic diversity are perceptible in the speech of the inhabitants. This objective is present in regional atlases and national atlases and, in this perspective, several dialectological works were undertaken and numerous regional atlases were published. Among them, the ALPR – Atlas Linguístico do Paraná, organized in two moments: the first by Aguilera, published in 1994, and the second, still unpublished, by Altino, in 2007, the result of a doctoral thesis. This article aims to discuss the data recorded in the phonetic of the two volumes of the Atlas Linguístico do Paraná, to compare them with the data recorded in the interviews of the Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, also in the state in question, observing the speeches of men and women interviewed and seeking to establish the degree of influence of the different ethnic groups present in the state in relation to the maintenance or elevation of the vowels /e/ e /o/. The aspects of colonization point to the possibility of linguistic diversity in the state.

**Keywords:** Vowels /e/ and /o/; ALPR; ALiB; Dialectology.

## Introdução

É consenso entre os estudiosos da linguagem a necessidade de estudos sobre a diversidade linguística. Esse propósito já era discutido, há exatamente um século, por Amadeu Amaral (1920/1976, p. 2), sobre o desejo de que houvesse “observadores imparciais, pacientes e metódicos” empenhados na tarefa de recolher elementos em cada uma das regiões brasileiras para reunir grande número de contribuições, segundo o autor, restritas em volume e em pretensão, mas que, em seu universo apresente boa recolha de dados com apuro teórico.

Essa preocupação com a descrição dos falares que formam o português brasileiro também foi preconizada por Houaiss (1960), quando tratava da criação do Centro Latino-Americano de Pesquisa de Ciências Sociais, no Rio de Janeiro, em 1957. O autor assinalava a necessidade de o recém-fundado Centro levar em consideração os aspectos fundamentais do problema linguístico brasileiro, e ensejou “o estudo científico do instrumento de comunicação – no nosso caso concreto, a língua portuguesa afeiçãoada às nossas características nacionais” (HOUAISS, 1960, p. 40).

Nesta linha de pensamento, mais recentemente, Noll (2008), ainda sobre a importância do trabalho descritivo do português brasileiro, preconiza que o estudo da língua portuguesa abre interessantes perspectivas para a Linguística, pois sua posição histórica, associada às descobertas dos séculos XV e XVI, conduziu à formação de uma România Nova de cunho português.

Mattos e Silva (2004), sobre o estudo da língua portuguesa falada no Brasil, sinaliza para uma elaboração coletiva, afirmando que a importância dos estudos descritivos do português brasileiro perpassa três metas: (i) os estudos da Dialetoлогия, com os atlas regionais e nacional; (ii) com o trabalho da dialeção vertical, conduzida pela Sociolinguística – a partir da década de 70 –; e (iii) do “levantamento exaustivo de depoimentos diretos ou indiretos sobre todos os processos lingüísticos havidos a partir do início da colonização” (MATTOS e SILVA, 2004, p. 55). Esta construção coletiva, anunciada por Mattos e Silva (2004), reside na exatidão com que os dados coletados (orais ou escritos) são trabalhados, fornecendo, além de uma visão panorâmica da língua, a possibilidade de se fazer seu inventário e documentar o grau de aculturação presente na língua, quer seja no espaço geográfico, quer seja no espaço social, de realizar o estudo da formação da língua e da sua história.

É nesta perspectiva que este artigo se insere, como contribuição para o conhecimento do português brasileiro, em especial do Paraná, em que se apresenta o estudo fonético dos dados constantes dos *corpora* já constituídos: cartas do ALPR, em suas duas edições (1994 e 2007) e para o ALiB/seção Paraná.

Para este estudo objetivou-se a análise da neutralização das vogais átonas finais /e/ e /o/ no *corpus* do ALPR, cotejadas aos dados coletados pelo instrumento de coleta de dados do ALiB, com o propósito de contribuir com novos dados para a construção do quadro da língua portuguesa, dentro de uma perspectiva teórica geossociolinguística.

Especificamente, pretendeu-se (i) revisitar os dados fonéticos, nas 65 localidades, dos fenômenos constantes dos dois volumes do ALPR (coletados na década de 80 do século passado); (ii) inventariar os dados fonéticos equivalentes nas entrevistas para o ALiB, nas 17 localidades do estado do Paraná (coletados entre os anos 2001 e 2002); (iii) cotejar e analisar os dois *corpora*; e (iv) elaborar um quadro sinótico, por meio de cartas linguísticas, com os dados de variação fonética no Paraná.

### **Considerações sobre o ALPR e o ALiB no Paraná**

No Atlas Linguístico do Paraná – ALPR, Aguilera (1994) apresenta 191 cartas linguísticas que contemplam itens lexicais e fenômenos fonéticos. As cartas são acompanhadas de notas explicativas das variantes, além de cartas de possíveis linhas de isoglossas do falar paranaense. A obra é norteada pela Dialectologia tradicional, postulada por Silva Neto (1957) e por Nascentes (1958 e 1961) que, após algumas adaptações à realidade histórica e regional, registrou a fala paranaense em 65 localidades no estado num total de 130 informantes (homens e mulheres, com idade entre 30 e 60 anos, analfabetos ou com pouca escolaridade, nascidos e residentes nas localidades). As entrevistas coletadas por Aguilera (1985 – 89), armazenadas em forma de gravação e material escrito, serviram de fonte para a elaboração das cartas do segundo volume (ALTINO 2007). Peça fundamental para a execução do trabalho desenvolvido, os procedimentos metodológicos dessa pesquisa, de cunho descritivo, retomaram os dados registrados não contemplados no primeiro volume do atlas do Paraná, 54% do questionário aplicado, para apresentação em cartas lexicais e fonéticas, além de cartas dialetométricas.

O estado, que integra a rede de pontos da Região Sul do Brasil no projeto ALiB, teve a coleta de dados realizada entre os anos de 2001 e 2002. As 17 localidades que compõem a rede de pontos investigados pelo projeto no PR foram exaustivamente estudadas dentro dos critérios da Dialectologia.

Sobre o perfil dos informantes, o banco de dados do ALPR registra as respostas de informantes analfabetos ou pouco escolarizados e homens e mulheres em distribuição diatópica. O banco do ALiB registra informantes de escolaridade fundamental para o interior e fundamental e superior para a capital e homens e mulheres igualmente distribuídos no território paranaense. Para este estudo, as respostas dos informantes com ensino

superior não foram computadas por não ser possível cotejá-las com os dados do ALPR.

Nesse cenário, a amostra para este estudo teve como alvo as respostas dos 130 informantes do ALPR e 68 do ALiB para a verificação dos fenômenos de neutralização das vogais átonas finais /e/ e /o/. Os dados foram revisados e transcritos em planilhas, tratados e transferidos para o programa Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas [SGVCLin] – versão 1.1 (ROMANO, SEABRA, OLIVEIRA, 2014), que geraram cartas que foram discutidas à luz das teorias da Dialectologia.

### **1 Fundamentação teórica: um passeio pelo objeto de estudo**

Como é sabido, há sete vogais no português na posição tônica (altas /i/ e /u/, médias /e/, /o/, /ɛ/ e /ɔ/ e baixa /a/), as quais se reduzem a cinco em contextos de consoante nasal (altas /i/ e /u/, médias /e/, /o/ e baixa /a/ (CÂMARA JR., 2008). De acordo com o autor, o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas, ficando para cada uma, um fonema em vez de dois. Este é o conceito clássico em fonologia denominado *neutralização*. Desta forma, em decorrência das neutralizações, o sistema vocálico do português apresentará, *via de regra*: (i) em pauta pretônica: altas /i/ /u/, médias /e/ /o/ e baixa /a/; (ii) em pauta postônica não-final (altas /i/ /u/, médias /e/ e baixa /a/); e (iii) em pauta postônica final (altas /i/ /u/ e baixa /a/).

Há que se mencionar que Câmara Jr não reconhece, em seu estudo, as diferenças do grau de abertura entre vogais altas e médias. Sobre isso, Ferreira Netto (2001) sinaliza que, em certas regiões do Brasil, é comum ocorrer a realização das vogais átonas finais /e/ e /o/. Estenderíamos esta observação para todo o estado do Paraná e, mais detidamente, para a parte sul do estado, onde há (ou, pelo menos, havia) uma concentração maior da realização das vogais médias. Para Ferreira Netto (2001), esse fenômeno fonológico está vinculado diretamente ao fato de ser visto como uma pronúncia estigmatizada. Afirma, ainda, que o alçamento vocálico resultou do estabelecimento de um dialeto mais prestigiado, que se consagrou como a pronúncia rotulada como padrão do português.

Os estudos variacionistas sobre ao português falado no Brasil, com destaque aqui para os realizados sobre o português falado no Sul do Brasil (SCHMITT, 1987; MERCER, 1992; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; MALLMANN, 2001; MACHRY DA SILVA, 2009; MENON, 2015, para citar alguns), dão indícios de que, nessa região, a elevação das vogais médias na pauta átona final trata-se de uma regra variável. Podemos encontrar a realização do sistema de três vogais – altas /i/, /u/ e central /a/ – e do sistema de cinco, no qual, além das vogais altas e central, somam-se as médias /e/ e /o/.

Roveda (1998), quando trata da elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues português e italiano, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, conclui que, nesses estados, a regra variável de alçamento /i/ e /u/ mostra-se produtiva nas capitais e nas regiões metropolitanas, podendo ser considerada de aplicação categórica, apresentando índices de aplicação próximos de 99 e 100%, respectivamente. Segundo a autora, nas cidades de fronteira e de colonização alemã e italiana – esta última, foco do estudo da autora – a regra estaria em estágio inicial, com maior elevação da vogal /o/ do que da vogal /e/ (ROVEDA, 1998).

Outro artigo que merece destaque é o que trata da neutralização da átona final de Bisol (2003). Ao discorrer sobre o fenômeno, a autora cita o estudo de Vieira (2002) que analisou os dados do VARSUL em algumas cidades dos estados da Região Sul (Paraná: Curitiba, Pato Branco, Irati e Londrina; Santa Catarina: Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages; e Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Panambi, São Borja e Flores da Cunha), em que os resultados indicam o uso da vogal alta. Segundo ela

Trata-se da terceira neutralização, a da átona final que, na mudança de um sistema secundário para um sistema primário, apresenta alofonia nos dados do Varsul: há variedades de fala que a praticam opcionalmente, até mesmo escassamente. Curitiba, entre as capitais, é um exemplo; há outras que a praticam categoricamente, como Porto Alegre, que se opõe às demais regiões do Estado, que dela fazem uso variável. Essa regra tem as características da neutralização: implica mudança de registro, vai em direção à generalidade e cria um sistema vocálico natural que existe dentro da própria língua e em outras, /i u a/, como existe no árabe clássico, citado por Clements (1991)(BISOL, 2003, p. 277).

Bisol (2003, p. 278) completa que “a neutralização, entendida como perda do traço distintivo entre vogais médias e altas, é uma regra geral nesta posição, e que a preferência para a realização da alta tende a generalizar-se”.

Tanto ditongos nasais quanto monotongos podem sofrer a redução quando átonos. Segundo Battisti (2000, p. 256) “uma única vogal, sem qualquer resquício de nasalidade, pode realizar-se em superfície, como em *bênção* > *bênçu* / *nylon* > *nylu*”. A autora analisou as ocorrências sobre o fenômeno no banco de dados do VARSUL, nas entrevistas dos três estados da Região Sul. No que tange ao comportamento da variável Localização Geográfica, Battisti (2000, p. 268) declara que

a observação das peculiaridades da fala mostra o catarinense como o sujeito que produz sílabas finais de vogais facilmente neutralizáveis, em oposição ao paranaense, cuja fala apresenta vocábulos em que vogais (e consoantes) em sílabas átonas finais são produzidas clara e completamente.

Mercer (1992), em seu estudo sobre as áreas fonéticas no estado do Paraná, discute, entre outros fenômenos, a elevação da vogal média, afirmando a sua extensão homogênea e territorialmente considerável, além de contornos razoavelmente determinados, define alguns feixes de isoglossas. (MERCER, 1992). Nas cartas linguísticas 44 e 45 do seu estudo verifica-se a linha que sulca o estado do Paraná em norte e sul, em distribuição da vogal média pelas localidades mais ao sul do estado e o alçamento da vogal média anterior na porção mais ao norte. O autor comenta, como também se faz neste artigo, a relação entre as configurações geolinguísticas do estado do Paraná aos fatos históricos de sua ocupação, buscando “reflexos do processo colonizatório sobre o panorama linguístico” (MERCER, 1992, p. 106).

Nascentes (1922), em seu estudo *O linguajar carioca*, afirma que a elevação das vogais médias é fenômeno caracterizador de regiões dialetais no Brasil. Estudos como os mencionados nesta seção, além de Bisol (1981), entre outros, investigam as áreas de predominância dessas variantes e os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem o uso de uma ou de outra variante do /o/ e do /e/.

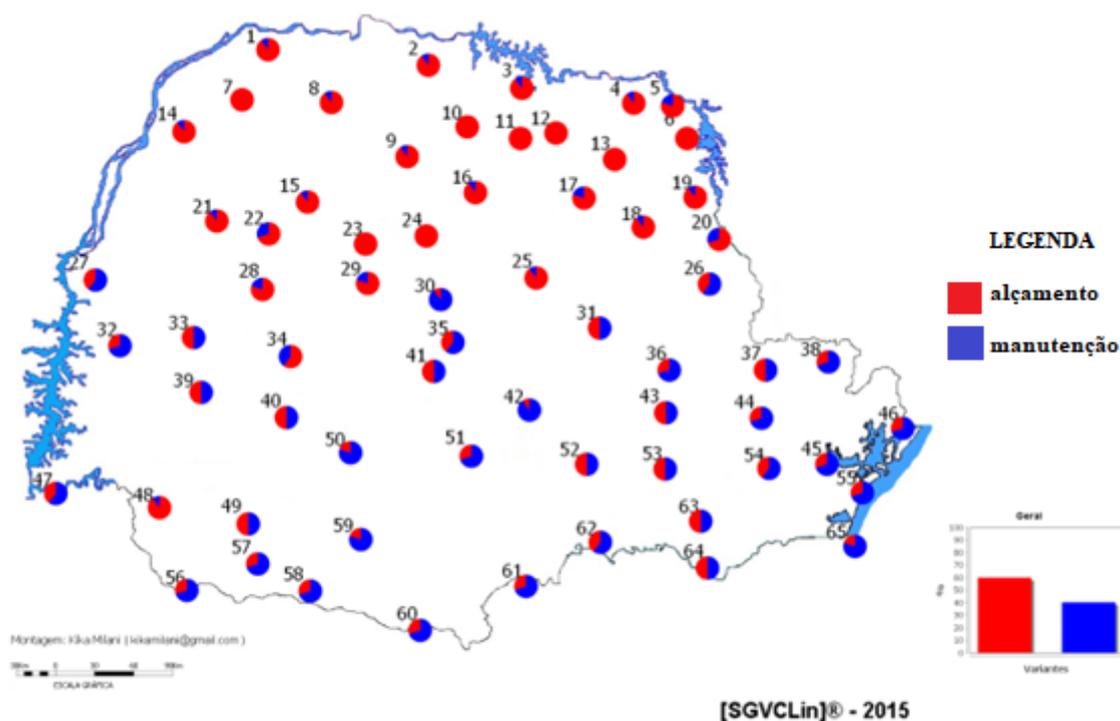
## **2 Análise dos dados: o que nos contam as cartas linguísticas**

Para o estudo da vogal média anterior átona final, do *corpus* do ALPR, selecionamos as questões: 06 (ponte), 33 (eclipse), 59 (árvore), 135 (vaga-lume), 179 (bigode), 180 (cavanhaque), 213 (tuberculose) e 272 (alfaiate) e outras dos dados do ALiB, como veremos em seguida.

Os dados dispostos na carta linguística (Figura 1), permitem visualizar a divisão encontrada na coleta de dados do ALPR. Dos 742 registros obtidos, 302 (41%) foram de realização da vogal média. Há que se observar a parte inferior do mapa – parte sul do estado –, em que a tendência de alçamento da vogal média parece não se concretizar. A hipótese a ser levantada para a manutenção da vogal média nesta área do estado é a da imigração. Os dados sobre a colonização e povoamento do estado mostram que na última fase de ocupação e, ainda na demarcação das terras concedidas às companhias de colonização, observa-se a entrada de colonos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina que, partindo de Pato Branco (ponto 58 do ALPR), rumaram para os vales dos rios Chopim, Piquiri e Paraná. Segundo Altino (2007, p. 124), “estes reimigrantes (alemães e italianos principalmente) que se instalaram no oeste paranaense conferem, em especial ao município de Marechal Cândido Rondon – ponto 32 do ALPR, um possível isolamento linguístico.”

Segundo Cigolini, Mello e Lopes (2001, p. 74), os “colonos europeus continuaram a estabelecer-se nas proximidades de Curitiba e no centro-sul do estado, formando novos núcleos colonizadores.” Esses novos núcleos, em que se inserem os municípios de Irati (ponto 52), Prudentópolis (ponto 42) e São Mateus do Sul (ponto 62), apresentam menor identidade linguística em relação às localidades circunvizinhas, refletindo a formação étnica de seu povo, registrando índices acima da média para as diferenças linguísticas<sup>1</sup>.

**Figura 1** – ALPR: Vogal média anterior em posição postônica final



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados do ALPR.

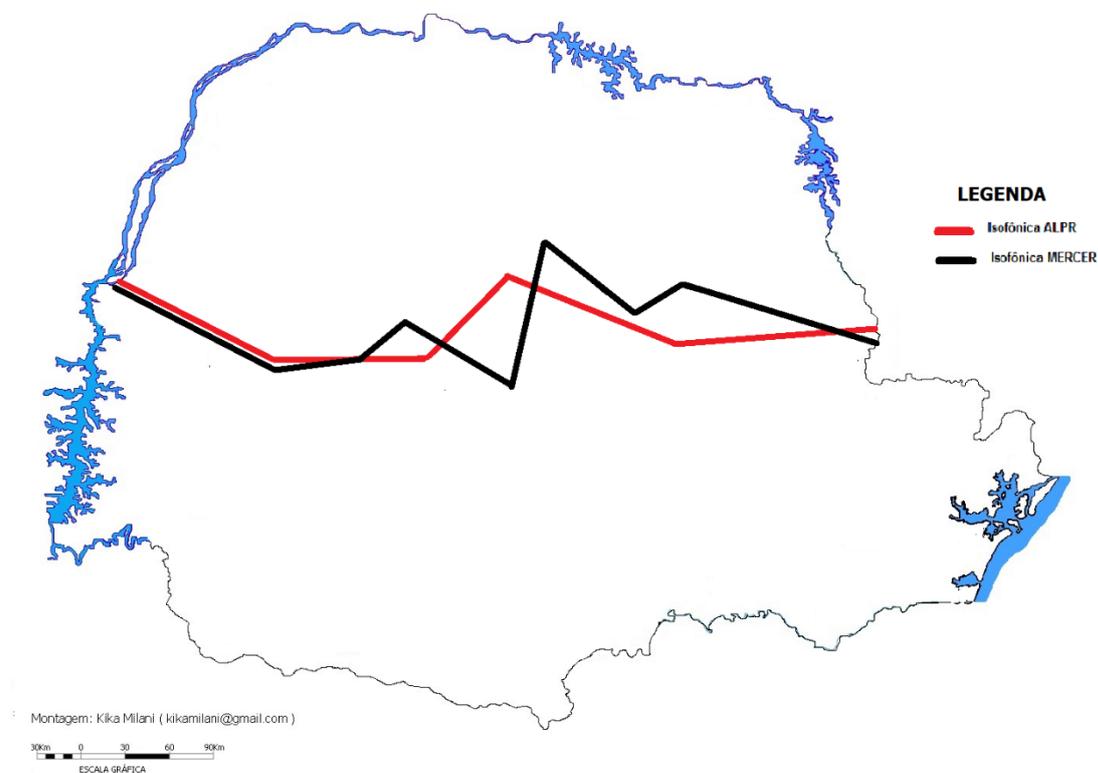
Para a análise da carta um é preciso retornar ao trabalho de Mercer (1992) que trata das áreas fonéticas no Paraná. A Figura 44 de seu estudo, elaborada a partir dos dados coletados para o ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul, mapeia a “área de alta e baixa frequência da elevação de /e/ átono final, precedido de /t/ ou /d/” (MERCER, 1992, p. 96) e delinea áreas bastante próximas das demarcadas com o *corpus* do ALPR. Na Figura 44, o autor demonstra (em porcentagem) a realização do alçamento,

<sup>1</sup> Conferir o estudo dialetométrico realizado por Altino (2007).

demarcando cada área pesquisada pelo ALERS e na Figura 45, como síntese dos dados, delimita três grandes áreas: (i) uma mais ao noroeste do estado, em que há a predominância do alçamento; (ii) uma faixa central que percorre o estado de oeste a norte, em que os registros são de alçamento e de manutenção da vogal média; e (iii) uma área que compreende toda a parte sul, em que há a predominância da manutenção da vogal média. Essa divisão norte-sul para o alçamento e a manutenção da vogal é o cenário da Figura 1. Na parte mais ao norte no estado estão os registros predominantes de alçamento e, mais ao sul, registra-se a manutenção da vogal média anterior átona final.

A síntese dos dados da Figura 1 pode ser visualizada na Figura 2 que é composta de duas isofônicas: uma (em preto) é a adaptação da isofônica traçada a partir das realizações da vogal média apresentada por Mercer (1992, Figura 45) e a segunda, em vermelho, a isofônica a partir dos dados do ALPR que sintetiza os registros da vogal média e cria uma fotografia linguística dos anos 90. O alçamento realizado com maior abrangência na parte norte do estado retrata sua colonização e, da mesma forma, na parte sul do estado, em que há a predominância da vogal média, facilmente justificada pelas características de povoamento.

**Figura 2** – Vogal média anterior – isoglossas traçadas – Mercer (1992) e ALPR (1994 e 2007)



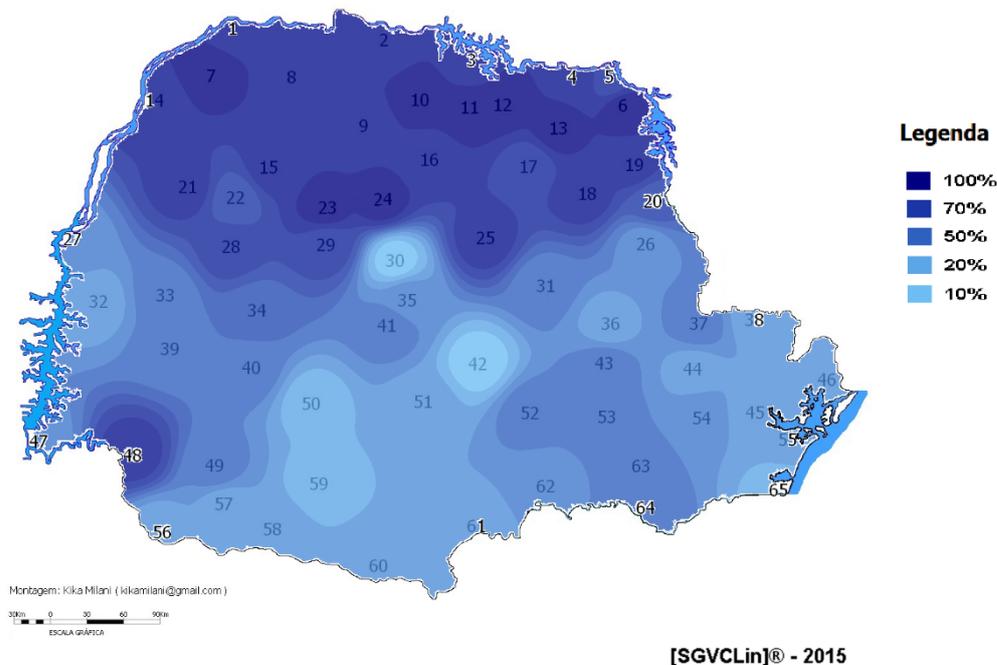
**Fonte:** Elaborada pela autora com dados do ALPR e Mercer (1992).

Mercer declara que provavelmente a comunidade falante tenha consciência de sua utilização como um traço distintivo linguístico e afirma, sobre as áreas fonéticas do Paraná, que essa consciência por parte dos falantes “é indicativo da saliência dialetal do traço” (MERCER, 1992, p. 108). Como conclusão de seu estudo sobre as áreas fonéticas no Paraná, o autor assinala quatro feixes de isófonas no estado e uma delas é a “que diz respeito a traços próprios do sul, que são a conservação de /e/ átono final” (1992, p. 119).

Às anotações feitas acima adiciona-se o que revela a Figura 31 do ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (2011) – que ratifica a manutenção da vogal média para a pronúncia do vocábulo *sete*, documentada no sul do Paraná, além do interior do estado de Santa Catarina e do norte do estado do Rio Grande do Sul, formando uma grande área de realização da vogal média.

A Figura 3 denota a arealidade gradual da ocorrência do alçamento da vogal média anterior em pauta átona final. Para a leitura do mapa, cabe indicar que o gradiente da cor azul demarca o uso do alçamento. Dessa forma, quanto mais escuro o tom azul estiver no mapa, maior será o índice de realização do alçamento.

**Figura 3** – ALPR – Arealidade Gradual – Realização do alçamento da vogal média anterior em posição postônica final



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados do ALPR.

Olhando para o mapa, duas localidades chamam a atenção: o ponto 30 – Ivaiporã e o ponto 42 – Prudentópolis, pelos baixos índices de alçamento (entorno de 10% dos dados foram alçados). Segundo Altino (2007), a origem de Ivaiporã remonta o ano de 1853, com a venda de 83.000 alqueires às margens do rio Ivaí. As terras foram exploradas por uma companhia inglesa de terras e, em 1924, coube à Sociedade Territorial Ubá Ltda a tarefa de colonização. Em 1939, tornam-se terras devolutas e apenas em 1951 acelera-se a colonização com a vinda, principalmente, de agricultores catarinenses. Já Prudentópolis teve início com a construção da linha telegráfica e, em meados de 1894, o Governo Federal inicia a colonização da região, assentando famílias de imigrantes poloneses e ucranianos. Catarinenses no ponto 30 e poloneses e ucranianos no ponto 42 conferiram ao falar dessas duas localidades a manutenção, ao menos até meados do século passado, da vogal média em pauta postônica final.

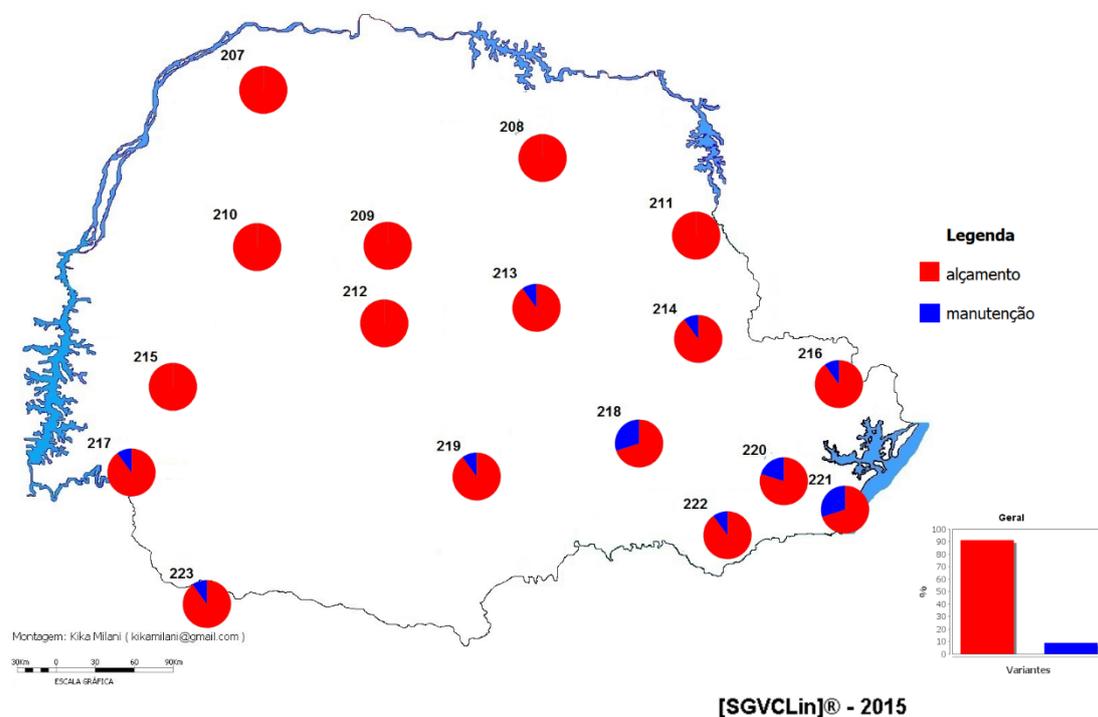
Na Figura 3, pode-se destacar, ainda, o registro da vogal em posição postônica final, embora em uma escala menor do que foi registrado nestes dois pontos de inquérito mencionados, nas localidades de: (i) Marechal Cândido Rondon (ponto 32), com seus reimigrantes alemães e italianos; (ii) Laranjeiras do Sul (ponto 50), colonizada por italianos, poloneses, alemães e brasileiros vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina; e (iii) Manguairinha (ponto 59), constituída por imigrantes alemães, italianos, catarinenses e gaúchos; todos com índices entorno de 20%.

De forma geral, na visualização da carta, é nítida a divisão do estado para a realização da vogal média. Na parte norte do estado, a realização do alçamento (em azul escuro) contrasta com a parte sul do Paraná, em que o registro do alçamento se atenua.

Para verificação da vogal média anterior no *corpus* do ALiB foram selecionadas as questões: 30 (tomate), 39 (árvore), 49 (elefante), 50 (peixe), 55 (noite), 62 (tarde), 104 (inocente), 116 (dente), 145 (presente), 157 (hóspede) e adotados os mesmos recursos tecnológicos. Após o tratamento dos dados (revisão e planilhamento) e a submissão ao programa selecionado para a confecção das cartas, obtivemos 78 realizações da vogal média (10% dos dados) para um total de 768 dados, como observado na Figura 4 sobre as vogais médias no *corpus* do ALiB. Cabe lembrar aqui que foram utilizadas as entrevistas dos informantes com escolaridade fundamental de Curitiba para que se pudesse homogeneizar a amostra.

Na Figura 4 é possível verificar o aumento dos registros de alçamento juntos aos informantes paranaenses após uma década de intervalo entre a recolha dos *corpora*. Para o ALPR, as entrevistas foram realizadas entre os anos de 1985 e 89; para o ALiB, entre os anos de 2001 e 2002.

**Figura 4** – ALiB Paraná: vogal média anterior em posição postônica final



**Fonte:** Elaborado pela autora com dados no ALiB.

Cotejando as cartas do ALPR e ALiB é possível verificar que a incidência da vogal média anterior, na parte sul do estado, já aparece enfraquecida. A exceção são as localidades 218 – Imbituva, 220 – Curitiba e 221 – Morretes e as razões para a manutenção da vogal média anterior pode ser o resultado do povoamento destas localidades.

Às margens do Caminho de Viamão, Imbituva recebeu nos anos 90 do século XIX imigrantes alemães, italianos, poloneses e russos. Segundo Stadler (2003), o município recebeu um significativo contingente de russos-alemães vindos da região do Volga, estabelecendo uma cultura étnico-religiosa (Luteranos) e divulgando seus costumes e língua. Segundo Ferreira (1996), a onda migratória em Morretes (ponto 221) teve início em 1860 e muitos imigrantes chegaram à cidade litorânea do estado: alemães, sírios, japoneses e, em maior número, os italianos, que se estabeleceram e fundaram a “Colônia Nova Itália”.

Já a capital do estado, segundo Ferreira (1996), começa a ser colonizada por volta de 1640, com a vinda de bandeirantes atraídos pelo ouro. Findada a fase extrativista, a

localidade passou a viver em função da pecuária (por conta do caminho de Viamão), constituindo-se em aristocracia rural por mais de um século. Entre 1830 e 40, a vinda dos imigrantes de origem étnicas diferentes muda o cenário da capital paranaense: italianos, alemães, poloneses e ucranianos alteram os hábitos.

Nestas localidades, a diversidade étnica propiciou a manutenção da realização da vogal média anterior. Esses resultados estão em concordância com os estudos feitos nos demais estados da Região Sul, em que se constata a influência dos imigrantes estrangeiros na fala dos sulistas. Tomando as palavras de Lenzi e Brenner (2008), quando trata das vogais postônicas finais /e/ e /o/ nos falantes do município de Doutor Pedrinho – SC, “apesar de se tratar de um fato estigmatizado, os falantes daquela região ainda sofrem significativa influência histórica, visto se tratar de um reflexo do bilingüismo, sobretudo português/italiano, que marca o dialeto” (LENZI; BRENNER, 2008, p. 64).

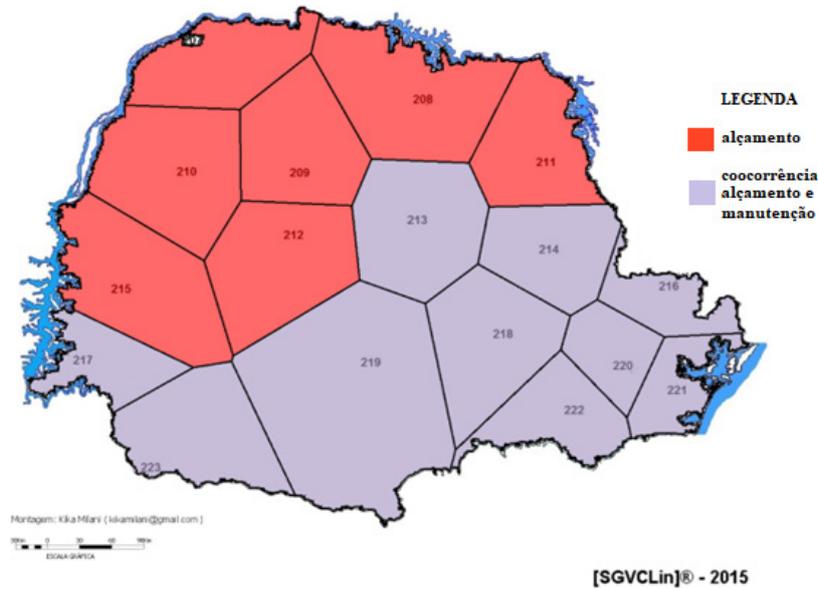
Mileski (2013) chega às mesmas conclusões em seu estudo sobre a localidade de Vista Alegre do Prata – RS. Segundo a autora, a comunidade preserva as vogais médias átonas finais, tendo como comparação outras comunidades de fala da mesma região geográfica. Nas palavras de Mileski (2013, p. 67), a manutenção da vogal média anterior supe-se pelas “características étnicas do município, já que a população é de descendentes de imigrantes poloneses e italianos. Entende-se, assim, que o português da comunidade sofre influências dos dialetos polonês e italiano, ainda falados na localidade”.

Menon (2015), em seu texto intitulado *Leite quente: o xibolete curitibano*, considera que os curitibanos já alternam a realização da vogal média. Segundo a autora,

Os curitibanos podem elevar, sob certas circunstâncias, a vogal média anterior ou posterior: no contexto de sequência de duas vogais, cuja pronúncia geraria um hiato, é possível ocorrer o alçamento da vogal, produzindo-se [i] ou [u] ou as semivogais [i] e [w] para produzir uma crase ou um ditongo (MENON, 2015, p. 114).

O mapa da arealidade da realização da vogal média no Paraná – Figura 5 - sintetiza a intersecção entre as pronúncias: (i) a manutenção da vogal média anterior coocorrendo com o alçamento que recobre a parte sul do estado, mostrando a abrangência do alçamento, tendência inovadora já descrita em estudos anteriores; e (ii) a predominância a vogal alta em todo norte, entrando para o noroeste.

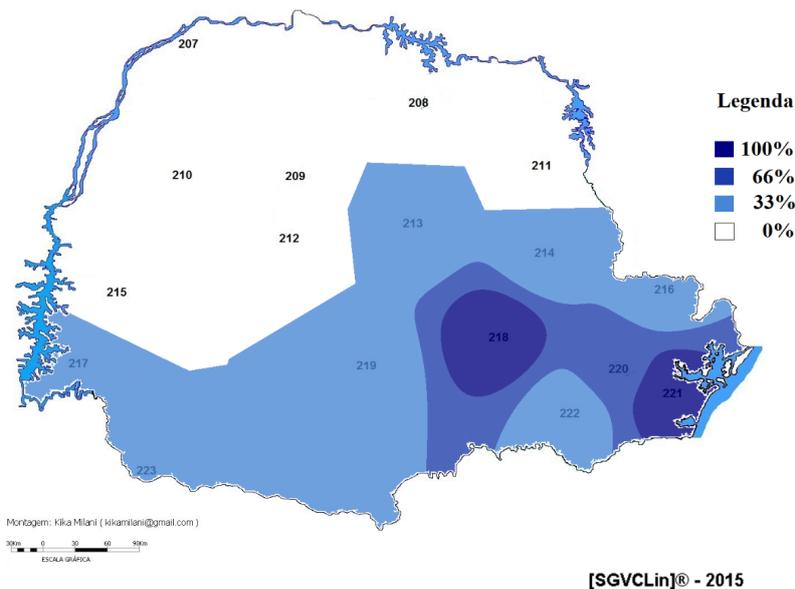
**Figura 5** – ALiB Paraná – Arealidade – vogal média anterior em posição postônica final



**Fonte:** Elaborado pela autora com dados no ALiB.

Ao observar o mapa da arealidade gradual da vogal média em dados do ALiB – Figura 6 – fica evidenciada: (i) a formação de uma “ilha linguística” em torno dos pontos 218 - Imbituva, 220 - Curitiba e 221 - Morretes (em azul escuro), já discutidos anteriormente; (ii) a manutenção da vogal média anterior circundada por ambientes em que há a coocorrência do alçamento (em azul claro); e (iii) a realização categórica do alçamento na parte mais ao norte-noroeste do Paraná (em branco).

**Figura 6** – ALiB Paraná – Arealidade Gradual – Vogal média anterior em posição postônica final



**Fonte:** Elaborado pela autora com dados no ALiB.

Para finalizar a análise dos dados na perspectiva geográfica, a tabela 1 apresenta os índices para o alçamento da vogal média em oito localidades que são comuns aos dois estudos (ALPR e ALiB).

**Tabela 1** – Realização do alçamento da vogal média - localidades comuns aos ALPR e ALiB

Localidades	% ALPR	% ALiB
Londrina	100	100
Umuarama	90	100
Campo Mourão	80	100
Adrianópolis	30	90
Guarapuava	30	90
Curitiba	40	80
Lapa	50	90
Barracão	30	90

**Fonte:** Elaborada pela autora com dados dos *corpora* (ALPR e ALiB).

As três primeiras cidades da tabela 1 já apresentavam altos índices de alçamento no primeiro estudo: Londrina, com a totalidade dos dados alçados, Umuarama e Campo Mourão, com 90 e 80% de alçamento, respectivamente. Londrina e Umuarama foram colonizadas por empresas responsáveis pela venda da terra e receberam, além de imigrantes estrangeiros, uma grande leva de imigrantes paulistas e mineiros. Já Campo Mourão teve sua colonização efetivamente no início do século XX, com imigrantes vindos de Guarapuava e do Rio Grande do Sul. Sobre este assunto, Mercer (1992) afirma

Com a chegada dos mineiros ao Norte Pioneiro iniciou-se a partir desta região a difusão de inovações lingüísticas, entre as quais a realização da velar do /R/ e a elevação de /e/ átono final, que hoje participam da divisão norte e sul. No entanto, a propagação deve ter sido muito lenta a princípio, à vista do isolamento em que permaneceu o Norte Pioneiro em relação ao Paraná Tradicional até 1920 (MERCER, 1992, p. 112).

As demais localidades constantes da tabela (Adrianópolis, Guarapuava, Curitiba, Lapa e Barracão) pertencentes à parte mais ao leste e sul do estado tiveram seus índices de alçamento alterados e aumentados, passando a quase categóricos. Este fenômeno se deve, em parte, à inovação lingüística que, já descrita por vários estudiosos, incluindo Mercer

(1992) e Aguilera (1994), demonstra a realização das vogais altas em contexto átono final como predominante no português do Brasil. Soma-se a isso a história de ocupação no estado que pode ter dado o impulso para o leste e para o sul do alçamento de /e/ átono final.

Para a análise da variável sexo, descrita na tabela 2 que segue, é possível verificar o comportamento semelhante entre homens e mulheres. Os índices de realização da vogal média anterior, que para a amostra do ALPR permanecem na casa dos 30%, sofrem uma redução considerável para a amostra do ALiB. Guardados os mais de dez anos de intervalo entre uma coleta de dados e outra, observa-se uma queda de 20 pontos percentuais no registro da vogal média e certo equilíbrio no uso desta variante: tanto homens quanto mulheres ficam na casa dos 7%.

Embora a literatura clássica da área aponte para a força das mulheres em liderar as mudanças em direção ao padrão, os números não nos permitem esse posicionamento, pois, mesmo de forma sensível, a manutenção da vogal média para as mulheres permanece maior.

**Tabela 2** – Realização X alçamento da vogal média anterior – Dados diassexual

	ALPR				ALiB			
	Realização	%	Alçamento	%	Realização	%	Alçamento	%
<b>Masculino</b>	151/508	29,7	357/508	70,3	26/363	7,2	337/363	92,8
<b>Feminino</b>	157/555	28,3	398/555	71,7	28/365	7,7	337/365	92,3

Fonte: Elaborada pela autora com dados dos *corpora* (ALPR e ALiB).

Os índices anotados nessa pesquisa vão ao encontro das conclusões de Lucchesi (2003), de que há certa dificuldade para estabelecer o comportamento da variável sexo nos processos de variação e mudança.

Encerradas as observações para a vogal média anterior, os dados e análises passam a focalizar a vogal média posterior. Para esse o estudo, no *corpus* do ALPR, selecionamos as questões, conforme a tabela 3 que segue.

**Tabela 3** – Questões selecionadas para a constituição do *corpus* do ALPR – vogal média posterior

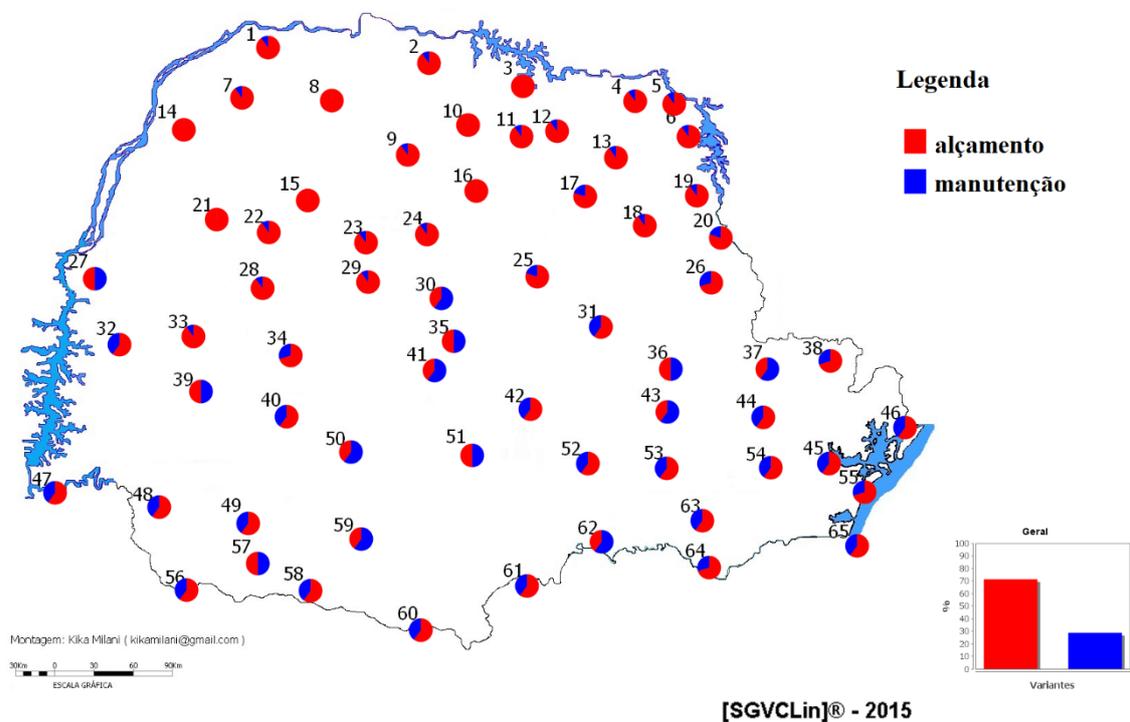
Questões do ALPR			
32	Caminho de São Tiago (Via Láctea)	201	Brinco
41	Redemoinho	202	Surdo
43	Relâmpago	205	Espirro
61	Eucalipto	209	Remédio
67	Galho	220	Umbigo
85	Bagaço	224	Estômago
94	Cravo	227	Útero
96	Alho	231	Ombro
127	Baxeiro	232	Sovaco (Axila)
128	Lagarto	234	Cotovelo
136	Besouro	241	Joelho
137	Piolho	249	Calo
143	Pernilongo	269	Vestido
155	Rato	273	Sapato
183	Queixo	281	Milho
187	Sono	284	Sabugo
188	Sonho	297	Machado

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em Aguilera (1996).

Dos 3.877 registros para a verificação da realização da vogal média posterior, 1.079 (27,8%) foram de manutenção da vogal. Em um comparativo com a vogal média anterior, que teve o índice de manutenção de 41%, é possível notar o enfraquecimento da vogal posterior já na década de oitenta do século passado.

Voltando à atenção para os dados do ALPR (1994 e 2007), sintetizados na Figura 7, é possível verificar a difusão espacial da manutenção e do alçamento da vogal média posterior. Há que se observar a realização da vogal posterior concentrada na parte inferior do mapa, corroborando os dados da vogal anterior. É possível traçar uma isofônica da manutenção da vogal média posterior na parte sul do estado e a maior propensão de utilização do alçamento na parte mais ao norte do Paraná, confirmando a hipótese da influência da imigração, a exemplo da vogal média anterior.

**Figura 7 – ALPR – vogal média posterior em posição postônica final**



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados do ALPR

Para verificação da vogal média posterior no *corpus* do ALiB foram selecionadas as questões, como segue na tabela quatro.

**Tabela 4 – Questões selecionadas para a constituição do *corpus* do ALiB – vogal média posterior**

Questões do ALiB			
2	Terreno	105	Certo
11	Elétrico	109	pecado
19	Almoço	112	Olho
42	Cavalo	113	Pescoço
48	Rato	115	Ouvido
52	Remando	121	Umbigo
60	Sábado	122	Joelho
69	Desvio	127	Vômito
77	Muito	132	Genro
81	Emprego	139	Velho

83	Prefeito	147	Sorriso
93	Soldado	148	Dormindo
100	Companheiro	154	Barulho
		158	Esquerdo

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em Comitê Nacional do Projeto ALiB(1999) .

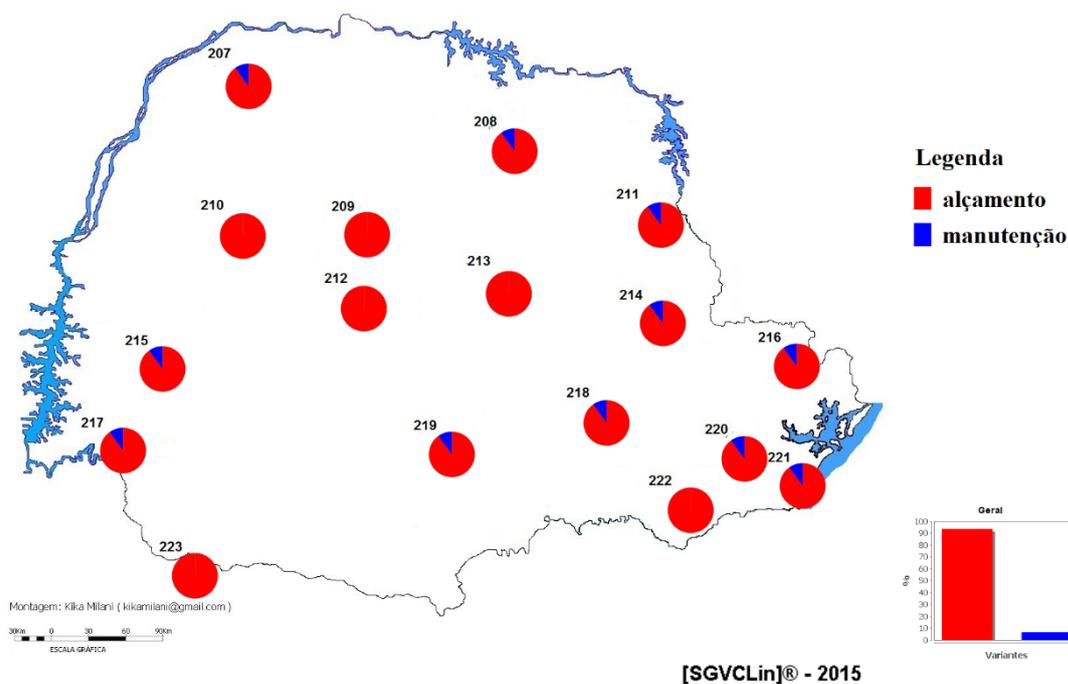
Após o tratamento dos dados e a submissão ao programa selecionado para a confecção das cartas, obtivemos 44 registros da vogal média posterior (2.3% dos dados) para um total de 1.924 dados.

Na Figura 8 verifica-se a abrupta diminuição da realização da vogal posterior e a irrefutável constatação de mudança, mostrando-se em curso semelhante com o que anunciava Amadeu Amaral (1976, p. 5) em 1920, sobre a ocorrência deste fenômeno no português de europeu desde o século XVIII.

Noll (2008) discute o alçamento da média posterior e postula que

a história da lingüística não fornece nenhum testemunho para o fato de que /e/ e /o/ finais correspondam a uma realização distinta de [-e] e [-o], antes do século XVIII. Portanto, as variantes brasileiras regionais [-e] e [-o] seriam arcaísmos do século XVII (NOLL, 2008, p. 223).

**Figura 8** – ALiB Paraná – vogal média posterior em posição postônica final

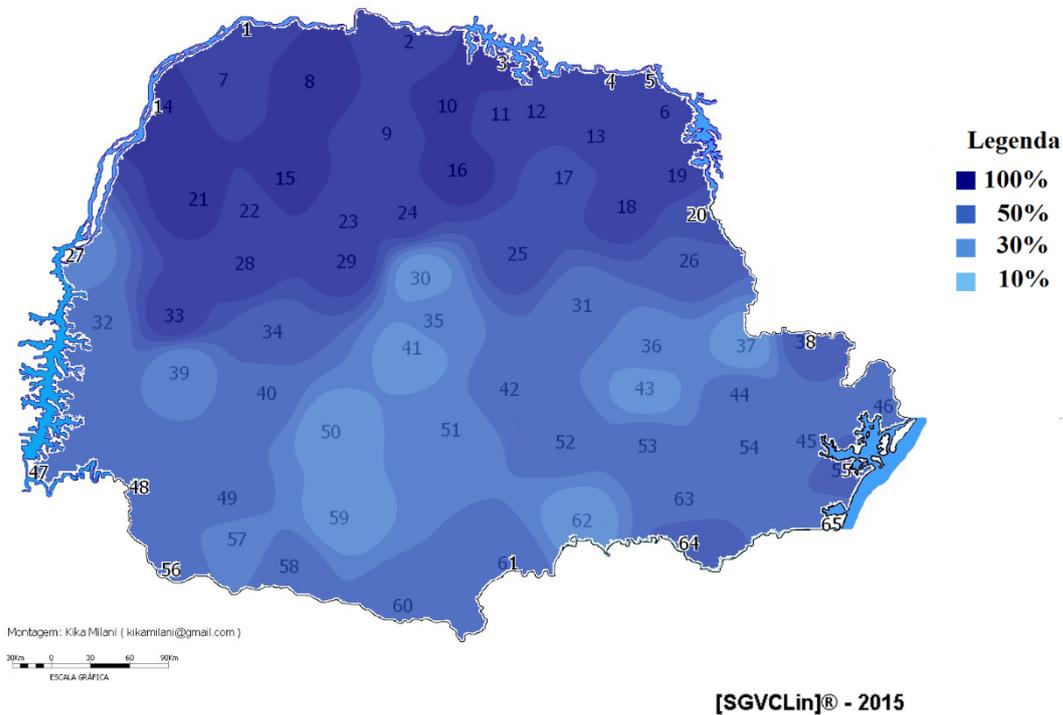


**Fonte:** Elaborada pela autora com dados do ALiB.

As cartas 9 e 10, em que se encontram os dados registrados no ALPR e ALiB, respectivamente, retratam a arealidade da vogal média posterior.

Para a Figura 9, a concentração do alçamento na parte norte do estado (em azul escuro) mostra, novamente, um Paraná bastante arraigo às origens de sua população. A configuração do uso do alçamento nesta área do estado vem ao encontro dos dados da vogal média anterior.

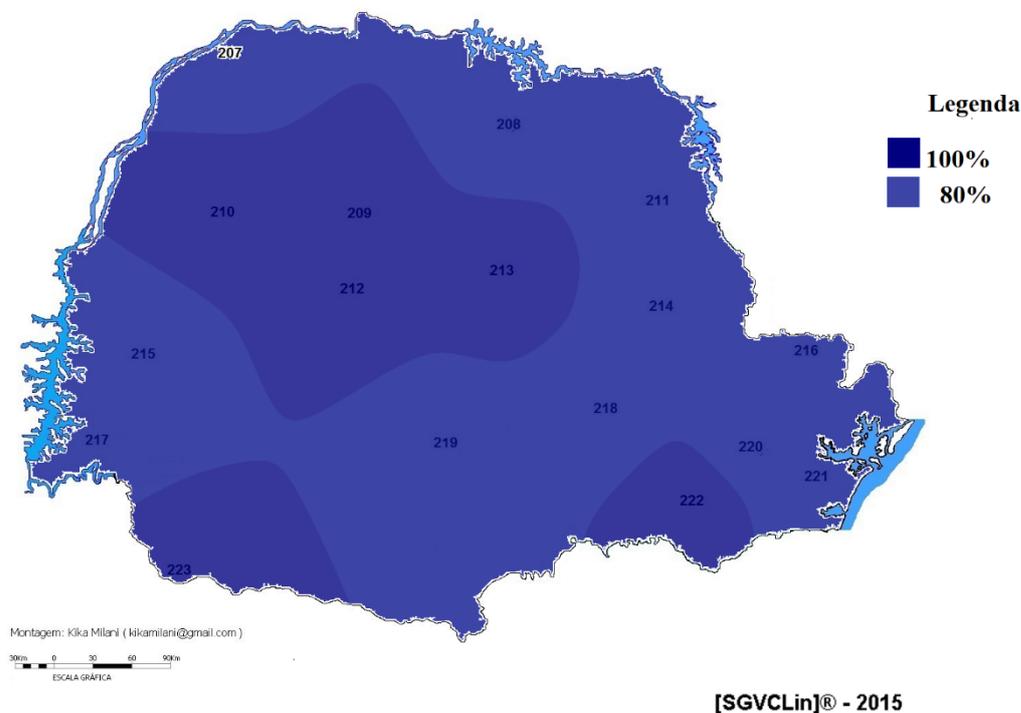
**Figura 9** – ALPR – Arealidade – vogal média posterior em posição postônica final



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados do ALPR.

Já na Figura 10, demonstra haver, após o intervalo entre a recolha dos dados para o atlas do estado e para o ALiB, a predominância do alçamento (observada pelas cores mais fortes do azul). Maior mobilidade dos habitantes das localidades e maior acesso a outras mídias e culturas podem ser os motivadores para o uso.

**Figura 10** – ALiB Paraná – Arealidade – vogal média posterior em posição postônica final



**Fonte:** Elaborada pela autora com dados do ALiB.

Por fim, a análise da variável sexo, descrita na tabela 5 que segue.

**Tabela 5** – Realização X alçamento da vogal média posterior – Dados diassexual

	ALPR				ALiB			
	Realização	%	Alçamento	%	Realização	%	Alçamento	%
<b>Masculino</b>	519/1.260	41	741/1.260	59	26/918	3	892/918	97
<b>Feminino</b>	560/2.617	21	2.057/2.617	79	18/1.006	2	988/1.006	98

**Fonte:** Elaborada pela autora com dados dos *corpora* (ALPR e ALiB).

É possível verificar que o comportamento entre homens e mulheres difere dos índices apresentados para a vogal anterior. Para a amostra do ALPR, os homens realizam a vogal posterior átona final de forma mais acentuada que as mulheres, permanecendo na casa dos 40%. Para a amostra do ALiB, em que foram registrados 26 dados, a redução é considerável para, apenas, 3% dos registros.

Para os dados fornecidos por mulheres, obteve-se 21% de realização da vogal média posterior nos dados do ALPR, demonstrando proximidade com os resultados veiculados na literatura, que aponta para a força das mulheres em liderar as mudanças em direção à inovação.

O comportamento da variável sexo, para os dados da vogal posterior parece direcionar para o processo de variação e mudança, aparentemente implementada. Novamente, guardados os mais de dez anos de intervalo entre uma coleta de dados e outra, é evidente a queda percentual nos registros da vogal média posterior e certo equilíbrio no uso desta variante para os dados do ALiB, tanto para os homens quanto para as mulheres.

### **Algumas Conclusões**

Com base nos dados aqui apresentados, é possível afirmar que os falantes do português no Paraná realizam como tendência inovadora a neutralização da átona final, “processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta”, conforme afirma Bisol (2003, p. 278). Esse fenômeno pode ser observado nos dados de realização das vogais médias, tanto anterior quanto posterior, em sílaba átona final, contribuindo para uma possível redução do sistema a três vogais em pauta átona final, /i/, /a/ e /u/, conforme preconiza Câmara Jr. (2008).

Os mapas apresentados nesse artigo mostram as fotografias linguísticas deste estado e os dados descritos comprovam a tendência de neutralização que, por ora, esbarra em recantos de resistência da realização, principalmente, da vogal média anterior, aflorando a identidade, respaldada pela configuração étnica da ocupação do Paraná.

A realidade social retratada nos *corpora* remete às diferenças de ordem do temporal. O Paraná, antes com maior grau de ruralidade, na amostra do ALPR, contraposta aos dados do ALiB, mais urbano, com a maior mobilidade dos habitantes das localidades e maior acesso a outras mídias e culturas podem ser os motivadores para a difusão e implementação da vogal alta. A capital pode servir de exemplo. Curitiba, em meados da década de 80 e início dos anos 90 do século XX, data da coleta de dados do ALPR, apresentava 65% de realização da vogal média anterior. No *corpus* do ALiB, esse índice chega a 34%, uma diminuição de 52% na realização da vogal média anterior, mais uma vez evidenciando a tendência à neutralização. Os índices de realização da vogal posterior e confirmam estes dados.

## Referências

- AGUILERA, V. de A. *Atlas lingüístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, V. de A. *Atlas lingüístico do Paraná – ALPR. Apresentação*. Londrina: Eduel, 1996.
- ALTINO, F. C. *Atlas Lingüístico do Paraná – II*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; Secretaria da Cultura, (1920) 1976.
- BATTISTI, E. A redução variável dos ditongos nasais átonos do português do sul do Brasil. In.: *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.35, n.1, p- 255-274, março, 2000.
- BISOL, L. A neutralização das átonas. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, p. 273-283, Editora UFPR, 2003.
- BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1981.
- CÂMARA JR, J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.
- CARNIATO, M. C. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. 2000. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.
- CIGOLINI, A.; MELLO, L. de; LOPES, N. *Paraná: quadro natural, transformações territoriais e economia*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2001.
- COMITÊ NACIONAL DO ALiB. *Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil*, 1999.
- FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.
- FERREIRA, J. C. V. *O Paraná e seus municípios*. Maringá: Memória Brasileira, 1996.
- HOUAISS, A. *Sugestões para uma política da língua*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1960.
- KOCH, W et al. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS*. Porto Alegre/ Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2011.

LENZI, M. C.; BRENNER, T. de M. Análise das vogais postônicas finais [e] e [o] nos falantes do município de Doutor Pedrinho. In.: *Work. pap. linguíst.*, 9 (1): 55-62, Florianópolis, jan. jun., 2008, p. 57-64.

LUCCHESI, D. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: ROCARATI, C.; ABRAÇADO, J. *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 272-284

MACHRY DA SILVA, S. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MALLMANN, D. O. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)*. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MENON, O. P. da S. Leite quente: o xibolete curitibano. In.: FAGUNDES, E. D.; PENKAL, L. L.; MENON, O. P. da S. *O falar paranaense*. Curitiba: UTFPR Editora, 2015, p. 113-134.

MERCER, J. L. da V. *Áreas fonéticas do Paraná*. Tese (Admissão como Docente Titular) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

MILESKI, I. A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS. In: *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 47-70, jan./jun., 2013.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões: 1922.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil: questionário*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, 1961.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngües: português e italiano*. Porto Alegre, 1998. Dissertação (Mestrado), PUC-RS, 1998.

SCHMITT, C. J. *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*. 1987. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1987.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

STADLER, C. B. *Imbituva uma cidade dos Campos Gerais*. Imbituva, 2003.



Data de submissão: 30/11/2020

Data de aceite: 29/06/2021

## TECENDO A HISTÓRIA DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL COM OS FIOS DAS TELAS DOS ATLAS LINGUÍSTICOS

WEAVING THE HISTORY OF THE LEXICON OF THE PORTUGUESE  
LANGUAGE IN BRAZIL WITH THE THREADS OF THE CANVASES OF  
LINGUISTIC ATLASES

Vanderci de Andrade Aguilera | CNPq | [Lattes](#) | [vanderci@uel.br](mailto:vanderci@uel.br)  
Universidade Estadual de Londrina

Helen Cristina da Silva | [Lattes](#) | [helensilva@unipampa.edu.br](mailto:helensilva@unipampa.edu.br)  
Universidade Federal do Pampa (*campus* Bagé)

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo demonstrar por meio de cartas lexicais de atlas linguísticos estaduais a contribuição das várias etnias na formação do português brasileiro (PB). Com base nos princípios teórico-metodológicos da Dialetoologia e da Geolinguística (CUNHA 1986; SILVA NETO, 1957; COSERIU, 1991; entre outros) e na sócio-história do PB (SILVA NETO, 1963; DIÉGUES JÚNIOR, 1980; MATTOS E SILVA, 2002, PETTER, 2008), buscamos verificar a relação entre os dados geolinguísticos e a história dos vários movimentos sociais que se operaram no Brasil, sobretudo, entre os séculos XVI e XIX. Para a análise, trabalhamos com os dados de cartas de atlas concluídos e/ou publicados, a saber: Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al., 1977), Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO e MENEZES, 1984), Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA et al., 1987), Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), Atlas Linguístico de Sergipe II (CARDOSO, 2005), Atlas Linguístico do Paraná II – (ALTINO, 2007), Atlas Linguístico do Amazonas - (CRUZ, 2004), Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2013), Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY et al., 2017), Atlas Linguístico e Etnográfico de Alagoas (DOIRON, 2017) e Atlas Linguístico Topostático e Topodinâmico do Tocantins (SILVA, 2018). Dentre outras questões, os dados apontam, de um lado, a disseminação e o fortalecimento de formas do português culto e, de outro, a gradativa perda dos traços das línguas que o compuseram.

**Palavras-chave:** Português Brasileiro; Léxico; História; Atlas linguísticos.

**Abstract:** This study aims to demonstrate the contribution of various ethnic groups in the formation of the Portuguese language spoken in Brazil through lexical letters from linguistic atlases of Brazilian states. Based on the theoretical and methodological principles of Dialectology and Geolinguistics (CUNHA, 1986; SILVA NETO, 1957; COSERIU, 1991), among others, and supported by the social history of Brazilian Portuguese (SILVA NETO, 1963; DIÉGUES JÚNIOR, 1980; MATTOS e SILVA, 2002; PETER, 2008), we seek to verify the relationship between geolinguistic data and the history of the various social movements that operated in our country, especially between the 16th and 19th centuries. The data from completed and / or published atlas letters served as the basis for the analysis: Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al, 1977), Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO e MENEZES, 1984), Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA et al, 1987), Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), Atlas Linguístico de Sergipe II (CARDOSO, 2005), Atlas Linguístico do Paraná II – (ALTINO, 2007), Atlas Linguístico do Amazonas - (CRUZ, 2004), Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2013), Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY et al., 2017), Atlas Linguístico e Etnográfico de Alagoas (DOIRON, 2017), Atlas Linguístico Topostático e Topodinâmico do Tocantins (SILVA, 2018). Among others questions, the data points, on the one hand, to the dissemination and strengthening of forms of cultured Portuguese and, on the other, to the gradual loss of the features of the languages that composed it.

**Keywords:** Brazilian Portuguese; Lexicon; Story; Linguistic atlases.

## Introdução

Os estudiosos da linguagem dos mais diversos ramos da Linguística são unânimes em considerar o Português Brasileiro (PB) como um amálgama das contribuições oriundas da língua portuguesa, de línguas africanas e de vários grupos indígenas autóctones, em especial do tupi. Acrescentam os pesquisadores, além da lusitana, a contribuição de europeus de distintas nacionalidades (italiana, alemã, espanhola, polonesa, ucraniana, entre outras) e orientais (japonesa, árabe, sírio-libanesa, entre outras), formando um tecido colorido de nuances mais ou menos acentuadas.

O título pode parecer pretensioso, mas entendemos *tecer* como uma atividade manual e cognitiva que, primeiramente, exige que se separem, criteriosamente, os fios; depois, que se avalie com cuidado a textura de cada um deles, verificando-lhes o com-

primento e o calibre, a fragilidade ou a resistência; em seguida, que se inicie a tecelagem combinando cores e formas até chegar ao produto final: à manta, ao tapete, à rede.

Os fios buscamos em telas especiais: nos cinco primeiros atlas linguísticos estaduais publicados até o final do século XX e em seis outros concluídos até os dois primeiros lustros do atual século. Trata-se, em ordem cronológica, no primeiro grupo, do Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB - (ROSSI, 1963), do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG - (RIBEIRO et al., 1977), do Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB - (ARAGÃO e MENEZES, 1984), do Atlas Linguístico de Sergipe - ALSE (FERREIRA et al., 1987) e do Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994). Incluímos neste grupo, o Atlas Linguístico de Sergipe II - ALSE II (CARDOSO, 2005) e o Atlas Linguístico do Paraná II - ALPR II (ALTINO, 2007), pelo fato de ambos terem utilizado os *corpora* que já haviam sido coletados pelas autoras do ALSE e do ALPR, respectivamente.

Para o segundo grupo, selecionamos cinco atlas concluídos nos últimos quinze anos: Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM - (CRUZ, 2004), Atlas Linguístico de Pernambuco - ALiPE - (SÁ, 2013), Atlas Linguístico do Amapá - ALAP - (RAZKY et al., 2017)<sup>1</sup>, Atlas Linguístico do Estado de Alagoas - ALEAL - (DOIRON, 2017), Atlas Linguístico Topostático e Topodinâmico do Tocantins - ALiTTeTO - (SILVA, 2018).

Sobre a fonte ideal para buscar o ponto de irradiação, de expansão, de permanência ou de rarefação de formas linguísticas, são bastante oportunas as palavras de Mattos e Silva (2002, p. 457) acerca da história social do Português Brasileiro:

Tendo sido formado na oralidade o português geral brasileiro, antecedente histórico do português popular brasileiro, a busca do seu percurso histórico tem de ser feita não fundada em *corpora* escritos, [organizáveis] *ad hoc*, como para o português culto brasileiro, como é óbvio, mas num processo de reconstrução do tipo — que designarei metaforicamente — arqueológico, em que, de evidências dispersas, calçadas pelas teorias sobre o contacto linguístico e pela história social do Brasil, se possa chegar a formulações convincentes.

Essa assertiva de Mattos e Silva (2002) nos levou a questionar e a responder: por que buscar nos atlas os testemunhos da história do PB? Porque uma carta linguística permite apreender um instantâneo dialetal da área explorada e a distribuição diatópica de determinadas formas lexicais, fonéticas ou morfossintáticas, com maior rapidez do que num glossário ou vocabulário, por exemplo. Além do mais, os dialetólogos e demais es-

---

<sup>1</sup> O ALAP, dessa série, é o único publicado até o momento.

tudiosos das variedades geográficas que nos precederam são unânimes em reconhecer a sua importância, seja como material prático e imprescindível para a descrição de todas as maneiras de dizer, seja como instrumento de reconstituição de antigas fases, uma vez que a distribuição geográfica atual das palavras e dos sons enseja-nos situá-las cronologicamente, definir-lhes as relações e, em suma, reconstituir-lhes a gênese.

Nas palavras do dialetólogo Cunha (1986, p. 57) um atlas linguístico:

é fundamentalmente um documentário de materiais lingüísticos, um grande vocabulário dialectal que visa a apresentar, de maneira científica e viva, sôbre cada mapa, as diferentes variantes de uma palavra ou de uma pequena frase em território mais ou menos vasto.

Embora não cheguemos ao extremo de admitir a excelência e a exclusividade do método geolinguístico em detrimento dos demais, indagamos: que outro método nos permitiria num único relance verificar que, em pleno final do século XX, o vocábulo *lua* ainda permanecia nasalizado nos registros *lũa*, *luma*, *lûma* em diversos pontos linguísticos da Bahia, Sergipe e Paraná, tal qual ocorria em Portugal até o século XVI, conforme atestam documentos da época? Que o vocábulo *fruta* conservava ainda a forma semiditongada *fruita* em boa parte do Paraná rural? E que itens lexicais procedentes do português seiscentista ainda se conservavam ao lado de galicismos, africanismos, espanholismos, tupinismos, como o *dente queiro*, a terra *sarolha*, o *fichu*, o *picinê*, o *cobé*, a *maçanilha*, o *urupê* e a banana *incõe*?

A história conta que o Brasil, antes de possuir cidades, desenvolveu-se a partir da costa, pela organização rural, nos engenhos, fazendas e sítios. Dessa forma,

a classe que tomou feição aristocrática ou de nobreza situava-se no mundo rural, vinha dos engenhos, das fazendas, dos sítios, e era ela que impunha às sedes administrativas que vamos chamar urbanas, as normas da vida, a própria administração, a formação dos Conselhos e Câmara” (DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 87).

Neste aspecto, a dialetologia e o método geolinguístico tradicionais<sup>2</sup> permitem o levantamento dos dados fundamentais para a documentação das fases mais antigas do português falado no Brasil, uma vez que seu objeto é a linguagem rural de falantes mais

---

<sup>2</sup> A partir do lançamento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, em novembro de 1996, em Salvador, o Comitê Nacional do ALiB, considerando as mudanças sócio-econômicas e demográficas pelas quais passara o país nos últimos cinquenta anos e, atendendo às novas tendências da Dialetologia, propôs um atlas de natureza mais urbana, entrevistando informantes moradores nas cidades e não mais no campo.

idosos, não escolarizados e que se mantêm, de certa forma, longe dos grandes centros urbanos.

Tendo em conta que o acervo linguístico de uma comunidade espelha a história da mobilidade sócio-espacial do homem, acreditamos que a geolinguística contribui, substancialmente, para modificar a própria concepção da história de uma língua como bem salienta Coseriu (1991, p. 154-155):

não mais a história de um bloco unitário visto apenas em suas relações externas, mas a história de um jogo constante e infinitamente matizado, entre inovação e conservação, entre o falar concreto do indivíduo que realiza uma tradição linguística e a língua de uma comunidade histórica, que se alimenta continuamente dos atlas linguísticos individuais.

Essas assertivas ecoam nas palavras de Biderman (1997, p. 308), para quem o léxico

é a testemunha de uma cultura, porque é exatamente no domínio do léxico que as influências de substrato (indígena) e superestrato (africano) mais se manifestam (...). Os conceitos evoluem acompanhando a marcha da sociedade e as suas mutações. E o vocabulário vai acompanhando e refletindo as transformações dos estados da sociedade. Assim é que, ao fazer a história das palavras, muita vez os linguistas fizeram simultaneamente a história da sociedade.

Isso posto, neste estudo, buscamos demonstrar por meio de cartas lexicais dos referidos atlas linguísticos, bem como de estudos desenvolvidos por dialetólogos a contribuição das várias etnias na formação do português brasileiro (PB).

### **Revisitando estudos geolinguísticos que se reportaram à influência da história sócio-econômica sobre a língua portuguesa falada no Brasil**

Os estudos sobre a relação entre o léxico do português brasileiro e a história sócio-econômica dos povos que o formaram ocupam pouco espaço no trabalho dos pesquisadores, embora as reflexões sobre a interação língua e história social já constassem dos primeiros dialetólogos europeus, como Dauzat (1922, p. 58), conforme observamos neste excerto:

Ces déplacements, ces mouvements incessants expliquent la variété actuelle des parlers, que est due sans doute en partie, mais pour une faible partie seulement, à de lointaines causes ethniques résultant des invasions, des migrations et du dosage différent des races suivant les lieux [...] les voyages des mot sont instructifs à plus d'un titre. C'est au cours de

leurs déplacements que les termes sont le plus sujets à s'altérer, et d'autant plus qu'ils s'éloignent davantage de leurs points de départ. Ces voyages ne s'opèrent point au hasard: les mots suivent les grandes voies géographiques empruntées par les invasions comme par les échanges commerciaux et les relations sociales normales<sup>3</sup>.

Veny (1985), ao tratar dos fatores históricos sobre a formação da língua catalã, também reconhece a influência de vários deles, como a fragmentação do império romano, o substrato, o superstrato, as contingências políticas, o repovoamento e as migrações que se operaram no território da Catalunha.

No caso do PB, como sabemos, a uma população autóctone e heteróclita de cerca de cinco milhões de indivíduos falantes de pelo menos quinhentas línguas – podendo chegar a 1500, segundo alguns especialistas – pouco a pouco, ao longo de três séculos, vieram juntar-se, inicialmente, a partir da Bahia, o europeu – o descobridor –, e o africano – o escravizado, homens de hábitos, línguas, crenças, condições sociais e históricas totalmente diversos.

Os portugueses, imigrantes voluntários ou compulsórios – admitem hoje os estudiosos – não provieram de uma única região metropolitana, como até há pouco se imaginava. Ao contrário, vieram de todas as regiões de Portugal, refletindo as diversas peculiaridades dialetais do país. Aqui estabelecidos, o primeiro movimento foi o de não imposição da língua portuguesa, mas o de aprender o tupinambá ou tupi antigo e se servir dele para a catequese e a submissão do indígena.

Segundo Aryon Rodrigues (2010), foi nas áreas mais afastadas do centro administrativo da Colônia (que era a Bahia) que se intensificou e se generalizou o uso da língua Brasília como língua comum entre os portugueses e seus descendentes – predominantemente mestiços-escravos (inclusive africanos) e os índios Tupinambá e outros grupos incorporados às missões, às fazendas e às tropas: em resumo, toda a população dominava a Língua Geral. O indigenista esclarece:

ao estabelecer relações amistosas com uma comunidade indígena, os portugueses foram aprendendo a usar a língua desta e, aos poucos, foram introduzindo em suas conversas em português os nomes indígenas das coi-

---

<sup>3</sup> Estes deslocamentos, esses movimentos incessantes explicam a atual variedade de falares que, sem dúvida, se deve em parte, mas apenas em pequena medida, a causas étnicas distantes decorrentes de invasões, migrações e as diferentes miscigenações de acordo com o lugar [...]. As viagens de palavras são esclarecedoras de diversas maneiras. É durante seus movimentos que os termos estão tanto mais sujeitos a alterações quanto mais se distanciam de seus pontos de partida. Essas viagens não acontecem ao acaso: as palavras seguem as principais rotas geográficas percorridas pelas invasões, bem como pelo comércio e pelas relações sociais normais (Tradução livre).

sas típicas do novo meio ambiente, não só os nomes de plantas e animais, mas também os de artefatos e conceitos da cultura indígena e, igualmente, as designações de acidentes geográficos, como rios e riachos, lagos, morros e serras etc. (RODRIGUES, 2010, p. 31).

Sobre a influência das línguas africanas, Lobo (2015) cita Antônio Houaiss (1985, p. 77-78) ao afirmar que “pelo tipo de escolha a que eram submetidos desde os portos negros até sua localização como mão-de-obra no Brasil, os negros foram selecionados negativamente, a fim de que não se adensassem em um ponto qualquer, étnica, cultural e linguisticamente”. E Petter (2006, p. 124) completa:

esta política de mesclagem etnolinguística — ou, em outras palavras, de separação dos coétnicos e colíngues — tem sido destacada por antropólogos, historiadores da escravidão e da história linguística do Brasil como um dos fatores para, das 200 a 300 línguas transplantadas com o tráfico de escravos, nenhuma ter-se implantado e difundido em território brasileiro, embora, a este respeito, se deva referir a ressalva de que algumas delas parecem ter tido uma relativa sobrevida, como teria sido o caso, por exemplo, do quimbundo, na Bahia do século XVII, e do ioruba, também na Bahia, mas já no século XIX.

No Brasil, já temos estudos sobre o léxico que ratificam a assertiva de Silva Neto (1957, p. 39) de que uma das múltiplas funções de um atlas linguístico é oferecer “um quadro sinótico da história da língua, pois nos evidencia viagens de palavras, centros de inovação e expansão, cruzamentos, regressões e falsas regressões”. Tais estudos despertam para a comprovação de que os atlas se configuram como verdadeiras fotografias sociolinguísticas, pois resgatam e registram a distribuição espacial de variantes linguísticas que carregam marcas étnicas e histórico-culturais que afetam a linguagem de um grupo social. Os atlas documentam, pois, além de fatos linguísticos, valores, hábitos, heranças culturais e crenças de um grupo de falantes.

Não podemos afirmar que empreendemos, para localizar trabalhos geolinguísticos que trataram da relação língua falada e história social, uma busca exaustiva, embora a tenhamos feito pelos vários meios à disposição de qualquer pesquisador: livros, atlas publicados, anais de eventos, artigos em revistas, dissertações, teses e buscas na internet. Desse levantamento, selecionamos os estudos de Cardoso (1994), Pisciotta (1998), Aguilera (2002, 2004, 2009, 2010) e Isquerdo (2004).

O artigo de Cardoso (1994) é o mais remoto, que encontramos, a tratar da presença de empréstimos nas cartas do APFB e do ALSE, reportando-se, sobretudo aos galicis-

mos *luneta* e *pincenê* (para óculos), *baeta*, *boá*, *cachecol*, *cachecu*, *cachenê*, *fichu* (agasalhos), *alangé* ('de corpo mal feito') e conclui que:

os empréstimos não se constituem em fatos meramente lingüísticos, re-fletem, também e por outro lado, influência cultural e/ou política e/ou econômica. A influência francesa fez-se sentir como reflexo da relação cultural que se estabeleceu entre o mundo da lusofonia e o da francofonia. Profunda em Portugal, transplantada para o Brasil, assimilada em áreas rurais brasileiras, a influência francesa foi marcante, o que pode explicar a penetração pelo interior e a conservação, até o presente, de empréstimos com, em alguns casos, largo uso pelos falantes rurais (CARDOSO, 1994, p. 723).

Pisciotta (1998, p. 555-562) analisa as variantes populares para *útero* nos dados da carta 61 do APFB, buscando estabelecer uma conexão entre as ocorrências de *dona-do-corpo*, *senhora-do-corpo*, *mãe-do-corpo*, *madre*, *comadre*, entre outras, e a história da colonização da Bahia, iniciada no século XVI pelo extrativismo do pau-brasil. A autora faz várias reflexões sobre a importância das bandeiras, cujas incursões pelo interior ocorrem entre os séculos XVI e XVII; sobre a expansão da criação do gado pelo vale do São Francisco, semeando núcleos de povoamento no interior; sobre a busca de minérios em direção ao sul do estado, no século XVIII e sobre o desenvolvimento capitalista, durante o século XIX, marcado pela construção de estradas e ferrovias e do sistema de navegação pelo rio São Francisco. Diante desse quadro, Pisciotta (1998) busca alocar as variantes populares em cada etapa da história sócio-econômica da Bahia.

Aguilera (2002), ao dissertar sobre os tupinismos lexicais mapeados pelo ALPR, expõe que a maioria deles se concentra na área correspondente ao Paraná Tradicional, isto é, nas localidades mais antigas do Estado, partindo do litoral (Paranaguá, Guaraqueçaba, Guaratuba e Antonina), adentrando o Planalto de Curitiba e Campos Gerais (Curitiba, Adrianópolis, Rio Negro, Ponta Grossa). Nas palavras da autora:

a distribuição espacial dos nomes de base tupi pelo território que corresponde ao Paraná Tradicional aponta para a presença do colonizador paulista que, em suas incursões pelo interior, se fazia acompanhar por um grande contingente indígena. Basta mencionar que só a expedição de Raposo Tavares a Guairá, em 1628, partiu de São Paulo com 900 mamelucos e 2000 índios mansos auxiliares, dirigidos por 69 paulistas. Como usuários da língua geral é de se esperar que não só os bandeirantes que retornavam a São Paulo, mas também os que se estabeleceram em fazendas no Paraná, continuassem a usar essa língua geral no contato diário com os escravos índios e aí disseminando palavras do léxico tupi na denominação das coisas e seres da natureza e da vida do homem (AGUILERA, 2002, p. 31).

Isquerdo (2004, p. 533-546) descreve o espaço ocupado pelas designações atribuídas ao brinquedo infantil *estilingue* em três atlas regionais (ALSE II, EALMG e ALPR) sob as perspectivas geolinguística e lexicológica, com o propósito de associar a produtividade e a expansão diatópica das variantes com os movimentos socioeconômicos da história do Brasil.

A autora verifica, ao final, uma tendência de ampliação do acervo lexical dos falantes, no que se refere à parassinonímia, ou variantes lexicais. Reconhece, igualmente, que a distribuição diatópica irregular de algumas variantes indica maior ou menor resistência de determinados itens lexicais, conforme o espaço geográfico e a história social correspondentes. Cita, por exemplo, o registro da variante *besta*, apenas em Sergipe, apontando para um traço de conservadorismo linguístico; e *baleadeira*, bastante produtiva entre os informantes do ALSE II, em fase de expansão para o Norte do país; e *estilingue* apenas nos atlas de Minas Gerais e do Paraná, forma inovadora cuja expansão pode ser atribuída, respectivamente, à influência paulista ou carioca no falar mineiro e à influência paulista e mineira no norte do Paraná.

E conclui que

a disseminação, a manutenção e o desaparecimento de uma forma linguística num espaço geográfico são condicionados pela história social da região, pelas características étnicas da população e por condicionantes sócio-histórico-geográficos que determinam a forma de viver e de pensar de um grupo social (ISQUERDO, 2004, p. 545).

Aguilera (2004) trata da distribuição das variantes para a brincadeira infantil que consiste em “girar o corpo sobre a cabeça e acabar sentado”, conhecida como *cambalhota*, a partir dos dados apresentados em seis atlas estaduais: APFB, EALMG, ALPB, ALSE, ALPR e ALAM. O estudo permitiu à autora demonstrar que esses atlas, elaborados em um espaço de tempo de até quarenta anos, ainda registram um notável polimorfismo que se reflete nas variantes dialetais, como *cambalhota*, *cambota* / *escambota*, *cambona* / *escambona*, *bunda* / *bunda canastra*, *canga* / *cangapé* / *cangalapé*, *cabriola*, *pulo* / *salto mortal*, *tubi* / *maria tubi* / *corta tubi*, *capoeira*, *mané grosso*, *pirueta*, *coqueiro*, *baldando*.

A autora faz outras considerações, tais como:

é possível associar a distribuição diatópica das variantes léxicas aos movimentos da ocupação do espaço territorial através dos diversos períodos da história da formação do Brasil. Por exemplo, *cambota* é a forma mais antiga levada, provavelmente, pelos bandeirantes paulistas para as diversas

regiões por onde penetraram em busca de escravo indígena ou metais e pedras preciosas; e *cangapé*, disseminada no Amazonas pelos nordestinos durante o ciclo da borracha (AGUILERA, 2004, p. 24).

Em outro estudo, Aguilera (2009), explorando em sete atlas concluídos entre os anos 1963 e 2005 (APFB, EALMG, ALPB, ALSE, ALPR, ALAM e ALSE II), as cartas referentes a *cambalhota*, *pega-pega*, *estilingue*, *bolinha-de-gude* e *papagaio/pipa*, salienta, em suas considerações finais, que o campo dos brinquedos e das brincadeiras infantis delineia-se como uma profícua fonte para associar a linguagem de transmissão oral aos movimentos sociais, sobretudo o papel dos bandeirantes e garimpeiros paulistas sobre a língua portuguesa nos primeiros séculos da história do povoamento. Discorre, também, sobre a presença de variantes mais antigas, como *bodoque*, *funda*, *besta* e *seta*, para atiradeira que, “no decorrer de sua história, e devido a condicionantes histórico-culturais, perderam alguns semas originais e receberam outros ao nomear referentes distintos, às vezes até com traços semânticos diferenciados” (AGUILERA, 2009, p. 67).

Ainda Aguilera (2010) propõe verificar a vitalidade de variantes regionais e antigas, introduzidas pelos portugueses, nos primeiros séculos de ocupação do Brasil, bem como aquelas trazidas das línguas africanas, em especial o quimbundo, outras apropriadas das línguas indígenas, além de empréstimos do francês e do espanhol. Para tal desiderato, analisa algumas variantes lexicais extraídas de cinco atlas estaduais brasileiros (APFB, ALPB, ALSE, ALPR e ALAM), que investigaram a linguagem rural e compara-as aos dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB - (CARDOSO et al., 2014), coletados em quinze capitais, junto a informantes urbanos. Seleciona para análise as denominações populares para a *peça íntima feminina usada para segurar os seios*, *dentes terceiros molares* e *bananas ou frutos que nascem grudados*. A autora verifica que: (a) os nomes mais frequentes para a peça do vestuário feminino nos atlas rurais provieram do francês: *sutiã*, *corpete*, *califom*, *bustiê* e, no ALiB, *sutiã* é a forma majoritária com 90% dos dados, registrando-se *corpete*, nas capitais do Norte e Nordeste, com índice de 10%; (b) variantes para os terceiros molares, estão registradas no APFB, no ALSE e no ALAM, predominantemente, como dente *queiro*, mas no ALPR foi elicitado apenas quatro vezes; dos dados do ALiB, constam apenas dois registros de *colmilho* (do espanhol *colmillo*); dente do *siso* e do *juízo* sobressaem-se em 65,5% das ocorrências e *queiro* e *queixal*, ainda são frequentes nas capitais do Norte e do Nordeste; (c) a questão para frutos grudados, em dados rurais, foi investigada apenas no ALPR em que *gêmeas* e *filipe* detêm 89% dos dados e *incõe/inconha*, 11%. No ALiB,

as respostas mostram 77,4% para *gêmeas*, 9,7% para *filipe* e apenas duas ocorrências para *mabaça* (do quimbundo), não há nenhuma ocorrência para *incõe/inconha* (do tupi), nas capitais.

Com base nesses dados, Aguilera (2010, p. 30) conclui que:

- a) da crescente, para não dizer avassaladora, urbanização do Brasil decorre a tendência muito forte para a nivelação da linguagem exercida pela escola e pelos meios de comunicação no contexto sócio-econômico-cultural dos falantes;
- b) traços portugueses arcaicos ainda não foram totalmente eliminados, sobrevivendo em áreas laterais e mais distantes dos grandes centros, como *dente queiro*, *queixal*, *filipe*, entre outras;
- c) contribuições tupis, africanas e empréstimos franceses e espanhóis tendem a desaparecer da fala urbana, como *inconha/incõe*, *mabaça*, *bustiê*, *corpete*, *colmilho*.

Após apresentar os estudos selecionados, focamos na análise de alguns dados lexicais oferecidos pelos cinco primeiros atlas estaduais publicados entre 1963 e 1994, cujos *corpora*, majoritariamente rurais, trazem marcas capazes de revelar fatos da sócio-história do Brasil.

### **Uma análise do acervo lexical registrado nos atlas estaduais publicados entre 1963 e 1994<sup>4</sup>**

Como já explicitado neste artigo, o APFB, o EALMG, o ALPB, o ALSE e o ALPR foram os primeiros atlas estaduais publicados, o que ocorreu no período de 1963 a 1994. Neste grupo, incluímos para análise as cartas do ALSE II e do ALPR II, que representam a continuidade do ALSE e do ALPR, respectivamente, embora tenham vindo à luz no início do século XXI.

---

<sup>4</sup> Sintetizamos, aqui, as características desses atlas: o APFB coordenado por Rossi (1963), composto por 154 cartas analíticas (com o registro fonético em cada ponto e por informante), coletada em 50 pontos linguísticos junto a 100 informantes de ambos os sexos. O EALMG, elaborado por Ribeiro e colegas (1977), resultado da aplicação *in loco*, em 116 pontos linguísticos com a colaboração de apenas informantes homens. Contém 73 cartas linguísticas das quais 45 são onomasiológicas e 28 cartas sintéticas. O ALPB, de Aragão e Menezes (1984), resultado da fala coletada em 25 localidades, em cada uma das quais foram entrevistados de três a dez informantes de ambos os sexos, cujas respostas foram elaboradas em 149 cartas mistas (lexicais e fonéticas). O ALSE, de Ferreira et al (1987), com 156 cartas fonéticas, 12 cartas-resumo e 12 comparativas com os dados do APFB, com uma rede de pontos composta de 15 localidades em cada uma das quais foram entrevistados um homem e uma mulher. Para a elaboração do ALSE II, Cardoso (2005) buscou nas respostas não utilizadas pelo ALSE o *corpus* necessário para compor as 105 cartas semântico-lexicais. O ALPR, resultado da tese de Aguilera (1994), conta com 191 cartas, das quais 92 de variantes lexicais, 70 de fonéticas e as demais isoglóssicas. Altino (2007), para a sua tese, aproveita as respostas das questões que não foram mapeadas por Aguilera e compõe o ALPR II com 125 cartas lexicais, 50 cartas fonéticas e duas cartas dialectométricas.

O que revelam as cartas lexicais desses atlas predominantemente rurais? Uma significativa diversidade de falares: diferentes formas de registrar o mesmo vocábulo e o mesmo fonema; variantes lexicais revestindo o mesmo conceito, apontando para a contribuição dos três principais povos formadores da nação brasileira, além da posterior contribuição imigratória.

Iniciamos pelos tupinismos presentes no APFB e, para comprovar a etimologia das lexias, recorreremos aos dicionários de Aulete (1964), Cunha (1982;1986), Ferreira (2004) e Priberam (on-line)<sup>5</sup>. Na análise de parte do acervo lexical, que ora propomos, os tupinismos foram documentados em maior número na Bahia e em Sergipe do que na Paraíba. Isto talvez pela especificidade dos campos semânticos investigados, ou pelos motivos ligados à história social e demográfica, ou até mesmo pelos movimentos cíclicos em favor de um nacionalismo, de um abasileiramento da linguagem que encontrou na primeira capital brasileira, Salvador, um campo fértil para desenvolver as ideias iniciais de libertação do estado colonial.

No APFB, a concentração de lexias tupis (mais de dez por ponto) ocorre a partir do Litoral, irradiando-se pelo interior, refazendo o caminho dos portugueses nos séculos seguintes ao do descobrimento e confirmando a tese de Silva Neto (1957, p. 22), “de que o emprego da língua geral foi progressivamente diminuindo nas comunidades urbanas do litoral, para ir-se concentrando nos ambientes rurais do interior”. Daí porque, na denominação de animais, plantas e na toponímia se faz sentir com mais força a presença indígena.

Nos 50 pontos investigados pelo APFB e nos 15 do ALSE, registramos como mais frequentes: *araticum* (variedade de fruta), *arapuá* (espécie de abelha), *brocotó* (buraco, grotta), *crueira*, de *curueira* (parte dura da farinha de mandioca), *enxu* (ninho de abelha), *gambá*<sup>6</sup> (mamífero marsupial), *jerimum* (abóbora), *jiqui* (covo de pescar), *mandaçaia* (espécie de abelha), *mangangá* (tipo de marimbondo), *maniva* (mandioca, caule da mandioca), *tapiocaba* (espécie de vespa), *tamanjuá* (doença que ataca a mandioca), *tauá* (tipo de terreno), *maniçoba* (folha de mandioca), *apicum* (língua de terra), *mundéu* (tupi, armadilha).

O EALMG, por ter contemplado apenas dois campos semânticos: fenômenos da natureza e brinquedos e brincadeiras infantis, traz poucas denominações de provável base tupi, como *jererê*<sup>7</sup> (garoa), *piracema*<sup>8</sup> (cerração) e *mutuca* (pular carniça, dicionarizado com outro significado).

<sup>5</sup> Esses dicionários foram escolhidos por atenderem aos propósitos da pesquisa quanto às informações etimológicas, conceituais e de referências literárias do uso das entradas.

<sup>6</sup> Para Cunha (1982), a lexia *gambá* é de origem tupi, mas de étimo obscuro.

<sup>7</sup> *Jererê*, com o significado de chuva miúda, garoa, Caldas Aulete (1964) registra como brasileirismo da Bahia. Cunha (1982) e o dicionário Priberam, no sentido de pequena rede de pesca, apresentam a lexia como vinda do tupi *iere're* e *yere're*, respectivamente.

<sup>8</sup> *Piracema* é dicionarizada por Caldas Aulete (1964), Cunha (1982) e Priberam, como de origem tupi, apenas com o significado de *saída dos peixes para a desova*.

O ALSE II também mostra a manutenção dos tupinismos com onze ou mais registros em todas as localidades investigadas e com uma distribuição diatópica mais uniforme por todo o território, decrescendo ligeiramente numa faixa intermediária ao norte. Alguns exemplos: *urupemba* (espécie de peneira), *aribé* (prato grande de barro) *picumã* (fuligem), *pitu*, *pituim* (mau cheiro), *maracá* (tupi), *peteca* (bolinha de gude e atiradeira).

No ALPB, devido aos campos semânticos investigados e ao pequeno número de questões que poderiam suscitar variantes tupis, obtivemos: *cupim*, *arapuá*, *enxu/enxuí*, *urupema/urupemba* (espécie de peneira), *samburá* (cesto), *arataca* (variedade de beija-flor), que se distribuem de forma descontínua pelo Estado.

No ALPR, os tupinismos coletados pertencem, majoritariamente, ao campo semântico da natureza (fauna em sua maioria) e podem ser comuns a outras regiões, como *urubu*; *carancho* para espécie de gavião; *picumã*, fuligem; *carijó*, variedade de galinha; *mutuca/butuca*, para a mosca que pica o animal; ou regionalismos rurais que se irradiam do litoral em direção ao sul, centro-sul e norte, rarefazendo-se na parte ocidental, nas regiões denominadas do Paraná Moderno. É o caso de *inconha/incõe* (banana ou frutos grudados), *jojoca* (solução), *urupê* (cogumelo), *peca/peva/nambeva* (variedade de galinha).

Quanto à presença<sup>9</sup> africana no léxico, embora o contingente negro tenha sido mais numeroso que o branco e indígena nas cidades, vilas, fazendas e engenhos, principalmente da Bahia, a contribuição linguageira para o português médio falado no Brasil mostra-se proporcionalmente inferior aos tupinismos. Para Mendonça ([1933] 1973, p. 87-88), citado por Petter (2006), o nagô ou ioruba, quimbundo, gêge ou ewe, kanuri ou nifê, e guruncis seriam as línguas africanas que teriam sido faladas no território brasileiro desde o início do tráfico negreiro, entendendo que, dentre elas, predominaram o nagô ou ioruba, na Bahia, e o quimbundo, no Norte e no Sul, e este último seria a língua que exerceu maior influência sobre o português falado no Brasil.

A condição socioeconômica do negro cerceou não só sua ascensão social como a influência na linguagem, restringindo-se, nos campos semânticos investigados pelos atlas, a termos da liturgia de práticas religiosas, na denominação de mestiços, e uma ou outra lexia no campo da flora, da fauna e das atividades rurais, como se comprova pela presença de *caçamba* (recipiente para guardar água), *moleque* (menino), (galinha) *d'angola*, *bunda canastra* (brincadeira infantil), *nagô* (mestiço), *catimbauzeiro/catimbozeiro* (feiticeiro), *candomblezeiro* (o que pratica o candomblé), *macumba* (feitiçaria), *babaça/mabaça* (ir-

---

<sup>9</sup> Bonvini (2008, 103) advoga a ideia de designar a presença de africanismos no PB como 'empréstimos' entendida como a capacidade corrente normal de toda língua de apropriar-se dos termos necessários a sua própria expressividade, qualquer que seja sua origem, quando o contexto discursivo assim o exigir.

mão gêmeo), *marimbondo* (espécie de vespa), *cacumbu* (machado ou enxada já gasta), *munzuá*<sup>10</sup>, *quenga*<sup>11</sup> (prostituta) e *macaia* (tabaco, do kicongo e bras.BA, MG, SP) entre outros.

Embora na culinária a influência africana seja, atualmente, bastante significativa, este campo foi pouco explorado por esses atlas estaduais. Alkmim e Petter (2008, p. 157-158) registram a maioria das palavras, elencadas na sequência, como de origem africana, agrupando-as em três categorias: categoria 1 (usados em qualquer interação social): *banzo, caçamba, cachaça, cachimbo, caçula, candango, carimbo, caxumba, cochilar, corcunda, fubá, gíbi, macaco, macumba, marimbondo, miçanga, moleque, moringa, quitanda, quitute, xingar*. Na Categoria 2 (de uso coloquial): *bamba, catimba, catinga, muxoxo*. Categoria 3 (marcadamente informais, de uso restrito): *angu, babaca, biboca, bunda, cafofo, cafundó, cucuia, muvuca, muxiba, sacana, zumbi*. Petter (2008, p. 79) esclarece que

as apropriações de termos de línguas africanas no português angolano, brasileiro e moçambicano não têm frequência elevada de uso e não ocorre, em todos os enunciados produzidos pelos seus falantes. A maior parte dos empréstimos de línguas africanas refere-se a domínios semânticos específicos: o meio natural, a flora e a fauna africanos, a culinária, a religião, a música, constituindo um vocabulário de emprego especializado que pode ter, ainda, um uso regional.

Do ALSE e ALSE II, coletamos os seguintes africanismos: *banguelo/banguela, bunda, caçula* (prov. do quimbundo); *moringa* que, para Cunha (1982), vem do cafre e para Ferreira (2004) do quimbundo, *manauê*<sup>12</sup> (bolo de milho), *bunda* (quimbundo), *abiana* (toco de cigarro—de *abiã*, ioruba?), *ganzá* (quimbundo), *mucumbu*<sup>13</sup> (Bras. PE espinha dorsal).

O EALMG, devido à sua especificidade, não é muito pródigo em vocábulos de línguas africanas. Citamos *cafifa*<sup>14</sup> (papagaio de papel), *buzo*<sup>15</sup> e *cuscuz*<sup>16</sup> (jogo de palito, por-

<sup>10</sup> *Munzuá*, covo feito de fasquias de taquara ou de bambu. 1899. De origem africana, mas de étimo indeterminado (CUNHA, 1986).

<sup>11</sup> Em Cunha (1986) consta como ‘vasilha feita de metade do endocarpo do coco’ ‘o conteúdo dela’. 1844. Do quimbundo.

<sup>12</sup> Segundo Ferreira (2004), de possível origem africana.

<sup>13</sup> Para Aulete (1964), *mucumbu*, bras. PE, significa a parte da cauda do boi desprovida de sedas. Em Ferreira encontramos como bras. PE no significado de utensílios, troços e bras. CE, cóccix.

<sup>14</sup> Cunha (1986), no verbete *cafife*, datado de 1899, no sentido de ‘série de contrariedades, contínua falta de êxito, falta de ânimo, mal estar’, registra que talvez seja do quimb. *ka'fife* ‘sarampo, moléstia sem gravidade, mas que aborrece muito o doente.

<sup>15</sup> Consta de Cunha (1986) como tipo de jogo popular, do século XX. De origem africana, mas de étimo indeterminado.

<sup>16</sup> Para Cunha (1986) vem do árabe *kuskus*. Datada do s. XV, como *coscuz* e em 1507, como *cuscus*.

rinha). De origem obscura: *tribuzana*<sup>17</sup> e *trubidanga* (tromba-d'água).

No ALPB, novamente, é restrita a presença de africanismos, especialmente do quimbundo: *cacimba* (poço ou olho d'água); *bunda canastra* (cambalhota); *maribondo/marimbondo* (inseto); *quibano/quibando* (peneira de palha).

No ALPR, são poucas as perguntas que poderiam levar a nomes africanos, apenas registramos duas lexias, ambas atestadas como de origem quimbunda: *gongolô* (centopeia) e *calango* (espécie de lagartixa), em pontos onde a migração nordestina para o Paraná foi mais intensa nas décadas de 1950-1960, sem que necessariamente os migrantes fossem de descendência africana. Essa baixa produtividade de africanismos no PR pode estar ligada ao fato de a população negra, nessa então província, no início do século XIX, não ter ultrapassado 17%, ao contrário do Maranhão com mais de 66% e da Bahia com mais de 30% (HOUAISS, 1985, p. 80).

Uma dificuldade que se coloca ao pesquisador, na definição da gênese do vocábulo, é comprovar a sua origem africana, já que a maioria dos dicionaristas se exime de uma afirmação categórica, preferindo utilizar certos “entornos” linguísticos como *brasileirismo*, ou *provável origem quimbunda*, ou ainda *etimologia obscura* ou *controversa*; em muitos casos não consta das entradas do dicionário.

Sobre o assunto, Silva Neto (1963, p. 204-205) faz uma observação interessante, ao afirmar que “muitos “brasileirismos” há até com raízes latinas! Vezes há, é certo, que a palavra já não pertence à língua comum de além-mar, nem mesmo está documentada nos textos; mas deve ter existido no passado, ou viçar, ainda nalgum recanto”. A língua portuguesa no Brasil, como sabemos, começa a se tornar hegemônica apenas em meados do século XVIII. Mas, nas telas dos atlas linguísticos, em que tecemos alguns instantâneos da História da Língua Portuguesa, aí estão trançados muitos fios remanescentes de um português quinhentista ou seiscentista, que não fazem parte da linguagem comum do falante urbano. Do APFB, ALSE e ALSE II, apenas a título de ilustração, destacamos, além de variantes fonéticas arcaizadas como *briba* e *biba* (de víbora, para espécie de lagartixa), *vea*, *area* (veia, areia), *candeeiro*, *malina* (maligna, para febre, doença), registraram-se entre outras, as variantes lexicais que, ora são consideradas do português lusitano, ora, como brasileirismos: *fato* (estômago), *zelação*, *velação* (estrela cadente), *caçote* (pequena rã), *cruviana* (vento forte), *sarolha/sarolia* (terra umedecida pela chuva), *pataqueiro* e *jornadeiro/jornalista* (trabalhador de enxada), *cantareira/cantalera* (clavícula), *peadô/piadô* e *mocotó* (tornozelo), *entojo*, *antojo* (enjoo), *móvito* e *perca* (*aborto*), *abusão* (superstição);

---

<sup>17</sup> *Trabuzana* está dicionarizada em Cunha (1986) no sentido de tempestade, temporal, datada do século XVIII, de origem obscura, talvez de formação expressiva.

*alojo*<sup>18</sup> (vômito), *trelosa* (criança irrequieta); *quartinha*<sup>19</sup> (recipiente para água), *argueiro* (cisco que cai no olho), *pábulo/pabo* (pretensioso); *somítico* e *canguinho* (sovina, usurário); *caboje* (açoite para malhar cereais); *cangote*; *toutiço/toitiço* e *cabeloro* (nuca); *camarinha* (quarto de dormir), *jabiraca* (lenço de pescoço), *lombinho* (cisto sebáceo), *borbulha* (bolha d'água), *matéria* (pus), *peçonha* (pus); *giba*, *gibudo* (corcunda), *mouco* (or. obsc.), *machim* (tornozelo), *chapa* (dentadura. Bras.), *provoco* (vômito, Bras. N), *queixal* (dente molar), *jardineira* (ônibus, bras.), *badoque* (atiradeira, árabe, Bras. BA e AL), *baleadeira* (atiradeira, Bras. AC a PE); *besta*, *funda* (Bras. MS e RS), *bogue* (Bras. NE, murro); *amancebada*, *bacorinho* (Bras. de origem controvertida); *cambeta* (Não dicionarizado em Cunha (1986) e em Ferreira (2004), *capuxo* (Bras. espiga), *corrimboque* (Bras.); *tunco* (muxoxo) (Bras. NE, ALSE II).

Do EALMG, podemos considerar algumas lexias como remanescentes do português antigo e, ao que indicam os dados, com tendência ao desuso: *arco-da-velha*, *arco-da-aliança*, *chuva-de-flor*, *librina*, *lubrina*, *zelação*, *mãe-do-ouro*, *papa-ceia*, *cambota*; *bilosca*<sup>20</sup>, *caçapa* e *loca* no sentido de búrlica; *bodoque* e *seta* para estilingue; *bila* (Bras. CE), *bola de fona*<sup>21</sup> (Bras.), *cachopa* (dic. outro significado), *cambota* (1813, brincadeira de virar o corpo. Bras. MA e RS).

Como formas comuns ao APFB, ALSE, ALPB e ALPR, temos, entre outros, *lúa*, *lūma*, *luma*, *arco-da-velha*, *arco-de-velho*, *dente queiro*; *nafro/náfico* (manco) e *mangual* (instrumento para malhar cereais). No PR, destacamos *fuzilo* (relâmpago ou raio), *inguiro/ingrim* (espiga de milho falhada), *garrão* (calcanhar), *cuitelinho* (beija-flor), *surjoa* (parteira), *mãe-do-corpo* (útero), *setra* (estilingue), *silhão/sião* (espécie de arreo usado antigamente na montaria feminina). Também, nos Atlas, não são raras as formas paralelas: *vagalume/bagalume*; *gengiva/gengiba*; *vassoura/ vassora/ bassora*; *lobisomem /lúvisome*; *sovaco/ subaco*, *vagem/ bage*; *verruga/ birruga*, também frequentes em Portugal. Outras variantes comuns a dois ou mais atlas: *sumítico* (de semítico, avarento), *zambeta* e *zambito* para pernas arqueadas e *zelação* (meteoro), no APFB, ALSE e ALPB.

Sobre os empréstimos de outras línguas, convém lembrar que, segundo o IBGE (2000), entre 1884 e 1959, o Brasil recebeu perto de cinco milhões de imigrantes, dos quais 1 507 695 italianos, 683 382 espanhóis, 189 727 sírios e libaneses, 188 723 japoneses, 176 422 alemães, além de 1 391 898 portugueses. A maioria emigrou de seu país

<sup>18</sup> Para Ferreira (2004) é um Bras. MG.

<sup>19</sup> Ferreira (2004): brasileiro do Nordeste, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo.

<sup>20</sup> *Bilosca* seria uma variante de *birosca*? Para Cunha (1986) é um voc. de origem expressiva referente a estabelecimento comercial modesto no qual se vendem gêneros de primeira necessidade e bebidas alcoólicas.

<sup>21</sup> *Fono* é avarento no APFB e (bola de) *fona* no ALSE II.

de origem, logo após a abolição da escravatura no Brasil, incentivados pelo governo brasileiro para suprir a falta de mão de obra na lavoura de café. Anos depois, entre as duas grandes guerras, chegaram imigrantes em busca de melhores condições de vida, fugindo da perseguição política ou da miséria. O Quadro 1 mostra a evolução da imigração no Brasil no período de 1884 a 1933.

Imigração no Brasil, por nacionalidade (períodos decenais: 1884 a 1933)					
Nacionalidade	Efetivos Decenais				
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723
Espanhóis	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405
Italianos	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177
Japoneses	–	–	11.868	20.398	110.191
Portugueses	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650
Sírios e turcos	96	7.124	45.803	20.400	20.400
Outros	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586
Total	883.668	852.110	1.006.617	503.981	717.223

Fonte: BRASIL: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatística e 500 anos de povoamento. p. 226.

Os imigrantes, em suas relações sociais, de alguma maneira, nas mais diversas situações, teriam que se adaptar à nova realidade linguística num movimento de mão dupla: aprendendo o Português e transmitindo os conhecimentos de sua língua materna, sobretudo para nomear referentes específicos. Dentre as levas mais numerosas de estrangeiros, acreditamos que os espanhóis e italianos foram os que mais contribuíram na área do léxico. Os galicismos (CARDOSO, 1994), por sua vez, chegaram no início do século XIX com a corte portuguesa, impulsionados pelo prestígio que a língua francesa usufruía na época.

Sobre os empréstimos europeus registrados nos cinco primeiros atlas, ressaltamos que uma particularidade dos atlas do Nordeste (Bahia, Sergipe, Sergipe II e Paraíba) é a recorrência de galicismos, em sua maioria no campo semântico do vestuário: como *boá*, *bustiê*, *cachecol*, *cachecu*, *cachenê*, *fichu*, *baeta* e *colete* (tipos de agasalho); *pincenê* e *luneta* (óculos); *sutiã* e *calefon/califon/galifon*, além de *dama*, o que reforça a predominância do francês no Brasil até o século XX, como segunda língua a ser falada e cultura a ser imitada. Sobre o assunto, Cardoso e Ferreira (2000, p. 133) completam que:

numa reflexão, ainda que breve, sobre a estratificação do léxico e a sua

formação, fica nítida a disseminação dessas formas que, com o passar dos tempos, perdem sua vitalidade no falar urbano e remanescem nos falares rurais, a ilustrar os momentos distintos de interferência cultural que deixou as suas marcas na língua.

Cardoso (1988, p. 122) indaga se essa “influência francesa teria caminhado no sentido centros urbanos > áreas rurais, ou os padrões de organização da sociedade brasileira, nos séculos passados, com a fixação da burguesia nos centros rurais, poderiam ser outra fonte de explicação”.

Também recolhemos alguns espanholismos no ALSE II: *trancelim* (corrente) *mondongo* (tornozelo), *marraio* (?) (bolinha de gude), *realejo* (Bras. NE, gaita de boca); italianismos no ALSE II: *marinete*<sup>22</sup> (ônibus); do árabe: *azougue* (imã) dicionarizado com outros significados. Não são raros os vocábulos registrados como de origem ‘controversa’, como *aleive* (calúnia, ALSE II); os de formação onomatopaica: *querequexé* e *lexias* não dicionarizadas, como *bocapiu* (sacola de palha), *cutão* (roupa velha), *cutim* (tecido grosso), *badoga* (toco de cigarro), *bucafo* (bolinha de gude), *inturida* e *chulé* (prov. or. cigana).

No meio rural paranaense, ao contrário, cujo povoamento e ocupação territorial pelo homem branco só se deu mais tarde, o ALPR revela que nomes de origem francesa têm produtividade baixa, quase nula. Registramos apenas as variantes fonéticas para *sutiã* (com as variantes lexicais, *corpinho* e *corpete*), vocábulo de uso geral em todo o país, independentemente de outras variáveis. À ausência de galicismos, opõe-se a presença de espanholismos principalmente nas regiões sul e sudoeste paranaenses, com dente *colmi-lho/curnio* (dente canino ou molar), *sanga* (rio pequeno, córrego), *petiça* (variedade de banana), chuva de *granito/granizo*; *maragata*, galinha de *bombacha*, *bombachuda* (variedades de galinha), *maçanilha* (camomila), *bainha* (vagem do feijão) e *pandorga* (pipa, papagaio, brinquedo infantil que se solta ao vento), entre outras. Do italiano, temos diversos nomes da culinária, mas que não foram motivo de cartografia por não constarem dos questionários. Registramos, no ALPR, *bigato*, para bicho-de-fruta, e feijão *jalo/jaula* (do it. giallo).

Avançando um pouco no tempo, passamos à análise dos dados dos atlas estaduais concluídos e/ou publicados entre 2010 e 2018 que trazem particularidades linguísticas que carecem, ainda, de análises mais apuradas e cuidadosas.

---

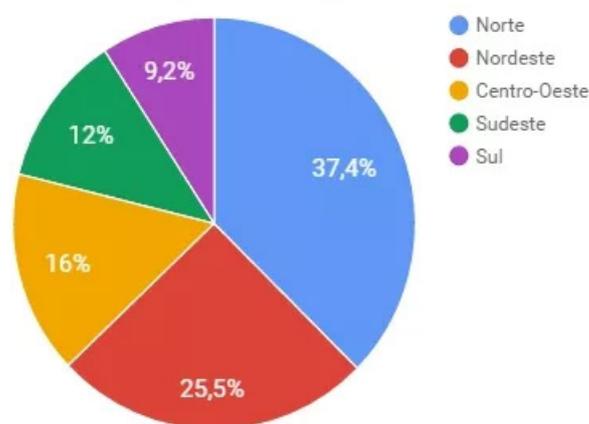
<sup>22</sup> A denominação *marinete* para ônibus, segundo Ferreira (2004), seria originária do antropônimo Filippo Tommaso Marinetti.

### Uma análise do acervo lexical de seis atlas estaduais concluídos e/ou publicados entre 2010 e 2018.

Dentre os seis atlas concluídos nos últimos dez anos, selecionamos para análise cartas do ALAM, ALiPE, ALAP, ALEAL e ALiTTeTO.

As questões do ALAM (CRUZ, 2004) culminaram na elaboração de 257 cartas linguísticas, sendo 107 Cartas Fonéticas e 150 Cartas Semântico-Lexicais. Devido às peculiaridades do Questionário adotado por Cruz, inteiramente voltado para a realidade amazonense, as áreas privilegiadas são mais específicas que as dos demais atlas, resultando, portanto, em um acervo tupi mais numeroso. A Região Norte, historicamente, é o espaço brasileiro onde se concentra o maior contingente indígena. Fontes como o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística – IBGE documentam essa concentração conforme podemos visualizar no Figura 1 com a distribuição da população indígena por região no Brasil.

Distribuição da população indígena no Brasil por Região (IBGE 2010)



Fonte: <https://www.google.com/search?q=populacao+indigena+no+brasil+por+regioes>.

Acesso em: 28 out. 2010.

O Figura 1 mostra que as regiões Norte e Nordeste, juntas, abrigam perto de 63% da população indígena no Brasil, o que pode ser um fator que justifique o maior número de registros de nomes procedentes das línguas nativas brasileiras.

No ALAM, quantificamos cerca de 200 tupinismos, registrados na fala dos 54 informantes distribuídos pelos nove pontos da rede linguística. Não resta dúvida de que

algumas lexias se expandem por áreas amazonenses mais amplas, como *andiroba* (árvore), *arubé* (massa de mandioca), *beiju*, *boto*, *canarana*, *cataraca*, *chibé*, *coivara*, *coruba*, *crueira*, *cupuaçu*, *gamela*, *guariba*, *igarapé* (rio pequeno), *jirau*, *macaca* (amarelinha), *macaxeira*, *mandioca*, *mingau*, *mojica*, *panema*, *pereba*, *peteca* (gude), *pitiú*, *pupunha*, *timbó*, *tipiti*, *tracajá* e *tupé*, entre outras. Por outro lado, algumas delas são pouco produtivas e se restringem à fala de um ou de poucos informantes, como *crete-crete* (joão-de-barro), *caxinga* (aleijado), *pitiú* (mau cheiro), *membeca* (variedade de gramínea), *ariá* (mandioca), *puxirum* (mutirão), por exemplo. Vale destacar que, na Região Norte, o Amazonas é o estado de maior concentração indígena, o que justifica a significativa produtividade de tupinismos no atlas elaborado por Cruz (2004).

O ALiPE (SÁ, 2013), compõe-se de 105 cartas linguísticas, das quais cinquenta são fonéticas; 48, semântico-lexicais e oito, morfossintáticas. Temos neste tecido, ora a supremacia de itens do português mais antigo, ora do mais moderno, ora a predominância de vocábulos tupis e alguns tênues fios de línguas africanas. Do tupi, registramos: *gambá*, *cangambá*, *ticaca*, *tacaca* (provável redução de jaritacaca); *bituca* (Bras.); *tapuru*, *piranguero* (sovina), *peteca* (estilingue). De origem africana: *bunda canastra*; *macumba*, *catimbó* (feitiçaria, CUNHA, 1986; FERREIRA, 2004). Do português mais antigo: *sarolha*, *boca da noite*; do espanhol plat. e bras. do RS *bolita* (gude). Outras contribuições estrangeiras: para grampo de cabelo: *friso* (ital. Bras. PB) e *misse* (possível do ingl. *miss* Bras.), do francês: *crochê*, *tricô*. Registrados como brasileirismos: *ximbra* - bras. AL (gude); para grampo de cabelo, temos *biliro* (Bras. PB e PE); para toco de cigarro, temos *goia* (bras. N.E.) e *biola* - não dicionarizada.

O ALAP (RAZKY et al., 2017) consta de 16 cartas fonéticas, 73 lexicais e 30 cartas estratificadas<sup>23</sup>, nas quais destacamos uma coexistência ora harmoniosa, ora aguerrida, de lexias indígenas e portuguesas: *jarãna* e *mão-de-vaca*; *igarapé* com *riacho* e *córrego*; *macaxeira* e *mandioca*; *jamanxi* ao lado de *paneiro* e *cesto*; *jacinta* com *libélula* e *cigarra*; *tapuru* e *bicho da goiaba*; *mangará* e *umbigo* (inflorescência do cacho da bananeira); *gambá* e *mucura*; *carapanã* e *muriçoca* do tupi; ou africanas e lexias portuguesas: *banzeiro* (de *banzar* quimbundo) e *maresia*. Outras combinações possíveis no ALAP: *bostela* e *remela* (português regional e português médio); *catinga*<sup>24</sup> e *inhaca*<sup>25</sup>; *bagana* e *toco de cigarro*; o *compacto* ao lado do *ruge* e do *blush*; o *bombom* e a *bala*.

<sup>23</sup> Carta estratificada é a que traz as respostas de cada informante, isto é, os dados permitem identificar se foi o homem ou a mulher, se foi o jovem ou o menos jovem quem deu a resposta registrada na legenda.

<sup>24</sup> Para Ferreira, *catinga*, no sentido de mau cheiro, procede do guarani *kati* 'cheiro forte'.

<sup>25</sup> Para Ferreira, *inhaca*, vem do tupi, bodum, mau cheiro.

O ALEAL (2017), resultado da tese de Doiron, consta de 88 cartas, das quais 37 são fonéticas, sete morfossintáticas, uma metalinguística e 43 lexicais. Seleccionamos na trama destas últimas: formas africanas, portuguesas, tupis junto com outras de origem desconhecida, controversa ou não dicionarizada: *buzugo/buzo* (poss. africana) e *mangará* (tupi); *macaxeira*, *mandioca* e *aipim* (todas do tupi); *gambá* e *cassaco* (bras. do N.E.); *cachimbal* (não dic.) e *zigue-zigue* (onomat.) para a libélula; *lagarta* e *tapuru* (tupi), para bicho de fruta; *muriçoca* e *mosquito* para designar o pernilongo; *menstruação* e estar de *boi* (prov. quimbundo); *cigarro de fumo* e *boró* (bras.); *confeito* e *bala*; *ímã* e *azougue*; *flau*, *geladinho* e *jajá*, nenhum deles dicionarizados para o picolé vendido em saquinhos plásticos.

O ALiTTeTO é resultado da tese de Silva (2018), composto de 107 cartas linguísticas, sendo 73 fonéticas e 34 lexicais, das quais dezessete correspondem aos registros de informantes naturais da localidade (topoestáticos) e dezessete dos informantes procedentes de outros estados (topodinâmicos). Nesse atlas, verificamos algumas variantes provenientes: do tupi, *mangará*, *buzo*, *caçuá*, *jacá*, *muriçoca*, *carapanã*, *gambá*, *guariba*, *macaúba*, *mucura*; de línguas africanas, galinha *angolista*, *d'angola*, *guiné*; *mocotó*, *cancão*, *macaco*; do francês, *sutiã*, *bustiê*, *biquini*; do espanhol, *ramona*, *gigolé*. Além de lexias registradas como brasileirismos: *mambira* (bras. RS), *cofo* (cesto). Não constam dos dicionários: *lapixó*.

A análise dos atlas mais contemporâneos demonstra, igualmente, a complexa constituição do PB, repleta de fios que entrelaçam a cultura indígena, africana e europeia na mesma tela colorida, mas que ainda precisa ser preenchida por outras cores a serem oferecidas por estudos futuros.

### **Considerações finais**

Esses são alguns fios que se combinaram e se entreteceram nas telas dos atlas linguísticos estaduais do Brasil. Muitas vezes, o fio é espesso e forte, representado por lexias que se expandiram por áreas mais extensas, como os africanismos *moleque*, *xará*, *caçula*, *bunda*, *cochilo*, *batuque*, *quiabo*; ou indigenismos, como *cipó*, *capim*, *mandioca*, *aipim*, *macaxeira*, *jequitibá*, *araponga*, *caju*, *jabuticaba*, *tamanduá*, *piracema*; outras vezes é frágil e tênue, pequenos traços da presença tupi ou africana, como *banzé*, *jojoca*, *urupê*; outras de cores vivas, mas muitas vezes de origem obscura, sem darem uma pista sequer da sua origem, como *cocuruto*. Quem saberia dizer onde buscar a etimologia de *cobé* (feiticeiro), *xamboqueiro* (desajeitado), *ginge/gijo* (arrepio de nervoso); *pacau* (jogo de cartas), *sara-gaio* (mestiço), *semanso* (tacha), *susprandino* (jogo de dados) e *mondongo*? Quem pode-

ria, no primeiro contato, desconfiar que *chamechuga* é variante de sanguessuga, *munha* de moinha, *pordilongo* é uma variante de pernilongo, *criso-do-sol* é o mesmo que eclipse do sol? A pesquisa etimológica também é traiçoeira. Os homônimos são desconcertantes. Por exemplo, Cunha registra *capoeira*, ‘gaiola onde criavam e alojavam capões e outras aves domésticas; cesto em que se transportavam essas aves para o mercado, ou para vendê-las de porta em porta, 1583, deduz-se que venha de capão < lat. *cappone*, portanto de formação vernácula; e *capoeira*, ‘terreno onde já houve roça e foi reconquistado pelo mato’. 1577, do tupi: ‘ko’ roça + puera’ que já foi.

O fato de os dicionários não comportarem todo o acervo da fala popular mapeado pelos atlas pode estar na dificuldade de encontrarem, se não a etimologia, pelo menos a procedência de tantas formas únicas, isoladas, registradas, não raramente, em apenas um falante, em uma localidade da rede de pontos investigada. Não se trata de tarefa menos importante o trabalho do dialetólogo ou lexicógrafo tecelão que vai reconstituir a forma original do tecido a partir dos fragmentos que aí estão, fios tênues que, muitas vezes, sobrevivem (ou sobreviveram) na voz de um único informante, de uma só localidade.

Como vimos, não são poucas as lexias que compõem o acervo lexical dos cinco atlas publicados, durante o século passado e dos cinco concluídos, nestes últimos vinte anos, que aqui analisamos, e que ainda estão à espera de uma investigação etimológica mais profunda, empreendida por meio de dicionários específicos, que associem a vitalidade do vocábulo com a presença do homem que o transportou e lhe deu vida.

O ideal seria que, em vez de informações genéricas como *brasileirismos*, *formação obscura* ou *formação expressiva*, pudéssemos afirmar com precisão: em qual ou quais comunidades de fala predominam tais formas? Qual foi a motivação para o nascimento desse signo linguístico? Em que contextos sociais foram ou podem ser usados? E principalmente: que movimentos sociais propiciaram a vitalidade ou a decadência de uma variante?

Mas, diante da impossibilidade de responder com segurança àquelas e a tantas outras questões, resta-nos corroborar a assertiva de Aguilera (2009, p. 68), para quem

a expansão, a concentração, a interseção e o desaparecimento de formas linguísticas em dado espaço geográfico são condicionados pela história social da região, pelas características étnicas da população e por condicionantes sócio-histórico-geográficos que determinam a forma de viver e de pensar de um grupo social.

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Arcaização, mudança e resistência lexicais em atlas linguísticos brasileiros: o rural e o urbano. In: *De arte grammatica: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 65. Geburtstag*. Cornelia DÖLL; Sybille GROBE; Christine HUNDT; Axel SCHÖNBERGER (Hrsg.). Frankfurt am Main: Valentia, 2010, p. 19-32.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Tupinismos lexicais no português brasileiro: trilhas e traços no Paraná. In: Sybille GROBE; Axel SCHÖNBERGER (em colaboração com Cornelia Döll e Christine Hundt) (Ed.). *Ex oriente lux: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag*. Frankfurt am Main: Valentia, 2002, p. 19-40).

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um caminho para a história do português brasileiro: cruzando os brinquedos infantis com a história social. In: Eberhard GÄRTNER; Axel SCHÖNBERGER (eds.) Frankfurt am Main: Valentia, 2009, p. 49-70.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um caminho para ao conhecimento da história da língua portuguesa no Brasil: as brincadeiras infantis. In: TROTTER, David, *Actes du XXIV<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Aberystwyth: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. 11-26.

ALKMIM, Tania; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: PETTER, Margarida; José Luiz Fiorin. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 145-178.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas Linguístico do Paraná II*. Tese. Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2007.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de, BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. *Atlas linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, 1984, v. 1 e 2.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5 ed. 5 vol. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BIDERMAN, Maria Tereza. O léxico testemunha de uma cultura. In: *Kaleidoskop der Lexikalischen Semantik*. Ulrich Hoinkes / Wolf Dietrich (Hrsg.) Gunter Narr Verlag Tübingen, 1997, p. 308-399.

BONVINI, Emilio. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: PETTER, Margarida; José Luiz Fiorin. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 101-144.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014, v.1, 2.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas lingüístico de Sergipe- II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a presença de empréstimos em falares rurais brasileiros. In: Ramón Lorenzo. *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, v. VI. A Coruña: Fundación “Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa”, 1994, p. 713-726.

CARDOSO, Suzana Alice. Língua: meio de opressão ou de socialização? In: CARDOSO, Suzana Alice; FERREIRA, Carlota da Silveira. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000, p. 133.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Para uma nova dimensão dos estudos dialetais brasileiros. In: *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto Editora, 2006, p.15-26.

COSERIU, Eugenio. La geografía lingüística. In: *El hombre y su lenguaje*. 2 ed. Madrid: Gredos, 1991, p. 103-158.

CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. *Atlas lingüístico do Amazonas*. 2 v. xerocópia. Tese. Rio de Janeiro Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1986.

DAUZAT, Albert. *La géographie linguistique*. Paris: Ernest Flammarion, 1922.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

DOIRON, Maranúbia Pereira Barbosa. A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL). Tese defendida na Universidade Estadual de Londrina e Université Grenoble Alpes. 2 v. 488 f., 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA – Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HOUAISS, Antônio. *A língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Designações para estilingue em atlas linguísticos brasileiros: perspectivas diatópica e sócio-histórica. In: TROTTER, David, *Actes du XXIV<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Aberystwyth: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. 533-546.

LOBO, Tânia. Rosa Virgínia Mattos e Silva e a história social linguística do Brasil. *Estudos de lingüística galega* 7, 69-82, 2015.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa, em Tania Maria Alkmim (ed.), *Para a história do português popular brasileiro*. v. 3 – Novas histórias. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 443-464.

MENDONÇA, Renato A influência africana no português do Brasil. [1933] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4 ed. 1973.

PETTER, Margarida Taddoni. *África*: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 27-28: 63-89, 2006.

PETTER, Margarida Taddoni. O léxico compartilhado pelo português angolano, brasileiro e moçambicano. *Veredas*, 2008, v. 9, p. 61-81, Porto Alegre.

PISCIOTTA, Harumi. Geografia lingüística e diacronia. CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGÜISTICA E FILOGIA ROMANZA, 21, 1995, Tübingen. Atti... Tübingen: Niemeyer, 1998 v. 5. Centro di studi filologici e linguistic siciliani, Università di Palermo, 18-24 settembre 1995. A cura di Giovanni Ruffino.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

RIBEIRO, José et al. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Tupi, Tupinambá, Línguas Gerais e Português do Brasil. *O português e o tupi no Brasil*. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (orgs.). São Paulo: Contexto, 2010, p. 27-48.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas linguístico de Pernambuco*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013, 417 f.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA NETO, Serafim. *Guia para estudos dialetológicos*, Florianópolis: [s. ed.], 1957.

SILVA, Greize Alves da. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)*. 2018. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

VENY, Joan. *Introducció a la Dialectologia Catalana*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 1985.



Data de submissão: 30/11/2020

Data de aceite: 18/06/2021

## **DESIGNAÇÕES PARA A “PARTE DO CORPO DA MÃE COM QUE ELA AMAMENTA OS FILHOS”: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO EM MATO GROSSO DO SUL (MS)**

DESIGNATIONS FOR “PART OF MOTHER’S BODY WITH WHICH SHE BREASTFEEDS THE CHILDREN”: A GEOSOCIOLINGUISTIC AND LEXICAL-SEMANTIC STUDY IN MATO GROSSO DO SUL (MS)

Daniel Abud Marques Robbin | [Lattes](#) | [danielabudmr@gmail.com](mailto:danielabudmr@gmail.com)  
Universidade Federal de Santa Catarina

Regiane Coelho Pereira Reis | [Lattes](#) | [regiane.reis@ufms.br](mailto:regiane.reis@ufms.br)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Suzana Vinicia Mancilla Barreda | [Lattes](#) | [suzana.mancilla@ufms.br](mailto:suzana.mancilla@ufms.br)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Resumo:** Propomos uma análise geossociolinguística e léxico-semântica da “parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”, a partir de dados cedidos pelo Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), com sede regional em Campo Grande/MS. Ancorados em Cardoso e Mota (2013), sobre o percurso teórico-histórico da Dialectologia no Brasil e a utilização da Geolinguística Pluridimensional enquanto método, em Guérios (1979), sobre meios de substituição para tabus linguísticos, e também nas considerações de Pietroforte e Lopes (2017), a respeito da Semântica Lexical, buscamos analisar a produtividade lexical das variantes PEITO, SEIO e MAMA, apontadas pelos informantes das cidades do interior do estado do Mato Grosso do Sul, utilizadas como rede de pontos de inquéritos do Projeto ALiB. Após aferirmos a distribuição diatópica das variantes nessas cidades, investigamos os usos linguísticos a partir dos critérios diasssexual (sexo) e digeracional (idade dos informantes). Por fim, analisamos acepções para as unidades lexicais registradas nos dicionários gerais Caldas Aulete Digital, Michaelis Digital e Priberam Online, além do Manual de Semiologia Médica, de Porto (2005), dicionário terminológico da área da Medicina. Como resultados da pesquisa, verificamos a maior utilização de termos científicos e técnicos para nomear este referente no interior do estado do Mato Grosso do Sul. A análise léxico-semântica, por sua vez, nos permitiu identificar que a denominação PEITO, típica da oralidade, já se encontra dicionarizada.

**Palavras-chave:** Geossociolinguística; Semântica Lexical; ALiB; Mato Grosso do Sul. Corpo Humano.

**Abstract:** We propose a geosociolinguistic and lexical-semantic analysis of “the part of the mother’s body with which she breastfeeds the children”, based on data provided by the ALiB Project (Linguistic Atlas of Brazil), with regional headquarters in Campo Grande / MS. Anchored in the theoretical assumptions of Cardoso and Mota (2013), about the theoretical-historical path of Dialectology in Brazil and the use of Pluridimensional Geolinguistics as a method, by Guérios (1979), about means of substitution for linguistic taboos, and also in the considerations of Pietroforte and Lopes (2017), regarding Lexical Semantics, we seek to analyze the lexical productivity of the PEITO, SEIO and MAMA variants, pointed out by informants in the interior cities from the state of Mato Grosso do Sul, used as a network of survey points for the ALiB Project. After assessing the diatopic distribution of variants in these cities, we investigated the linguistic uses based on the diasexual (sex) and diagerational (age of the informants) criteria. Finally, we analyze meanings for lexical units produced under the general dictionaries Caldas Aulete Digital, Michaelis Digital and Priberam Online, in addition to the Medical Semiology Manual, by Porto (2005), terminological dictionary in the field of Medicine. As a result of the research, we verified the greater use of scientific and technical terms to name this referent in the interior of the state of Mato Grosso do Sul. The lexical-semantic analysis, on the other hand, indicates that the name PEITO, typical of orality, has already been stated in the dictionary.

**Keywords:** Geosociolinguistics; Lexical Semantics; ALiB; Mato Grosso do Sul; Físic Body.

## INTRODUÇÃO

Para a compreensão deste trabalho, é importante ter em mente que a palavra<sup>1</sup>, em seu sentido amplo, exterioriza a criatividade do falante, traduz o seu pensamento, enquanto o conhecimento do léxico da língua amplifica a base que possuímos em nossa cognição para a comunicação, trazendo ao nosso repertório linguístico maior precisão vocabular. Há uma rede implícita nesse processo, conectando as palavras da língua, sendo estas carregadas de particularidades identitárias de cada falante, traços que não só o representam como indivíduo, mas também são registros vivos de sua história, da cultura de seu povo, de tradições da sua comunidade. Léxico, tomando por base a definição de Biderman (1992, p. 399), é “o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade”.

---

<sup>1</sup> Temos conhecimento da intensa discussão entre os teóricos acerca da definição do termo palavra.

A partir dessa concepção, tem-se que o léxico da língua carrega marcas da história de um povo, peculiaridades geográficas e traços linguísticos e, por conseguinte, culturais, de distintas comunidades. Não obstante, como nossas visões de mundo estão impregnadas de crenças que configuram o nosso entorno, nada mais justo que o léxico de uma língua ser variável de acordo com critérios extralinguísticos, a saber, estrato social, contexto de uso, gênero, faixa etária, nível de escolarização; e critérios linguísticos, como a diacronia (evolução da língua no decorrer da história). Salienta-se que variação, nos estudos linguísticos, “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO, 2018, p. 16).

Sendo assim, este trabalho se situa no campo da Dialetologia, ramificação da ciência linguística, preocupada em estudar os diferentes falares de um povo, delimitados pelo seu espaço geográfico, pela cultura e pelo contexto social em que estão inseridos, através do método geolinguístico, o qual visa à produção de Atlas linguísticos, que “Além de consentir observações de caráter geral a respeito do funcionamento da linguagem como meio de intercomunicação social, revelam a vinculação entre a história linguística e os fatores geográficos e geopolíticos” (COSERIU, 1965, p. 13, tradução nossa) <sup>2</sup>.

O estudo em questão busca situar as escolhas lexicais feitas pelos falantes de diferentes regiões do interior do Mato Grosso do Sul, no processo de referenciar uma parte do corpo humano que ainda traz à tona certo tabu, a saber, a “parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30), verificando, dessa forma, como o falante significa a realidade ao seu redor, a partir de suas crenças e do seu acervo lexical, além de analisar léxico-semânticamente as denominações produtivas que nomeiam este referente. Além disso, pretendemos contribuir com as pesquisas linguísticas desenvolvidas pelo Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

Cabe salientar que o artigo constitui pesquisa realizada em âmbito de iniciação científica voluntária (PIVIC), a partir de dados cedidos pelo Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), do qual REIS, que orientou este trabalho, faz parte<sup>3</sup>. Inicialmente, será exposta a fundamentação teórica da pesquisa, partindo de uma contextualização sobre a relevância do Projeto ALiB, aliando, destarte, alguns conceitos como palavra, léxico e semântica

---

<sup>2</sup> “Además de consentir observaciones de carácter general acerca del funcionamiento del lenguaje como medio de intercomunicación social, revelan la vinculación entre la historia lingüística y los factores geográficos o geopolíticos” (COSERIU, 1965, p. 13).

<sup>3</sup> Os dados, ora analisados, foram cedidos pela profa. Dra. Regiane Coelho Pereira Reis, pesquisadora do Projeto ALiB (Regional MS), quem orientou este Projeto de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC/UFMS) no período de agosto de 2018 a abril de 2019. Posteriormente, a Profa. Dra. Suzana Vinícia Mancilla Barreda assumiu a orientação do projeto.

aos de Dialetoлогия e Geolinguística enquanto método de investigação. Em seguida, seguindo a ótica léxico-semântica e geossociolinguística, analisaremos as designações para “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”, documentadas no interior do estado de Mato Grosso do Sul, nas cinco localidades selecionadas pelo Projeto ALiB, totalizando um número de 20 inquéritos gravados.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Trataremos, neste tópico do trabalho, de situar o leitor acerca da localização de nossa pesquisa dentro dos estudos geossociolinguísticos, destacando ainda conceitos fundamentais para o entendimento de nossa análise, tais como: Léxico, Cultura, Identidade e Tabu.

Coseriu (1965, p. 6), ao destacar as relações que a linguagem pode desenvolver com o ambiente à sua volta, ressalta que são “[...] relações entre o ambiente geográfico e a difusão e distribuição espacial das formas linguísticas” (COSERIU, 1965, p. 6, tradução nossa)<sup>4</sup>, e isso evidencia uma complexa dinâmica das línguas que, apesar de possuírem um padrão que tende a ser seguido, também dispõem de diversas variantes, formas individuais que ‘disputam’ pela expressão da variável – “o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata” (COELHO, 2018, p. 17) –, e que representam não somente modos distintos de falar, como também a identidade de um povo ou de uma cultura.

Centramos nosso estudo no âmbito da Dialetoлогия, e “É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p. 88). Ora, se cada palavra segmenta visões particulares de mundo, e se levarmos em consideração que nossas influências variam de acordo com nossa bagagem de mundo, é válido delimitar que a língua varia em função de seu falante e da cultura à qual ele esteve exposto durante a maior parte de sua vivência. É fundamental ressaltar que

A cultura de uma sociedade é manifestada, principalmente, pela linguagem, à medida que, a partir de atos de comunicação do ser humano, é possível depreender condicionantes sociais e geográficos que o rodeiam. Assim, sociedade /cultura/ linguagem formam uma tríade capaz de traduzir aspectos das vivências do ser humano dentro de uma comunidade (NUNES; ISQUERDO, 2017, p. 72).

---

<sup>4</sup> [...] relaciones entre el ambiente geográfico y la difusión y distribución espacial de las formas lingüísticas” (COSERIU, 1965, p. 6).

Cultura é um conceito diretamente atrelado à identidade, aquilo que caracteriza um sujeito ou um conjunto de indivíduos como pertencendo a determinado grupo.

Devido a questões culturais e às próprias diferenças nas experiências de vida, os falantes realizam escolhas lexicais dominados por suas crenças. “As palavras podem ser consideradas como etiquetas para o processo de categorização” (BIDERMAN, 1998, p. 88) e, por estarmos frequentemente categorizando pessoas, coisas e objetos, tendemos a associar a palavra ao objeto.

Alguns desses objetos são interditos, ou seja, as pessoas possuem receio em nomeá-los, já que “Se uma pessoa, coisa ou ato é interditado, o nome ou a palavra que se lhes refere, é o igualmente” (GUÉRIOS, 1979, p. 6), o que representa a necessidade de nos utilizarmos de nosso acervo vocabular para selecionar termos neutros, termos que possam substituir palavras interditas.

Antes de entrarmos na classificação dos substitutos de vocábulos tabu proposta por Guérios (1979), faz-se mister apresentarmos primeiramente o conceito de tabu, passando pela sua subdivisão entre próprios, referentes “aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça” e os impróprios, nosso objeto de estudo, “a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira” (GUÉRIOS, 1979, p. 5). Entre esses temas, falar sobre certas partes do corpo humano remete à imoralidade, ora por uma hiperssexualização de nossos corpos e de nossas vidas, ora por imaginários dominados por crenças e misticismos que reverberam em atitudes linguísticas reprimidas por parte dos falantes da língua.

Assim sendo, para que não se exprima qualquer disfemismo, expressão imoral ou grosseira, o falante busca neutralizar termos interditos por meio de substitutos, de sentido equivalente na língua. Conforme Guérios (1979), os termos que se utilizam como substitutos podem ser desde sinônimos, passando por expressões genéricas, hipocorísticos (expressões que denotam carinho), expressões no diminutivo (que denotam afetividade), deformações fonéticas para evitar a pronúncia do interdito e, ainda, termos científicos, dentre outros meios de neutralização do tabu. Ater-nos-emos, aqui, em dois meios de substituição recorrentes em nosso estudo: as expressões genéricas e os termos científicos.

A generalização implica a perda do efeito expressivo da especificidade da coisa nomeada, o que suaviza a carga semântica do que não se quer proferir. Por outro lado, o termo científico eufemiza o sentido negativo da palavra interdita, devido às relações sociais

que se interpõem entre o erudito e o grosseiro, o padrão e o vernáculo, o culto e o popular. Falar em termos propostos pela Academia soa menos agressivo que termos fixados na linguagem do povo, carregada de naturalidade, de verdade e de expressão, mas também sendo fruto de um meio social representativo de identidades periféricas ou marginalizadas, o que gera preconceito linguístico por parte do ouvinte e, logo, o desejo pela neutralidade de termos vindos das “camadas sociais mais baixas”.

Nas palavras de Pietroforte e Lopes (2017, p. 114), semântica é “o estudo sistemático do sentido nas línguas naturais”. E o léxico, na visão de Biderman (1992, p. 399), é testemunha de uma cultura, “o repertório lexical perpetua, pois, a herança cultural através de signos verbais”. Dessa maneira, investigando-se as palavras nos seus mais diversos e amplos sentidos, podemos significar não só a linguagem, mas os contextos de uso da língua e as identidades de cada grupo social. Cultura e identidade são indissociáveis. Os estudos geossociolinguísticos contribuem para que possamos entender melhor a dinâmica homem – linguagem – sociedade, visto que o homem significa o mundo através do léxico, especificamente das palavras, exprimindo, assim, seus valores e crenças, sua identidade e, ainda, relacionando-se com a sociedade por meio da comunicação.

Tendo em vista a importância dos estudos geossociolinguísticos, faz-se necessário traçar aqui um percurso histórico para entender melhor como se deram as bases para que os estudos dialetológicos no Brasil tomassem forma.

Os estudos dialetológicos em nosso país iniciaram a partir das contribuições de Domingos Borges de Barros (1826, *apud* CARDOSO; MOTA, 2013), o Visconde de Pedra Banca, para a obra *Introduction do Atlas Ethnographique du Globe*, realização de Adrien Balbi.

Segundo Cardoso e Mota (2013), que subdividem os estudos dialetológicos em nossa terra em quatro fases, as contribuições de Borges de Barros iniciam a primeira fase, de caráter estritamente lexicográfico, que perdurou entre 1826 e 1920, com a publicação de “O dialeto caipira” (1982 [1920]), de Amadeu Amaral, marco da segunda fase da Dialetologia no Brasil. Paralelo a isso, o francês Jules Gilliéron, no início do século 20, publica o *Atlas Linguistique de France*, evidenciando certo ineditismo em sua área de pesquisa, criando o método geolingüística e expandindo, destarte, a Dialetologia, que acaba por nortear-se pela Geolingüística.

A segunda fase da Dialetologia brasileira se dá entre 1920 e 1952, e a partir de *O dialeto caipira*, destaca-se o pioneirismo das pesquisas de campo, as quais denotam a realidade linguística brasileira, o que resulta em um caráter mais científico desse tipo de estudo. Também é dessa fase *O linguajar carioca*, de Nascentes (1953 [1922]), cuja contribuição se dá pela proposta de divisão do Brasil em regiões dialetais.

A década de 50 é marco da terceira fase dialetológica brasileira, a partir de um de-

creto do Governo, o de n.º 30.643, datado de 20/03/1952, que define uma meta para a Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa, a elaboração do Atlas Linguístico Brasileiro. A partir daí, tem-se maior sistematização e rigor científico dos estudos dialetológicos.

Entre esse processo de amadurecimento, Nascentes (1958) produz uma obra que estabelece as Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil; mas, devido à escassez e à precariedade de dados concretos, e também à extensão territorial de nossa nação, a execução do projeto acaba engavetado por anos.

Optou-se, então, por iniciativas específicas, regionais, que pudessem contribuir a longo prazo para a elaboração desse atlas nacional. Nelson Rossi, com o auxílio de Ferreira e Isensee, em 1963, publica o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. A partir daí, com iniciativas parecidas em Sergipe, Minas Gerais, Paraíba e Paraná, surgem os primeiros atlas linguísticos regionais.

Na década de 90, no Brasil, percebeu-se a carência de estudos que traduzissem a nossa realidade linguística enquanto nação e notou-se que era o momento para retomar a produção do atlas nacional. Eis que surge, então, o projeto da criação de um atlas linguístico do Brasil, a partir de um seminário intitulado *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, em 1996 (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 858). Esse evento inaugura a quarta fase da Dialetologia no Brasil, marcada pela

Incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística, a partir da segunda metade do século passado, levando a percorrer um caminho pluridimensional e abandonando, assim, a visão monodimensional que predominou na Geolinguística que se costuma denominar, hoje, de 'tradicional' (CARDOSO; MOTA, 2013, p. 128).

No Quadro 01, é possível visualizar a síntese do percurso exposto pelas autoras:

**Quadro 01:** Percurso histórico dos estudos dialetológicos no Brasil.

Anos	Fases da Dialetologia no Brasil			
	1ª fase (1826-1920)	2ª fase (1920-1952)	3ª fase (1952-1996)	4ª fase (1996-atual)
<b>Marco Inicial</b>	Contribuição de Domingos Borges de Barros no "Introduction" do "Atlas Ethnographique du Globe", de Adrien Balbi.	Publicação de "O dialeto caipira", de Amadeu Amaral.	Definição de uma meta para a Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa, a elaboração do Atlas Linguístico Brasileiro.	Seminário "Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil", que inspira a elaboração do Projeto ALiB.

<b>Característica</b>	Fase de caráter estritamente lexicográfico.	Destaca-se o pioneirismo das pesquisas de campo, principalmente por parte de Amadeu Amaral e Antenor Nascentes.	Fase marcada por iniciativas de elaboração de atlas regionais, como nos estados de Sergipe, Minas Gerais, Paraíba e no Paraná.	A principal característica é a adoção do método pluridimensional em pesquisas geolinguísticas.
-----------------------	---	---	--	--

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Cardoso e Mota (2013).

Ainda sobre a questão da Dialetolegia monodimensional, é interessante entendermos melhor o que essa evolução do método supracitado representa. Inicialmente, o caráter majoritariamente diatópico dos estudos dialetológicos reverberava na utilização do método geolinguístico, que analisava a variação por meio de apenas um critério, o espaço em que o falante se inseria (variação diatópica).

Todavia, fez-se necessário um incremento para que os estudos tomassem maior consistência e completude. Eis que surgiram outros parâmetros para avaliar essa variação, a saber, diageracional, diasssexual. Logo, o método geolinguístico adquire o status de pluridimensional, ou seja, considera outras dimensões da variação que não somente a diatópica, inserindo no contexto de análise o falante e sua identidade, no que diz respeito a aspectos específicos de sua personalidade que possam interferir em suas operações linguísticas.

O projeto ALiB possui alguns objetivos que justificam a sua importância no contexto da produção científica nacional. São estes:

- (i) a descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas, (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna; (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento; (...) e (iv), por fim mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso mas dotado de uma unidade sistêmica (CARDOSO; MOTA, 2013, p. 131).

Esses objetivos demonstram o caráter de aplicabilidade da Dialetolegia enquanto ciência, estimulando o diálogo com a nossa realidade social, cultural e linguística, com o entendimento de nossa identidade enquanto falantes do português brasileiro, com uma

gama de pesquisas que favorecem a interdisciplinaridade e, principalmente, com a possibilidade de comprovar que as teorias e os academicismos referentes à variação no ensino da língua materna são extremamente válidos, justificáveis e comprováveis, na prática, na observação dos fatos linguísticos a que estamos sujeitos.

A Dialetoлогия estuda, portanto, com base em diferentes espaços geográficos, a variação em âmbito fonológico, morfossintático, estilístico ou léxico-semântico. Em resumo, como determinadas variantes se comportam em diferentes regiões de nosso país, valendo-se da Geolinguística enquanto método de pesquisa, o que consiste na elaboração de atlas linguísticos que se configuram como um apanhado de cartas linguísticas que fixam os termos variáveis em uma rede de pontos.

Isso resulta em um ensino comprometido com o uso da língua, com a contextualização da gramática, com aspectos não somente engessados, e sim voltados ao pragmatismo de nossas relações sociais e da linguagem enquanto instrumento não de normatização, mas sim de comunicação efetiva. A Dialetoлогия, nesse ponto, é muito útil à prática docente do professor de língua portuguesa, na medida em que favorece o entendimento das dificuldades e das peculiaridades do processo de aprendizagem de seus alunos, fornecendo-lhe instrumentos teórico-práticos para lidar com as situações de preconceito linguístico, um círculo vicioso que, segundo Bagno (2015), compõe-se a partir de três elementos: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

O início da pesquisa se deu com o fornecimento de dados coletados pelo projeto ALIB, a partir de contato com a pesquisadora e professora Dra. Regiane Coelho Pereira Reis, que, inicialmente, orientou este projeto de iniciação científica voluntária (PIVIC/UFMS). Para levantamento do *corpus* da pesquisa, analisamos dados coletados a partir do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), especificamente os relativos ao campo semântico do corpo humano, no caso, os dados obtidos como resposta para a questão 111: “Parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30).

É importante mencionar que as coletas foram realizadas pelos pesquisadores do Projeto ALiB em cinco localidades do interior de Mato Grosso do Sul: Coxim, Corumbá, Nioaque, Paranaíba e Ponta Porã, totalizando quatro informantes por localidade, em um total de vinte informantes, divididos igualmente entre sexo e faixa etária. Desse modo, em

cada localidade, foram entrevistados: dois informantes do sexo masculino (faixa etária I: de 18 a 30 anos e faixa etária II: de 45 a 60 anos) e duas informantes do sexo feminino (faixa etária I e II).

O primeiro passo realizado nesta pesquisa foi a leitura de bibliografias básicas para o entendimento das questões léxico-semânticas e dialetológicas abordadas. Para tanto, o estudo pautou-se em teóricos como Coseriu (1965), Biderman (1992, 1998), Cardoso e Mota (2012, 2013), Guérios (1979) e Pietroforte e Lopes (2017), que contribuíram para a construção das análises que serão apresentadas nos próximos itens.

Foram ouvidas as entrevistas cedidas pelo Projeto ALIB e realizadas as transcrições grafemáticas dos dados referentes ao corpo físico. Em seguida, foi feita a tabulação dos dados obtidos e, por conseguinte, o levantamento da produtividade lexical de cada variante em análise.

Na sequência, empreendeu-se a análise geossociolinguística, a partir da produção de gráficos que reproduzem fielmente os critérios diatópico, diassexual e diageracional estudados, e, na continuação, foi realizada a análise léxico-semântica das variantes mais produtivas obtidas para a questão examinada. Ainda, na análise léxico-semântica, discute-se a questão dos tabus linguísticos, com base nos pressupostos fornecidos por Guérios (1979).

Como ponto de partida na seção análise geossociolinguística, serão observados dados da questão 111 do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30), passando, posteriormente, à análise léxico-semântica.

### 3 ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DOS DADOS

No tocante à Questão 111 do Questionário Léxico-Semântico do Projeto ALIB, “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30), resultou em três variantes: SEIO, PEITO e MAMA, sendo que a resposta mais frequente foi SEIO, seguida por PEITO. A produtividade lexical das ocorrências está registrada no quadro 02.

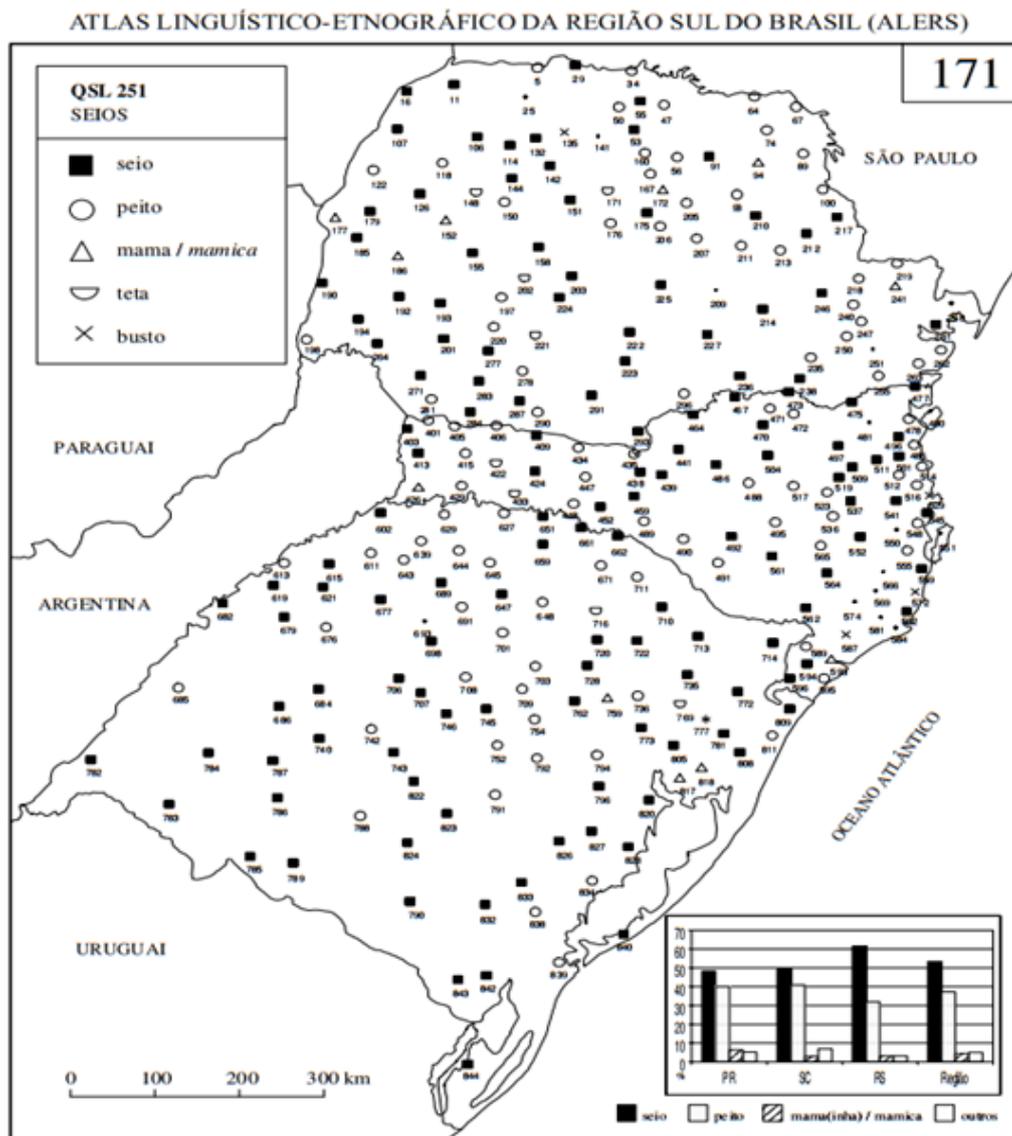
**Quadro 02:** Produtividade das designações para “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”.

Variante	Número de Ocorrências	Produtividade lexical
Seio	16	57%
Peito	11	39%
Mama	1	4%

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dados do Projeto [ALiB](#).

Ainda são raros estudos dialetológicos que estudam as designações para essa questão semântico-lexical, mas a mesma tendência presenosa dados do estado do Mato Grosso do Sul está presente em dados da década de 1980 do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul). Tais dados podem ser sintetizados na próxima carta linguística:

**Figura 01** – Designações para SEIO no ALERS



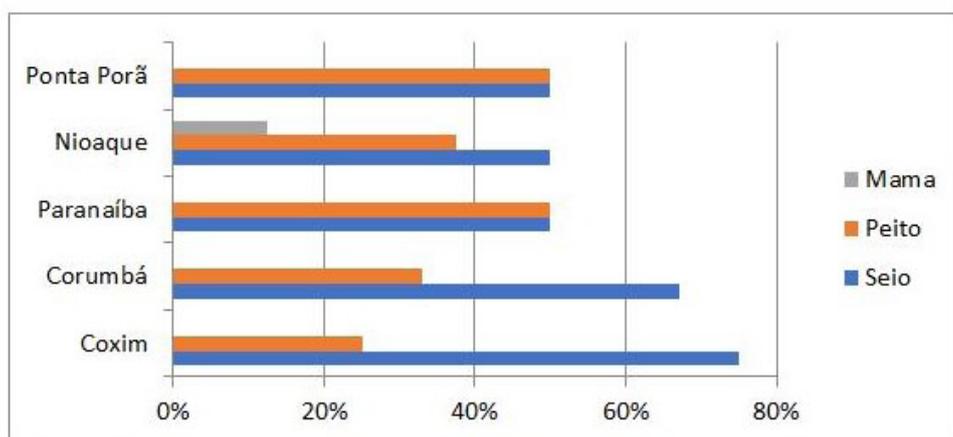
**Fonte:** Altenhofen *et al.* (2011, p. 427).

Nesse atlas, pode-se perceber a tendência à primazia da variante SEIO tanto na Região Sul em sua totalidade, como em cada um dos estados que a compõem. Em segundo plano, a variante PEITO. Finalmente, com menor ocorrência a variante MAMA. Para além dessas variantes majoritárias, na carta linguística ainda são registradas variantes de

cunho popular não presentes nos dados do ALiB – MS, a saber, MAMICA e TETA, além da variante genérica BUSTO. Acredita-se na hipótese de que a ausência de variantes de cunho popular se deve ao caráter tabuizado do conceito analisado, e isso se dá em dois atlas de épocas distintas, ainda que de regiões geográficas diferentes. Parece haver um padrão na variação lexical desse conceito, com a primazia de termos mais genéricos ou técnicos, que neutralizam a pejoratividade do seu significado. Além disso, há de se levar em consideração a ausência dessas variantes de cunho popular no estado do Mato Grosso do Sul, na designação do conceito analisado. Pode configurar indício de maior grau de conservadorismo nas relações sociais. Tais hipóteses poderão ser comprovada na análise léxico-semântica.

Considerando a variação diatópica, é possível visualizar a produtividade dos designativos no Gráfico 01.

**Gráfico 01:** Produtividade dos designativos para “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”, a partir de falantes das cidades do interior do Mato Grosso do Sul, com base nos dados do Projeto ALiB.



Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dados do projeto ALiB.

Verifica-se, a partir da análise do gráfico 01, que a tendência para designar a “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos” é a de se utilizar SEIO nas cidades de Coxim, Corumbá e Nioaque. A unidade lexical PEITO, a segunda mais produtiva, coexiste com SEIO em Ponta Porã e Paranaíba. A variante MAMA foi apresentada apenas na cidade de Nioaque.

Com relação à variável sexo, é interessante mencionar que as escolhas lexicais feitas por homens e por mulheres diferiram consideravelmente no estudo. Pode-se perceber esse fato observando o Quadro 03:

**Quadro 03:** Produtividade dos designativos para “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”, considerando à variação sexual.

Produtividade lexical	Homens	Mulheres
Seio	54%	60%
Peito	46%	33%
Mama	0%	7%

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dados do Projeto [ALiB](#)

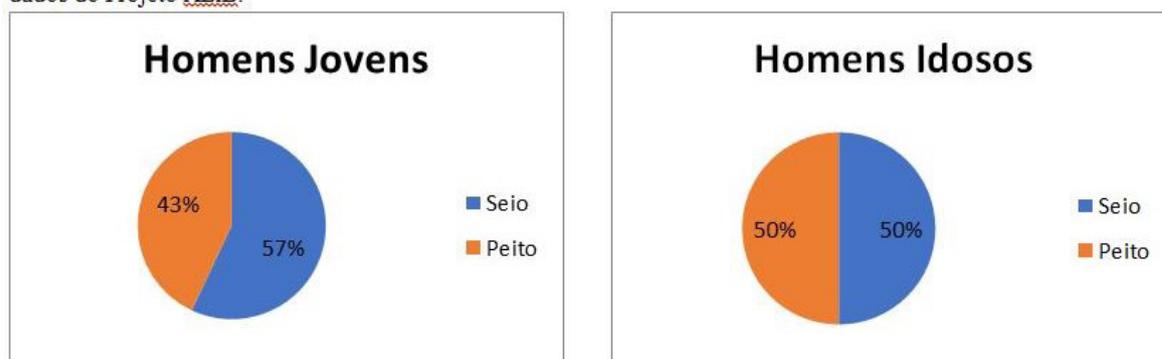
Ao analisar as vinte e oito ocorrências (alguns informantes forneceram mais de uma variante para o referente), distribuídas entre quatro pessoas entrevistadas por localidade, duas do sexo feminino e duas do sexo masculino, nota-se que a tendência foi a maior difusão da variante SEIO. A partir da tabela acima, podemos verificar que a maior parte das mulheres (60%) utiliza SEIO como designação para “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”. Também se observa que é de uso restrito feminino no interior do Mato Grosso do Sul a unidade lexical MAMA (7%).

Já entre os homens, a partir da análise das ocorrências, percebe-se que há uma menor diferença percentual entre a utilização de SEIO (54% dos homens) e PEITO (46%), uma variante aparentemente mais popular do que a primeira. Uma possível explicação para a maior utilização de uma variante menos técnica pelos homens é a de que

De acordo com a comunidade, a oposição linguagem do *homem*/linguagem da *mulher* pode determinar diferenças sensíveis, em especial, no campo do vocabulário, devido a certos tabus morais (que geram os tabus linguísticos) (PRETI, 2003, p. 27).

A partir da análise léxico-semântica essa hipótese relacionada ao caráter tabuístico do conceito poderá ser melhor discutida.

**Gráfico 02 e 03:** Produtividade das variantes SEIO e PEITO – variação diageracional (masculino), com base nos dados do Projeto [ALiB](#).



Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dados do projeto [ALiB](#).

Tendo em vista a dimensão diageracional, nesse estudo verificou-se que, entre os homens mais jovens, é mais recorrente o uso da forma SEIO para “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”, com 57% de produtividade lexical ante 43% da variante PEITO. Já entre os homens idosos, há uma equivalência entre SEIO e PEITO, como podemos verificar nos gráficos anteriormente explicitados.

**Gráfico 04 e 05:** Produtividade das variantes SEIO e PEITO - variação diageracional (feminino), com base nos dados do Projeto ALiB.



**Fonte:** Elaboração dos autores, com base em dados do projeto ALiB.

Entre as mulheres, as mais jovens utilizam, em sua maioria absoluta (71%), a unidade lexical SEIO. Apenas 29% das mulheres jovens utilizaram a variante PEITO para expressar esse conceito. Analisando-se as variantes utilizadas pelas mulheres idosas, percebe-se que se acompanha a tendência lexical das mulheres mais jovens, porém com uma redução da diferença percentual entre o uso das variantes SEIO e PEITO. 50% das mulheres idosas utilizaram a variante SEIO, e apenas 38% utilizaram a unidade PEITO. A variante MAMA foi apresentada exclusivamente por uma mulher idosa, na cidade de Nioaque. Não se pode dizer que a dimensão faixa etária tem relevância para a escolha de uma ou outra variante. Aparentemente, a dimensão do sexo, se tomada isoladamente, parece interferir relativamente mais na escolha de variantes mais populares para designar “a parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos” por parte dos homens. Essa hipótese pode ser corroborada pelos próprios dados do ALERS já expostos, visto que os informantes são essencialmente homens rurais, em uma pesquisa advinda da primeira geração de atlas linguísticos brasileiros, na assim chamada Dialectologia Tradicional. Neste atlas, há variantes de cunho popular que não são registradas nos dados do Mato Grosso do Sul da década de 2000, sob a metodologia de uma Dialectologia Urbana e Pluridimensional.

Conclui-se, a partir dos dados analisados, que a unidade SEIO é lexicalmente mais produtiva no léxico dos jovens, em ambos os sexos, e também, em menor escala, no vocabulário de mulheres idosas. A exceção à regra são os homens idosos, em cujo vocabulário coexistem as variantes SEIO e PEITO para designar a “parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”, e onde PEITO apresentou maior frequência de uso, dentre os seguintes grupos: homens jovens, mulheres jovens, homens idosos e mulheres idosas. Na continuação, será realizada a análise léxico-semântica das denominações registradas no estudo.

#### 4 ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA

A análise léxico-semântica teve como base a consulta das unidades léxicas nas diferentes obras: i) dicionários gerais: Caldas Aulete Digital (2006), Michaelis Online (2015), Dicionário Priberam Online da Língua Portuguesa (2008/2020); ii) material específico para terminologias médico-científicas: Manual de Semiologia Médica (PORTO, 2005).

Optou-se por três dicionários digitais e um referente ao corpo físico para examinarmos as variantes lexicais obtidas a partir da pesquisa proposta. Para atingir os objetivos, foram selecionadas apenas as variantes lexicalmente mais produtivas para “Parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30). O quadro 04 resume as acepções encontradas nos dicionários consultados.

**Quadro 04:** Definições dicionarizadas para as variantes estudadas.

Dicionário	Mama	Seio	Peito
<b>Caldas Aulete Digital (2006)</b>	Orgão glandular característico dos mamíferos que nas fêmeas produz leite”, e em outra acepção, “Cada uma das mamas (1) da mulher; PEITO; SEIO”;	O peito da mulher; MAMA: Aconchegou o filho em seu seio. [Tb. se usa no pl.: seios.]	1. Parte do tronco que vai da base do pescoço ao abdômen; TORAX: “Apertou-lhe comovidamente a cabeça contra o peito” (Antônio de Alcântara Machado, <i>Laranja da China</i> ) 2. Cada um dos seios da mulher: “Meus peitos, cuja alvura terminavam /Preciosos rubis, patentes foram” (Bocage, <i>Cartas de Olinda a Alcira</i> )
<b>Michaelis Online (2015)</b>	1 ANAT Orgão glandular para secreção do leite, nas fêmeas dos mamíferos; glândula mamária, teta. 2 ANAT Na mulher, cada uma das glândulas mamárias que formam uma protuberância em cada lado da parte anterior do tronco, revestidas de tecido macio e gorduroso; peito, poma, pomo, seio.	Parte do corpo humano onde ficam as mamas; peito, teta. <u>mama</u> , acepção 2.	Cada um dos seios da mulher; poma, pomo, seio, teta: “Nelsinho despiu a cueca, apenas de camisa e sapato. Ela o encarou e, a mão atrás, abriu o sutiã: horrendo peito flácido [...]” (DT).
<b>Priberam Online (2008-2020)</b>	1. Orgão glandular dos mamíferos que segrega o leite, geralmente atrofiado nos machos e <u>secretador</u> de leite na mulher e nas fêmeas dos outros mamíferos. = GLÂNDULA MAMÁRIA, TETA, UBERE. 2. Cada uma das saliências no tórax da mulher, onde se situam as glândulas mamárias. = PEITO, SEIO.	1. Parte do peito onde existem as mamas. = MAMA, PEITO. 2. Cada uma das glândulas mamárias. 3. “Parte do busto que os vestidos decotados deixam a descoberto. = COLO, PEITO.	1. Parte anterior do corpo, entre o pescoço e o estômago, que contém os pulmões e o coração. 2. Seio; teta; mama.

<b>Manual de Semiólogia Médica (2005)</b>	órgãos glandulares pares, situados na parte anterossuperior do tórax, sobre os músculos peitorais, na altura do 3.º e 4.º arcos costais, suscetíveis a estímulos neuro-hormonais e destinados primordialmente à secreção de leite. As mamas são constituídas de pele, tecido adiposo e glândula mamária		
---	---	--	--

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dicionários consultados.

De acordo com o Quadro 04, o dicionário Aulete Digital (2006) traz o conceito de SEIO como, anatomicamente, “O peito da mulher; MAMA: Aconchegou o filho em seu seio. [Tb. se usa no pl.: seios.]”, ou seja, define por meio da sinonímia com as outras variantes lexicais o que seria essa parte do corpo humano. Anatomicamente, de acordo com o Aulete, PEITO é a “Parte do tronco que vai da base do pescoço ao abdômen; TÓRAX: “Apertou-lhe comovidamente a cabeça contra o peito” (Antônio de Alcântara Machado, Laranja da China)”, ou seja, um conceito muito mais genérico e abrangente, abarcando, e não exatamente conceituando, a “Parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”. Porém, faz referência, em outro dos significados para o termo, que não o anatômico, a PEITO como sendo a “Parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”, trazendo um exemplo de um diálogo popularesco da Literatura Portuguesa para facilitar a explicação, “Cada um dos seios da mulher: “Meus peitos, cuja alvura terminavam/ Preciosos rubis, patentes foram” (Bocage, Cartas de Olinda a Alzira)”.

Ao recorrer a um exemplo da fala de populares retratada na Literatura, alude ao quanto esse termo é utilizado na oralidade, em contextos menos específicos e técnicos. Anatomicamente, o Aulete (2006) traz o conceito de MAMA como sendo “Órgão glandular característico dos mamíferos que nas fêmeas produz leite”, e em outra acepção, “Cada uma das mamas (1) da mulher; PEITO; SEIO”, novamente em uma relação de sinonímia com as variantes SEIO e PEITO.

O dicionário contemporâneo Michaelis Online (2015) apresenta SEIO como “Parte do corpo humano onde ficam as mamas; peito, teta.” e, em outra acepção, “mama, acepção 2”. Novamente, define-se o conceito por uma relação de sinonímia, acrescentando-se que, na verdade, o SEIO engloba as MAMAS, sendo mais geral que estas.

Da mesma forma que o Aulete Digital (2006), o Michaelis Online (2015) recorre a exemplos de diálogos da Literatura para exemplificar o conceito de PEITO, dado o caráter popularesco deste termo. O dicionário o define como: “Cada um dos seios da mulher; poma, pomo, seio, teta:’ Nelsinho despiu a cueca, apenas de camisa e sapato. Ela o encarou e, a mão atrás, abriu o sutiã: horrendo peito flácido [...]’ (DT).”

Contrastando-se este exemplo com o do Aulete (2006), que é proveniente da Literatura Portuguesa, percebemos que a unidade PEITO é comumente utilizada nas duas vertentes da língua portuguesa (europeia e brasileira) de forma mais coloquial.

As duas definições do Michaelis Online (2015) para MAMAS são:

1. ANAT Órgão glandular para secreção do leite, nas fêmeas dos mamíferos; glândula mamária, teta.
2. ANAT Na mulher, cada uma das glândulas mamárias que formam uma protuberância em cada lado da parte anterior do tronco, revestidas de tecido macio e gorduroso; peito, poma, pomo, seio.

Esse é um conceito específico, novamente ligado a um contexto terminológico taxonômico (da biologia), o qual classifica as diferentes espécies a partir de suas especificidades. Os mamíferos, como é o nosso caso, produzem leite, logo amamentam, essa acepção contempla o proposto pela Questão Semântico-Lexical 111.

No Priberam Online (2008-2020), há, ao menos, três acepções para SEIO. Uma dessas o define figurativamente como “Parte do peito onde existem as mamas. = MAMA, PEITO”, em uma relação de metonímia com MAMAS. Anatomicamente, é atribuída a seguinte acepção: “Cada uma das glândulas mamárias”, ou seja, uma subdivisão para cada uma das glândulas mamárias do corpo humano. Em terceiro sentido, “Parte do busto que os vestidos decotados deixam a descoberto. = COLO, PEITO”, novamente em uma relação metonímica de parte em relação ao todo, em relação a busto.

O Priberam (2008-2020) fornece duas acepções para PEITO. Na primeira, “Parte anterior do corpo, entre o pescoço e o estômago, que contém os pulmões e o coração”, novamente PEITO é definido em contexto muito mais amplo que SEIOS ou MAMAS, como contendo uma diversidade de órgãos alojados. Em sentido segundo, “Seio; teta; mama”, uma definição por sinonímia.

MAMA, segundo o Priberam (2008-2020), é “Órgão glandular dos mamíferos que segrega o leite, geralmente atrofiado nos machos e secretador de leite na mulher e nas fêmeas dos outros mamíferos. = GLÂNDULA MAMÁRIA, TETA, ÚBERE”, novamente o termo mais coerente com a questão 111, pois se refere especificamente à capacidade de aleitamento materno, referida nessa pergunta léxico-semântica. É a designação mais técnica, um hipônimo (termo mais específico) em relação a SEIO e a PEITO. Outro significado para o termo é “Cada uma das saliências no tórax da mulher, onde se situam as glândulas mamárias. = PEITO, SEIO”, um conceito hiperônimo em relação às glândulas mamárias, abarcando-as em contexto mais amplo.

Por sua vez, o Manual de Semiologia Médica, 5ª edição (2005), traz como referente da terminologia médica os termos MAMA, com o seguinte significado: “As mamas são órgãos glandulares pares, situados na parte anterossuperior do tórax, sobre os músculos peitorais, na altura do 3.º e 4.º arcos costais, suscetíveis a estímulos neuro-hormonais e destinados primordialmente à secreção de leite. As mamas são constituídas de pele, tecido adiposo e glândula mamária” (PORTO, 2005, p. 887).

Após a consulta aos dicionários, confirma-se que as denominações mais produtivas no estudo estão dicionarizadas e contemplam o referente solicitado.

Faz-se necessário, também, pensar a questão de esses referentes serem considerados um tabu linguístico. Em nossa perspectiva, está enquadrado como tabu linguístico, se tomarmos por referência Guérios (1979), que identificou em membros do corpo humano o caráter de tabuísmo, tendo em vista que “povos primitivos consideram as partes do corpo humano como seres pessoais e autônomos” (GUÉRIOS, 1979, p. 122). O autor cita vários exemplos de unidades lexicais para membros do corpo humano que são interditas por serem contaminadas semanticamente pela própria interdição do objeto-tabu corpo humano. Um dos casos mais significativos é a superstição do mau-olhado, que, nas línguas europeias (Guérios, 1979, p. 123), visando ser neutralizada, faz que o referente OLHO ganhe novas denominações.

Não é objetivo desse trabalho, fruto de projeto de iniciação científica voluntária, realizar exaustivo estudo acerca das propriedades e das classificações do tabu linguístico, porém se entende, conforme exposto na análise, que o referente “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos” pode ser considerada um tabu pela própria questão dos meios de substituição dos vocábulos, exposta em Guérios (1979). Identificamos que SEIO é variante de caráter generalístico, o que Guérios chamaria de “expressão genérica”, bem como PEITO, sendo ambas, conforme os exemplos expostos nos dicionários analisados, bastante típicas da oralidade, coadunando-se com os dados fornecidos pelos informantes do ALiB. Enquanto isso, MAMA configura-se enquanto termo técnico, da área da Medicina, conforme exposto em Porto (2005). Havendo esta gama de recursos de substituição para o referente técnico-científico que desperta a sensação de sagrado-proibido ou ainda por questões de decência e decoro na fala, podemos comprovar indícios do caráter tabuístico do referente em questão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa buscou analisar os dados obtidos nos inquéritos realizados pelo

Projeto ALiB nas cidades do interior do Mato Grosso do Sul que se referem ao léxico do corpo humano. Para tanto, foram examinadas a produtividade das denominações obtidas considerando os critérios diatópico, diassexual, diageracional e léxico-semântico além de questões relacionadas ao tabu linguístico.

Após a discussão dos dados, verificou-se que as denominações SEIO e PEITO foram, respectivamente, as mais produtivas para nomear “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”.

Quanto às questões do tabu linguístico, norteia-se essa análise a partir da proposição de Guérios (1979), dentre os mecanismos possíveis de substituição para palavras que se apresentam tabuizadas. Para este estudo, delimitou-se apenas dois meios de substituição, os vocábulos genéricos ou vagos, e as expressões técnicas/científicas. O que se buscou fazer foi enquadrar as variantes encontradas em um desses dois meios de substituição e de neutralização do tabu em questão.

Quanto às dimensões da variação linguística, constatou-se que, entre os homens mais idosos, é comum a coexistência entre as variantes SEIO e PEITO. Na contramão, a unidade lexical SEIO, que, salvaguardado o caráter de oralidade, é um pouco mais técnica que PEITO, é a mais recorrente entre os homens jovens. Esta última estatística se repete entre as mulheres, tanto as jovens quanto as idosas, que utilizaram, em sua maioria, o vocábulo SEIO, seguido por PEITO e, por fim, a variante MAMA, sendo que esta última, de pouca expressividade no léxico feminino, sequer consta nas respostas fornecidas pelos informantes homens no interior do MS para conceituar as ideias expressas para a questão analisada.

Aferindo-se a produtividade lexical dos termos em análise, percebe-se a primazia da variante SEIO para designar o conceito referente ao QSL 111 do ALiB no interior do estado do Mato Grosso do Sul. A unidade mais genérica PEITO é utilizada em menor escala que SEIO.

Ainda sobre os dados obtidos a partir da questão 111 (QSL/ALiB), observa-se que a forma mais conservadora, SEIO, que por sinal não é a variante encontrada no manual de semiologia médica analisado, é uma variante em constante embate, no âmbito da língua, com a variante PEITO, forma popular, de menos prestígio. MAMA, por sua vez, é a variante mais técnica e científica para o conceito proposto nessa questão, porém não teve uso efetivo nas realizações linguísticas dos informantes desse estudo, no interior do Mato Grosso do Sul, o que demonstra indícios do seu caráter restrito ao uso dicionaresco e à terminologia técnico-científica.

## Referências

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S.; MERCER, J. L. da V.; MARGOTTI, F. W.; KOCH, W.; VIEIRA, H. G.; FURLAN, O.; AGOSTINI, B. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 2011. v. 1. 960p.

AMARAL, A. *O Dialeto Caipira: gramática e vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; INL, 1982 [1920].

AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2006. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 28 março 2020.

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BIDERMAN, M. T. C. *O léxico, testemunha de uma cultura*. In: Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas. Sessão II: Lexicología e Metalexicografía. Vol.2, 1992, p. 397-405.

BIDERMAN, M. T. C. *As dimensões da palavra*. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, 1998.

CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Antecedentes e Estágio Atual*. Alfa, São Paulo, 56 (3): 855-870, 2012.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Percursos da Geolinguística do Brasil. *Linguística*, v. 29, n. 1, p. 115-142, jun. 2013.

COELHO, I. L. et al. *Para Conhecer Sociolinguística*. 1. ed., 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. (Coleção Para Conhecer Linguística).

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionário Semântico-Lexical, p. 28-31. 2001. 2 ed. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, E. La Geografía Lingüística. *Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano*, n. 11, 4. ed., Montevideo, 1965.

GUÉRIOS, R. F. M. *Tabus Linguísticos*. 2ª ed. Companhia Editora Nacional, 1979.

MICHAELIS, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos LTDA., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NASCENTES, A. *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

NUNES, J. F.; ISQUERDO, A. N. *Vesgo, zarolho ou estrábico? O que dizem os dados do ALiB das regiões Norte e Sul do Brasil*. In *Aproximacións á variación lexical no dominio galego-portugués*. 2017; p. 69-88.

PIETROFORTE, A. S. V.; LOPES, I. C. *Semântica Lexical*. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística II: Princípios de Análise*. 5. ed. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017; p. 111-136.

PORTO, C. C. *Semiologia Médica*. 5. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9ª edição. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2003.

PRIBERAM, *Dicionário da Língua Portuguesa*. [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 28 março 2020.

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.



Data de submissão: 30/11/2020

Data de aceite: 18/06/2021

**ESTUDOS ALIBIANOS EM MATO GROSSO:  
OS NOMES PARA PROSTITUTA**

ALIBIAN STUDIES IN MATO GROSSO:  
THE NAMES FOR PROSTITUTE

Laís Lara Botelho | [Lattes](#) | [laislarabotelho@gmail.com](mailto:laislarabotelho@gmail.com)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Daniela de Souza Silva Costa | [Lattes](#) | [souza.costa@ufms.br](mailto:souza.costa@ufms.br)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Valeska Gracioso Carlos | [Lattes](#) | [vgcarlos@uepg.br](mailto:vgcarlos@uepg.br)  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Resumo:** Este trabalho analisa os nomes documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (PROJETO ALiB) em Mato Grosso (MT) para “[...] a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32). Sob o aporte teórico da Dialetoлогия e da Geolinguística e com base em autores como Isquierdo (2008), Cardoso (2010) e Mota e Cardoso (2012), dentre outros, a pesquisa analisou os dados documentados em nove localidades mato-grossenses, pertencentes à rede de pontos do referido projeto nacional, tendo como objetivo analisar o vocabulário relativo à área semântica Convívio e comportamento social documentado pelo Projeto ALiB, pergunta 142 do QSL/ALiB, com vistas a verificar aspectos linguísticos que singularizam a norma lexical dos habitantes dessas localidades. A partir da análise dos 25 designativos para o referente em questão, confirmou-se que questões extralinguísticas se refletem no léxico em uso pela comunidade, ratificando a importância das pesquisas geolinguísticas para a documentação e a disseminação da realidade linguística mato-grossense, aqui representada pelos nomes para a prostituta.

**Palavras-chave:** Pesquisas geolinguísticas; Nomes para a prostituta; Mato Grosso Projeto ALiB.

**Abstract:** This paper studies the names documented by the Atlas Linguistic of Brazil Project (PROJETO ALiB) in Mato Grosso/ MT for “[...] the woman who sells herself to any man” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32). Under the theoretical support of Dialectology and Geolinguistics and based on authors such as Isquardo (2008), Cardoso (2010) and Mota and Cardoso (2012), among others, the research analyzed the documented data in nine localities in Mato Grosso, belonging to the network points of that national project, aiming to identify the vocabulary related to the semantic area of social interaction and behavior documented by the ALiB Project, question 142 of the QSL/ALiB, with a view to verifying linguistic aspects that distinguish the lexical standard of the inhabitants of these locations. From the analysis of the 25 designations for the referent in question, it was confirmed that extralinguistic issues are reflected in the lexicon in use by the community, ratifying the importance of geolinguistic surveys for the documentation and dissemination of the Mato Grosso linguistic reality, represented here by names for the prostitute.

Keywords: Geolinguistic surveys; Names for prostitute; Mato Grosso; ALiB Project.

## INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua pode ser entendido como o patrimônio cultural de uma comunidade de falantes, haja vista ser o nível linguístico que mais reflete determinantes extralinguísticos, como influências sociais, econômicas e históricas, por exemplo. Nesse sentido, seu estudo, além de revelar aspectos da língua em uso em dado tempo e espaço, também descortina hábitos, crenças e tradições.

Isso posto, este artigo pretende estudar os nomes dados para a prostituta documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) em Mato Grosso no limiar do século XXI. O ALiB é um projeto nacional cujo objetivo maior é documentar a língua em uso no Brasil em seus aspectos fonético-fonológicos, léxico-semânticos, morfossintáticos, pragmáticos e discursivos.

Tendo em vista, pois, os dados coletados, utilizamo-nos também do aporte da Dialectologia e da Geolinguística, bem como de escritos em Sociolinguística, para analisar as respostas da questão 142 do Questionário semântico-lexical (QSL) do ALiB, que investiga as designações para “a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32), coletadas em nove localidades de Mato

Grosso, estado localizado na região Centro-Oeste do Brasil. A escolha pelo *corpus* deu-se pelo fato de a regional Mato Grosso do Sul, entre as comissões regionais do Projeto ALiB, ser a responsável, dentre outras, pela referida pergunta do QSL. Ademais, o Plano de Trabalho de Iniciação Científica que deu bases para este texto se trata da continuidade de outro, desenvolvido entre 2018-2019, que já investigara os nomes para a prostituta em Mato Grosso do Sul.

Além disso, entende-se que a prostituição, atividade desenvolvida pelas mulheres mormente conhecidas como prostitutas, mostra-se ainda como um tabu no país, o que pode ser justificado pelo fato de a população brasileira apresentar maioria cristã (IBGE, 2010). Essa realidade relaciona-se diretamente com os estudos linguísticos, uma vez que, para Brandão (1991), é através da língua que o homem expressa suas ideias e as de seu tempo, ou seja: especialmente por suas palavras, as pessoas refletem a sua época e classificam a si próprias, assim como aqueles ao seu redor.

No que tange ao universo pesquisado, Mato Grosso, estado da Região Centro-Oeste, recebeu os pesquisadores do ALiB em nove localidades: além da capital, Cuiabá, também em Aripuanã, São Félix do Araguaia, Diamantino, Poxoréu, Vila Bela, Barra do Garças, Cáceres e Alto Araguaia.

Segundo o IBGE (2019), a população de Mato Grosso pode ser estimada em 3.484.466 pessoas. Trata-se de um estado pantaneiro, cuja divisão de Mato Grosso do Sul ocorreu no ano de 1977. Sua ocupação ocorreu a partir da segunda metade do século passado, com imigrantes oriundos de todos os cantos do país. Conforme Bisinoto (2007 p. 07-08), “[...] essa migração foi planejada, incentivada e facilitada pelas políticas federais, com fins econômicos e ideológicos definidos”. Ainda segundo a autora, “a convivência de brasileiros de diferentes origens produziu uma espécie de caleidoscópio linguístico, constituído pela coexistência das variedades do português falado no Brasil” (BISINOTO, 2007, p. 08).

Realizadas essas considerações iniciais, este texto tem continuidade apresentando o referencial teórico que o orientou, seguido das análises, as considerações finais e a lista de referências consultadas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil é um país diverso linguisticamente, tendo em vista, dentre outras características, sua extensão continental. Para Cardoso (2010, p. 15), “[...] o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área [...]”.

Segundo a mesma autora, a disciplina linguística que se ocupa em compreender essa realidade é a Dialetoлогия, ramo que identifica, descreve e situa os diferentes usos em que uma língua se diversifica. Cardoso e Ferreira (1994) buscam definir a Dialetoлогия como aquela que estuda um feixe de isoglossas, demonstrando que, dentro de uma comunidade, sempre há variações linguísticas, estas que se somam entre si, desenhando e particularizando normas linguísticas.

A Geolinguística, por sua vez, entendida como método da Dialetoлогия, conforme Isquierdo (2008, p. 111), procura, de maneira geral, documentar variações linguísticas de uma língua em um espaço e catalogá-las por meio de atlas linguísticos, que possuem, dentre seus objetivos, essa recolha de dados.

Se a Dialetoлогия se ocupa da variação regional, a Sociolinguística, por sua vez, está pautada na variação social, isto é, interessa-se pelas relações entre os usos linguísticos e fatores sociais. Ambas estudam, pois, a variação linguística; todavia, sob perspectivas diversas.

Dentre essas variações linguísticas, pode-se mencionar a variação diageracional, que se mostra relacionada à idade dos falantes: um jovem de 20 anos pode dar uma resposta diferente para uma mesma pergunta em relação a alguém com o triplo de sua idade, visto que, dadas suas vivências, pensam e falam de formas diferentes (CARDOSO, 2010).

Outro tipo de variação é a diagenérica ou diassexual, que se refere ao sexo do informante: homem ou mulher. Essa variável é de fundamental importância nos estudos dialetológicos, pois é sabido que eles e elas, no decorrer da história, assumem papéis diferenciados em dada sociedade e, conseqüentemente, falam de maneira distinta. A esse respeito, Moreno Fernández (2008 [1998], p. 41) esclarece que “o arcaísmo ou a inovação da fala das mulheres não depende tanto do sexo quanto do tipo de vida que se leva em cada lugar”.

A variação diastrática, por sua vez, baseia-se no critério de condição social, ou seja, nos parâmetros educacionais, ocupacionais e econômicos dos informantes. Ela permite observar como alguém de nível médio ou universitário de escolaridade e alguém de nível escolar menos longo se comportam perante as indagações. Segundo Cardoso (2010), a distinção entre os níveis de escolaridade, por exemplo, permite mudanças no comportamento linguístico.

Também se deve mencionar a variação diafásica, não estudada neste texto, mas que se refere ao convívio entre uma comunidade, esta que determina como o indivíduo se comporta linguisticamente em sociedade, dependendo de cada situação de interação.

Essas variações estão presentes em todos os níveis linguísticos, mas são mais marcadas no léxico de uma comunidade, como já mencionado. Segundo Isquierdo e Krieger (2004), o léxico representa o repertório de palavras da sociedade no decorrer dos anos e pode servir de base para estudos linguísticos e geolinguísticos, revelando falares distintos e, por conseguinte, também realidades socioeconômicas e culturais diversas. Isso posto, pensamos ser necessário discutirmos certos dados lexicais do ALiB, que resultam de valores de juízo dados à mulher que se vende por dinheiro.

Essa necessidade se justifica porque a produtividade dos nomes para esse referente no Mato Grosso, assim como na maioria dos estados brasileiros – como se pode ler em Cardoso *et al.* (2014) –, é uma das maiores encontradas no ALiB. Isso nos faz refletir: por que foram catalogadas 25 lexias para denominar essas mulheres no Mato Grosso? Há preconceito nisso? Podemos denominar isso de preconceito linguístico?

Para Bagno (2003, p. 16), “o preconceito linguístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e estranho preconceito social”. Desse modo, os designativos utilizados para a nomeação de determinados referentes, especialmente os relacionados ao convívio e comportamento social, podem revelar esses preconceitos, como pelo uso dos tabus linguísticos, quando se evitam certos nomes que podem trazer mau agouro ou serem mal avaliados socialmente.

Conforme Mansur Guérios (1979, p. 5), os tabus linguísticos são formados por palavras tidas como “sagrado-proibidas, aquelas que o falante não profere por medo de sofrer represália divina ou da comunidade da qual faz parte”. Essa ideia pode auxiliar na compreensão da diversidade de designações para a prostituta documentadas em Mato Grosso, como se verá no decorrer deste texto.

Tais atitudes linguísticas reveladas pelos nomes ora estudados podem também dizer respeito ao papel da mulher em nossa sociedade, porque espera-se que o comportamento social das mulheres seja mais educado e correto, a exemplo de sua fala. Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 69-70), quanto ao comportamento feminino, espera-se que:

[...] seja mais cortês, mais indeciso e submisso, mais correto e ajustado às regras impostas pela sociedade [enquanto há] uma tendência geral a considerar aceitável ou apropriado que os homens rompam as regras e que se comportem de maneira rude, agressiva e inclusive mais “vulgar”.

Com o passar do tempo, os estudos sobre a fala de homens e mulheres foram se perfilando em diversos âmbitos de interesses, diferentes do estudo específico da variação, ainda que desenvolvidos, muitas vezes, de modo complementar. De todos eles, o de maior tradição, peso e significação social talvez seja o da Sociolinguística feminista (THORNEY; HENLEY, 1975; MORENO FERNÁNDEZ, 1975; SMITH, 1979 apud MORENO FERNÁNDEZ, 2008).

Essa corrente de estudos se desenvolveu a partir da década de 1970, e sua principal característica é o desejo expresso de provocar uma mudança social que proporcione a todas as mulheres a igualdade e a liberação da opressão masculina, evidenciando o oculto e o injusto machismo da linguagem. Tais usos machistas podem ser detectados nos mais diversos âmbitos da comunicação, como na redação dos dicionários, no vocabulário empregado para os atributos físicos e morais e no do mundo laboral, nos ditos populares e no folclore (CALERO, 1999 apud MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 45-46 – tradução nossa)

Frente ao exposto, aliar os estudos dialetológicos, geolinguísticos e sociolinguísticos neste texto mostra-se relevante, uma vez que esses trabalhos elucidam usos e costumes evidenciados pelo repertório vocabular dos falantes, notadamente no que tange a designativos relacionados ao convívio e comportamento social, área semântica que congrega os nomes para prostituta documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil e ora analisados.

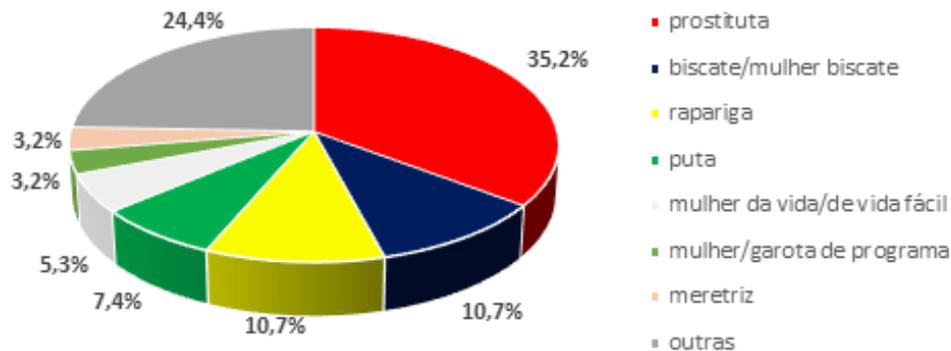
## **O VOCABULÁRIO MATO-GROSSENSE A PARTIR DOS DADOS EM ANÁLISE**

Como já mencionado, os dados ora analisados são oriundos da base de dados do Atlas Linguístico do Brasil, em grande parte inéditos, documentados a partir da pergunta 142 do Questionário Semântico-Lexical do referido projeto: “como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32).

Foram catalogadas 25 lexias em um universo de 94 ocorrências nas nove localidades mato-grossenses pesquisadas: prostituta, mulher solteira, garota/mulher de programa, meretriz, mulher da vida/de vida fácil, piranha, rapariga, vampira, violeta, carmélia, mesalina, mulher biscate/biscate, mulher de zona, mulher safada/safada, piriguete, perua,

puta, vagabunda, madalena, mulher de rua, roda bolsinha, vaca, vadia, galinha e quenga, como será analisado nesta seção. O Gráfico 1 permite visualizar tais dados.

**Gráfico 1** – Variantes lexicais mais produtivas para nomear a prostituta no estado de Mato Grosso (Projeto ALiB)



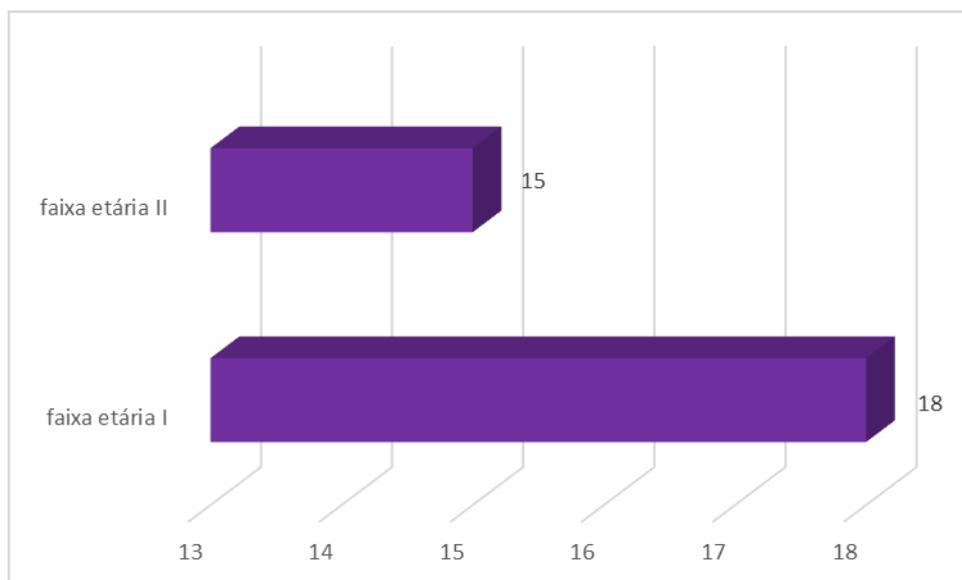
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observamos que, no estado de Mato Grosso, o referente comumente nomeado como *prostituta* é conhecido por muitos outros designativos, organizados sob o título *outras*, que juntos somam 24,4%. Todavia, *prostituta* domina os registros com 35,2%, seguida de longe por *biscate* e *rapariga*, ambas com 10,7%, *puta*, com 7,4% das ocorrências, *mulher da vida/de vida fácil*, com 5,3%, e, finalizando os dados mostrados no Gráfico 1, *mulher/garota de programa* e *meretriz* se apresentam com 3,2% de produtividade.

Em *outras*, além das ocorrências únicas, isto é, daquelas unidades léxicas mencionadas apenas uma vez no *corpus*, e que serão apresentadas no Quadro 1, temos também *piranha*, *carmélia*, *vagabunda*, *safada/mulher safada* e *vaca*, todas computando 2,1% de produtividade.

Quanto às variáveis sociais, o Gráfico 2 apresenta a produtividade de *prostituta* de acordo com a faixa etária.

**Gráfico 2** – Variação diageracional para *prostituta* em Mato Grosso segundo o ALiB



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo os parâmetros do Atlas Linguístico do Brasil, classificamos como da faixa etária I os informantes mais jovens (18-35 anos) e, como da faixa etária II (50-65 anos), os mais velhos. Segundo esse critério, podemos observar que a variante lexical *prostituta* predomina entre os mais jovens, somando 54,4% dos registros, enquanto, para a faixa etária II, soma 45,6%. De acordo com Eckert (1997 apud MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 47, tradução nossa):

A idade, com o passar do tempo, vai determinando e modificando as características e os hábitos sociais dos indivíduos, incluindo os comunicativos e os puramente linguísticos. [...] As diferenças que derivam da idade, como a relação que a idade estabelece com outros parâmetros sociais, oferecem manifestações e implicações sociolinguísticas muito diversas, segundo a cultura ou o tipo de comunidade de que se trate<sup>1</sup>.

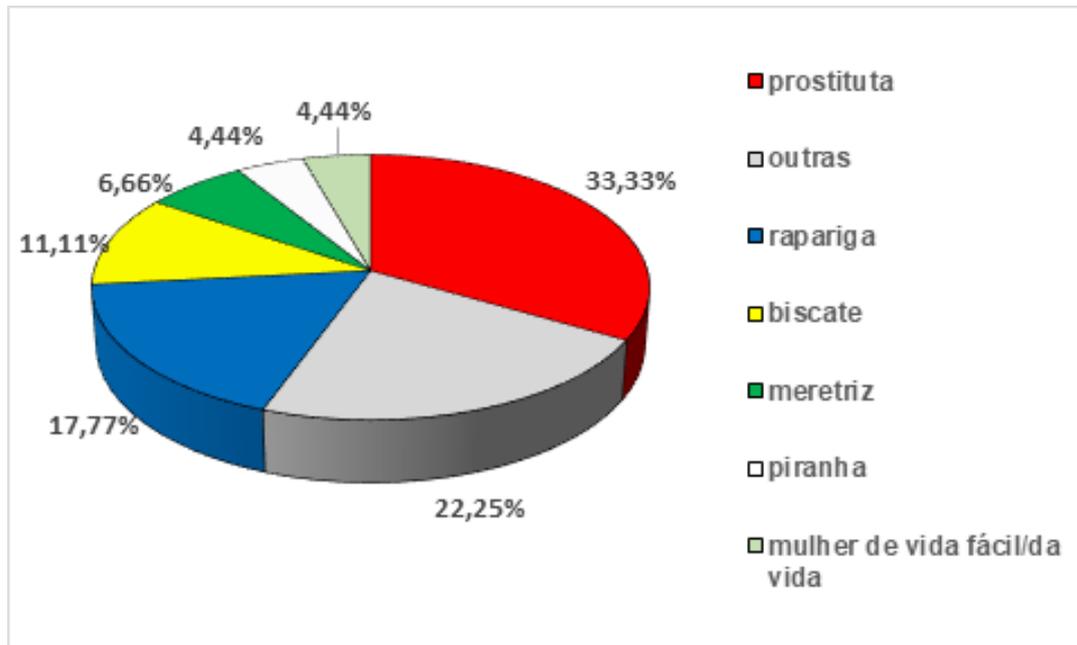
Além disso, tendo em vista que *prostituta* se mostra como pertencente à norma padrão – isto é, a mais propagada e aceita pela sociedade e por isso disseminada pela escola e pelas mídias –, essa lexia predomina entre os jovens, menos refratários a tais influências por terem sua norma linguística muitas vezes ainda não sedimentada.

Isso confirma que, entre os mais velhos, a diversidade linguística é mais acentuada, posto que um maior número de variantes lexicais<sup>2</sup> foi documentado na fala dessa faixa

<sup>2</sup> Das 25 lexias aqui analisadas, 17 foram mencionadas pelos informantes mais velhos: *prostituta*, *rapariga*, *biscate*, *meretriz*, *piranha*, *mulher da vida/de vida fácil*, *mulher solteira*, *vagabunda*, *messalina*, *mulher safada*, *puta*, *mulher da zona*, *violeta*, *vampira*, *carmélia* e *quenga*.

etária, diminuindo o percentual de ocorrências de *prostituta*, como se pode ver no Gráfico 3.

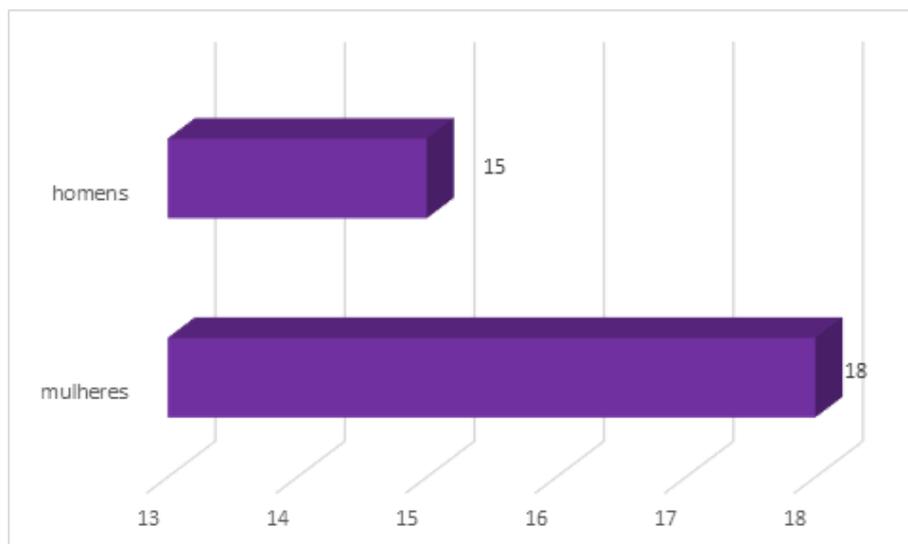
**Gráfico 3** – Designativos para prostituta documentados na faixa etária II (ALiB – Mato Grosso)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A variável idade relaciona-se fortemente com o sexo e, sobre essa relação, Cameron, citado por Moreno Fernández (1998), demonstrou a certeza de uma hipótese de trabalho: que as diferenças linguísticas baseadas no gênero variam no decorrer da vida. Foi comprovado, por exemplo, que as diferenças linguísticas entre gêneros são relativamente pequenas na infância, aumentam ao seu máximo na adolescência e decrescem paulatinamente na idade madura, até alcançarem seu ponto mais baixo, entre os quarenta e os sessenta anos – às vezes antes –, e ficam um pouco mais marcadas na reta final da vida. Os dados apresentados no Gráfico 4 confirmam tal afirmação.

**Gráfico 4** – Variação diasssexual para *prostituta* em Mato Grosso, segundo dados do ALiB



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo os dados do ALiB, para a variação diasssexual, isto é, aquela que trata do sexo dos informantes, observamos que 54,5% dos registros estão entre as mulheres, que, ao nomearem a mulher que vende seu corpo por dinheiro, utilizam a lexia *prostituta*, enquanto as demais ocorrências (45,5%) foram documentadas entre os homens. Uma vez que temos o mesmo número de informantes distribuídos entre os sexos, podemos depreender que, de fato, o perfil feminino utiliza mais fortemente a norma padrão, especialmente para nomear um referente que traz consigo questões culturais e mesmo tabuísticas.

Esses resultados convergem com os estudos de Paiva (2003, p. 33), para quem “[...] as diferenças mais evidentes entre fala de homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher”.

Finalmente, apresentamos, no Quadro 1, a lista das ocorrências únicas, isto é: das unidades léxicas mencionadas apenas uma vez no *corpus*:

**Quadro 1** – Ocorrências únicas para nomear a prostituta

Variante lexical	Perfil do informante <sup>3</sup>
<i>galinha</i>	4ª resposta inf. 1 = H Cb GI
<i>quenga</i>	4ª resposta inf. 4 = M Cb GII
<i>roda bolsinha</i>	3ª resposta inf. 8 = M Ca GII
<i>vadia</i>	3ª resposta inf. 2 = M Cb GI

<sup>3</sup> Os informantes aqui são identificados da seguinte forma: H – homem, M – mulher; Cb – escolaridade básica, Ca – escolaridade universitária; GI – faixa etária I, GII – faixa etária II.

<i>mulher da rua</i>	3ª resposta inf. 1 = H Cb GI
<i>madalena</i>	3ª resposta inf. 2 = M Cb GI
<i>mulher solteira</i>	1ª resposta inf. 3 = H Cb GII
<i>vampira</i>	1ª resposta inf. 7 = H Ca GII
<i>violeta</i>	1ª resposta inf. 3 = H Cb GII
<i>messalina</i>	2ª resposta inf. 3 = H Cb GII
<i>periguete</i>	2ª resposta inf. 2 = M Cb GI
<i>perua</i>	2ª resposta inf. 1 = H Cb GI
<i>mulher de zona</i>	2ª resposta inf. 4 = M Cb GII

Fonte: Elaborado pelas autoras.

O Quadro 1, além de demonstrar o perfil dos informantes que mencionaram as ocorrências únicas, também apresenta a ordem em que elas foram proferidas. Nesse sentido, vê-se que essa diversidade não se mostra mormente como primeira resposta – à exceção de *mulher solteira*, *vampira* e *violeta*, documentadas na fala da faixa etária II. Quando da aplicação dos questionários, os pesquisadores fazem a pergunta e, em muitos casos, após a primeira resposta, questionam: “conhece outro nome para...?”

Isso leva às segundas, terceiras... respostas, que revelam essa variedade de nomes, bem como o conhecimento, por parte dos informantes, de outros nomes para os referentes<sup>4</sup>.

O Quadro 1 ainda elucida os dados apresentados pelos Gráficos 2 e 3, que já indicaram a variedade de nomes proferidos pelos mais velhos.

Esse grande número de unidades léxicas documentadas para nomear o referente mais conhecido como prostituta pode ainda ser interpretado como uma mostra de tabu linguístico. Para Santos e Costa (2020), que investigaram esses designativos, mas os documentados pelo ALiB em Mato Grosso do Sul, “[...] podemos compreender os nomes para prostituta a partir dessa perspectiva teórica, tendo em vista a variedade de designativos documentados [...], bem como a diversidade de suas origens etimológicas e dos perfis de informantes que os proferiram” (SANTOS; COSTA, 2020, p. 191).

Isso posto, vê-se que os estudos lexicais em muito revelam modos de viver, ser e pensar dos falantes. No caso dos nomes para prostituta, notam-se comportamentos linguísticos distintos entre os perfis. Igualmente, os dados coletados em localidades do interior têm mostrado mais diversidade em relação às informações documentadas nas capitais dos estados – como se lê em Cardoso *et al.* (2014, p. 229), o que poderá ser confirmado com a continuidade dos estudos.

<sup>4</sup> Os estudos sobre a ordem das respostas ainda estão em desenvolvimento no âmbito do Atlas Linguístico, mas têm se mostrado muito produtivos, especialmente em algumas análises, como esta.

## CONCLUSÕES

Este trabalho teve os objetivos de: i) analisar as unidades lexicais que nomeiam o referente comumente conhecido como *prostituta* proferidas pelos 28 informantes do Projeto ALiB, habitantes de nove localidades mato-grossenses, a fim de contribuir para o conhecimento da realidade linguística regional brasileira no que se refere ao campo semântico do convívio e comportamento social; ii) demonstrar a distribuição diatópica das variantes no universo pesquisado, considerando variáveis sociolinguísticas, como sexo e idade.

Nesta pesquisa, foram investigadas 25 lexias, observando-se que a variante lexical *prostituta* foi a mais pronunciada em todo o estado de Mato Grosso, com 35,2% das respostas catalogadas, seguida das lexias *biscate* e *rapariga* (ambas com 10,7% de produtividade), *puta* (7,4%), *mulher da vida/de vida fácil* (5,3%), *mulher/garota de programa* e *meretriz* (3,2% de produtividade).

Também podemos observar que a variante lexical *prostituta* teve predomínio no perfil feminino (54,4% de seus registros ocorreram na fala de mulheres) e na fala de jovens (também 54,4%), referendando sua classificação como norma padrão para designar o referente em questão. Todavia, entre os mais velhos (faixa etária II), a lexia perdeu espaço para outras designações, já que, nesse perfil, foi documentada maior diversidade de nomes (17 dos 25 analisados).

Frente ao exposto, os resultados demonstraram que os estudos ora empreendidos convergem com os de Santos e Costa (2020), que investigaram a realidade sul-mato-grossense, bem como como ampliam os horizontes para os trabalhos lexicais, explorando dados do interior e contribuindo, dessa forma, para o Atlas Linguístico do Brasil, projeto que cedeu os dados analisados e que subsidia esta pesquisa. Ademais, foi possível constatar indícios de tabus linguísticos, dada a diversidade de nomes documentados, que pode desvelar atitudes linguísticas de negação, repulsa ou, ao menos, suavização de impressões sociais marcadas nas unidades léxicas, tal qual Mansur Guérios (1979) apontara.

Conclui-se, enfim, que as pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, para além de revelarem a dinamicidade da norma linguística em uso por dada comunidade, elucidam hábitos, crenças e modos de ser e de viver de um espaço e tempo, aqui representados pelo vocabulário dos mato-grossenses para nomear a mulher que se vende para qualquer homem.

## Referências

BISINOTO, L. S. J. *Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório*. Campinas: Pontes Editores: RG Editores, 2007.

BAGNO, M. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRANDÃO, S. F. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. *A Dialetoлогия no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

CARDOSO, S. A. M. da S. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Tabela 137*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>. Acesso em: 12 nov. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mato Grosso*. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

ISQUERDO, A. N. *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil Portugal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LANGACKER, R. W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos fundamentais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 51-74.

MANSUR GUÉRIOS, R. F. *Tabus lingüísticos*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Sociolingüística en EE.UU: guía bibliográfica crítica*. Málaga: Ágora, 1975-1985.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 3. ed. Barcelona: Ariel Lingüística, 2008.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012.

PAIVA, M. da C. A variável sexo/gênero. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

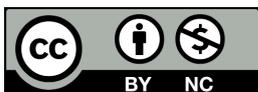
PORTAL DO GOVERNO DE MATO GROSSO. *Geografia*. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/geografia>. Acesso em: 5 jul. 2020.

SANTOS, L. C. O.; COSTA, D. de S. S. O ALiB e a norma lexical de Mato Grosso do Sul: nomes para prostituta. *Falange Miúda*, Roraima/Alagoas, v. 5, n. 2, p. 176-196, 2020.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

SMITH, P. M. Sex markers in speech. In: SCHERER K. R.; GILES, H. (eds). *Social markers in speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

THORNE, B.; HENLEY, N. (Ed.). *Language and sex: difference and dominance*. Rowley, Mass.: Newbury House Publishers, 1975.



Data de submissão: 28/11/2020  
Data de aceite: 30/06/2021

## DE NORTE A SUL, AS ÁREAS DIALETAIS DO BRASIL: JOGANDO “BOLINHA DE GUDE”

FROM NORTH TO SOUTH, THE DIALECTAL AREAS OF BRAZIL:  
PLAYING “MARBLES”

Leandro Almeida dos Santos | [Lattes](#) | [leoufbalettras@yahoo.com.br](mailto:leoufbalettras@yahoo.com.br)  
Universidade Federal da Bahia | Universidade do Estado da Bahia

Silvana Soares Costa Ribeiro | [Lattes](#) | [silvanaribeiro25@gmail.com](mailto:silvanaribeiro25@gmail.com)  
Universidade Federal da Bahia

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo sobre as áreas dialetais do Brasil, realizado por meio de dados semântico-lexicais, que tomam a proposição de divisão dialetal do Brasil estabelecida por Antenor Nascentes (1953) por referência. Desse modo, há uma investigação das respostas dos informantes do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB*, para a questão 156 do *Questionário Semântico-Lexical – QSL*, que busca apurar as formas de nomear o brinquedo assim descrito na questão: “*Como se chamam as coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar?*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34). A metodologia utilizada consistiu na realização das seguintes etapas: a) seleção e leitura dos textos relacionados ao tema, Nascentes (1953; 1955), Teles (2018), entre outros; b) formação do *corpus*; c) comparação analítica dos itens documentados no *corpus*, objetivando identificar semelhanças e diferenças, a partir do cotejo estabelecido entre as pesquisas de Ribeiro (2012), Portilho (2013), Isquerdo; Romano (2014), Romano (2015), D’Anunção (2016), Santos (2016), Alencar (2018) e, por fim, Santos (2018), os quais tiveram foco na descrição das respostas para QSL 156 (gude); e d) elaboração de considerações finais acerca da realidade dialetal brasileira, retratada por meio do estudo comparativo. Vale ressaltar que a análise do *corpus* possibilitou realizar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado em diversas regiões geográficas do país, além de trazer notícias sobre a configuração dialetal brasileira, do ponto de vista do item lexical em análise.

**Palavras-chave:** Áreas dialetais; Projeto ALiB; Léxico; Gude.

**Abstract:** This article presents a study on the dialectal areas of Brazil, carried out using semantic-lexical data, which take the proposition of dialectal division of Brazil established by Antenor Nascentes (1953) by reference. In this way, there is an investigation of the answers of the informants of the *Linguistic Atlas of Brazil Project - ALiB Project* to question 156 of the *Semantic-Lexical Questionnaire- QSL*, which seeks to ascertain the ways of naming “*What are the little round glass things that boys like to play?*” (NATIONAL COMMITTEE OF THE ALiB PROJECT, 2001, p. 34). The methodology used consisted in carrying out the following steps: a) selection and reading of texts related to the theme, Nascentes (1953; 1955), Teles (2018), among others; b) formation of the *corpus*; c) analytical comparison of the items documented in the *corpus*, aiming at identifying similarities and differences, from the comparison established among the researches of Ribeiro (2012), Portilho (2013), Isquendo; Romano (2014), Romano (2015), D’Anunção (2016), Santos (2016), Alencar (2018) and, finally, Santos (2018), which focused on the description of responses to QSL 156 (gude); d) elaboration of final considerations about the Brazilian dialectal areality, portrayed through the comparative study. It is worth mentioning that the *corpus* analysis made it possible to record and document the lexical diversity of the Portuguese spoken in several geographic regions of the country, besides bringing news about the Brazilian dialectal configuration, from the point of view of the lexical item under analysis.

**Keywords:** Dialectal areas; ALiB Project; Lexicon; Marbles.

## Introdução

O léxico, importante meio para que sejam evidenciadas as transformações linguístico-culturais vividas pelo povo, vem sendo bastante utilizado nos estudos sobre a diversidade linguística no Brasil. Ao observar a história dos estudos dialetais, as investigações sobre os aspectos lexicais sempre se fizeram presentes, contribuindo, dessa maneira, para caracterização da língua brasileira falada.

Ainda, no nível lexical, possuidor de um caráter dinâmico e multifacetado, é possível retratar os percursos – linguístico, cultural e histórico – dos homens, haja vista que os itens lexicais vão revelar aspectos intra e extralinguísticos decorrentes das itinerâncias do homem pelo espaço geográfico. Nesse sentido, acredita-se que esse nível se constitui como um elemento indispensável para investigação e delimitação de áreas dialetais. Logo, os processos de mudança pelos quais passam a sociedade afetam, de certo modo, a maneira de nomear, por isso a importância dos estudos que buscam registrar, catalogar e divulgar os aspectos da língua nos diversos espaços geográficos.

Este artigo discute os resultados de oito trabalhos desenvolvidos no âmbito do léxico da Língua Portuguesa, elaborados a partir dos dados do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* – Projeto ALiB: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Isquierdo; Romano (2014), Romano (2015), D’Anuniação (2016), Santos (2016), Alencar (2018) e Santos (2018). Esses trabalhos utilizaram, em suas descrições de arealidade do Brasil, as respostas fornecidas para a questão 156, do Questionário Semântico-Lexical (doravante QSL) do Projeto ALiB, a saber: “*Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34).<sup>1</sup>

Para consecução da pesquisa, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия e percorreram-se algumas etapas, a saber: a) seleção e leitura dos textos relacionados ao tema, sobretudo Nascentes (1953), autor da proposta de divisão dialetal analisada, e Teles (2018)<sup>2</sup>, além dos estudos com dados do Projeto ALiB, já mencionados; b) formação do *corpus*; c) comparação dos itens lexicais documentados no *corpus*, objetivando identificar semelhanças e diferenças, a partir do cotejo dos dados e das cartas linguísticas; e d) elaboração de considerações finais acerca da arealidade dialetal brasileira, retratada por meio do estudo comparativo.

Para auxiliar o entendimento sobre as análises ora empreendidas, para além das seções que introduzem e concluem este artigo, optou-se por dividir o trabalho em duas seções principais: na primeira, são apresentadas as divisões dialetais feitas até a proposição de Nascentes (1953), para que fiquem delineados os caminhos escolhidos por ele para tal separação dialetal. Ainda nessa seção, utilizam-se os pensamentos de Teles (2018), e são apresentadas as críticas e atualizações para a proposição feita em 1953, a partir da perspectiva das ferramentas atuais, para uma melhor precisão referencial dos pontos, através da Cartografia automatizada que usa SIG (Sistema de Informações Geográficas). Na segunda, através dos estudos lexicais feitos por meio das pesquisas desenvolvidas com o banco de dados do Projeto ALiB, são apresentados os resultados das pesquisas vistas em oito cartas linguísticas, que, de certo modo, retratam a distribuição espacial dos itens lexicais para a pergunta 156 – QSL (*gude*), na tentativa de vislumbrar, mesmo que precocemente, como se configura a arealidade dialetal brasileira.

---

<sup>1</sup> Estudos de mesma natureza com comparação de itens lexicais já estudados no âmbito do Projeto ALiB têm sido realizados com outros itens lexicais em confronto, a exemplo de *balanço* – QSL 166, *Revista Macabéa*. Há um trabalho, apresentado em forma de artigo científico e submetido à *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, que trata das designações para *estilingue* no Brasil. Outro exemplo é o artigo científico, submetido à *Revista Matraga*, que compara resultados sobre o Falar Sulista e o Falar Fluminense.

<sup>2</sup> Professora Doutora Ana Regina Torres Ferreira Teles (*in memoriam*) foi docente da Escola Politécnica da UFBA por 36 anos. Compôs a Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB. Este artigo é dedicado a essa importante pessoa, engenheira, cartógrafa, linguista, amiga e torcedora do Bahia.

### **Divisões dialetais e as trilhas de Antenor Nascentes (1953)**

O reconhecimento e estabelecimento de áreas dialetais, ainda que sejam tarefas de alta complexidade, haja vista a impossibilidade de precisão das linhas virtuais demarcatórias (isoglossas), sempre permearam os anseios dos dialetólogos. Historicamente, observa-se que, datam do final do século XIX, os primeiros registros sobre a dialeção de áreas linguísticas brasileiras.

Os primeiros esboços de áreas dialetais brasileiras foram traçados por diversos pesquisadores. Antenor Nascentes, em 1955, em artigo publicado na Revista Brasileira de Geografia (NASCENTES, 1955 apud BARBADINHO NETO, 2003), traz uma revisão das propostas de divisão dialetal do Brasil estabelecidas até aquela data, até então elaboradas e ao final apresenta a sua proposta, afirmando que:

[...] enquanto não existir o Atlas Lingüístico do Brasil, não se pode fazer uma divisão territorial em matéria de dialectologia com bases absolutamente seguras. Tal Atlas está muito longe de se tornar realidade. Por isso, não vem de todo fora de propósito que se tente esse desiderato, embora sua realização seja de valor duvidoso e sujeita a revisão definitiva quando aparecer o Atlas. (NASCENTES, 1955, p. 212).

Nesse sentido, vale mencionar algumas proposições, a saber:

i) Ao utilizar um único critério, o geográfico, Júlio Ribeiro, em 1881, propôs uma separação do Brasil em quatro áreas – Norte; Leste; Centro e Sul. Tal proposição recebeu diversas críticas feitas por Antenor Nascentes, que a considerou “toda ela imperfeita”, haja vista que “[...] junta o Norte com o Nordeste [...] separa Alagoas dos demais estados do Nordeste; Coloca o Espírito Santo e o Rio de Janeiro junto da Bahia [...]” (NASCENTES, 1953, p. 21).

ii) Em 1950, também, utilizando um único critério, o geográfico, Maximino Maciel propõe que o Brasil, no que tange ao falar, se divide em: basilo-guianense ou setentrional; idiodialetos estaduais ou centrais e basilo-castelhano ou meridional. Portanto, três áreas linguísticas. Por ter um único critério, Nascentes avaliou e teceu críticas, “[...] A língua chamada Guiana Brasileira se estende à região da margem direita do Amazonas; [...] A influência do castelhano platino na língua da fronteira com o Uruguai e com a Argentina não vai ao ponto de dominar um subfalar” (NASCENTES, 1953, p. 21).

iii) O historiador João Ribeiro, na obra História do Brasil, baseado em aspectos históricos, não disponibilizou um mapa dialetológico, mas apresentou uma proposta em que divide o país em cinco partes: o extremo norte – Amazônia; Maranhão, Piauí e Ceará; o norte – Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; o centro – Sergipe, Baía, Ilhéus, e Porto Seguro; o interior – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; e, por

fim, o sul – Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

iv) Rodolfo Garcia, em 1915, ao combinar os critérios geográficos e históricos, associando-os à continuidade territorial, aos aspectos culturais, aos glossários com expressões locais e regionais, bem como à facilidade de comunicações terrestres, propôs cinco áreas: norte; norte-oriental; central-marítima; meridional; e altiplana-central. Nascentes valida a proposta, mas aponta alguns aspectos divergentes e com os quais não concorda, tais como: “colocar o Maranhão na zona Norte [...]; colocar o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona central-marítima; colocar Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso” (NASCENTES, 1953, p. 22).

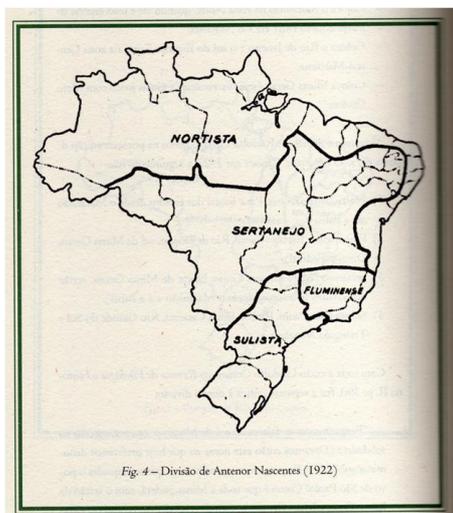
Nascentes apresenta na obra *Linguajar carioca em 1922*, uma divisão dialetal, conforme Figura 1a, em que reparte o Brasil em quatro grandes áreas: Nortista; Fluminense; Sertaneja e Sulista. Essa proposição foi alvo de diversas críticas, muitas dessas feitas por historiadores e geógrafos. E, de certo modo, foram válidas, devido a alguns equívocos notáveis. Dentre as críticas, destacam-se as de Lindolfo Gomes, publicadas na Revista de Filologia e História II, citadas por Nascentes (1955):

Perguntamos: os falares do sul de Minas, p. ex., pertencerão ao subdialeto (dávamos então este nome ao que hoje preferimos denominar subfalares) fluminense ou sulista, em que se enquadra o povo de São Paulo? Como é que toda Minas poderá, com o sertão da Bahia, Goiás e Mato Grosso, constituir o subdialeto central ou sertanejo? A mata mineira não haverá que pertencer de preferência grupo fluminense e capixaba, e isso mesmo quanto a limitadas zonas do Espírito Santo e do estado do Rio? (NASCENTES, 1955, p. 217).

Dessa forma, em 1933, após acatar as ponderações feitas por Lindolfo Gomes, as considerando justas, Nascentes reestrutura a divisão apresentada em 1922, conforme Figura 1b, e, com base em dois fatos linguísticos – pronúncia das vogais médias pretônicas e a cadência – na obra *O linguajar carioca*, afirma que:

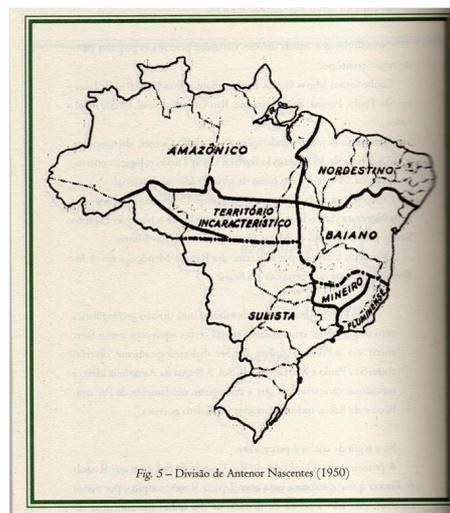
Quando fizemos aquela divisão, havíamos percorrido pequena parte do nosso território. Conhecíamos Minas Gerais, Espírito Santo, estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Recife e Salvador. [...] Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul (NASCENTES, 1953, p. 24-25).

**Figura 1a** – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 698).

**Figura 1b** – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 700).

Na proposição de 1933, só publicada em 1953, o referido autor divide o Brasil em dois grandes grupos, que, por sua vez, estão subdivididos em seis subáreas, além de um território incaracterístico:

Os subfalares do norte são dois: o amazônico, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à serra do Estrondo, e o nordestino, que compreende os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás, que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba. Os subfalares do sul são quatro: o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (Nordeste, Norte e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Parnaíba, seguindo pelas serras dos Javaés, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade do Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos); o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o estado do Rio de Janeiro, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte Leste); o mineiro (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso (NASCENTES, 1955, p. 218).

A divisão publicada em 1953, embora venha sendo bastante utilizada por diversos estudiosos como um parâmetro até então, é alvo de grande admiração e, ao mesmo tempo, de vários questionamentos. Na obra *A formação Histórica da Língua Portuguesa*, Silveira Bueno, ao analisar tal proposição, apresenta alguns comentários críticos:

Alega êle que entre São Paulo e Santa Catarina as diferenças são muito grandes, desde o *s* sibilante, de Lisboa e Rio de Janeiro, completamente desconhecido em São Paulo, Paraná e Minas Gerais, até o vocabulário grandemente influenciado pelo alemão. Não é a única nem a mais característica diferenciação entre norte e sul a abertura das protônicas: há o *r* gutural do norte, o *lh* [sic] reduzido a *lê*, a ausência de yeísmo, que predomina no sul. Colocar a Bahia no grupo sulista é antigeográfico. O Rio Grande do Sul difere muitíssimo de Santa Catarina, do Paraná e de São Paulo, desde a pronúncia até o vocabulário com a sua predominância espanhola fronteiriça. Em São Paulo, as influências italianas exigem colocação à parte (NASCENTES, 1955, p. 219).

Essas ponderações foram todas refutadas por Nascentes:

As diferenças entre São Paulo e Santa Catarina não são nem grandes quanto mais muito grandes [...] O *s* chiante (e não sibilante) de Santa Catarina é uma pequena diferença. Aliás, não é de todo o estado [...] Diferenciações gerais são a cadência e a abertura das protônicas. As demais não são gerais, tais como o *r* velar, que aparece apenas no Nordeste e não em todo o domínio do falar que chamei nortista. O *lê* por *lhe* é apenas da Bahia e de Sergipe. Também há yeísmo no norte; não ao sul. Basta olhar o mapa nº 5 para se ver que a Bahia não foi colocada antigeograficamente no grupo sulista. Houve inexatidão na censura. O Rio Grande não difere muitíssimo de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Difere um pouco, não há dúvida, mas mantém as linhas gerais do dialeto sulista: cadência, protônica não aberta, *s* sibilante, *e* e *o* finais fechados, hiato *io* reduzido a ditongo, tendência para ditongar hiatos, etc. [...] (NASCENTES, 1955, p. 219).

Contemporaneamente, Teles (2018), na tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC – da Universidade Federal da Bahia – UFBA – pontua que a última proposição de Nascentes, a de 1953, apresenta problemas do ponto de vista cartográfico, ainda que acompanhada de mapa, em que o referido autor estabelece os limites entre os falares, com base nas referências das localidades e dos acidentes geográficos – rios e serras – ocultados no mapa. Além disso, sintetiza Teles (2018):

Acerca da divisão dialetal, a importância do primeiro documento está no fato de que, apesar de outras propostas terem sido formuladas, apresentando não necessariamente todas em conjunto ou mesmo nessa ordem, critérios geográficos, históricos e linguísticos, a de Antenor Nascentes (NASCENTES, [192-]; 1933; 1953) é a mais citada, referenciada e tem servido como base para quase todos os estudos de natureza geolinguística que buscam confirmar e atestar a pertinência dessa divisão nos dias atuais, identificando novas áreas dialetais e, conseqüentemente, novas

divisões ou subdivisões. Apesar da inserção de um *mapa* às páginas 18-19 (NASCENTES, 1953), Figura 1<sup>3</sup> este é de pouca valia já que não há como nele identificar, com segurança, os elementos contidos na descrição textual dos limites demarcadores de regiões ou de áreas dialetais, salvo os contornos dos limites políticos dos Estados da Federação à época da sua elaboração (TELES, 2018, p. 40-41).

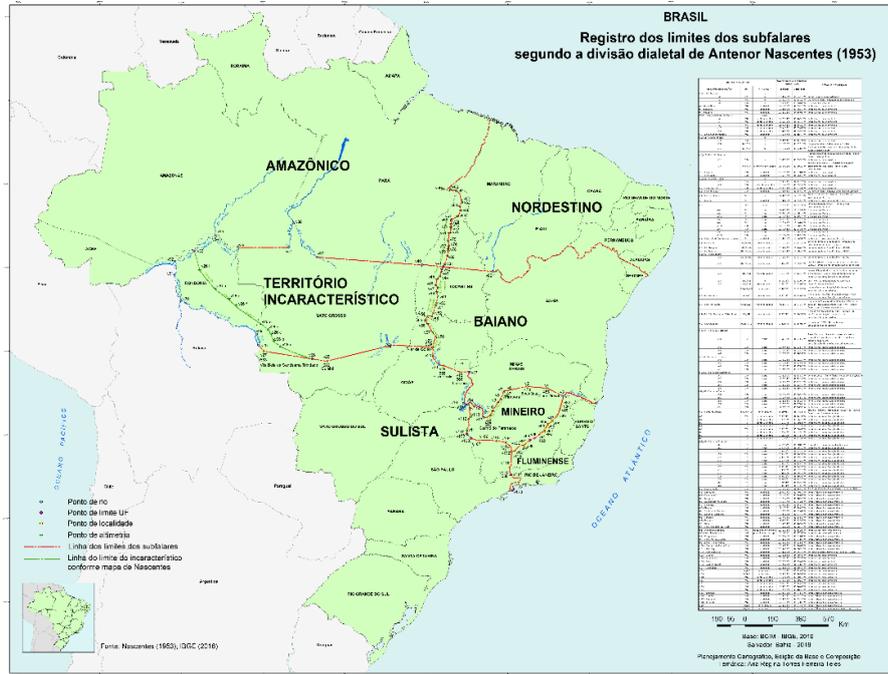
A autora também apresenta ponderações importantes sobre os pontos, ou localidades para pesquisa de campo para a constituição da futura rede de pontos de um atlas nacional, sugeridos por Nascentes (1958; 1961) em *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, demonstrando que há, de certo modo, especificidades no documento que o torna complexo e de difícil entendimento, tais como: pontos com numeração repetida, pontos que foram associados aos estados que não os pertencem e, por fim, pontos que sofreram modificações de ordem toponímica, a saber:

As informações acerca dos pontos conforme sugeridos, listados e publicados por Antenor Nascentes em *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (NASCENTES, 1958; 1961) não são, por si só, suficientes para proporcionar o embasamento necessário aos estudos geolinguísticos, por apresentarem equívocos na nomeação, na indicação de localização e na numeração (independentemente da divisão política do Brasil e da alteração de topônimos) e por não permitirem que se faça uma correspondência precisa das localidades atuais (TELES, 2018, p. 42).

A partir de recursos modernos, ao utilizar-se dos aparatos da Cartografia automatizada, da base BCIM do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2016) e do banco de dados denominado Sistemas de Informações Geográficas SIG, que permite a associação de informações geográficas, históricas e socioeconômicas das localidades, garantindo identificação individual desses pontos pelas coordenadas geográficas de latitude e longitude, Teles (2018) apresenta como resultado da conjugação do trabalhos de Nascentes (1953) e de Nascentes (1958) dois mapas, desenhados em formato A3 e superiores, como a seguir se demonstra:

- i. um mapa com todos os vértices definidores dos delineamentos feitos por Nascentes (1953), conforme Figura 2.

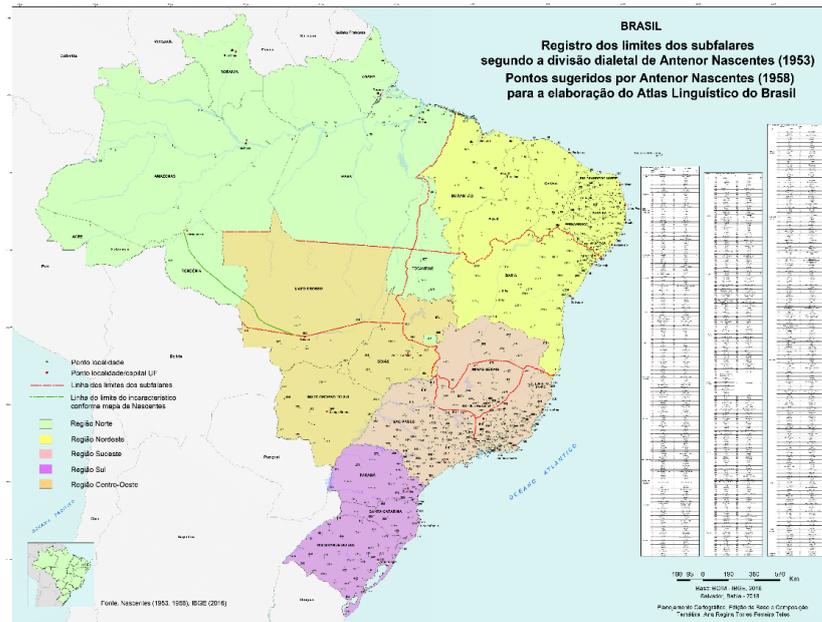
**Figura 2** – Mapa da divisão dialetal, a partir do georreferenciamento da Cartografia automatizada



Fonte: Teles (2018, p. 485).

- ii. um mapa atualizado, conforme Figura 3, com todas as localidades sugeridas por Nascentes (1958). Além dos mapas, há, também, quadros com todas as localidades, por ordem alfabética, com a numeração ajustada.

**Figura 3** – Mapa com os pontos sugeridos por Nascentes (1958) para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil



Fonte: Teles (2018, p. 484).

Ao concluir a tese, Teles (2018) traz contribuições significativas para os estudos dialetais brasileiros: um produto cartográfico de fácil consulta, de alta confiabilidade, atualizado e inovador. Ademais, ao considerar a periodização dos estudos dialetais brasileiros em quatro fases, como em Mota e Cardoso (2006), a autora propõe a existência de uma 5ª fase, que se inicia após a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al.* 2014), em 2014, e perdura até os dias atuais. Assim, nota-se que tais legados são fundamentais para as pesquisas geossociolinguísticas brasileiras contemporâneas, sobretudo, as atinentes às áreas dialetais, uma vez que já estão disponíveis delineamentos atuais e informatizados, permitindo uma melhor precisão dos limites de cada falar.

### **Caminhos e contribuições dos estudos lexicais do Projeto ALiB**

Do ponto de vista linguístico, o interesse para um maior conhecimento sobre áreas dialetais brasileiras, a partir do mapa dialetal proposto por Nascentes (1953), vem fomentando trabalhos de diversas naturezas, em especial, estudos do ponto de vista fonético e semântico-lexical têm analisado essa proposta, ora confirmando-a, ora refutando-a.

Ao observar os dados do Projeto ALiB, nota-se um índice crescente de pesquisas<sup>4</sup> na perspectiva do léxico específico da área temática “jogos e diversões infantis”, conforme pode ser visto no Quadro 1, cujos dados estão expostos em ordem cronológica de conclusão.

Neste artigo, destacam-se aqueles que têm um aspecto coincidente, a descrição dos resultados apurados para a questão 156 do QSL (gude).

**Quadro 1** – Trabalhos elaborados com dados lexicais por meio dos dados do Projeto ALiB que examinaram a questão 156 do QSL (gude)

TIPO	AUTOR (a)	ANO	TÍTULO
Tese	Silvana Soares Costa Ribeiro	2012	<i>Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”.</i>
Dissertação	Danielle Almeida Saraiva Portilho	2013	<i>O Falar Amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB.</i>
Tese	Valter Pereira Romano	2015	<i>Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil.</i>
TCC	Eliana Souza D’Anunciação	2016	<i>Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais.</i>

Dissertação	Leandro Almeida dos Santos	2016	<i>Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense.</i>
Atlas	Aparecida Negri Isquardo; Valter Pereira Romano	2014	<i>Cartas Bolinha de Gude (L18, L18a, L18b, L18c, L18d e L18e).</i>
Dissertação	Graziele Ferreira da Silva Santos	2018	<i>O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste.</i>
Tese	Beatriz Aparecida Alencar	2018	<i>O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Vale mencionar que, nesse sentido, a área temática dos “jogos e diversões infantis”, do QSL do Projeto ALiB, se tornou um instrumento revelador dos itens lexicais utilizados pelos brasileiros para nomear as brincadeiras e os brinquedos infantis. O Quadro 2 elenca todos os itens estudados pelo Projeto ALiB. Para além disso, as pesquisas têm fotografado que, por vezes, alguns desses itens lexicais caíram em desuso, evidenciando que há novas maneiras de brincar na contemporaneidade, devido às configurações sociais existentes.

**Quadro 2** – As 13 perguntas pertencentes a área temática dos *jogos e diversões infantis* do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB.

<b>Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB</b>	
Área temática - jogos e diversões infantis	
Nº	Questões
155	Cambalhota: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? ( <i>Mímica</i> )
156	Bolinha de gude: Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
157	Estilingue/Setra/Bodoque: Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha ( <i>mímica</i> ), que os meninos usam para matar passarinho? ( <i>Mostrar gravura</i> ).
158	Papagaio de papel/Pipa: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
159	Pipa/Arraia (versão do brinquedo sem varetas): E um brinquedo parecido com o _____ ( <i>cf. item 158</i> ) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
160	Esconde-Esconde: Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

161	Cabra-Cega: Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
162	Pega-Pega: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
163	Ferrolho/Salva/Picula/Pique (local combinado para se salvar): Como se chama esse ponto combinado?
164	Chicote-queimado/Lenço atrás: Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
165	Gangorra: Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? ( <i>Mímica</i> ) ( <i>Mostrar gravura</i> ).
166	Balanço: Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? ( <i>Mímica</i> ) ( <i>Mostrar gravura</i> ).
167	Amarelinha: Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha ( <i>mímica</i> ) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

Fonte: Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001, p.34-35). Adaptado.

Utilizar a área temática dos jogos e das diversões infantis é interessante e produtivo, uma vez que as questões permitem que os informantes se desloquem do contexto de uma entrevista para um contexto afetivo, em que revistam o baú de lembranças da infância. Assim, revelando aspectos da língua falada e, por vezes, aspectos inerentes às transformações pelas quais a localidade sofreu e que afetam o léxico da língua. Dessa maneira, eles fornecem um material linguístico mais próximo do vernáculo, objeto de investigação dos estudos geossociolinguísticos.

Das oito pesquisas mencionadas, cinco delas: Ribeiro (2012); Portilho (2013); Santos (2016); Santos (2018) e Alencar (2018) utilizaram as 13 questões pertencentes ao universo dos jogos e das diversões infantis, conforme Quadro 2. As outras duas pesquisas: Romano (2015) e D’Anunciação (2016) contemplaram, pelo menos, uma questão da área temática. Além disso, algumas cartas publicadas no volume 2 do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al.* 2014b), concernentes às capitais, também permitem a intercomparação entre os itens lexicais documentados para: “Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34).

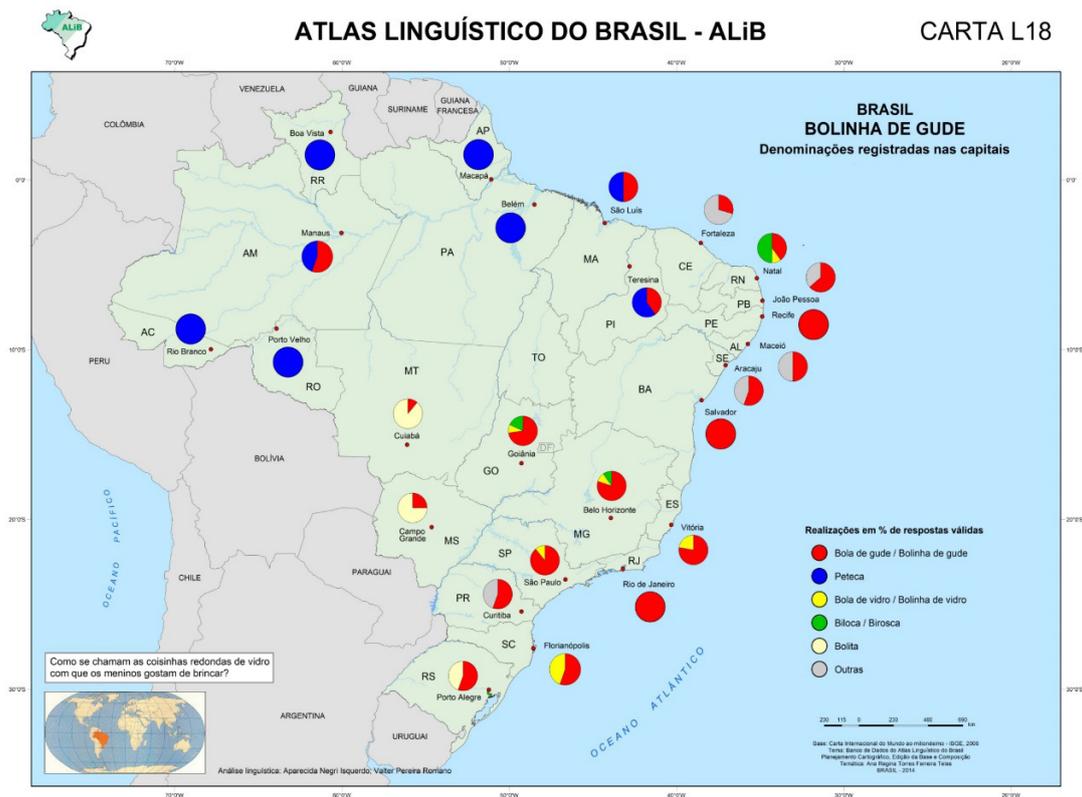
*A priori*, parte-se para as análises da visão macro, no que tange ao atlas nacional (dados das capitais) e *a posteriori* para a visão micro, ou seja, revelando os estudos que abordaram os subfalares e/ou estados contidos nesses subfalares (em grande parte, dados do interior).

### Visão das áreas dialetais a partir dos dados das capitais

Em Cardoso *et al.* (2014b, p. 271 a 282), apresentam-se sete cartas, uma nacional (L18) e seis regionais (L18a até L18e), sobre os itens lexicais encontrados para a pergunta 156 do QSL (*gude*), elaboradas por Aparecida Negri Isquerdo e Valter Pereira Romano.

Atentando-se para os itens lexicais documentados, ao observar o conjunto das cartas, tem-se, na região Norte: *peteca*, *bola de gude* e *bolinha de gude*; na região Nordeste: *bola de gude*, *bolinha de gude*, *bila*, *peteca*, *biloca*, *bola de fona*, *bolinha de vidro*, *cabeçulinha*, *marraio* e *ximbra*; na região Sudeste: *bolinha de gude*, *bola de gude*, *bolinha de vidro* e *birosca*; na região Sul: *bola de gude*, *bolinha de gude*, *bolinha de vidro*, *bolita* e *burica*; na região Centro-oeste: *bola de gude*, *bolinha de gude*, *bolita*, *biloca* e *bola de vidro*. Por sua vez, na carta nacional L18, as formas mais produtivas, no que concerne aos critérios estabelecidos para a cartografia do atlas nacional, podem ser notadas na Figura 4.

Figura 4 – CARTA L18 – Bolinha de gude



Fonte: Cardoso *et al.* (2014b, p. 271).

Considerando a distribuição espacial dos itens lexicais, percebe-se, evidentemente, um Brasil que se divide em dois grandes grupos, assim como apontou Nascentes em

sua última divisão (1953). No entanto, tais postulações são iniciais e, portanto, não são definitivas, uma vez que seria um equívoco analisar áreas dialetais somente com a investigação da fala dos informantes das capitais.

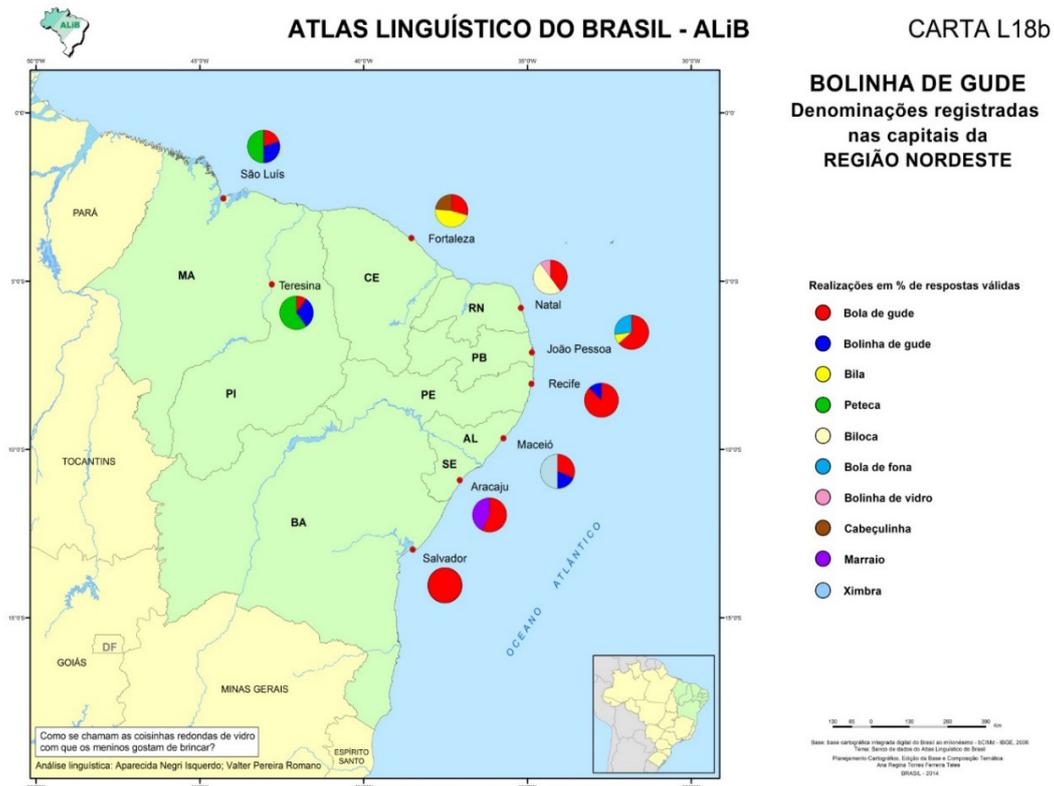
Nessa perspectiva, algumas constatações são passíveis de postulação, a saber: o item *bola de gude/bolinha de gude* está distribuído nos dois Falares, Norte e Sul. Logo, é o mais conhecido nos dois grandes grupos.

No que tange aos Falares do Sul, além de ser a área predominante dos itens *bola de gude/bolinha de gude*, alguns itens lexicais são, majoritariamente, visualizados nessa área, tais como: *bola de vidro/bolinha de vidro* e *biloca/birosca* e *bolita*.

No que concerne aos falares do Norte, a *peteca* foi documentada, majoritariamente, em todas as seis capitais do *Falar Amazônico*, e de forma categórica em cinco delas – Porto Velho, Rio Branco, Boa Vista, Macapá e Belém. Todavia, esse item também está presente em outras duas capitais, São Luís e Teresina, coocorrendo com *bola de gude/bolinha de gude*, o que permite a comprovação do caráter mais fluido do *Falar Nordestino*. Em Natal, por exemplo, registram-se as ocorrências de *bola de vidro/bolinha de vidro*, itens bem presentes na área dos Falares do Sul.

O Nordeste brasileiro permitiu vislumbrar outro cenário, explicitado pela ocorrência de outros itens lexicais, visíveis nas cartas L18 (outras, em cor cinza) e demonstrados em detalhes na carta L18b, exposta na Figura 5, a saber: além de *bola de gude* e *bolinha de gude* que se configuraram como norma lexical brasileira e *peteca* que se configurou como item lexical característico dos Falares do Norte. Destacam-se lexias exclusivamente detectadas na área como *bila*, *bola de fona*, *cabeçulinha*, *marraio* e *ximbra* e outras como *biloca* e *bola de vidro* que vão ocorrer também em outras áreas geográficas do Brasil, como exposto anteriormente ao descrever-se a carta L18.

Figura 5 – CARTA L18b – Bolinha de gude – Região Nordeste



Fonte: Cardoso *et al.* (2014b, p. 273).

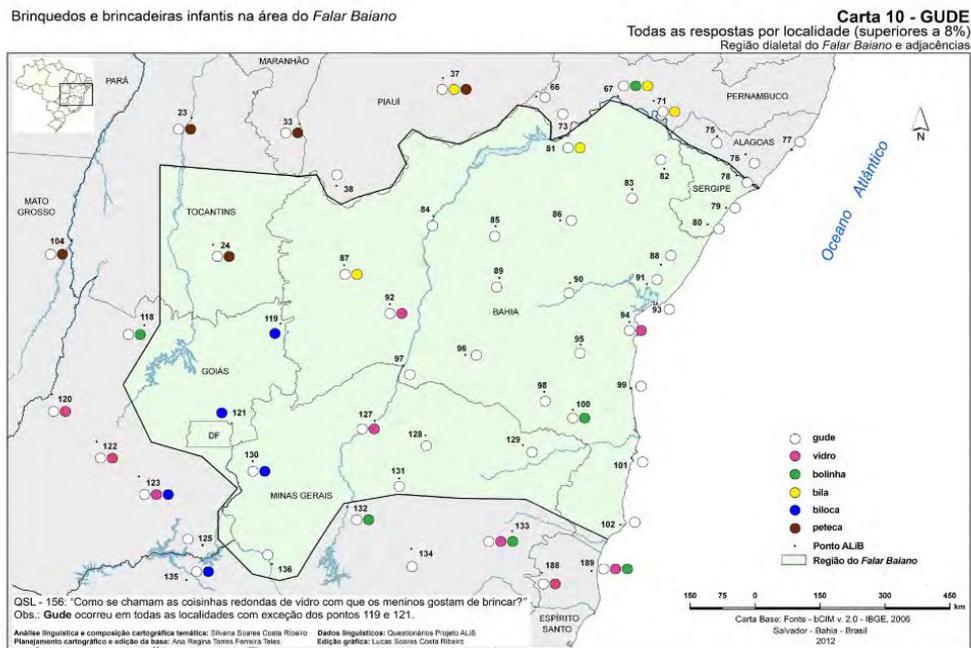
### Visão das áreas dialetais com dados do interior: Falares do Sul

Na perspectiva dos trabalhos que aludem aos Falares do Sul, *Baiano*, *Sulista* e *Fluminense*, vislumbram-se três pesquisas: Ribeiro (2012), Romano (2015) e Santos (2016), adicionadas a elas, a D’Anunção (2016) em Minas Gerais, e a de Alencar (2018), em São Paulo.

Ribeiro (2012) se propôs a estudar a vitalidade do *Falar Baiano* e adjacências – a qual nomeou por área de controle. Sob os prismas teóricos da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, foram analisadas 244 elocuições de informantes originados de 57 localidades, pertencentes a 11 estados – Sergipe, Bahia, parte de Alagoas, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, de Minas Gerais e do Espírito Santo.

Para a pergunta do QSL 156 (gude), o item lexical mais frequente foi *gude*<sup>5</sup>, com 96,3%, num total de 314 ocorrências válidas, conforme Figura 6, mas também outros itens foram encontrados: *(bola de) vidro*, com 15,8%, *bolinha*, com 10,5%, *bila*, *biloca* e *peteca*, com 8,8%. Em outra carta, a autora traz: *ximbra*, com 7%, *(bola de) marraio*, com 5,3%, *birosca* e *boleba*, com 3,5%, *bolita* e *china*, com 1,8%.

Figura 6 – Carta Bolinha de Gude na área do Falar Baiano



Fonte: Ribeiro (2012, p. 496).

A referida autora afirma que, por meio do léxico é possível perseguir e delimitar áreas e subáreas dialetais. Além disso, por meio dos itens lexicais examinados para a área do *falar baiano*, ao concluir, atesta a vitalidade do falar ora analisado e afirma a existência de quatro subáreas dialetais, denominando-as como A, B, C e D (RIBEIRO, 2012, p. 449).

Romano (2015) teve como foco de investigação o *falar sulista*. Para a pesquisa, foram selecionadas cinco questões de áreas temáticas distintas, do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB: QSL 001 (córrego), QSL 039 (tangerina), QSL 132 (menino), QSL 156 (gude) e QSL 177 (geleia). Também, foram utilizados os aportes teóricos da Dialectologia e da Geolinguística e as elocuições de 472 informantes, das 118 localidades, situadas em oito estados brasileiros – Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, parte do estado do Mato Grosso, centro-sul de Goiás, parte do sul de Minas Gerais e do Triângulo Mineiro.

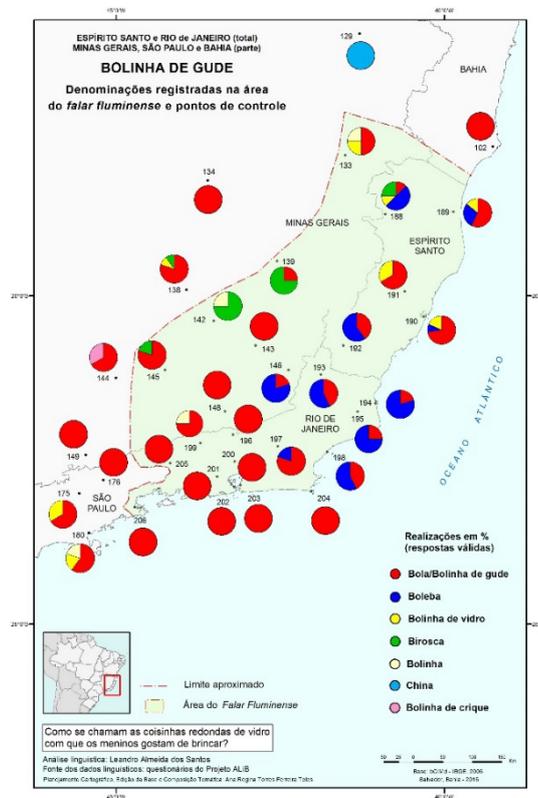
No que tange à pergunta em análise neste artigo, o item mais produtivo foi *bola de gude*, com 43,44%, conforme Figura 7, seguido de *bolita*, com 18,70%, *bolinha/bola de vidro*, com 12,97%, *búrlica*, com 12,67%, e *biloca*, com 6,94%, além dos itens com índices menores que 2%: *clica*, *birola*, *fubeca*, *peca* e *peteca*.

**Figura 7** – Carta Bolinha de Gude na área do *Falar Sulista*



*bolinha*, com 2,7%, *china*, com 2,2%, e *bolinha de crique*, com 1,1%, conforme Figura 8.

**Figura 8** – Carta Bolinha de Gude no *Falar Fluminense*



Fonte: Santos (2016, p. 110).

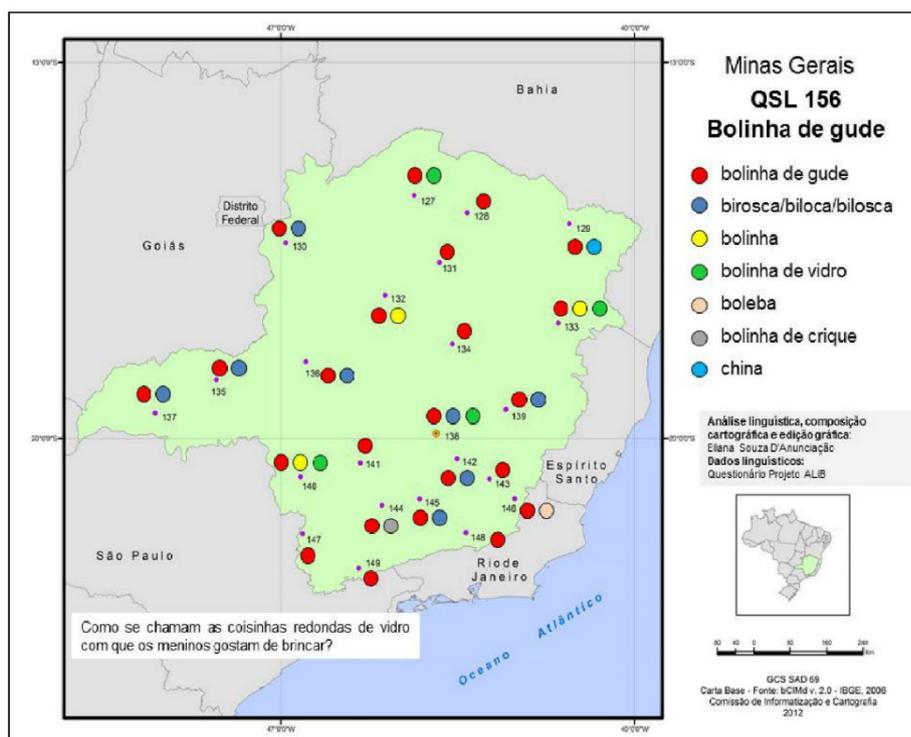
No estudo, Santos (2016) atesta a precisão de Nascentes (1953), quando separou o Brasil em dois grandes grupos de falares, ao cotejar os dados analisados com outros de mesma temática e abrangência do Projeto ALiB. No entanto, concernente ao *Falar Fluminense*, por não identificar unidade na área, propõe que outros estudos sejam feitos, a fim de verificar a existência/inexistência desse falar e aponta similitudes entre o norte de Minas Gerais e o norte do Espírito Santo. Também, sugere que o *Falar Mineiro* seja investigado, a fim de que se tenham maiores esclarecimentos desses limites dialetais (SANTOS, 2016, p. 189-190).

D'Anunção (2016) fez a audição das elocuições de 96 informantes, ao pesquisar 23 localidades pertencentes ao estado Minas Gerais, utilizando cinco questões da área temática dos jogos e diversões infantis: QSL 156, QSL 157, QSL 158, QSL 159, e QSL 167. Não teve como foco uma subárea definida pelos traçados de Nascentes (1953), mas analisa e apresenta aspectos sobre o léxico do estado.

Para a questão em análise conforme Figura 9, o item lexical *bolinha de gude*, com

63,6% das ocorrências e definidora das generalizações que são feitas sobre o brinquedo, foi o mais produtivo. Em seguida, *birosca/biloca/bilosca*, com 16,9%, *bolinha de vidro*, com 5,1%, e *bolinha*, com 4,2%. Os itens *boleba* e *china*, com 3,4%, e *bolinha de crique* e outras denominações, com 1,7%, itens que a autora não apresenta na cartografia, como explicita na metodologia do trabalho.

**Figura 9** – Carta Bolinha de Bolinha de Gude em Minas Gerais (MG)



Fonte: D’Anunciação (2016, p. 46).

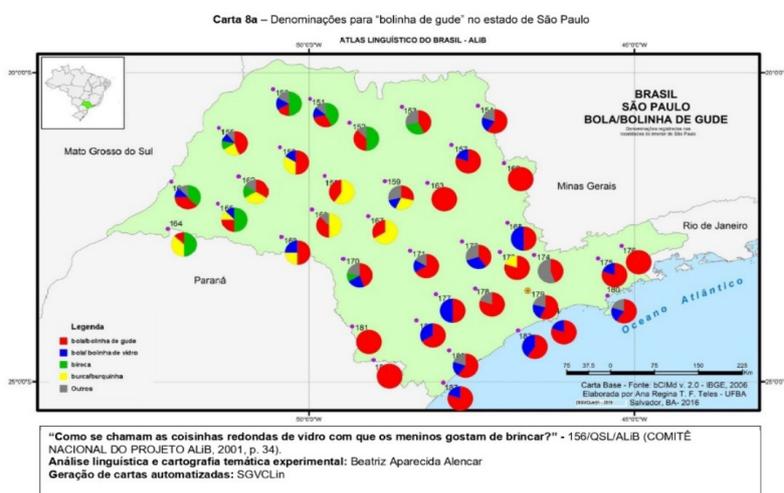
A pesquisa desenvolvida por D’Anunciação (2016) sugere que mais estudos sejam feitos, a fim de descortinar o cenário linguístico desse estado. Ademais, traz contribuições para o entendimento linguístico de Minas Gerais, haja vista que o estado se constitui como uma incógnita linguística, quando se refere à área dialetal, pois há duas postulações divergentes sobre a arealidade na área, a saber: a de Nascentes (1953), que subdivide MG em quatro falares – *Baiano*, *Fluminense*, *Mineiro* e *Sulista*; e a de Zagari (1998), que divide o estado em três falares – *Baiano*, *Mineiro* e *Paulista*.

Alencar (2018) pesquisou a fala de 188 informantes, oriundos de 47 localidades pertencentes ao estado de São Paulo. Não teve como foco uma subárea definida pelos traçados de Nascentes (1953), mas apresenta aspectos sobre o léxico do estado.

Para a questão do QSL 156 (gude), conforme Figura 10, o item lexical *bola/bolinha de gude*, com 53% das ocorrências, foi o mais produtivo. Em seguida, *bolinha de vidro*, com

14%, *burca*, com 13%, *biroca*, com 12%, *bolinha*, com 5,8%, e *fubeca*, com 2%.

**Figura 10** – Carta Bolinha de Bola/ Bolinha de Gude em São Paulo (SP)



369

Fonte: Alencar (2018, p. 369).

A pesquisa desenvolvida por Alencar (2018) revela aspectos sobre o léxico do estado de São Paulo, também, oferece caminhos importantes para o entendimento do *Falar Sulista*, ao apontar para, de fato, a existência do *Falar Paulista*, confirmando os resultados evidenciados por Romano (2015). Além disso, a referida autora afirma que há três sub-áreas dialetais que estão configuradas da seguinte maneira: a) uma área que se delimita desde a proximidade ao Vale do Ribeira e Caminho dos Tropeiros; b) outra área desde a Região Oeste e Noroeste do estado de São Paulo até o Norte do Paraná; e, por fim, c) última área que se estende nas fronteiras Minas Gerais/São Paulo, fato que dá indícios para uma expansão do *Falar Paulista* para o Sul do estado de São Paulo e Triângulo Mineiro (ALENCAR, 2018, p. 518).

Ao considerar esses estudos, que contemplam pontos que estão localizados dentro dos Falares do Sul, *Baiano*, *Sulista*, *Fluminense*, o estado de Minas Gerais e o estado de São Paulo, tem-se o item lexical *bola/bolinha de gude* distribuído, de forma majoritária, em todos eles. Desse modo, evidenciando uma área linguística comum. Além desse, há outros itens lexicais que são coincidentes, tais como: *bola/bolinha de vidro* e *birosca* (e suas variantes fônicas).

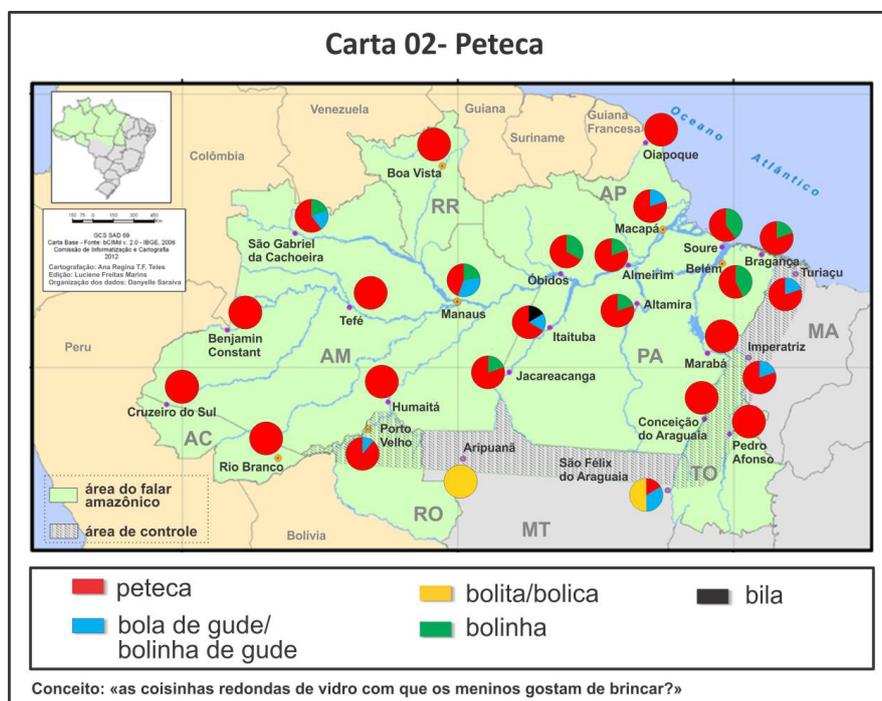
#### **Visão das áreas dialetais com dados do interior: Falares do Norte**

No que tange aos trabalhos que aludem aos Falares do Norte, *Amazônico* e *Nordestino*, vislumbram-se duas pesquisas, a saber: Portilho (2013) e Santos (2018).

Portilho (2013), ao analisar o *Falar Amazônico*, busca verificar a vitalidade da divisão do país em áreas dialetais proposta por Nascentes (1953), utilizando 26 localidades, 20 pontos que pertencem ao limite dialetal investigado – Acre, Amazonas, Pará, Roraima e Amapá; adicionados a seis localidades que compõem uma área de controle<sup>6</sup> – Mato Grosso, parte de Rondônia, do Maranhão e do Tocantins –, por meio de duas abordagens (a diatópica e a léxico-semântica) sob os fundamentos da Dialetologia e da Lexicologia.

Para a pergunta 156 do QSL, foram catalogados cinco itens lexicais: *peteca*, com 75,7%, *bola de gude/bolinha de gude*, com 17,1%, *bolita/bolica*, com 4,6%, *bolinha*, com 2% e *bila*, com 0,9%, conforme nota-se na Figura 11.

**Figura 11** – Carta Bolinha de gude (Peteca) na área do *Falar Amazônico*



Fonte: Portilho (2013, p. 66).

A presença majoritária é do item *peteca* na área em análise, como se nota. Entretanto, em duas localidades da área de controle, situadas no Mato Grosso, a forma agrupada predominante é *bolita/bolica*. Na conclusão do estudo, Portilho (2013, p.138-139), afirma que, para o *Falar Amazônico*, pode ser comprovada uma vitalidade, embora seja relativa, ao considerar os aspectos lexicais estudados, uma vez que estes possuem um aspecto pe-

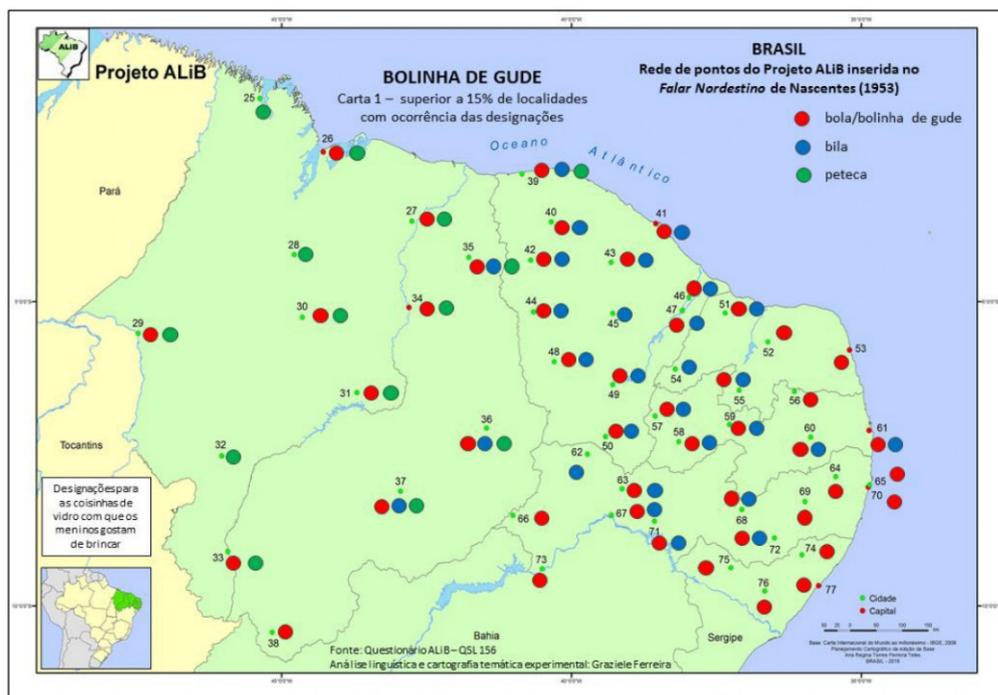
<sup>6</sup> Portilho (2013) estabelece uma área de controle, que são pontos próximos da área investigada, conforme realizado por Ribeiro (2012).

cular (PORTILHO, 2013, p.137-138).

Santos (2018), ao pesquisar a vitalidade do *Falar Nordestino*, selecionou 53 localidades, que estão em sete dos nove Estados do Nordeste brasileiro – Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas –, e ouviu as elocuições de 240 informantes, sob os fundamentos da Dialetologia, da Geolinguística Pluridimensional e da Lexicologia. Bahia e Sergipe estão descritos em Ribeiro (2012), em área de controle do *Falar Baiano*.

Para a pergunta 156 do QSL, foi encontrada uma relativa frequência de itens lexicais: *bola/bolinha de gude*, com 36,6%, *bila*, com 29,1%, *peteca*, com 16%, *ximbra*, com 7,4%, *bola de vidro*, com 3,1%, *biloca*, com 2,9%, *cabiçulinha*, com 2%, *bolinha*, com 1,1%, *bola de fone* e outras denominações, em que a autora agrupou os itens que só figuraram uma única vez, ambas com 0,9%. Conforme Figura 12, vislumbram-se os três itens lexicais mais produtivos e superiores a 15%, cartografados pela autora.

**Figura 12** – Carta Bolinha de Gude na área do Falar Nordestino



Fonte: Santos (2018, p.121).

Santos (2018) afirma que, sob o ponto de vista lexical dos jogos e diversões infantis, inexistente a área do *Falar Nordestino*, por não ter constatado uma homogeneidade linguística, que pode ser justificada pela extensão da área e pela diversidade social e história

do espaço geográfico investigado (SANTOS, 2018, p. 200). É perceptível a divisão em duas áreas dialetais: uma Área A com presença de *peteca* e uma Área B com presença de *bila*. Fato destacado quando da descrição da carta L18b, anteriormente exposta.

Ao comparar as análises e resultados empreendidos por esses dois estudos, no que tange aos Falares do Norte, *Amazônico* e *Nordestino*, sob o ponto de vista da descrição lexical, percebe-se que quatro itens lexicais aparecem nas duas áreas: *bila*, *peteca*, *bolinha* e *bola/bolinha de gude*.

## Conclusão

Os itens lexicais são importantes pistas linguísticas para revelar a trajetória e os passos dos homens. Desse modo, portanto, por vezes, tais itens são denunciadores de aspectos sociais, por exemplo, faixa etária, sexo, grau de instrução, e, sobretudo, local de origem.

Este estudo, que tomou a descrição do léxico característico de jogos e diversões infantis e explorou o brinquedo *gude* na perspectiva espacial, teve como meta trazer à tona notícias sobre as configurações dialetais brasileiras. Para tal, por meio de uma pergunta: QSL 156 (*gude*) “*Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34), buscou-se cotejar dados de oito pesquisas e suas respectivas cartas linguísticas, com base nos dados do Projeto ALiB.

Nascentes (1953), de forma audaciosa e corajosa, separou o Brasil em áreas dialetais, embora não tenha utilizado de instrumentos para coletar dados, tais como questionário específico e gravador. Ao observar a divisão proposta, dois grandes grupos – Falares do Norte e Falares do Sul – existe uma similitude, quando se cotejam os dados linguísticos dispostos nas cartas lexicais ora apresentadas. A sócio-história sobre a formação do povo brasileiro, apesar de não ter sido abordada nesse artigo, certamente, fornecerá caminhos para a identificação dessas áreas, uma vez que há formas que são presentes em todos os subfalares, por exemplo, *bola de gude / bolinha de gude*.

Em vista do que foi fotografado, ao tomar a área temática dos jogos e diversões infantis, constatou-se que existem vários itens lexicais adotados pelos falantes para designar o que se deseja apurar com a questão 156 do QSL do Projeto ALiB. A resposta *bola/bolinha de gude* foi documentada em todas as pesquisas e áreas estudadas, ou seja, é a forma mais conhecida e pode ser identificada como norma lexical no país. Respostas como *peteca* e *bila* podem caracterizar os Falares do Norte e designações como *biloca*, *bolita*,

*búrica e bola de vidro* podem favorecer a descrição dos Falares do Sul, fatos que ratificam as afirmações feitas por Santos (2017).

Para que se tenha uma visão completa sobre áreas linguísticas brasileiras, sob o prisma dos estudos lexicais, no que tange a uma comparação com o mapa dialetológico proposto em 1953, convém completar a análise do Brasil com os resultados das 13 questões da área temática “jogos e diversões infantis” de preferência, utilizando os dados do Projeto ALiB, contemplando as regiões Centro-Oeste (13 questões) e Sul, (12 delas) e o Estado de Minas Gerais (8 delas), um trabalho já em andamento no âmbito do PPGLinC/UFBA, sob a forma de Tese de Doutorado em andamento.

No que se refere ao que propôs Teles (2018), a pesquisadora deixou um grande legado para cartógrafos e linguistas, haja vista a disposição de mapas e quadro atualizados, desse modo, facilitando e fornecendo caminhos para as futuras pesquisas sobre espaços linguísticos no Brasil, por meio de instrumentos mais confiáveis e atuais.

Outro aspecto que merece destaque é, uma vez que os estudos dialetais brasileiros já dispõem de dados coletados com a mesma metodologia – dados do Projeto ALiB –, mapas e quadros atuais – propostos por Teles (2018) –, espera-se que, em breve, haja uma nova proposta de divisão dialetal do Brasil, confirmando ou refutando os traçados isoglóssicos do mapa proposto por Antenor Nascentes, em 1953. Consoante às palavras de Cardoso (2016, p. 47), “O caminho está aí. Necessário se faz continuar a percorrê-lo para atingir a meta almejada no que diz respeito à divisão dialetal do Brasil.”

## Referências

ALENCAR, Beatriz Aparecida. *O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*. 2018. Tese. (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

CARDOSO, Suzana Alice M. Áreas dialetais do português brasileiro: o que dizem as primeiras cartas do ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; DOIRON, Maranúbia Barbosa. (Org.) *Estudos Geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. Londrina: Eduel, 2016, p. 33-48.

CARDOSO, Suzana Alice M. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice M. *et al.* *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas Linguístico do Brasil*: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

D'ANUNCIACÃO, Eliana Souza. *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*. 2016. 86f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. Carta Bolinha de Gude (L18, L18a; L18b; L18c; L18d e L18e). In: CARDOSO, Suzana Alice M. *et al.* *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b, p. 271-282.

MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana (Org.). *Documentos 2*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun., 1955, p. 213-219.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

SANTOS, Leandro Almeida dos. Em busca de áreas dialetais brasileiras: jogando “bolinha de gude”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 182-194, jan./jun. 2017.

SANTOS, Grazielle Ferreira da Silva. *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste*. 2018. 207f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

ZÁGARI, Mario Roberto Lobo. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolinguística no Brasil - caminhos e perspectivas*. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998, v.1, p. 31-54.



Data de submissão: 28/11/2020

Data de aceite: 30/06/2021

## O 'PICADINHO' DO NORTE E O 'GUISADO' DO SUL: UMA ANÁLISE DIATÓPICA COM OS DADOS DO ALIB NOS EXTREMOS DO BRASIL

THE 'PICADINHO' OF THE NORTH AND THE 'GUISADO' OF THE SOUTH:  
A DIATOPIC ANALYSIS WITH ALIB'S DATA AT THE EXTREMES OF BRAZIL

Amanda Chofard | [Lattes](#) | [amandachofard@gmail.com](mailto:amandachofard@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** A *carne moída* é uma comida comum na mesa dos brasileiros e, por isso, a maioria das pessoas faz uso de uma ou mais designações para se referir a esse prato. Levando isso em conta, este estudo, que é um recorte da dissertação de Chofard (2019), considera todas as respostas dadas à questão nº 178 do Questionário Semântico Lexical do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) pelos informantes das regiões Norte e Sul do Brasil para designar *carne moída*. O *corpus* para análise abarca as respostas coletadas nas regiões mencionadas, compreendendo 68 pontos de inquérito e 272 informantes. O estudo foi realizado com base nos pressupostos da Dialetoologia Pluridimensional e da Geolinguística (RADTKE & THUN, 1996; CARDOSO, 2010). O objetivo principal da pesquisa foi descrever e analisar as designações registradas para *carne moída* nas duas regiões investigadas, identificando possíveis isoléxicas. Os dados demonstraram que a variante mais usada pelos nortistas e sulistas é *carne moída*. Mas também foi possível concluir, entre outros aspectos, que há variantes que apontam para áreas dialetais específicas em cada região, como é o caso de *picadinho* no Norte e *guisado* no extremo Sul do país.

**Palavras-chave:** Carne moída; Variação lexical; ALiB.

**Abstract:** Ground meat is a common food on the Brazilian table and, therefore, most of the people make use of one or more designations to refer to this dish. Taking this into account, this study, which is an excerpt from Chofard's dissertation (2019), considers all the answers given to question nº 178 of the Lexical Semantic Questionnaire of ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) by informants from the North and South regions of Brazil to designate ground meat. The corpus for analysis includes the responses collected in the mentioned regions, comprising 68 points of inquiry and 272 informants. The

study was carried out based on the assumptions of Pluridimensional Dialectology and Geolinguistics (RADTKE & THUN, 1996; CARDOSO, 2010). The main objective of the research was to describe and analyze the designations registered for ground meat in the two regions investigated, identifying possible isolexicals. The data demonstrated that the most used variant by northerners and southerners is *carne moída*. But it was also possible to conclude, among other aspects, that there are variants that point to specific dialectal areas in each region, as is the case of *picadinho* in the North and *guisado* in the extreme South of the country.

**Keywords:** Ground meat; Lexical variation; ALiB.

### **Introdução**

Integrante do campo semântico Alimentação e Cozinha, do Questionário Semântico Lexical do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a *carne moída* é um prato rotineiro na vida dos brasileiros, de fácil acesso e versátil, com inúmeras possibilidades de preparo. Essa versatilidade também pode ser observada nas diversas formas lexicais em uso no português do Brasil (PB) para esse referente, o que se alinha com o caráter heterogêneo e mutável da língua.

Dado que a variação é inerente às línguas naturais, sabe-se que, dentre os níveis internos, a variabilidade lexical é a menos sistematizável, levando em consideração que os fatores que mais justificam sua existência são os extralinguísticos. Dessa forma, ao examinar as diferentes regiões do território brasileiro, observa-se o quão diversificado é o português aqui falado, o que pode ser explicado com base na história do país e, consequentemente, pelos contatos com diversas outras línguas e culturas que contribuíram para a formação do português falado no Brasil.

Diante das dimensões continentais do país, é fato que cada região e, principalmente, os extremos Norte e Sul possuem características culturais e linguísticas distintas, o que vêm sendo evidenciado desde o início dos estudos dialetais brasileiros, como exemplo, a grande divisão dialetal do Brasil, proposta por Nascentes (1953), em falares do Norte e falares do Sul, com base em aspectos fonéticos. Estudos recentes, pautados no nível lexical, também comprovam a existência de distintas áreas linguísticas (YIDA, 2011; RIBEIRO, 2012; ROMANO, 2015; CHOFARD, 2019, entre outros) que, embora não ratifiquem

integralmente a proposta de Nascentes, demonstram a existência e a possibilidade de delimitação de inúmeros subfalares até mesmo dentro de uma única região. Esses estudos também revelam que as áreas dialetais, que se configuram em falares e subfalares, não coincidem, necessariamente, com as delimitações geopolíticas do território. Por exemplo, o denominado subfalar amazônico, a depender das variantes linguísticas em análise, recobre, eventualmente, parcelas de áreas geográficas adjacentes, como a parte norte do Centro-Oeste e a parte leste do Nordeste. Da mesma forma, certas variantes associadas ao subfalar sul-rio-grandense têm uso restrito a uma parte do território da região Sul, outras vão além dele, estendendo para os estados de Santa Catarina, Paraná ou ainda Mato Grosso do Sul e adiante. Estudo realizado por Carlos (2015) revela, por exemplo, que há variantes lexicais do português sulista e do denominado português paulista (ROMANO, 2015) no português falado por brasileiros que migraram para o Paraguai, em contato com o espanhol e o guarani, línguas oficiais desse país.

Este artigo configura-se como um recorte da pesquisa de mestrado de Chofard (2019), que objetivou descrever e analisar as designações registradas em toda a rede de pontos do ALiB para cinco itens lexicais, dentre eles *carne moída*, contribuindo, assim, para a descrição do português e para a identificação de possíveis áreas dialetais pautadas no léxico. O presente estudo apresenta os dados referentes às regiões Norte e Sul do Brasil, no intuito de analisar a distribuição diatópica das designações do referente em questão nessas áreas, bem como averiguar a possibilidade de traçar áreas dialetais por meio de isoléxicas.

Posto isso, a próxima seção apresenta uma breve discussão acerca da Geolinguística brasileira e suas contribuições para o conhecimento da diversidade existente no português falado no Brasil. Na sequência, é descrita a metodologia utilizada neste estudo, abarcando o *corpus* utilizado, o perfil dos informantes, a rede de pontos e o modo como se procedeu para a elaboração das cartas linguísticas. Em seguida, são apresentados os resultados e a análise dos dados. Por fim, há a apresentação das considerações finais e das referências utilizadas.

### **A Geolinguística no Brasil e algumas de suas contribuições para os estudos dialetais brasileiros**

A Geografia Linguística, modernamente denominada Geolinguística, surgiu nos

fins do século XIX como um método comparativo da Dialectologia, tendo como principal característica o registro de uma grande variedade de formas linguísticas em mapas, os quais, em conjunto, formam os conhecidos atlas linguísticos.

Durante seu processo de consolidação, até fim do século XX, os trabalhos geolinguísticos possuíam caráter monodimensional, preocupando-se em descrever de modo sistemático a variação linguística diatópica. Nesse modelo tradicional, a dialectologia dava preferência a um único tipo de informante: homem, adulto (de preferência em idade avançada), com baixa escolaridade, residente na zona rural, nascido e criado no lugar. O pressuposto básico era de que esse falante conhecia melhor a cultura da comunidade e, conseqüentemente, seria o legítimo representante da fala do lugar (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980). Contudo, a partir de 1960, com o advento da Sociolinguística, observa-se cada vez mais a necessidade de incorporar variáveis sociais à diatopia e, assim, passam-se a realizar pesquisas de cunho pluridimensional, as quais voltam-se ao novo modo de fazer geolinguística, conceituado por Radtke e Thun (1996) como Dialectologia Pluridimensional ou Geolinguística. Nesse novo modelo, além da dimensão diatópica, são consideradas também outras dimensões: diageracional (idade), diassexual (sexo), diassocial (escolaridade ou classe social), diafásica (estilos de fala), diarreferencial (comentários epilinguísticos e metalinguísticos), dialingual (informantes monolíngues e plurilíngues), diacinética (informantes topoestáticos e informantes topodinâmicos) etc.

No Brasil, diferentemente de outros países, devido à extensão territorial, os primeiros atlas linguísticos configuram-se como estaduais ou cobrindo apenas parte do território, sendo pioneiro o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de Nelson Rossi, datado de 1963. Desde então, vários atlas linguísticos foram projetados e realizados, por exemplo: *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, *Atlas Linguístico da Paraíba*, *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul*, *Atlas Linguístico de Sergipe*, *Atlas Linguístico do Paraná*, entre outras tantas pesquisas, até que, passados mais de 30 anos da publicação do primeiro atlas, retoma-se, em 1996, a proposta da elaboração de um atlas nacional, dando origem ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Diante deste cenário, Romano (2013) faz uma divisão da geolinguística brasileira em dois momentos: o primeiro tendo como característica os atlas estaduais, em sua maioria monodimensionais e sem uma metodologia padronizada, e o segundo com o início do desenvolvimento do ALiB, proporcionando certa uniformidade metodológica e trazendo

à tona a pluridimensionalidade, metodologia que passou a ser adotada em outros atlas linguísticos de caráter regional ou que recobrem determinadas áreas linguísticas.

A retomada e o início dos trabalhos voltados para a constituição de um atlas linguístico nacional impulsionaram os estudos geolinguísticos brasileiros, uma vez que, conforme Romano (2015, p. 101), “nesse segundo momento, registra-se um incremento prodigioso da elaboração de atlas linguísticos de pequeno domínio, a partir de projetos de Mestrado e Doutorado na área, com incentivo dos Diretores Científicos do ALiB”.

Sendo assim, atualmente, apenas os estados de Roraima, Piauí, Goiás e Rio de Janeiro não possuem atlas e o estado de São Paulo possui um atlas iniciado, porém não concluído, enquanto os demais estados brasileiros possuem atlas em andamento ou já concluídos, além de inúmeras outras pesquisas que não englobam unidades federativas, mas revelam aspectos de determinadas áreas geográficas, de línguas em contato, de línguas de comunidades fronteiriças, entre outros, o que vêm crescendo cada vez mais, dando origem a uma nova geração de geolinguistas que contribuem com as investigações dialetais no que tange tanto ao português quanto a outras línguas faladas no Brasil.

Posto isso, observa-se que aos poucos os estudos geolinguísticos foram ganhando espaço e sendo aperfeiçoados no país, possibilitando pesquisas comparativas que vêm revelando cada vez mais a ampla diversidade do português falado no território nacional.

## **Metodologia**

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa, seguiram-se os princípios da Geolinguística, tendo em vista a coleta de dados *in loco*, a seleção de informantes discriminados por sexo, idade e escolaridade e elaboração de mapas linguísticos.

O *corpus* em análise configura-se como parte da rede de pontos do ALiB, abarcando as respostas coletadas nos 24 pontos de inquérito da Região Norte e nos 44 da Região Sul do Brasil, totalizando 68 pontos. Ressalta-se que todos os inquéritos realizados foram gravados e, em sua maioria, transcritos, sendo necessário, para o levantamento dos dados, recorrer aos áudios apenas nos casos em que não há transcrição ainda ou em casos de dúvidas quanto às respostas transcritas.

Nas localidades investigadas, as equipes do ALiB buscaram informantes com perfil específico e predeterminado. Dessa forma, em cada ponto de inquérito foram entrevista-

dos quatro informantes residentes em áreas urbanas, com nível fundamental de escolaridade, estratificados em sexo e faixa etária, como mostra o Quadro 1.

**Quadro 1** - Perfil dos informantes

INFORMANTE	ESCOLARIDADE	FAIXA ETÁRIA	SEXO
1	Fundamental	Faixa I - 18 a 30 anos	Masculino
2	Fundamental	Faixa I - 18 a 30 anos	Masculino
3	Fundamental	Faixa II - 50 a 65 anos	Feminino
4	Fundamental	Faixa II - 50 a 65 anos	Feminino

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Nas capitais, somaram-se mais quatro informantes com nível superior de escolaridade, contudo esses não foram considerados nesta pesquisa, sendo analisados apenas os dados dos informantes que possuem as mesmas características do perfil dos informantes do interior. Posto isso, a amostra contou com as respostas de 272 informantes.

Para proceder à cartografia, primeiramente foi realizado o levantamento dos dados nas transcrições dos inquéritos e, apenas quando necessário, nas gravações. As respostas foram organizadas no Microsoft Office Excel e, posteriormente, cartografadas em bases georreferenciadas disponibilizadas pelo ALiB<sup>1</sup>, por meio do software SGVCLin - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014).

Na cartografia, foram consideradas todas as respostas obtidas, destacando que um mesmo informante pode dar mais de uma resposta. Entretanto, houve dois casos em que a resposta foi prejudicada, sendo identificadas pela sigla RP<sup>2</sup>.

Por fim, vale mencionar que para a realização desta pesquisa foram executadas as seguintes etapas:

<sup>1</sup> As bases cartográficas utilizadas foram publicadas no volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014, p. 59-64).

<sup>2</sup> As respostas prejudicadas dizem respeito aos inquéritos 009-2 (Soure-PA) e 019-3 (Cruzeiro do Sul - AC) e se referem, respectivamente, a um problema de gravação no Questionário Semântico Lexical e a uma questão não formulada.

- (i) Seleção do *corpus* a ser analisado;
- (ii) Levantamento e tabulação das variantes registradas;
- (iii) Revisão de literatura para a constituição do referencial teórico;
- (iv) Cartografia das formas linguísticas documentadas para o item lexical investigado;
- (v) Elaboração de tabelas para posterior análise da produtividade;
- (vi) Exegese dos dados e resultados obtidos.

### **Análise dos dados**

Integrante do campo semântico Alimentação e Cozinha, a questão 178 do Questionário Semântico Lexical do ALiB objetiva documentar as variantes existentes para “a carne depois de triturada na máquina?” (COMITÊ NACIONAL, 2001).

Dentre todas as respostas, foram obtidas 14 designações e todas foram consideradas, contudo foi necessário realizar agrupamentos de respostas para se ter uma melhor visualização das ocorrências na carta linguística, os quais encontram-se descritos no Quadro 2.

**Quadro 2** – Variantes documentadas para a questão 178 – *carne moída* e seus agrupamentos

RÓTULOS	VARIANTES AGRUPADAS
carne moída	carne moída/ moída
picadinho	picadinho/ picadim/ carne picada/ picada
carne ralada	carne ralada/ boi ralado
guisado	guisado
outras	carne batida/ batido/ bisado/ bisato/ emprensada
RP	problemas na gravação/ questão não formulada

Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019).

Destaca-se que, para realizar os agrupamentos, foram levados em consideração dois aspectos:

- (i) Formas relacionadas derivadas ou perifrásticas, como: “moída” inclui moída e

carne moída; “picadinho” inclui picadinho, carne picada etc.; “ralada” inclui carne ralada e boi ralado.

(ii) Formas com até cinco ocorrências foram rotuladas como “outras”.

Em estudo anterior, em toda a base de dados do ALiB, Chofard (2019) levantou mais de mil respostas e averiguou que a variante mais produtiva em todo o território nacional é *carne moída*.

Essa produtividade de *carne moída* também foi documentada na Região Norte, entretanto outras designações emergem, as quais podem ser visualizadas, quantitativamente, na Tabela 1.

**Tabela 1** – Produtividade das variantes documentadas na Região Norte para a questão 178 – *carne moída*

VARIANTES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
carne moída / moída	64	56,14%
picadinho / picadim	46	40,35%
carne ralada / boi ralado	2	1,75%
RP	2	1,75%
Total	114	100%

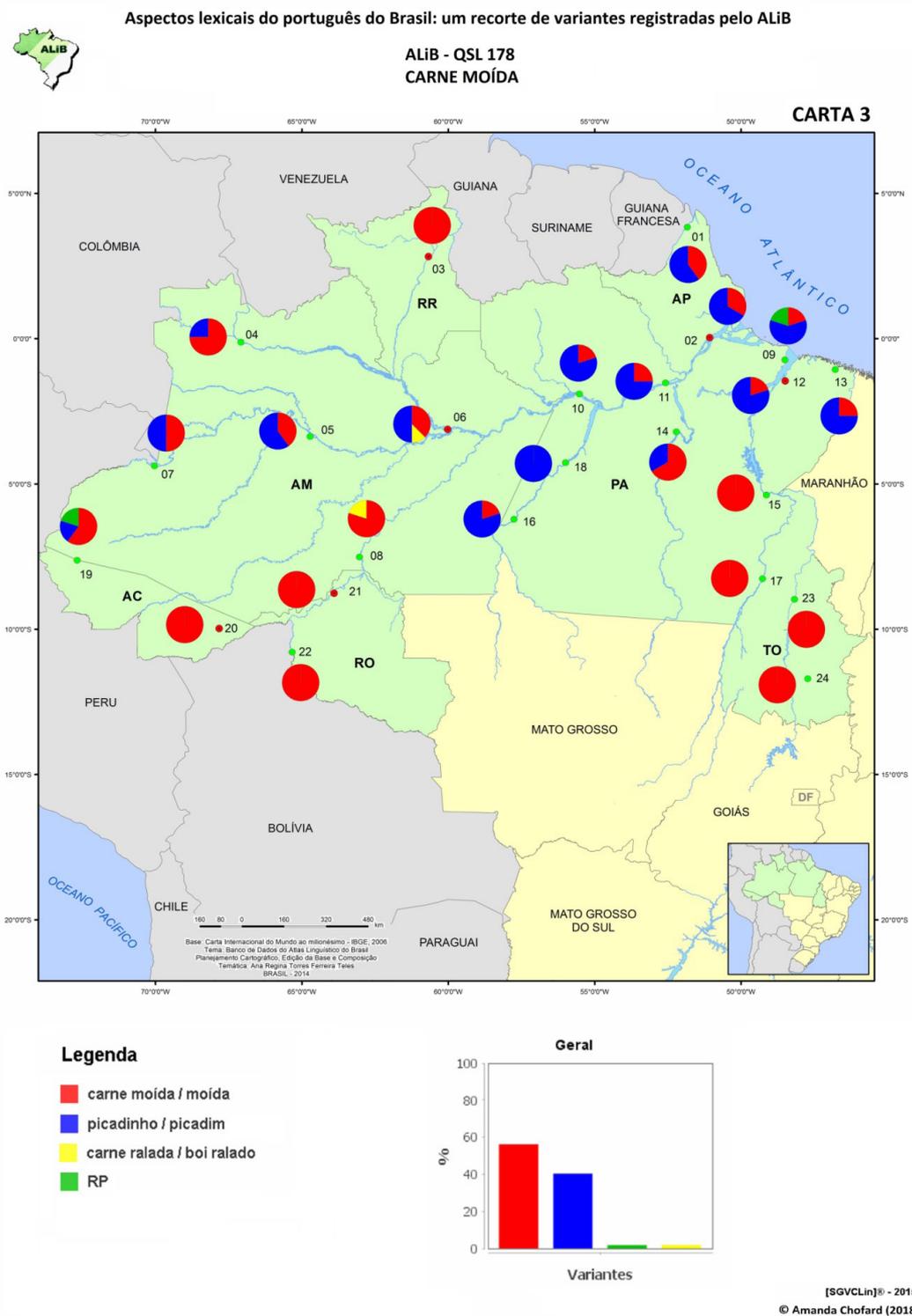
Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 115).

No montante das respostas, de acordo com a Tabela 1, foram registradas 114 respostas distribuídas entre os estados do Norte, a saber: 46 no Pará, 28 no Amazonas, 11 no Amapá, 9 no Acre, 8 em Rondônia, 8 no Tocantins e 4 em Roraima.

No que tange às variantes documentadas, *carne moída*, em consonância com o cenário nacional, foi a mais produtiva, com 64 respostas, o que representa 56,14% dos dados obtidos. *Picadinho*, por sua vez, foi registrada como a segunda forma mais produtiva, apresentando grande expressividade entre os nortistas, com 46 ocorrências e percentual de 40,35%, sendo a forma majoritária no Pará e no Amapá. A terceira forma, *carne ralada* e as *respostas prejudicadas* tiveram dois registros cada e percentual de 1,75%, respectivamente.

Para analisar a distribuição diatópica das variantes identificadas na Região Norte, foi elaborada a carta linguística apresentada na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição diatópica das variantes de *carne moída* na Região Norte

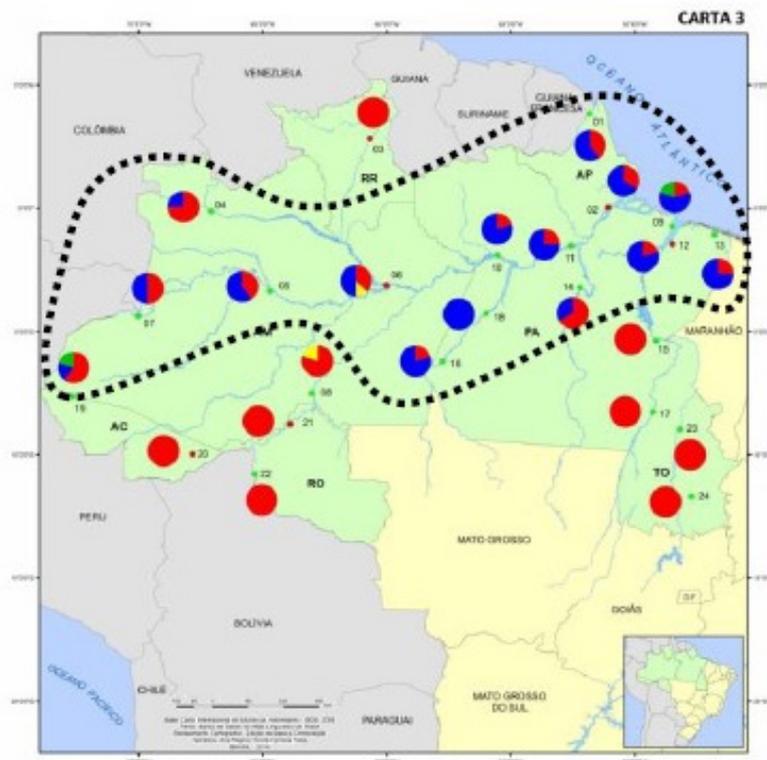


Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 203).

Por meio da carta da Figura 1, observa-se que *carne moída*, a forma mais produtiva, está difundida por toda a região, não sendo registrada apenas no ponto 018 - Itaituba (PA), onde ocorreu o uso exclusivo de *picadinho*, variante essa que também possui am-

pla difusão na região, exceto em Roraima, Rondônia, Acre e Tocantins. Nesse sentido, verifica-se que *picadinho* apresenta uma arealização no Norte, mas restrita aos estados do Amazonas, Amapá e Pará, o que pode ser visualizado por meio da Figura 2.

Figura 2 – A realização da variante *picadinho* na Região Norte<sup>3</sup>



Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 116).

A área dialetal formada por *picadinho* corresponde a uma parte do denominado falar amazônico proposto por Nascentes (1953), o que corresponde a um subfalar dentro de uma mesma região, confirmando a ideia de que os limites linguísticos não coincidem necessariamente com os limites geográficos dos estados ou de uma região, podendo ir além ou restringir-se a uma área geográfica menor.

O rótulo *carne ralada* é composto apenas pelas formas *carne ralada* e *boi ralado*, obtidas como segundas respostas<sup>4</sup>, podendo-se inferir, por meio do relato do informante 4 de Manaus, que a utilizou, que essa variante não se caracteriza como nortista:

<sup>3</sup> Nesta carta linguística a variante *picadinho* é representada pela cor azul.

<sup>4</sup> *Boi ralado* em Humaitá (ponto 008 – AM) e *carne ralada* em Manaus (ponto 006 – AM).

INQ.- Tem outro jeito de chamar essa carne aqui?

INF.- Não, tem gente que chama carne ralada, né, pessoal de fora, né, que vem de fora, do Sul. (006-4 – Manaus-AM)

Feitas essas considerações, observa-se que grande parte dos nortistas fazem uso majoritário de duas formas linguísticas, o que demonstra certa uniformidade lexical na região em análise no que tange ao referente aqui investigado.

Voltando o olhar para o outro extremo do país, a Região Sul, *carne moída* também se apresenta como a variante majoritária diante das outras formas documentadas, como é possível visualizar na Tabela 2.

**Tabela 2** - Produtividade das variantes documentadas na Região Sul para a questão 178  
– *carne moída*

VARIANTES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
carne moída / moída	147	72,77%
guisado	45	22,28%
boi ralado	4	1,98%
outras	4	1,98%
carne picada / picada	2	0,99%
Total	202	100%

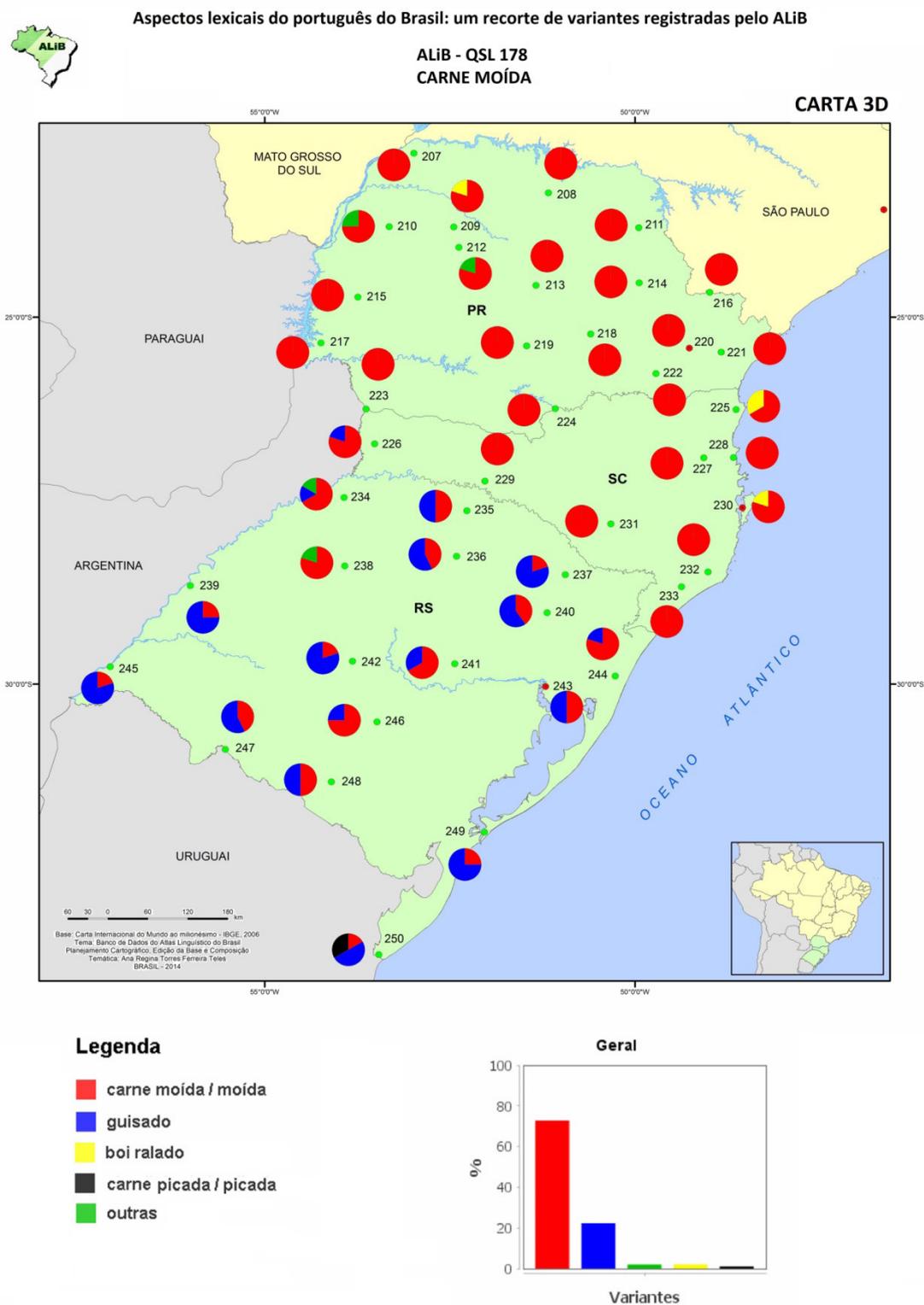
Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 121).

Diante dos dados apresentados na Tabela 2, verifica-se que a Região Sul totaliza 202 respostas, as quais distribuem-se por seus estados, a saber: 88 no Rio Grande do Sul, 70 no Paraná e 44 em Santa Catarina.

Nesse contexto, como já mencionado, *carne moída* é a forma mais produtiva pelos sulistas, totalizando 147 respostas e percentual de 72,77%. Perfazendo menos de um quarto das ocorrências, a segunda variante mais utilizada foi *guisado*, com 45 registros e 22,28%. E, com menos expressividade, também foram coletadas as formas lexicais *boi ralado* e *outras*, com quatro ocorrências cada (1,98%), e *carne picada*, somando duas respostas (0,99%).

Assim como para a Região Norte, foi elaborada uma carta linguística para averiguar a distribuição diatópica das variantes, a qual pode ser vista na Figura 3.

**Figura 3 – Distribuição diatópica das variantes de *carne moída* na Região Sul**

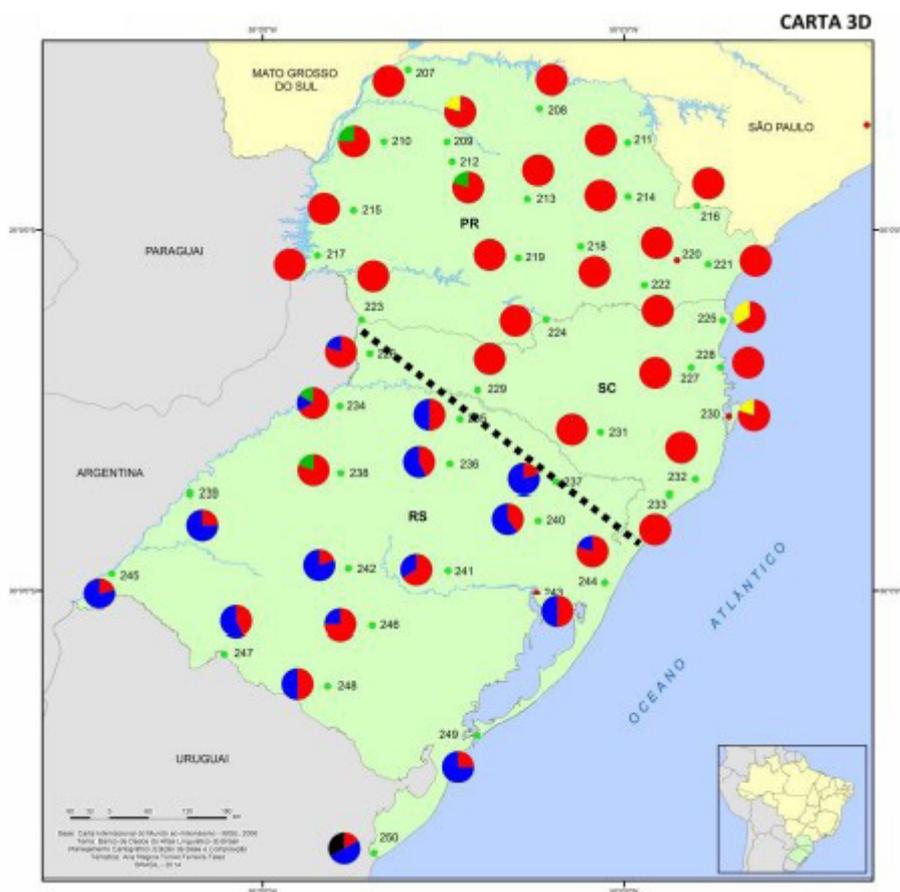


Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 207).

Na perspectiva diatópica, *carne moída*, forma mais recorrente na região, encontra-se distribuída por todo o Sul e presente em todas as localidades investigadas.

*Guisado*, por sua vez, revela-se como a variante mais produtiva entre os gaúchos rio-grandenses, representando 50% do total das respostas obtidas no estado, não sendo utilizada por nenhum informante apenas no município de Ijuí (ponto 238), onde *carne moída* foi a designação mais prolífica. Ainda sobre essa variante, observa-se uma arealização englobando todo o estado do Rio Grande do Sul e o Oeste de Santa Catarina, como pode ser constatado na Figura 4, na cor azul.

**Figura 4** – A realização da variante *guisado* na Região Sul



Fonte: Projeto ALiB. Elaborado por Chofard (2019, p. 122).

Diante da isoglossa traçada, infere-se a existência de subfalares, revelando a heterogeneidade linguística na região, o que vai, de certo modo, de encontro à proposta de um falar sulista homogêneo, de Nascentes (1953), e ao encontro da ideia posta por Koch (2000) e Altenhofen (2002; 2008) de que na Região Sul há, ao menos, duas grandes variedades

[...] que demarcam os territórios de uso [...] do português em contato: a variedade gaúcha (ou rio-grandense) e a paranaense, provavelmente mais próxima da idéia de “falar sulino” a que se refere Nascentes, uma vez que se pode hipotetizá-la como um prolongamento da variedade paulista (ALTENHOFEN, 2008, p. 11).

O denominado falar sul-rio-grandense (Romano, 2015) é uma variedade influenciada, em parte, pelo contato com o espanhol. No caso da variante *guisado*, trata-se de um empréstimo da língua hispânica, na qual também se registra idêntica lexia, porém com significado um tanto diverso: no espanhol *guisadade* significa *ensopado*, mas na variedade sulista significa molho feito com carne moída.

Além disso, observando que a área ocupada por *guisado* corresponde ao Rio Grande do Sul e ao oeste catarinense, verifica-se que essa forma lexical possivelmente se propagou com o deslocamento de gaúchos rio-grandenses, o que corrobora uma das hipóteses apresentadas por Altenhofen (2002) que diz respeito ao prolongamento do falar rio-grandense para o Oeste de Santa Catarina e, em alguns casos, para o Sudoeste do Paraná.

Em relação às variantes com menor expressividade, *boi ralado* foi documentada em uma localidade do Paraná (Terra Boa - 209-3) e em duas de Santa Catarina (São Francisco do Sul - 225-1, 225-3 e Florianópolis - 230-3).

As formas agrupadas em *outras*, a saber, *emprensada*, *batido*, *bisato* e *bisado*, configuram-se como respostas únicas na região e foram obtidas, respectivamente, nos pontos 210-4 (Umuarama-PR), 212-3 (Campo Mourão-PR), 238-4 (Ijuí-RS) e 234-3 (Três Passos-RS). Sobre a variante *batido*, é interessante destacar que ela foi caracterizada pela informante que a utilizou como uma forma rural, tendo em vista o modo como era preparada no sítio, podendo inferir que a baixa realização se justifica pelo fato de estar em desuso, tendo dado lugar a forma *carne-moída*, que é amplamente utilizada nos ambientes urbanos. A seguir, tem-se o comentário tecido:

INF.- Carne moída.

INQ.- Não tem outro nome?

INF.- É... no... lá no sítio chamava... por exemplo, batido, né, que lá geralmente batia, né, num era na máquina, aí chamava batido, né.

INQ.- Carne batida?

INF.- É carne batida. (212-3 – Campo Mourão-PR)

Por fim, as designações *carne picada* e *picada*, agrupadas sob mesmo rótulo, com uma ocorrência cada, foram documentadas em Chuí-RS (250-1 e 250-4).

Apresentadas as variantes obtidas nos dois extremos do Brasil, consultaram-se obras lexicográficas de referência para examinar se as variantes mais expressivas nas duas regiões em estudo encontram-se registradas. Assim, *carne moída*, que é a forma majoritária no Norte e no Sul, não está dicionarizada em nenhuma das obras consultadas, porém há entradas tanto para carne quanto para moído separadamente.

Em relação às formas *picadinho* e *guisado*, variantes que podem ser caracterizadas neste estudo como regionais, constata-se que ambas possuem entradas. *Picadinho* está presente tanto no dicionário Houaiss quanto no dicionário Aulete com as seguintes acepções: “1 picado em pequenos pedaços <carne bem p.> [...] 3 B guisado de carne em pedacinhos, ou moída, com ou sem molho” (HOUAISS, 2009, p. 1487) e “iguaria picada: picado miúdo: Picadinho de carne” (AULETE, 1980b, p. 2802). *Guisado*, por sua vez, é caracterizada por Aulete (1980a, p. 1813) como uma variante brasileira referente ao “picadinho de carne fresca ou de charque” e em Houaiss (2009) é mencionada como brasileirismo na acepção de *picadinho* e também, em entrada própria, como uma variante típica da Região Sul do Brasil.

Posto isso, verifica-se que, apesar de os dicionários não apresentarem acepção referente à forma mais produtiva no país, eles trazem as outras formas significativas de cada região. Ademais, vale ressaltar que Houaiss (2009) já demonstra preocupação em apresentar observações diatópicas, o que é de grande valia, tendo em vista a importância de os lexicógrafos trabalharem em parceria com dialetólogos e geolinguistas no intuito de contemplar este tipo de informação, o que proporciona uma descrição e documentação linguística mais rica e fiel à realidade existente.

### **Considerações finais**

Com base na análise apresentada, torna-se evidente que há diversas denominações para a carne depois de triturada na máquina, revelando que, mesmo existindo uma forma amplamente conhecida por todo o território nacional, há variantes regionais que, a exemplo de outros aspectos culturais, tornam-se parte da identidade de seus falantes e os fazem integrantes de uma mesma comunidade linguística.

Nesse contexto, este estudo, em consonância com o já apresentado por Chofard (2019), demonstrou que, em relação ao item 178 do Questionário Semântico Lexical do ALiB, há a forma *carne moída*, que se mostra como a variante majoritária e amplamente difundida por todo o país, e também formas lexicais típicas de determinadas regiões, como é o caso de *picadinho* e *guisado*, no Norte e no extremo Sul, respectivamente.

*Picadinho* recobre parte do Acre, do Amazonas, do Pará e do Amapá, formando, assim, uma área central da Região Amazônica que vai de leste a oeste e com maior intensidade no leste amazonense e no oeste paraense.

Já a área ocupada por *guisado* recobre o oeste catarinense e todo o território do Rio Grande do Sul, sendo mais intensa na região de fronteira com o Uruguai, o que corrobora com o fato de esta ser uma variante proveniente do contato linguístico existente entre os falantes do Brasil, país oficialmente de língua portuguesa, com os falantes de países de língua espanhola, como Uruguai e Argentina.

Por fim, ressalta-se que a cartografia possibilitou traçar isoglossas que mostraram algumas das possíveis áreas dialetais brasileiras, revelando que os falares sulistas e nortistas não são homogêneos e carecem de estudos específicos e aprofundados para que se tenha maior detalhamento de seus subfalares. Com esse estudo, contamos ter contribuído para ampliar o conhecimento da realidade e da diversidade linguística e cultural existente no Brasil.

## Referências

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo; ESPIGA, Jorge (Org.). *Español y português: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980a. v. 3.

AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980b. v. 4.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Vol. 2. Londrina: Eduel, 2014.

CARLOS, Valeska Gracioso. *O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai*. 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHOFARD, Amanda. *Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes documentadas pelo Atlas Linguístico do Brasil*. 2019. 247 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt a.M: TFM, 2000. p. 55-69.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991 Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RIBEIRO, Silvana S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*. 2012. 752 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 203-242.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Cento-Sul do Brasil*. 2015. 296 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. [SGVCLin] - *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

YIDA, Vanessa. *O campo semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais*. 2011. 191 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.



Data de submissão: 29/10/2020

Data de aceite: 29/06/2021

**DESIGNAÇÕES PARA *CURAU/CANJICA SEM COCO* E A TRANSIÇÃO ENTRE OS FALARES NORTISTA, NORDESTINO E CENTROESTINO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS DADOS DO ALIB E DO ALITETTO**

THE DESIGNATIONS FOR *CURAU/CANJICA WITHOUT COCONUT* AND THE TRANSITION AMONG NORTHERN, NORTHEAST AND MIDWEST SPEECHES: A COMPARISON OF ALIB AND ALITETTO DATA

Vanessa Yida | [Lattes](#) | [vanessayida@yahoo.com.br](mailto:vanessayida@yahoo.com.br)

Universidade Estadual de Londrina | Universidade Estadual do Norte do Paraná

Greize Alves da Silva | [Lattes](#) | [greize\\_silva@uft.edu.br](mailto:greize_silva@uft.edu.br)

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O milho, ao lado da soja, constitui boa parte do cultivo de grãos no território brasileiro e seu aproveitamento vai desde o consumo humano à fabricação de derivados, tais como álcool, amido, óleos, dentre outros. Sua ampla disseminação como base alimentar na cozinha brasileira data do Brasil Colônia, período em que o cereal era utilizado pelos sertanistas, uma vez que seu plantio é de fácil manejo e compõe fonte importante de carboidrato para as funções dos desbravadores e dos animais. Atualmente, o milho in natura é usado como base de vários pratos brasileiros, tanto doces como salgados; tais iguarias recebem, a depender da região, nomeações diversas. Nesse contexto, este artigo apresenta as designações para a iguaria doce comumente conhecida por *curau/canjica* (sem coco), documentadas a partir do questionamento aplicado pelos inquiridores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, em cotejo aos dados registrados no Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALiTETTO). O intuito geral do trabalho é o de averiguar a diatopia das designações e como o Tocantins, Estado que estabelece transição entre três regiões brasileiras, atua no conjunto de variantes. Para dar cumprimento ao objetivo, a partir das formas documentadas, foram elaboradas cartas diatópicas pontuais e um gráfico comparativo de produtividade. Em síntese, o Tocantins apresenta um comportamento dialetal distinto, singularizado em comparação ao conjunto das regiões analisadas, possivelmente resultante de sua formação humana.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия Pluridimensional; Projeto ALiB; ALiTETTO; Alimentação e Cozinha; *Curau/canjica sem coco*.

**Abstract:** The corn, just like the soy, is one of the main grain crops in Brazilian territory and its utilization goes from human consumption to derivatives manufacturing, such as alcohol, starches, oils, among others. Its wide dissemination as a food base in Brazilian cooking dates to colonial times, when the hinterland men used this cereal because of its planting is easy to manage and it is an important source of carbohydrate for the explorers and their animals. Currently, the corn is used as main ingredient for several Brazilian recipes, both sweet and salty; such delicacies receive, depending on the region, different nominations. In this context, this article presents the designations for the sweet delicacy commonly known as *curau/canjica* (without coconut), documented from the questionnaire applied by the inquirers of the Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) in the North, Northeast and Midwest regions, comparing to documented data in the Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALiTETTO). The main purpose of this essay is to investigate the diatopy of the designations and how the Tocantins, a state that establishes a transition among three Brazilian regions, operates in the set of variants. To fulfill the objective, based on the documented forms, specific diatopic maps and a comparative productivity graphic were created. In summary, Tocantins presents a distinct dialectal behavior, unique in comparison to the set of analyzed regions, possibly resulting from its human formation.

**Keywords:** Pluridimensional dialectology; ALiB Project; ALiTETTO; Food and cooking; *Curau/canjica* without coconut.

## 1 Introdução

O milho (*Zea mays L.*) constituía o cereal mais importante cultivado na América Pré-Colombiana; além de representar a identidade cultural de alguns povos, consistia em símbolo sagrado para astecas e maias (OLIVEIRA, 2012) e em base alimentar para os incas. Há aproximadamente 8.000 anos, após o estabelecimento do homem na América, variadas espécies voltadas à alimentação passaram a ser domesticadas e disseminadas pelo continente (FREITAS, 2001).

Estudos arqueológicos mais recentes sugerem que o milho descoberto no Brasil se origina do centro-sul mexicano (FREITAS, 2001). Conforme Freyre (1980) e Cascudo (2004), esse foi o único cereal encontrado pelos europeus no país. A sua disseminação teve, em um primeiro momento, a interferência ameríndia que passou a semeá-lo e a cultivá-lo; há inclusive notícias a respeito de uma lenda guarani, na qual o cereal repre-

senta o alimento essencial que salvaria a tribo em um período de escassez de alimentos (FERNANDES, 2004). Ainda segundo Cascudo (2004), seu modo de preparo e os pratos que surgiram a partir desse ingrediente sintetizam a mescla entre as culinárias indígena, africana e portuguesa, assentando a cozinha brasileira.

No que se refere à difusão dessa cultura em território brasileiro, notadamente no século XVIII, os bandeirantes desempenharam papel fundamental. O milho marcou participação na vida dos paulistas, na conquista de novos espaços, como um dos mantimentos principais para o consumo em expedições sertanistas e na colonização de outras regiões, conforme explica Basso (2012). Por se tratar de um alimento de fácil e rápido cultivo, durante suas incursões ao interior do Brasil, os bandeirantes foram semeando os grãos sertão adentro e voltando para colhê-los e consumi-los.

Na atualidade, o milho é o segundo produto agrícola mais importante no país<sup>1</sup> e os pratos elaborados a partir desse ingrediente marcam presença fundamental nas festividades populares, como as festas juninas, em especial no Nordeste, representando a miscigenação entre a cultura indígena (em receitas à base de milho, como a pamonha e a pipoca) e a religião de herança portuguesa, simbolizada pelos santos católicos (Santo Antônio, São João, São Pedro).

Tendo em vista a relevância do milho e das receitas produzidas a partir desse cereal no cenário da cultura nacional, no subtópico Semântico-Lexical (QSL) que consta dos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), são arroladas três questões buscando as diferentes denominações para *curau/canjica* com e sem coco (questões 179 e 180, respectivamente), produzidas a partir do milho verde, e para *canjica/mugunzá*, em geral, elaborada com o grão branco (questão 181), com foco na descrição da diversidade linguística do português brasileiro.

Isso posto, neste artigo, selecionamos a questão 180, cujas designações documentadas recobrem o conceito de *curau/canjica sem coco*, no intuito de verificar a distribuição diatópica das formas e como o Tocantins, Estado mais novo da região Norte, anteriormente pertencente ao Centro-Oeste, atua no conjunto dessas variantes. Assim, é discutida a distribuição geográfica das diferentes nomeações no território nacional a partir dos dados do ALiB em contraste com as designações registradas no ALiTTETO, *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (SILVA, 2018).

---

<sup>1</sup> Os principais grãos cultivados no Brasil são: soja, milho, arroz, café, trigo e feijão. Disponível em: <https://bra-agroquimica.com.br/brasil-assumira-dianteira-na-producao-de-graos/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Desse modo, na primeira seção, sistematizamos a relação entre o léxico e a cultura e a contribuição das pesquisas geolinguísticas, como o Projeto ALiB, no mapeamento e na descrição da diversidade linguística do português brasileiro. Na segunda seção, apresentamos a metodologia utilizada neste estudo, cotejamos e analisamos outras investigações com foco nas variantes para *curau/canjica sem coco* e, por fim, seguem as conclusões finais e as referências.

## **2 Léxico, cultura e a contribuição dos estudos geolinguísticos: o Projeto ALiB e o ALITETTO**

A partir da palavra, aspectos da realidade de uma língua podem ser identificados e nomeados, dadas as necessidades do falante (BIDERMAN, 1998). Assim, as palavras tornam-se tesouros de uma cultura, sendo transmitidas através das gerações, como espólio herdado e transmitido. Ao se reportar à hipótese de Sapir-Whorf, Biderman continua: “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas” (BIDERMAN, 1998, p. 93). Desse modo, o léxico de uma língua transparece a cultura de um povo, a “experiência coletiva acumulada na comunidade” (BIDERMAN, 1998, p. 95), que vê e interpreta o mundo de modo particular, consoante o ambiente social e físico que o permeia, conforme Sapir (1969). Por intermédio da nomeação, o homem manifesta sua essência linguística, o modo como abstrai e designa os objetos e seres do mundo, o universo significativo.

A intrínseca relação entre a língua, a cultura e sociedade está refletida no léxico, o nível linguístico que exprime as modificações das estruturas sociais; no modo como uma sociedade lê e interpreta o mundo e passa a representá-lo por meio desse inventário. Dessa maneira, no estudo do léxico de uma língua, importa observar a história da comunidade linguística<sup>2</sup>, seus costumes, o ambiente em que reside, sua mobilidade espacial, os outros grupos humanos com quem teve contato. Em suma, características sócio-históricogeográficas e culturais podem ser recuperadas a partir do estudo do léxico de determinada comunidade.

No que se refere ao léxico dialetal, ou seja, o conjunto de variantes que “identificam áreas demarcadas geolinguisticamente e que singularizam o vocabulário regional” (ISQUERDO, 2016, p. 135), a presença ou a ausência de uso de determinadas formas

---

<sup>2</sup> Adotamos *comunidade linguística* ou *comunidade de fala* como aquele grupo de falantes que compartilha um conjunto de normas linguísticas e atitudes sociais em relação à língua (LABOV, 2008 [1972]).

pode ser motivada pela manutenção ou desaparecimento de hábitos culturais em comunidades linguísticas. Assim, incidem nas especificidades lexicais de um grupo fatores linguísticos e extralinguísticos; dentre os últimos, destacam-se a influência do deslocamento populacional e dos movimentos migratórios, difundindo novos hábitos e valores e, em contrapartida, a escolarização e o acesso a meios de comunicação que atuam na padronização linguística.

No intuito de descrever essas formas que caracterizam e identificam determinadas comunidades linguísticas que partilham uma mesma área geográfica, a Geolinguística, por meio das cartas linguísticas, busca mapear os dados dialetais registrados por esses grupos, fornecendo informações sobre o uso e a disseminação das variantes, além de possibilitar, em nível lexical, estudos a respeito de suas particularidades étnico-histórico-culturais, dentre outras.

Nesse cenário dos estudos geolinguísticos, destaca-se o Projeto ALiB, de caráter nacional, que objetiva a confecção de um atlas linguístico geral, descrevendo e mapeando a realidade linguística no Brasil, no que diz respeito a aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos do português brasileiro. No que concerne aos dados das capitais, os primeiros resultados do referido projeto encontram-se publicados em Cardoso et al. (2014a, 2014b). Trata-se, pois, de um atlas linguístico pluridimensional, conforme esclarece Mota (2014):

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) insere-se no quadro metodológico da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, contemplando, além do parâmetro diatópico, outros parâmetros variacionais (diatrático, diageracional, diafásico, diassexual ou diagenérico) e se configura como um atlas de terceira geração [...] (MOTA, 2014, p. 79).

Assim, na identificação, descrição e análise dos fenômenos linguísticos, além do parâmetro distribuição espacial, somam-se o controle de variáveis sociais, tais como o sexo, a faixa etária e a escolaridade. Especificamente, são, no total, 1.100 informantes (900 em pontos do interior e 200 nas capitais), sendo distribuídos equitativamente em sexo - masculino e feminino - e faixa etária - faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos) -, sendo acrescida à seleção de informantes das capitais a estratificação escolaridade (fundamental incompleto e superior). No que se refere especificamente à diatopia, foram considerados apenas informantes topoestáticos, nascidos na região linguística em pesquisa, com pais preferencialmente também naturais da mesma localidade, em contraste à diatopia

topodinâmica, aplicada no *Atlas Lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay* (ADDU) (ELIZAINCÍN; THUN, 2000) e, a título de exemplo, no *Atlas lingüístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (ALITTETO) (SILVA, 2018). Em síntese, no que corresponde ao léxico e à cultura, os dados do ALiB possibilitam o traçado de uma visão geral dos fenômenos linguísticos, além de subsidiar inúmeros estudos mais específicos, delimitados em extensões territoriais mais restritas, como os atlas estaduais e os de pequeno domínio.

*Exempli gratia*, no que concerne aos estudos com base em dados do ALiB na Região Norte, Romano (2020) descreve os designativos para a *mandioca comestível* e para a *mandioca brava*, respectivamente, questões 50 e 51 do QSL dos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001). Foram levantados dados do Projeto coletados em 24 localidades (duas no Amapá, uma em Roraima, cinco no Amazonas, dez pontos no Pará, dois no Acre, dois em Rondônia e dois no Tocantins), em conformidade ao já mencionado perfil de informantes do ALiB nas capitais e interior, à exceção da capital do Tocantins, Palmas, que, devido à metodologia do Projeto, foi excluída da amostra por sua criação mais recente. Diante desse *corpus*, foi realizado um recorte, a fim de padronizar o perfil de informantes, selecionando os com nível de escolaridade fundamental, perfazendo a fala de 96 informantes. De modo geral, ao comparar a distribuição diatópica das variantes nas duas questões, o autor averiguou, nos resultados para a questão 50, a predominância para *macaxeira* em praticamente toda a Região Norte, com menor incidência no Tocantins, Estado no qual a forma mais produtiva é *mandioca*, com alguma ocorrência de *aipim*. No que tange aos resultados documentados para a questão 51, observou a predominância do designativo *mandioca brava* em dados tocantinenses, destoando da norma lexical registrada predominantemente na região nortista, em que a variante eleita é *mandioca*. Afinal, o pesquisador conclui que tal dessemelhança na incidência de variantes no Tocantins em relação aos resultados da Região Norte pode ser fruto do processo de povoamento e ocupação do Estado, bem como em decorrência de fluxos migratórios.

Sobre o ALITTETO, cabe destacar que esse atlas é fruto direto das vertentes teórico-metodológicas do ALiB instituídas para a Dialetoleologia brasileira a partir de 1996, sobretudo no que se refere a um perfil diageracional e diassexual, além da formulação de um completo instrumento de coleta. Neste sentido, esse estudo contempla em sua estrutura as mesmas variáveis sexo e idade. No entanto, enquanto o ALiB ocupa-se do perfil de informantes autóctones, o ALITTETO trabalha com o padrão diatópico-cinético, ou seja, contrasta as variantes coletadas pelo grupo estático na localidade com os registros dos

falantes procedentes de migração/deslocamentos. Nesse sentido, em cada localidade foram inquiridos oito informantes (números de 01 a 08); os quatro primeiros são os perfis estáticos, enquanto os de 05 a 08 são informantes migrantes em relação às 12 localidades<sup>3</sup> selecionadas. No cômputo geral, o *corpus* da pesquisa é constituído por 96 informantes.

Sobre a comparação dos dados do ALiB com os do ALITTETO, no que tange ao doce de milho em análise, cabem algumas considerações. Nascentes, em duas importantes obras, *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958; 1961) e *O linguajar carioca* (1953), enxergava o antigo norte de Goiás<sup>4</sup>, atual Tocantins, com características dialetais distintas, pois, na primeira obra institui seis localidades a serem inquiridas num possível atlas nacional<sup>5</sup>; já na segunda, insere o norte goiano como ponto de transição entre três subfalares (amazônico, nordestino e baiano), enquadrando-o também em sua faixa sudoeste ao território incaracterístico.

Além dos aspectos mencionados, no ALiB apenas duas localidades foram incluídas em sua rede de pontos: Pedro Afonso e Natividade, dadas as características metodológicas adotadas por esse Projeto. Nesse sentido, analisar, juntamente com o ALiB, como o Tocantins se comporta em termos lexicais, é de importância para se verificar os limites espaciais de variantes, tendo em vista que o Estado em questão atua como ponto de transição entre os falares de Nascentes e, geograficamente, como trajetória limítrofe entre o Norte, o Nordeste e o Centro-Oeste. Decorre daí a importância de atlas com objetivos regionais em contraste com um atlas nacional como o instituído pelo ALiB em 1996.

Delineada a relação entre léxico, cultura e a contribuição dos estudos geolinguísticos abrangentes como o Projeto ALiB e do ALITTETO, na seção a seguir foi cotejada a disseminação espacial das variantes nos dois estudos para o referente em pauta.

### **3 Análise da distribuição diatópica das variantes para *curau/canjica sem coco***

Neste tópico analisamos a distribuição diatópica das variantes obtidas como respostas à pergunta: *como se chama a papa de milho verde ralado, sem coco* nos dois trabalhos

---

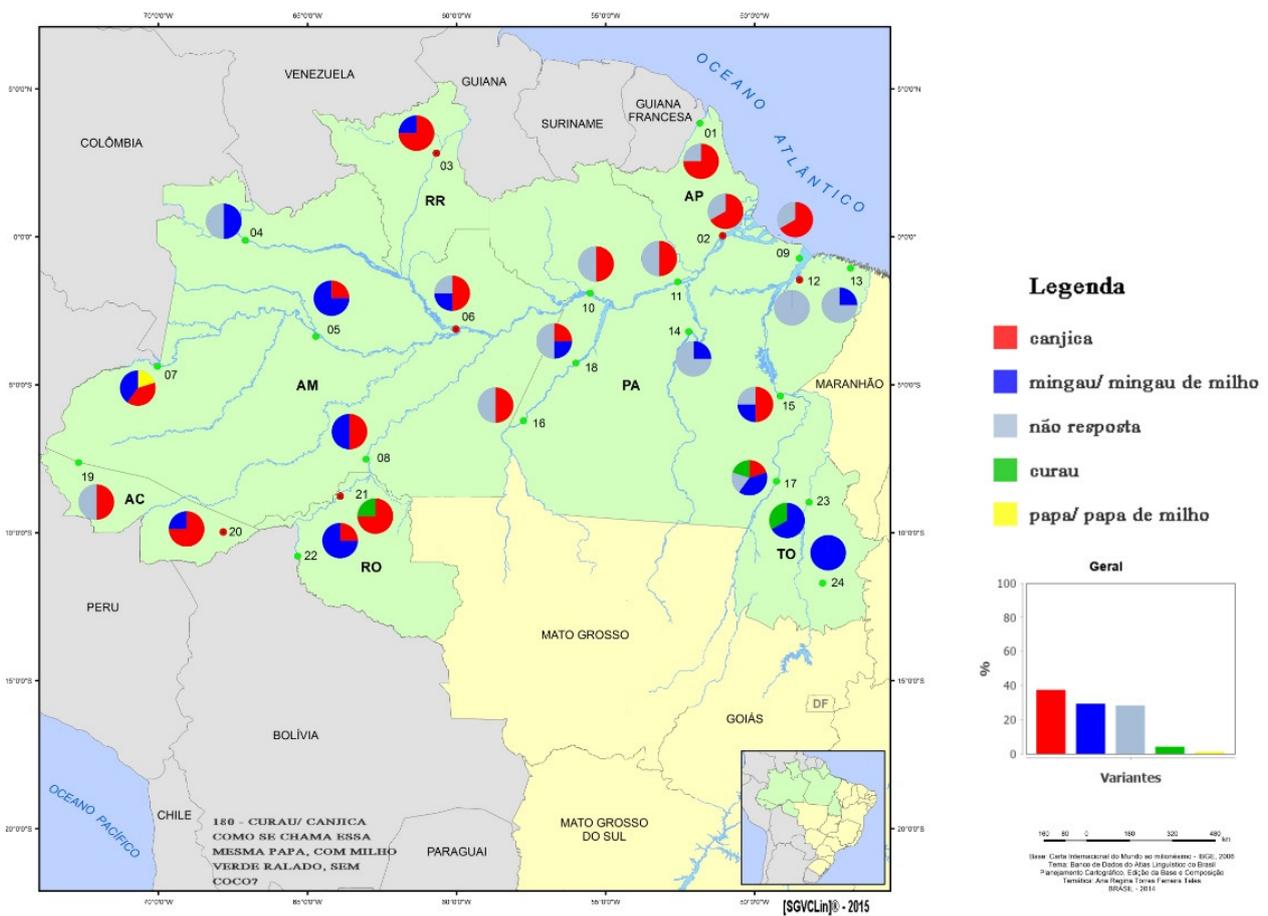
<sup>3</sup> Quanto às localidades, no Tocantins, foram escolhidas 12, segundo os critérios histórico-social e político-geográfico, são elas, em sentido norte-sul: Araguatins, Tocantinópolis, Araguaína, Araguacema, Pedro Afonso, Palmas, Porto Nacional, Mateiros, Gurupi, Formoso do Araguaia, Natividade e Paranã.

<sup>4</sup> O atual Tocantins fez parte do Estado de Goiás até 1988, desmembrado e instituído como unidade federativa por ocasião da Constituição Federal. No entanto, movimentos separatistas sempre fizeram parte da tônica do espaço.

<sup>5</sup> São elas: 574 – Palma (Bom Jesus da Palma – atual Paranã); 576 – Peixes; 577 – Porto Nacional; 578 – Pedro Afonso; 579 – Pedra de Amolar; e 580 – Tocantinópolis.

geolinguísticos em foco. As duas primeiras cartas linguísticas versam sobre os conceitos registrados a partir da pesquisa realizada com os dados do ALiB e defendida por Yida (2019), junto a 408 informantes, distribuídos em 102 localidades das regiões Norte e Nordeste. A terceira carta apresenta os dados do ALITETO junto aos 96 informantes, em 12 localidades específicas do Tocantins<sup>6</sup>.

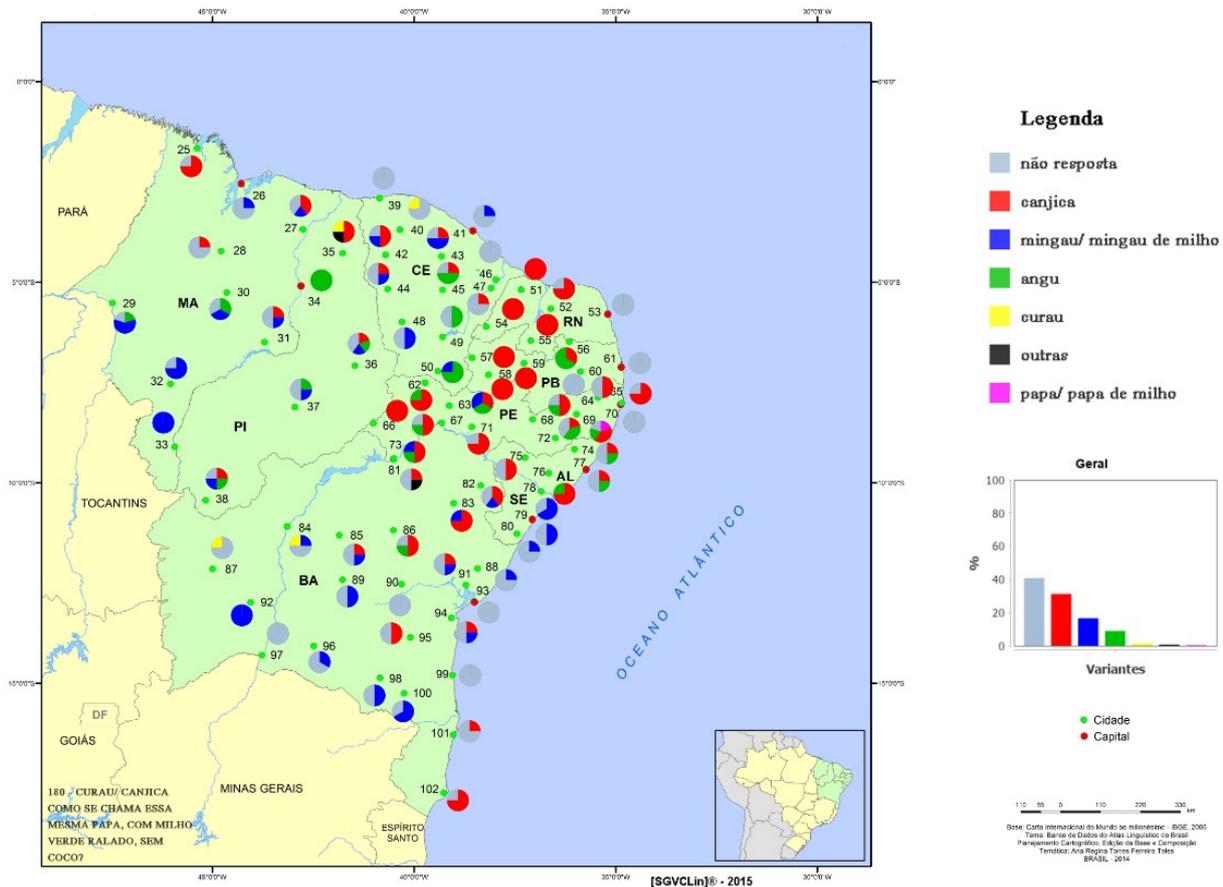
**Figura 1** – Distribuição diatópica pontual das variantes coletadas para a “papa cremosa feita de milho verde ralado (sem coco)” na Região Norte



Fonte: Base de dados do ALiB (YIDA, 2019).

<sup>6</sup> Na tese defendida em 2018, Silva trabalhou com um recorte dos dados envolvendo questões fonéticas e lexicais. No segundo nível, foram trabalhados os seguintes campos semânticos: Frutas e Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Jogos e Diversões Infantis e Vestuário e Acessórios. Ou seja, o subtópico “Alimentação e Cozinha” constitui-se como inédito em termos analíticos e seus dados ainda não foram publicados.

**Figura 2** – Distribuição diatópica pontual das variantes coletadas para a “papa cremosa feita de milho verde ralado (sem coco)” na Região Nordeste



Fonte: Base de dados do ALiB (YIDA, 2019).

Como podemos notar, a forma predominante nas regiões Norte e Nordeste (Figura 1 e Figura 2), junto aos informantes do ALiB, foi *canjica*: 37,37% para a primeira e 31,23% para a segunda. Diatopicamente, *canjica* está centrada ao norte do espaço de pesquisa, principalmente nas localidades acima do rio Amazonas, depois irradia para localidades mais extremas, para Rondônia e para o Acre, por exemplo. Notamos também que a variante em apreço forma áreas de ocorrência no Nordeste brasileiro (Figura 2), sobretudo nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e norte da Bahia.

Em consequência do número elevado de abstenções, consideramos o item “não resposta” na cartografia, tendo em vista que interessa, na comparação dos dados geolinguísticos, não somente o registro das formas linguísticas, mas também a verificação de sua ausência, consoante expõe Cardoso (2010). No cenário linguístico em foco, as não

respostas podem sinalizar um desconhecimento do referente por parte dos informantes quanto à utilização do milho em pratos doces e, nomeadamente, o costume de acrescentar coco à receita descrita. Importa, diante desse panorama, levar em consideração que há situações que indicam que a influência do fator cultural resulta no desconhecimento pelo informante de alguns referentes, por não fazer parte dos usos e costumes regionais. Nesse sentido, foram consideradas abstenções as respostas em que os informantes relataram ser praxe inserir o coco na receita descrita no *caput* da questão 180, pois entendemos que, a depender dos hábitos da localidade em que o falante reside, pode haver ou não o costume de inserir coco na receita, fator que incide no registro ou não de resposta à questão. Assim, os resultados percentuais obtidos a partir da aplicação da questão 180 indicaram um elevado índice de não respostas, sobretudo no Nordeste, perfazendo 40,86%, enquanto no Norte o índice foi de 28,28%.

Em seguida, *mingau/mingau de milho* ocorre em forma de dois macroagrupamentos; o primeiro a oeste do território nortista e o segundo em sentido leste, iniciado pelo sul do Pará, perpassando o Tocantins<sup>7</sup> e adentrando a parte sul maranhense, o Piauí, a Bahia e o Sergipe. Respectivamente, nas duas regiões foram auferidas 29,29% no Norte e 16,61% no Nordeste para o agrupamento *mingau*.

*Curau* ocorreu em três localidades nortistas: Porto Velho (RO), Conceição do Araguaia (PA) e Pedro Afonso (TO), com índice de citação de 4%. No Nordeste, foi documentado no Ceará, Piauí e na Bahia, com 1,33%. Este item, como se verá mais adiante, constitui norma<sup>8</sup> em outras regiões brasileiras.

Com apenas duas citações, *papa/papa de milho* foi coletada em Benjamin Constant (AM) e em Caruaru (PE).

*Angu* foi registrado apenas no Nordeste brasileiro, perfazendo 8,97%, evidenciando a formação de área dialetal, conforme descrição de Yida (2019), posto que:

[...] apresentou-se balizada por isoléxica, compreendendo a maioria das localidades alagoanas e pernambucanas, além dos pontos interioranos pernambucanos, cearenses e piauienses e maranhenses, com alguma incidência na Bahia e Paraíba (YIDA, 2019, p. 177).

Pelos dados aqui representados, depreendemos que as duas formas predominantes

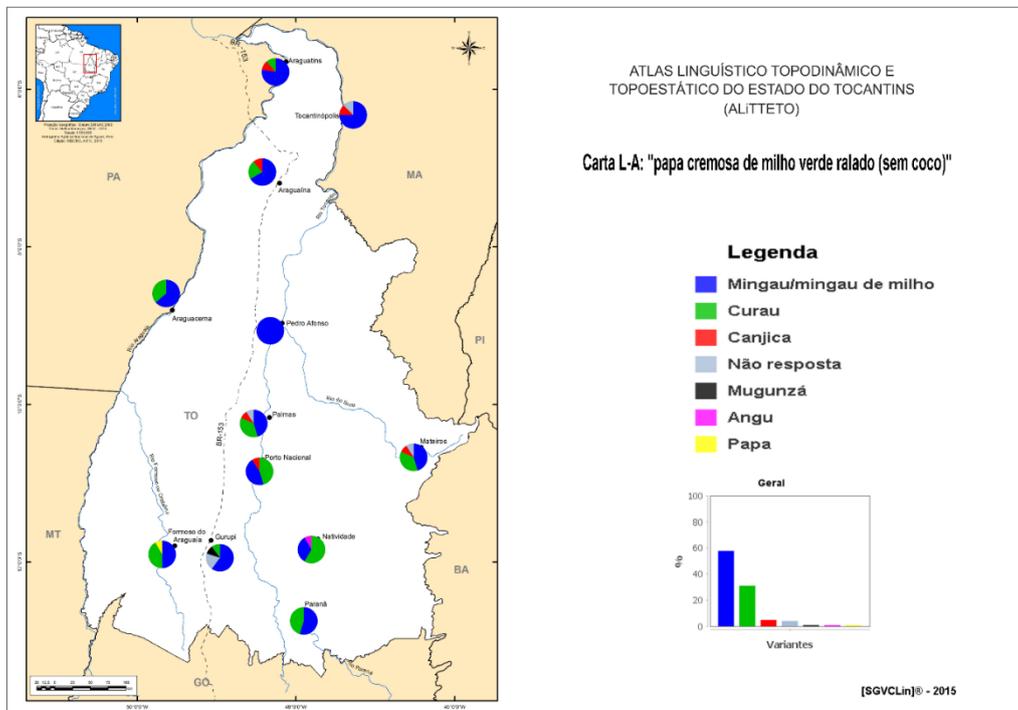
<sup>7</sup> Cabe lembrar que o ALiB coletou dados em duas localidades tocantinenses: Pedro Afonso e Natividade.

<sup>8</sup> Neste artigo, trabalhamos com o conceito de *norma* em conformidade com Coseriu (1987); consoante o estudioso, a norma constitui o que já se disse e habitualmente se diz em uma comunidade linguística; corresponde ao uso normal, às realizações comuns que caracterizam e singularizam o falar de uma comunidade.

nos dados do ALiB concorrem na metade norte do território brasileiro: *canjica* e *mingau/ mingau de milho*.

No caso do Tocantins, especificamente, evidencia-se uma situação um tanto divergente quanto à hegemonia de *canjica* no conjunto dos falares nortistas e nordestinos, uma vez que nesse Estado predomina o agrupamento *mingau/mingau de milho* (57,7%), seguido de *curau* (30,9%), *canjica* (4,9) e demais variantes (2,4%), conforme cartograma específico do Atlas estadual tocantinense ALiTTETO a seguir.

**Figura 3** – Distribuição diatópica pontual das variantes coletadas para a “papa cremosa feita de milho verde ralado (sem coco)”<sup>9</sup>



Fonte: Base de dados do ALiTTETO (SILVA, 2018).

O índice de abstenções no Tocantins foi de 4%, ou seja, apenas cinco informantes não souberam responder ao questionamento, número bem distinto do apresentado nas regiões Norte e Nordeste pelo ALiB (Nordeste: 40,86%, Norte: 28,28%), o que pode

<sup>9</sup> No ALiTTETO trabalhamos com dois grupos de informantes, os nascidos na localidade de pesquisa (topoestáticos) em contraste com os habitantes procedentes de migração (topodinâmicos). Na presente análise, usamos na cartografia as respostas fornecidas por ambos os grupos, posto que as preferências lexicais de topodinâmicos e topoestáticos são as mesmas: *mingau/mingau de milho*, seguida de *curau* e *canjica*, não sendo assim a variável “mobilidade” fator preponderante nesses dados.

indicar que a utilização do milho na confecção de receitas doces sem a utilização do coco seja mais conhecida dos informantes presentes no território em questão.

Diatopicamente, no Tocantins, notamos que *canjica*, terceira variante em números percentuais, ocorre de forma esparsa em algumas localidades, tais como: Araguatins, Tocantinópolis e Araguaína (extremo norte do território), Palmas, Porto Nacional (centro) e Mateiros (leste), não demonstrando aparente conexão histórico-social entre elas, tampouco a formação de áreas passíveis de serem delimitadas por isoléxicas<sup>10</sup>.

A forma hegemônica no Tocantins é *mingau/mingau de milho* (57,7%), coletada nas 12 localidades, com maior incidência nas situadas no centro-norte do Estado; na metade centro-sul concorre com *curau* (30,9%), segunda variante em termos percentuais.

Temos ainda, com baixa incidência para *mugunzá*, *papa* e *angu* – 0,81% cada, em localidades mais sulistas.

Nesse sentido, com os dados aqui dispostos, comparando-se as distribuições diatópicas das variantes demonstradas nas Figura 1, Figura 2 e Figura 3, apesar de o Tocantins apresentar as mesmas três variantes principais na questão em observação, os percentuais apresentados, quando comparados à Região Norte, por ordem de ocorrência, e à Região Nordeste<sup>11</sup>, não evidenciam que o Tocantins esteja atrelado a uma dessas duas normas. Esta constatação é distinta da apresentada por Silva (2018), cujo recorte, com dados oriundos de, pelo menos, cinco outros campos semânticos<sup>12</sup>, demonstra uma tendência lexical tocantinense com o Nordeste brasileiro, conforme indicativo a seguir.

Na região Sudeste, por exemplo, espaço mais antigo do atual Tocantins, mostramos a formação de consistentes isoléxicas, espaço esse diretamente ligado a três estados nordestinos: Bahia, Sergipe e Ceará. Sendo assim, cremos que a norma típica, pelo menos no que subjaz à região Sudeste, possui tendência ao Nordeste, à Bahia especialmente.

No que se refere a uma possível identificação com o Centro-Oeste, região de origem do Tocantins, Goiás principalmente, cabe destacar que os dados evidenciaram que há pouca assimilação linguística com o estado progenitor, o que pode ser explicado por fatores de formação do espaço norte, com identificação nortista e nordestina desde os primórdios, fato que levou os aspectos linguísticos do Tocantins a se diferenciarem consideravelmente de Goiás (SILVA, 2018, p. 200-201).

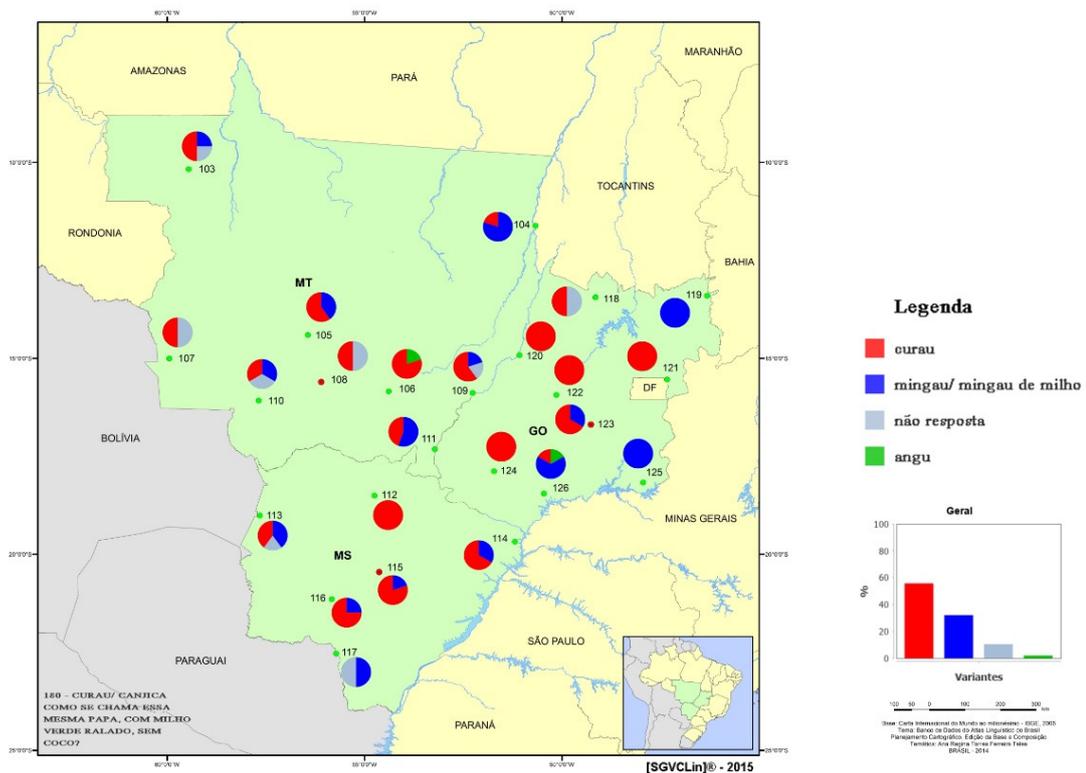
<sup>10</sup> Linha imaginária que marca uma fronteira linguística entre duas variantes regionais com base num traço de natureza lexical (CRYSTAL, 1980).

<sup>11</sup> Região Norte, por ordem de ocorrência, *canjica*, *mingau/mingau de milho* e *curau* e Região Nordeste: *canjica*, *mingau/mingau de milho* e *angu*.

<sup>12</sup> Frutas e Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Jogos e Diversões Infantis e Vestuário e Acessórios.

Seria a questão culinária fator de aproximação dialetal do Tocantins com seu Estado progenitor Goiás? Neste sentido, a cartografia com os dados do ALiB (YIDA, 2019) no Centro-Oeste pode nos fornecer alguns indicativos, junto aos 96 informantes distribuídos em 24 localidades.

**Figura 4** – Distribuição diatópica pontual das variantes coletadas para a “papa cremosa feita de milho verde ralado (sem coco)” na Região Centro-Oeste



Fonte: Base de dados do ALiB (YIDA, 2019).

Notamos nessa região predominância da variante *curau* (55,66%), seguida por *mingau/ mingau de milho* (32,08%), abstenções (10,38%) e *angu* (1,89%).

Sobre a ocorrência de *mingau/ mingau de milho*, norma no Tocantins, notamos que a variante ocorre em segundo lugar nos dados centroestinos, com diatopia esparsa, distribuídos nas divisas estaduais, Goiás com Tocantins, Goiás com Minas Gerais, Mato Grosso do Sul com São Paulo. Já *curau*, variante mais citada nesses dados, encontra-se centralizada pelo espaço de pesquisa.

Ou seja, nos dados dispostos, não podemos afirmar que o Tocantins pertence, neste quesito, a uma norma da região Centro-Oeste, podendo indicar o que Romano (2020)

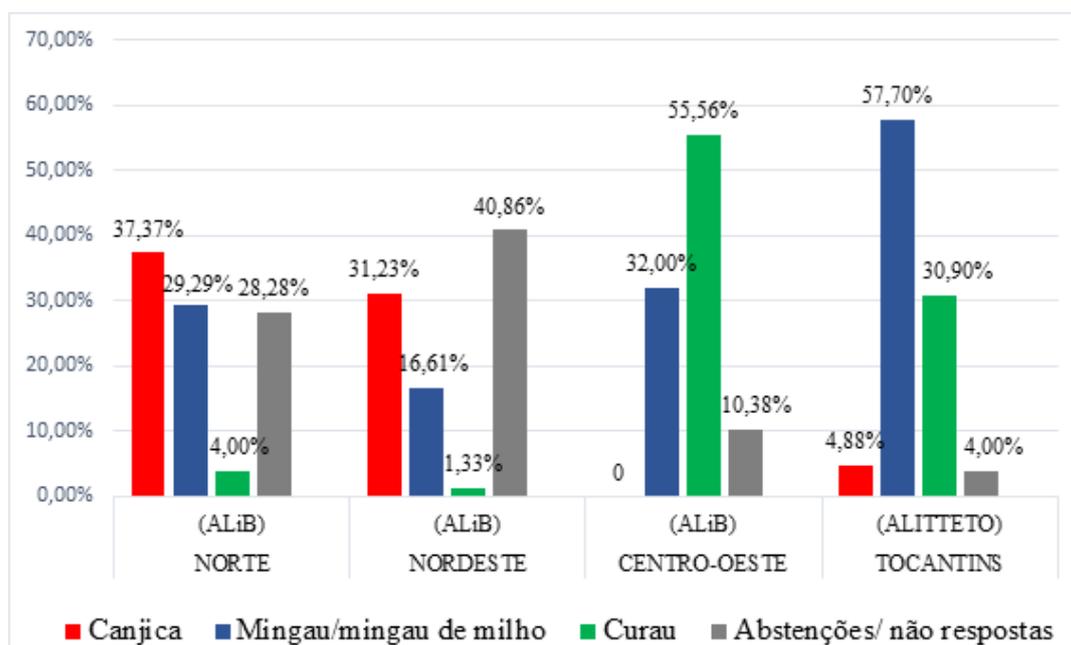
assenta em seu estudo sobre a forma gradual de disseminação de variantes na formação de áreas de ocorrência:

Isso leva à reflexão de que em termos práticos, o estabelecimento de áreas linguísticas ou áreas dialetais não se dá de forma abrupta, mas sim de forma gradual podendo-se defender a ideia da existência de continuum dialetal ou continua dialetais nos territórios (ROMANO, 2020, p. 99)

Ou seja, apesar da existência de extensas áreas que se caracterizam pelo uso de determinadas formas lexicais, há, dentro dessas macrorregiões, a presença de microáreas com comportamentos dialetais distintos, a depender dos fatores sócio-históricos de formação do espaço.

No tocante às três formas mais citadas nos *corpora* do ALiB e do ALiTTETO, organizadas no Gráfico 1, cabem algumas considerações:

**Gráfico 1** – Ocorrências das três principais variantes citadas no ALiB e no ALiTTETO distribuídas por regiões geográficas



Fonte: Elaboração das autoras a partir dos dados do ALiB (2019) e do ALiTTETO (2018).

*Canjica* marca o Norte e o Nordeste, enquanto no Tocantins ocorre com pequeno percentual e sem citações no Centro-Oeste, ou seja, a variante perde intensidade no espaço tocantinense para outra variante.

*Mingau/mingau de milho* é registrado nas três regiões, com percentuais distintos, com menor incidência no Nordeste, seguido de modo crescente pelo Norte e Centro-Oeste, passando com intensidade pelo TO com quase 58%, constituindo norma neste Estado, enquanto *curau* demarca os estados que compõem o Centro-Oeste.

Por fim, notamos que os índices de não respostas são importantes indicativos sobre o conhecimento ou o desconhecimento dos informantes sobre o referente *curau/canjica sem coco*. A região em que os informantes demonstraram mais desconhecimento foi a Nordeste, seguido pelo Norte e pelo Centro-Oeste.

O Tocantins, ponto de transição entre as três regiões citadas, evidencia o menor índice de não respostas aqui dispostos, indicando que a elaboração da receita descrita em que o milho é ralado e depois cozido com açúcar constitui prato recorrente e conhecido nas localidades que compõem o Estado.

### **Considerações finais**

O campo lexical da alimentação e cozinha traz particularidades importantes para a compreensão dos veios sociodialetais e culturais brasileiros impressos na língua. Assim, o item *curau/canjica sem coco* selecionado para este trabalho constitui uma das importantes bases alimentares brasileira, cujas denominações atrelam-se às nossas origens indígenas, africanas e portuguesas.

Nesse sentido, figura a importância do Projeto Atlas Linguístico do Brasil que, por meio de uma coleta sistemática de dados, possibilita a realização de micro e macroanálises nos vários níveis da língua. Cabe também destacar que o ALiB é o responsável por instituir as bases teórico-metodológicas do fazer dialetológico em solo brasileiro.

Assim, como fruto direto das vertentes estabelecidas pelo ALiB, temos o *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins*, atlas estadual/regional que fornece o *zoom* necessário em uma realidade específica, com a ampliação da rede de pontos e com metodologia baseada no ALiB, somadas à inclusão da variável mobilidade em sua confecção, tendência de nossas incorporações teórico-metodológicas para a descrição de realidades plurais.

Sobre os dados lexicais, nosso estudo aponta que o léxico é importante para a compreensão dos fatores de difusão dialetal em diferentes regiões. Assim, notamos que, no que se refere aos dados tocantinenses, a depender do campo semântico em análise, ora as variantes demonstram maior propensão a uma região, ora atrelam-se a outra.

No caso específico da questão 180, tanto as regiões Norte como Nordeste possuem semelhanças dialetais, a julgar pela predominância da variante *canjica*. Neste caso,

o Tocantins atua como zona interseccionada entre os dois espaços citados e o Centro-Oeste, com predomínio no TO do agrupamento *mingau/mingau de milho*. Os resultados documentados no Centro-Oeste, por seu turno, indicam o início do predomínio da variante *curau* que marca as regiões Sudeste e Sul.

Em suma, sobre nosso intento geral, no que se refere à verificação da diatopia das designações e como o Tocantins atua no conjunto das variantes, conclui-se que o Estado se distancia das predominâncias lexicais das três regiões geográficas analisadas. Tal comportamento dialetal distinto pode ser decorrente da própria formação populacional do espaço, com a inclusão dos elementos humanos oriundos majoritariamente do Norte, Nordeste e do Centro-Oeste e, com menor preponderância, do Sudeste e Sul, fator que possivelmente incide na singularização de sua norma.

### Referências

- BASSO, R. A. *A cultura alimentar paulista: uma civilização do milho? (1650-1750)*. 2012. 216f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- BIDERMAN, M. T. Dimensões da palavra. In: *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1998. p. 81-118.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Introdução. v.1. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Cartas Linguísticas. v.2. Londrina: EDUEL, 2014b.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CASCUDO, C. *História da Alimentação no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Global, 2004.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. *Questionários*. Londrina: EDUEL, 2001.
- COSERIU, E. A geografia linguística. In: COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-116.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980.

ELIZAINCÍN, A.; THUN, H. *Atlas Lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay* (ADDU). v. 1. Kiel: Westensee Verlag, 2000.

FERNANDES, C. *Viagem gastronômica através do Brasil*. São Paulo: Editora Estúdio Sonia Robatto, 2004.

FREITAS, F. de O. *Estudo genético-evolutivo de amostras modernas e arqueológicas de milho* (*Zea mays mays*, L.) e *feijão* (*Phaseolus vulgaris*, L.). 2001. 125f. Tese (Doutorado em Agronomia). Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2001.

FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 20. ed. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio Editora/INLMEC, 1980. [1933].

ISQUERDO, A. N. Herança lusa na toponímia de municípios da região Norte do Brasil: perspectivas linguísticas e sócio-históricas. In: *Actes du XXVII Congrès international de linguistique et de philologie romanes*. Section 5: Lexicologie, phaséologie, lexicographie. Nancy: ATILF, 2016, v.5, p. 315-328.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MOTA, J. A. Percursos metodológicos: questionários e informantes. In: CARDOSO, S.A.M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Introdução. v.1. Londrina: EDUEL, 2014, p. 79-93.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, vol.1, 1958. Vol. 2, 1961.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, L. de. *Sabor: identidades cultural e alimentar de astecas e maias*. *Geograficidade*. v. 2, n. 2, 2012, p. 50-57. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3987533>. Acesso em: 2 nov. 2020.

ROMANO, V. Macaxeira e mandioca na Região Norte do Brasil em uma perspectiva diatópica nos dados do Projeto ALiB. *Revista Porto das Letras*. v. 6, n. 3, 2020. p. 78-103. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9856/17553>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SAPIR, E. *A linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SILVA, G. A. da. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

YIDA, V. *Normas lexicais no português brasileiro: uma descrição de regionalismos nos dados do campo semântico da Alimentação e cozinha do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. 2v.



Data de submissão: 30/11/2020

Data de aceite: 30/06/2021

## **ESTUDO DE ITENS LEXICAIS PERTENCENTES À FAUNA NOS ATLAS LINGUÍSTICOS DE ALAGOAS E PERNAMBUCO: EM BUSCA DE CONVERGÊNCIAS**

STUDY OF LEXICAL ITEMS BELONGING TO THE FAUNA ON THE LINGUISTIC  
ATLASES OF ALAGOAS AND PERNAMBUCO: IN SEARCH OF CONVERGENCES

Edmilson José de Sá | [Lattes | edmilson.sa@aesa-cesa.br](mailto:edmilson.sa@aesa-cesa.br)  
Centro de Ensino Superior de Arcoverde

**Resumo:** Este artigo analisa as denominações relacionadas a itens lexicais pertencentes à fauna, em atlas linguísticos construídos em dois estados do Nordeste, considerando as variantes mais acentuadas nesses estados. Desse modo, escolheu-se cotejar os dados do referido campo semântico no Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (DOIRON, 2017) e no Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2016) com obras lexicográficas e textos a fim de auxiliar na identificação de categorias motivacionais para a variação lexical nos falares pernambucano e alagoano, de modo a perceber convergências e divergências entre eles. A análise permitiu constatar a existência de variantes para *joão-de-barro*, *gambá* e *libélula* que representam marcas específicas dos falares dos dois estados, somadas ao que fora observado em outras partes do Nordeste e extrapolando as suas fronteiras. Cabe, então, considerar as acepções regionalistas provenientes da cultura e das crenças dos falantes, dos quais são transmitidos, conservados e desenvolvidos valores característicos da sua língua materna.

**Palavras-chave:** Fauna; Atlas Linguísticos; Alagoas; Pernambuco.

**Abstract:** This article analyzes the denominations related to lexical items belonging to fauna in linguistic atlases constructed in northeastern states, considering the most relevant variants in these states. Thus, we chose to compare the data of this semantic field in the Linguistic Atlas of the State of Alagoas (DOIRON, 2017) and in the Linguistic Atlas of Pernambuco (SÁ, 2016) with lexicographic works and texts in order to assist in the identification of motivational categories for lexical variation in Pernambuco and Alagoas to perceive convergences and divergences between them. The analysis showed the existence of variants for *joão-de-barro*, *gambá* and *libélula* that represent specific marks of both states, added to what had been observed in other parts of the Northeast and extrapolating their borders. It is therefore necessary to consider the regionalist meanings derived from the speakers' culture and beliefs, from which values characteristic of their mother tongue are transmitted, conserved and developed.

**Keywords:** Fauna; Linguistic Atlases; Alagoas; Pernambuco

## Introdução

Estudos descritivos dos falares brasileiros têm, a cada dia, acentuado a curiosidade de linguistas, tanto por intermédio da Sociolinguística quanto da Dialectologia, uma vez que fenômenos fonéticos e denominações lexicais podem, também, ser explicados por interferências extralinguísticas a que essas duas áreas de pesquisa costumam se deter.

Assim, este artigo pretende fazer uma análise comparativa de resultados de inquéritos para aferição de respostas relacionadas a itens lexicais pertencentes à fauna. O *corpus* foi obtido por intermédio das pesquisas realizadas por Sá (2013, 2016), que resultaram no Atlas Linguístico de Pernambuco (AliPE), e por Doiron (2017), autora do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL).

Para tanto, foram selecionadas as cartas 21 (joão-de-barro), 23 (gambá) e 24 (libélula) do AliPE e as cartas 57 (joão-de-barro), 62 (gambá) e 69 (libélula) do ALEAL, por apresentarem um número representativo de denominações passíveis de comparações pluridimensionais.

Para que as comparações pudessem ser elaboradas, levaram-se em conta, além da distribuição diatópica, os aspectos sociolinguísticos, por meio dos quais foi possível averiguar como as denominações registradas nos dois atlas se apresentaram segundo as dimensões diagenérica e diageracional.

Além disso, recorreu-se a obras lexicográficas para se verificarem motivações etimológicas e conceituais, de modo a constatar se as denominações condizem semanticamente com o conceito esperado e se apresentam alguma referência que delimite essas denominações conforme se disseminam espacialmente.

O estudo aqui proposto se estrutura da seguinte maneira: *in limine* apresenta-se um estudo teórico sobre a relação do léxico com a variação sociorregional; em seguida, veicula-se um panorama sobre estudos lexicais da fauna pelo Brasil.

Após o embasamento teórico, segue-se com uma descrição sobre os atlas linguísticos, adentrando, assim, na proposta metodológica e na análise dos dados, que oferecerá condições para confirmação ou refutação das hipóteses alvitadas.

## 1 O léxico e a variação sociorregional

Ao se fazer referência ao léxico, logo vem à tona a ideia do conceito de vocábulo ou de palavra, os quais, para muitos, são sinônimos; mas, na verdade, cada uma delas tem um propósito distinto, que se manifesta a depender da perspectiva que se queira defender.

Oliveira (2001, p.10), por exemplo, ao conceituar o 'léxico', defende a ideia de "um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio social de uma comunidade". Dessa

forma, já que o ‘vocábulo’, em Houaiss (2009), se refere à representação material, e a ‘palavra’ consiste na unidade linguística munida de significado, convém seguir o conceito de ‘léxico’, já que, além da visão sociocultural, que culmina no “resultado de experiências acumuladas de uma sociedade e de uma cultura através dos tempos” a que Oliveira (2001) se refere, ele representa a:

[...] somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do Léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera, e, às vezes, se contrai (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Aproximando o léxico à cultura, Carvalho (2009, p. 100) defende que a língua e a cultura não são ensinadas “em nenhum lugar especial, mas adquiridas ao sabor dos acontecimentos cotidianos”. Essa concepção já era apreendida em Vilela (1994, p. 6), quando relacionava o léxico à realidade extralinguística, arquivando o saber linguístico do falante. Para ele:

Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome, e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.

Assim, ao se defender que o estudo da língua não pode ocorrer sem relacioná-la à sociedade e à cultura, entende-se, também, o quão relevante é tal estudo para os dialetólogos, pois é justamente essa língua que “reflete a cultura geral de uma população” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 86), inserida no repertório lexical que ela detém.

O repertório lexical se estende por intermédio da cultura do falante, “aprendida e transmitida de geração em geração mediante a comunicação linguística” (DURANTI, 2000, p. 47), e isso se percebe nas diferenças regionais que a língua portuguesa falada no Brasil exhibe.

Essas diferenças, tão ricamente acentuadas, sobretudo no português falado em comunidades mais interioranas, ratificam a diversidade das visões de mundo perceptíveis pelos falantes e refletidas nas denominações lexicais.

Para verificar como essas visões de mundo contribuem para a heterogeneidade linguística, serão averiguadas as variantes de itens lexicais pertencentes ao campo semân-

tico da fauna, de modo a aferir, entre os dados de dois estados nordestinos – Alagoas e Pernambuco –, as denominações convergentes e as que constituem marcas dialetais pertencentes a cada um deles.

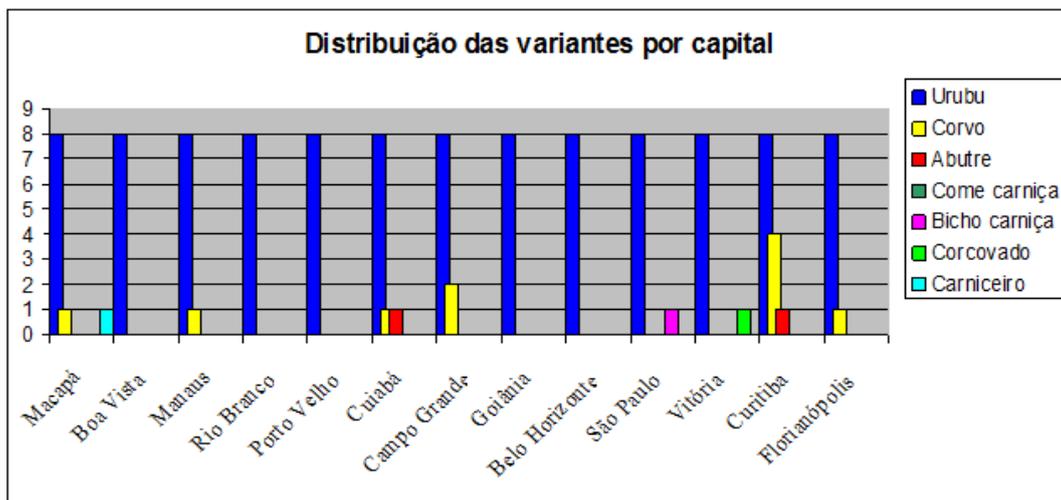
## 2 Estudos dialeto-lexicais acerca da fauna brasileira

Desde 1963, quando foi elaborado o primeiro atlas regional brasileiro, na Bahia, muitos estudos têm sido realizados acerca do comportamento do falante durante a resposta a questões relacionadas ao léxico, seja de nível diastrático, diagenérico, diageracional e, sobretudo, de natureza diatópica.

Silva e Aguilera (2007), por exemplo, realizaram um estudo sobre o vocabulário da fauna com base em dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) recolhidos em 13 capitais brasileiras, quais sejam: Macapá, Boa Vista, Manaus, Rio Branco, Porto Velho, Cuiabá, Campo Grande, Goiânia, Belo Horizonte, São Paulo, Vitória, Curitiba e Florianópolis.

A questão que direcionou o trabalho foi a (064), que intencionava descobrir como se nomeava *a ave preta que comia animal morto, podre*, encontrada nos Questionários do ALiB (2001, p. 26). O gráfico 1 apresenta os resultados.

Gráfico 1 – Variantes de *urubu*



Fonte: Silva e Aguilera (2007)

No estudo realizado por Silva e Aguilera (2007), foram analisadas respostas inquiridas em 104 informantes. Os resultados indicaram sete denominações para o pássaro descrito na questão, mas com percentuais variados. A aceção *urubu* constituiu a maioria

das respostas, chegando a 104 ocorrências, o que equivaleu a 86%, já que foi registrada em todas os municípios e falada por quase todos os informantes pesquisados. No entanto, o percentual da acepção *corvo* chegou a 8%, estratificados a partir das nove ocorrências computadas, enquanto as duas ocorrências de *abutre* resultaram em 2% do total.

Além das variantes mencionadas, as autoras observaram as seguintes denominações com registro único: *come-carniça*, *bicho-carniça*, *corcovado* e *carniceiro*. Considerando as realizações das três lexias mais proferidas, a pesquisa coletou 120 respostas nas entrevistas.

Numa perspectiva mais estadual, Isquerdo (2009) analisou a distribuição das denominações *amassa-barro / massa barro*, *joão-de-barro* e *pedreiro da floresta* e concluiu que essas denominações para ‘joão-de-barro’ se justificam pelos movimentos migratórios ocorridos no Mato Grosso. Anos depois, Costa e Isquerdo (2012) analisaram etnolinguisticamente a variação para ‘pernilongo’ a fim de confirmar a interferência indígena na escolha das denominações pelos falantes das capitais brasileiras.

Enquanto Aguilera (2010) discutiu as formas lexicais para ‘libélula’ a partir do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil, Ribeiro (2018) fez uma análise acerca das denominações para o mesmo item no norte do Paraná. Para ele, a forma mais produtiva *lava-bunda* foi registrada com maior frequência em Santa Mariana, na fala dos homens e entre os informantes do segundo grupo etário, de procedência mineira.

### 3 A escolha dos *corpora*

Desde muito cedo, no ano de 1934, com a publicação do livro *A Língua do Nordeste*, Mário Marroquim já se interessava pela diversidade dialetal, o que se confirmou quando proferiu que, “dentro do conceito geral, há no Brasil não um somente, mas vários dialetos ou subdialetos, através da imensa extensão do seu território” (MARROQUIM, 2008, p. 9, com adaptações). Porém, seu estudo se pautou exclusivamente em Alagoas e Pernambuco, pois:

[...] a identidade de interesses entre os dois Estados, a sua igualdade histórica, afora a homogeneidade geográfica e étnica, estabeleceram a igualdade da dialeção. Quase nenhuma diferença existe na linguagem das duas populações. (MARROQUIM, 2008, p. 18)

Considerando a ideia marroquiniana de um falar convergente nos dois estados nordestinos, resolveu-se cotejar uma amostra da variação lexical no *Atlas Linguístico de Pernambuco* e no *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas*.

O primeiro atlas surgiu como tese de doutorado defendida por Sá (2013), que verificou como variantes fonéticas, léxicas e morfossintáticas se acentuaram ou se inibiram em pontos de inquérito do estado pernambucano.

As investigações ocorreram em 20 pontos de inquérito do estado, contemplando todo o território. A escolha dos pontos de inquérito foi feita a partir dos preceitos teóricos encontrados em Ferreira e Cardoso (1994), segundo os quais era necessário ter em mente a realidade socioeconômica, os aspectos históricos e a importância do município para o estado.

Em cada ponto, foram entrevistados quatro informantes entre 18 e 30 e entre 50 e 65 anos, dos dois sexos e com escolaridade que não ultrapassasse o quinto ano (antiga 4ª série do Ensino Fundamental), à exceção da capital, Recife, que, conforme a metodologia preexistente, também requeria a diagnose com pessoas de nível superior completo.

Aos informantes foram aplicadas 460 perguntas, sendo 420 provenientes dos questionários do ALiB referindo-se a temas gerais e 40 de temas específicos relacionados a *frevo, maracatu, renascença e barro*. Os resultados permitiram a construção de 111 cartas, das quais seis são introdutórias, e mais 105 cartas linguísticas, divididas em 50 cartas fonéticas, 47 cartas semântico-lexicais e oito cartas morfossintáticas.

O segundo atlas de cujo *corpus* foram obtidos os dados da pesquisa a que este artigo se propôs analisar foi construído por Doiron (2017) no intuito de documentar a realidade linguística de falantes da zona urbana do estado de Alagoas. A autora considerou, prioritariamente, as diferenças diatópicas em seus aspectos fônicos, léxico-semânticos e morfossintáticos, cujos fenômenos mais acentuados resultaram em 88 cartas linguísticas, distribuídas entre fonéticas, lexicais e morfossintáticas.

A rede de pontos seguiu as orientações de Nascentes (1958), com 21 pontos de inquérito, de onde foram inquiridos dois por localidade, um homem e uma mulher, na faixa dos 30 aos 50 anos, com nível de escolaridade fundamental, completa ou incompleta. Junto a eles, foram, ainda, inquiridos quatro informantes distribuídos entre 55 e 75 anos com o mesmo nível de escolaridade.

Dos dois atlas escolhidos, foram selecionadas as denominações para elementos da fauna; em particular, para ‘joão-de-barro’, ‘gambá’ e ‘libélula’. A análise a seguir apresenta a distribuição diastrática e diatópica dos itens lexicais selecionados; depois, as variantes registradas nos dois *corpora* serão comparadas a fim de se verificar a existência de discrepância entre as denominações registradas e, com isso, permitir ao leitor o conhecimento dessa diversidade presente na fala de habitantes dos estados alagoano e pernambucano.

#### 4 Variação lexical da fauna nos atlas linguísticos de Alagoas e de Pernambuco

Para compreender como a fauna se manifesta nos falares alagoano e pernambucano, recorreu-se às cartas linguísticas, incluindo notas que elas acrescentam, referentes às respostas dadas à pergunta 57 do Questionário Semântico-Lexical ( QSL) do ALIB (CARDOSO *et al.*, 2014) acerca “[d]a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até mesmo nos cantos da casa”, à pergunta 62, a fim de averiguar o nome do “bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado” e à pergunta 85, na iminência de obter as denominações para “o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água”.

A distribuição das unidades lexicais apuradas como resposta para as perguntas selecionadas será apresentada a seguir.

##### 4.1 Denominações para ‘joão-de-barro’

Em Alagoas, as denominações para a ave, além de *joão-de-barro*, foram: *maria-de-barro*, *casaca de couro*, *mané-de-barro* e *rolinha-pé-de-feijão*. Enquanto a primeira denominação se encontra próxima à categoricidade, as demais se distribuem em pontos específicos.

*Maria-de-barro*, por exemplo, foi registrada nos pontos 3 (Santana do Ipanema) e 13 (Limoeiro de Anadia), mas foi mencionada também nos pontos 4 (Piranhas), 5 (Pão de Açúcar) e 16 (Marechal Deodoro). Já a resposta *casaca de couro* foi registrada na fala dos homens dos pontos 2 (Canapi), 5 (Pão de Açúcar) e 12 (Quebrangulo).

Com ocorrência única, detectou-se a denominação *mané-de-barro* apenas no ponto 20 (Porto Calvo); *rolinha-pé-de-feijão* foi mencionada por uma informante do ponto 6 (Traipu).

Já em Pernambuco, a ave que constrói sua casa com terra tem as seguintes denominações, conforme o ALiPE: *barreiro*, *bem-te-vi*, *churéu*, *fura-barreiro*, *fura-chão*, *furão*, *garrincha*, *janica*, *janica-de-barro*, *joana-de-barro*, *joão-de-barro*, *lavadeira*, *maria-de-barro*, *maria-fita*, *maria-pobre*, além de respostas não esperadas, como *pardal*, *pica-pau*, *rolinha*, *rouxinol* e *sabiá*, que denominam outros tipos de pássaros.

Para a análise em questão, consideram-se, aqui, apenas as denominações com percentual mais elevado de registro. No caso, os itens *joão-de-barro*, *joana-de-barro*, *maria-de-barro* e *fura-barreiro* serão analisados a partir da distribuição espacial nos atlas escolhidos para o texto e na perspectiva sociolinguística à luz da Geolinguística Pluridimensional.

Dos 20 pontos de inquérito do ALiPE, a denominação *joão-de-barro* está registrada

em 17 deles, pois nos pontos 2 (Petrolina) e 4 (Ouricuri) a ave é conhecida por *joana-de-barro*, e nos pontos 7 (Tacaratu) e 10 (São José do Egito), chamam-na de *maria-de-barro*. Nos pontos 9 (Custódia) e 15 (São Bento do Una), o pássaro é denominado *fura-barreiro* ou simplesmente *barreiro*.

Em termos diagenéricos, a distribuição quantitativa das denominações para *joão-de-barro* se mantém com maior número de ocorrências para o homem, o que, de certa forma, é intrigante, considerando que se trata de um animal que se ambienta principalmente em casas, das quais, normalmente, o homem passa parte do tempo fora, no trabalho, enquanto a mulher, dona-de-casa, tende a construir um repertório linguístico mais apropriado a esse ambiente. Nas palavras de Figueiredo (1995, p. 2):

O joão-de-barro, *Furnarius rufus*, é um dos pássaros mais populares e benquistos. Seu hábito de aproximar-se das moradias humanas mostrando confiança, o modo elegante de andar pelo chão, o canto alegre e pronunciado, a originalidade de seu ninho são algumas das causas de sua popularidade.

O número elevado de lexias proferidas pelo homem, a disparidade nos percentuais e a inibição por parte dos dados registrados na fala da mulher foram influenciados pela faixa etária: 58% das denominações foram registradas na segunda faixa etária, face aos 42% identificados na fala dos mais novos.

Não é de todo um grande diferencial, mas, considerando, inclusive, o percentual maior de outras ocorrências, verifica-se que se trata de uma ave cujos nomes mais presentes em manuais da ornitologia estão dando lugar a novas acepções, conforme os hábitos que ela desenvolve, como mostra Figueiredo (1995, p. 2):

Os nomes vulgares sempre se referem à relação da ave com o barro ou com o aspecto do ninho semelhante a um forno primitivo: joão-de-barro; barreiro (RS); amassa-barro (MT); no Ceará: maria-de-barro, forneiro, oleiro e pedreiro. Na Argentina e Uruguai: hornero, copiado para o inglês: “ovenbird” ou o francês: “fournier” (Buffon) ou “fournillier”.

Considerando o ponto de vista defendido por Barbosa (1993, p. 1), de que o léxico “representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores”, pretende-se, aqui, refletir sobre as escolhas lexicais dos pernambucanos e alagoanos para a denominação do *Furnarius rufus*.

Em Houaiss (2009, p. 301), o *joão-de-barro* é definido como uma “designação comum às aves passeriformes, campestres, do gênero *Furnarius*, da família dos furnariídeos, representadas no Brasil por cinco espécies de plumagem ferrugínea”. Esse conceito se torna mais amplo se comparado ao encontrado em Rocha (2001, p. 290), que apenas menciona uma “ave que constrói seu ninho com barro”.

No caso do *joão-de-barro*, vem à tona a ideia simbólica de que se trata de um animal sagrado, pois lhe teria sido solicitado abrigo a Jesus, quando de sua prisão, conforme a crença popular. Numa perspectiva etnolinguística, constata-se que “o léxico, enquanto descrição de uma cultura, está no seio da sociedade” (ARAGÃO, 2016, p. 560).

A popularidade de que se tem falado atinge, então, o viés linguístico, uma vez que a ave é assim nomeada e conhecida em quase todo o Brasil, não eximindo a diversidade de denominações de como ela é conhecida.

O item lexical *joana-de-barro* é mencionado por Nascentes (1966) como resultante do valor afetivo que o falante costuma dar ao denominar animais com nomes de pessoas – a exemplo do que ocorreu com *mané-de-barro*, registrada no ALEAL. Além disso, no caso do nome feminino, a crença agrega o instinto materno da ave pelo fato de ela construir seu próprio ninho para abrigar os ovos. No Maranhão, Ramos *et al.* (2012) citam a denominação *joana-de-barro*, assim como o fez Isquerdo (2009) ao relatar o registro de uma única ocorrência na localidade de Coxim, Mato Grosso do Sul, quando dos inquéritos para o *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*.

A denominação *maria-de-barro* está registrada em Caldas Aulete (1980) e em Ferreira (2004); considerando o sema ‘ave fêmea’, comunga da perspectiva apontada por Nascentes (1966) sobre o instinto materno em busca de estruturar o ninho para abrigar os ovos e os filhotes.

No caso de *fura-barreiro* ou *barreiro*, em obras lexicográficas, o substantivo derivado do *barro* se encontra registrado no feminino, como ocorre em Houaiss (2009), que menciona *fura-barreira* como uma ave passeriforme da família dos furnariídeos (*Hylocryptus rectirostris*), encontrada no Paraguai e no Brasil (BA, MG, SP e PR), com cerca de 21,5 cm de comprimento, plumagem parda, cabeça, uropígio, asas e cauda ferrugíneas. Também menciona uma variante regional de Pernambuco: ‘rapazinho dos velhos’. Segundo o mesmo autor, o *fura-barreira* tem a mesma característica ornitológica do ‘joão-de-barro’.

Já em Navarro (2013), a ave *fura-barreira* se caracteriza por possuir 18 cm de comprimento, bico vermelho, dorso marrom, garganta branca, colar pardo-amarelado e barriga branca manchada de preto. Porém, o mesmo autor comunga do conceito de Houaiss (2009) ao descrever a ave com comprimento superior.

A denominação *casaca-de-couro* também nomeia uma ave passeriforme da família dos furnariídeos (*Pseudoseisura cristata*), encontrada no Brasil, Paraguai e Bolívia, cujo ninho se assemelha ao do João-de-Barro, mesmo não se tratando da mesma ave.

Denominações como *rolinha-pé-de-feijão*, registrada no ALEAL, e *pica-pau* e *churéu*, registradas no ALiPE, parecem acentuar o desconhecimento do informante ao ser inquirido sobre o nome do pássaro, pois respondem por associações ou para não deixar a pergunta sem resposta. Sobre a primeira denominação, Doiron (2017, p. 202) afirma que a referida ave:

[...] não constrói seu ninho com argila e nem fabrica nele compartimentos visando a reprodução. Talvez a informante possa ter associado a cor amarronzada da plumagem da espécie mais corriqueira da rolinha-pé-de-feijão. Caso isso pudesse ser confirmado, diria-se que a motivação para essa variante é transparente, pois estabelece uma ligação entre a ave – rolinha – e a planta – feijão.

Em Pernambuco, registram-se ocorrências como *rolinha*, que nomeia uma ave encontrada em campos e caatingas em grande parte do Brasil e em países adjacentes, atinge 16 cm de comprimento e possui plumagem acinzentada com preto e branco nas asas e branco na cauda (HOUAISS, 2009).

Concernente às variantes *pica-pau* e *churéu* como denominações para ‘João-de-Barro’, também não se trata da mesma ave. Curiosamente, a primeira delas também foi registrada por Encarnação (2010) no *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba, municípios do litoral norte de São Paulo* (ENCARNAÇÃO, 2010), no primeiro ponto de inquérito: Caraguatatuba. A partir da aceção registrada por Houaiss (2009, p. 301, já se percebe que a ave possui características diferentes do João-de-Barro:

Designação comum às aves pisciformes, insetívoras, da família dos picídeos, encontradas em quase todo o mundo, com exceção da Austrália, Nova Guiné, Nova Zelândia e Madagascar; de bico forte e reto, usado para martelar a madeira em busca de insetos, língua vermiforme e muito comprida, pés zigodátilos e cauda com penas endurecidas, usadas como apoio para subir em árvores [...]. Abrem cavidades no tronco das árvores, a fim de servirem como ninho ou local para dormir.

No caso de *churéu*, tem-se um caso de resposta não produtiva, uma vez que ela não nomeia nenhum pássaro que se assemelhe ao João-de-Barro. Conjectura-se ousadamente que se trata de uma variante regional para um tipo de peixe marítimo chamado de ‘chu-

charro'. *Churéu*, no entanto, parece ter semelhança fonética como 'xaréu', peixe comum no Nordeste, com destaque para praias do litoral sul do estado de Pernambuco.

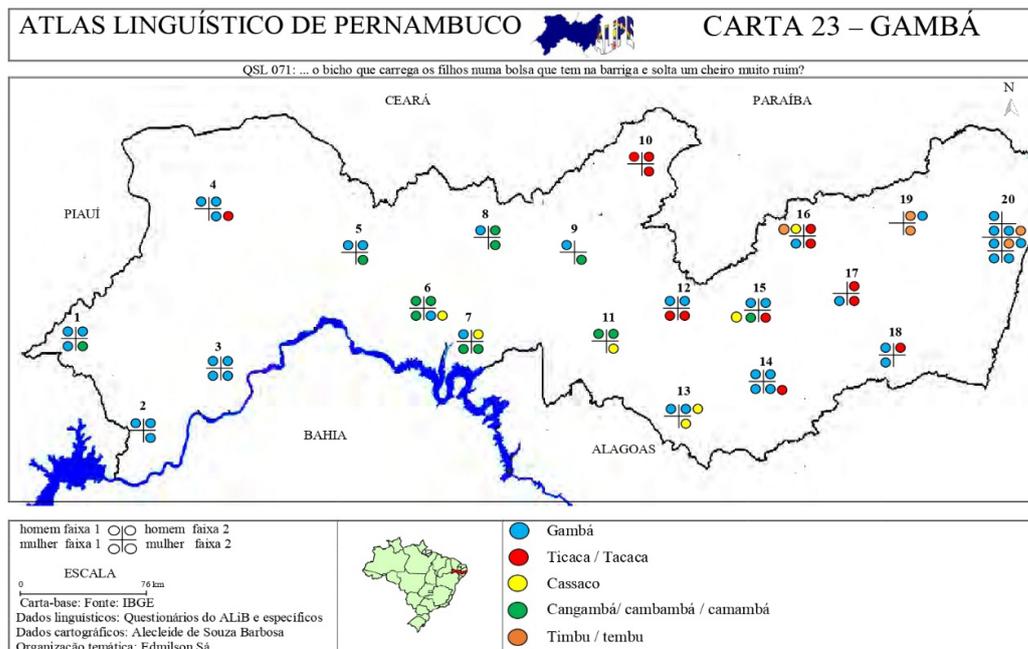
#### 4.2 Denominações para 'gambá'

Quando os informantes selecionados em Alagoas responderam a pergunta sobre 'o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado', denominaram-no de *gambá*, *cassaco*, *cambambá*, *saruê* e *picaca*, que foram registrados em toda a extensão do estado.

Houaiss (2009) define o *gambá* como uma designação comum para os marsupiais do gênero *Didelphis*, os maiores da família dos *didelfídeos*, com três espécies, e encontrados do Sul do Canadá à Argentina. Ele possui até 50 cm de comprimento, cauda preênsil, longa e quase inteiramente nua, com a parte distal branca, pelagem cinza, preta ou avermelhada e fêmeas com marsúpio bem desenvolvido.

Já em Pernambuco, foram registrados os itens lexicais *gambá*, *gambirra*, *camambá*, *cambambá*, *cangambá*, *cassaco*, *gimbá*, *jarita*, *tembu*, *ticaca*, *tacaca* e *timbu*. A figura 1 apresenta a cartografia das denominações mais acentuadas no ALiPE.

**Figura 1** – Carta 23 com denominações para 'gambá' no ALiPE



Fonte: Sá (2013, p. 297)

A denominação *gambá* se evidenciou nas respostas aos inquiridos em toda a extensão do território pernambucano. Já o item *cassaco* parte de pontos isolados do Sertão em direção à capital. No sertão do Pajeú e descendo para o Agreste, predominam as variantes *ticaca* ou *tacaca*.

Convém destacar que as denominações *camambá*, *cambambá* e *cangambá* se constituem de marcas características da fala do sertanejo, enquanto *timbu* ou *tembu* se manifestam mais acentuadamente nos pontos próximos à capital. *Gambirra* e *gimbá*, por sua vez, foram registradas em pontos isolados do Sertão, e *jarita* foi mencionada por um informante do Agreste.

Conforme já verificado por Doiron (2017, p. 190), a motivação lexical para ‘gambá’ diz respeito à morfologia do animal, enquanto “uma de suas características proeminentes, que é o odor exalado, não foi considerada, e sim o fato de carregar o filhote no seio oco, a bolsa marsupial”.

Em Houaiss (2009), consta a denominação *cassaco* como regionalismo do Nordeste, registrada em Pernambuco e como ocorrência única em Marechal Deodoro (AL). Para Lopes (2012, p. 82), a acepção voltada para o gambá, cuja etimologia sinaliza uma possível origem banta, do quicongo \**kasakana*, advém do uso do mesmo termo para conceituar o trabalhador de engenho, de usina de açúcar e de construção de estradas, já que, conforme o lexicógrafo, o mamífero teria predileção pela aguardente de cana.

No caso de *cangambá*, *camambá* e *cambambá*, Lopes (2012, p. 74) a conceitua como variante para *jaritataka* e de étimo controverso, embora já tenha elencado possibilidades encontradas em pesquisas de outros etimólogos que conferem a origem à fauna angolana *ikangamba* e ao quioco *kangamba*. Aliás, sobre as denominações *jaritataka*, *cangambá* e *saruê*, cabem algumas ressalvas.

Já se mencionou que o *gambá* pertence ao grupo de marsupiais da família dos *didelfídeos*, sendo, pois, os maiores da família. Ocorre que, segundo Cheida *et al.* (2006, p. 261), há os mamíferos do gênero *conepatus*, de que faz parte o grupo *semistriatus*, do qual constam o *cangambá*, a *jaritataka* e o *saruê*, mas esses são menores que o *gambá*. Assim, acredita-se que o informante partiu do sema “cheiro ruim quando ameaçado”, semelhante à característica do *didelfídeo*, para denominá-lo com as demais formas lexicais. Houaiss (2009), inclusive, define *saruê* como variante de *sariguê*, também do tupi sari’guê.

Tanto em Alagoas quanto em Pernambuco, o mamífero também é denominado de *ticaca* e, em Alagoas, há ainda uma variante fonética por nome de *picaca*, de étimo in-

dígena, segundo consta em Houaiss (2009). Parece haver uma remissiva à *maritacaca*, retornando, assim, à origem de *jaritataka*, do tupi *yagwara'taka* ou *yarata'kaka*, alterada do tupi *mbiara'taka* (*mbiarata'kaka*) e influenciada pelo tupi *ya'gwara* 'onça, jaguar'. O mais intrigante é a motivação que originou o nome do marsupial, aludindo ao felino. Hemming (2007, p. 110), ao tratar da conquista dos índios brasileiros, apresenta uma relação fantasiosa sobre o contato desses povos com os animais selvagens, dentre os quais os que suscitam a dúvida apresentada:

Existem muitas variantes dessas lendas, e algumas envolvem encontros com animais, a **onça** e o **gambá**, os quais se comportam como homens, comandam aldeias, empreendem guerras ou dormem com a mulher de Maíra-Monã. Em certa lenda os gêmeos procuram seu pai, que insiste numa prova de força antes de o reconhecer (**grifos nossos**).

#### 4.3 Denominações para 'libélula'

No Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL), a pergunta sobre o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água obteve seis denominações: *libélula*, *cachimbal*, *lava-cu*, *ziguezigue*, *lava-bunda* e *helicóptero*.

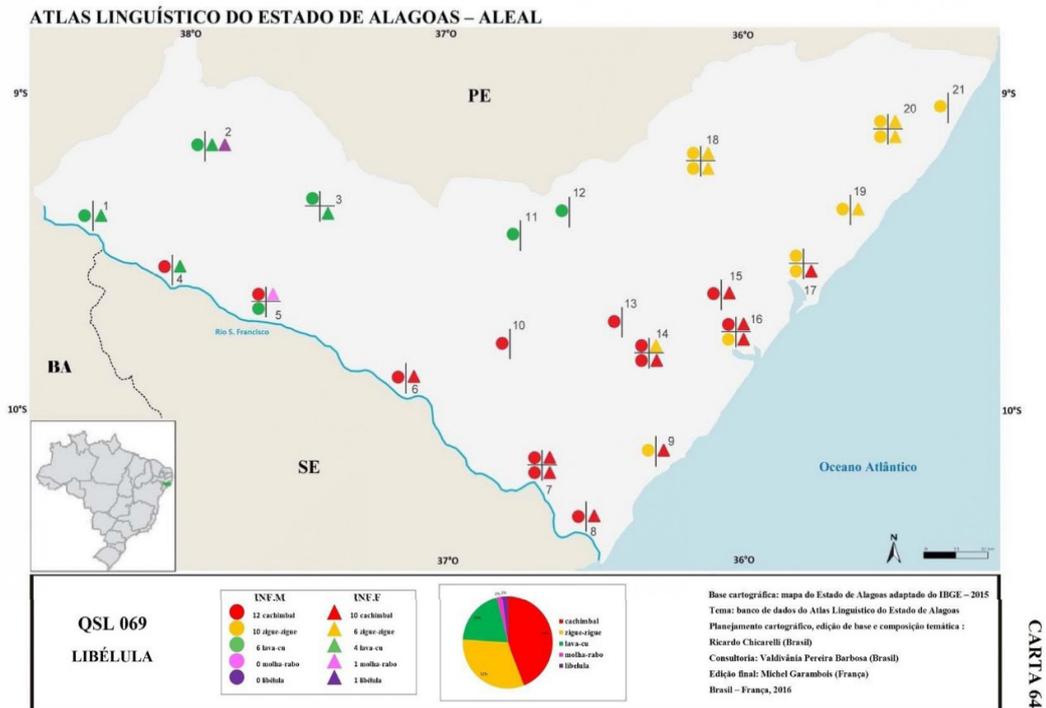
Silva (2002, p. 286-287), ao explicar a etimologia da lexia *libélula*, aponta a seguinte origem:

[...] do latim *libelula*, diminutivo de *libella*, nível. Designou-se assim a borboleta porque paira no ar, mas outros pesquisadores afirmam que outra palavra latina serviu-lhe de origem. Teria sido *libellulu*, diminutivo de *libru*, livro, dado que as asas do inseto dão a imagem das folhas de um livro. Metáfora por metáfora, mais belas são as de Cecília Meireles em sua Obra poética: "libélulas valsavam com seus vestidos de gaze e seus adereços de ametista".

A *libélula*, segundo Houaiss (2009), é a designação comum aos insetos carnívoros da ordem dos *odonatos*, que se alimentam de insetos e de outros organismos e são facilmente reconhecíveis pelo abdome longo e estreito, pelas quatro asas alongadas, transparentes e providas de rica nervação. São carnívoros em todas as fases vitais, alimentando-se de insetos e outros organismos.

A figura 2 apresenta a distribuição espacial das ocorrências das denominações para a 'libélula' e permite constar onde elas se sobressaem.

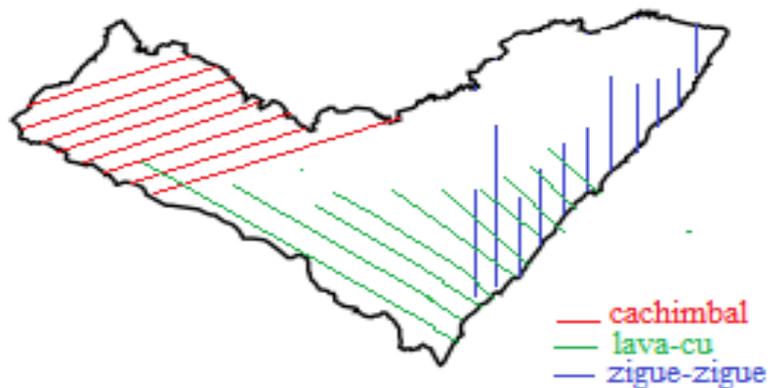
Figura 2 – Carta 64 com denominações para ‘libélula’ no ALEAL



Fonte: Doiron (2017, p. 376)

Como se percebe, as denominações mais frequentes para denominar a ‘libélula’ foram *cachimbal*, *lava-cu* e *zigue-zigue*. A distribuição diatópica permite construir três isoléxicas, dispostas na figura 3.

Figura 3 – Isoléxicas das denominações para ‘libélula’ no ALEAL



Fonte: Elaboração do autor

As isoglossas dispostas na figura 3 sinalizam a predominância de *cachimbal* nos pontos de inquérito pertencentes ao sertão alagoano, enquanto *lava-cu* se registra nos pontos do Agreste e adentram a leste do estado, onde se constata a denominação *zigue-zigue* de modo mais acentuado.

No ALiPE, as denominações para o referido inseto foram as seguintes: *beloso, besouro, borboleta d'água, cabra-cega, cavalo d'água, cavalo-do-cão, cigano, dominique, helicóptero, lava-bunda, lava-cu, lavadeira, libélula, lisbela, malaquia, mariposo, martelo, molha-bunda, pescador, rapa-cuia, vagalume, zigue-zague e zigue-zigue*. Contudo, apenas *libélula, cabra-cega, lava-cu, lava-bunda, molha-bunda, zigue-zigue, zigue-zague* foram cartografadas, por se registrarem em maior número de ocorrências nos limites do estado pernambucano, enquanto as demais se registraram na fala de um ou dois informantes.

A denominação *cabra-cega* constitui marca dialetal dos pontos 16 (Taquaritinga do Norte) e 19 (Limoeiro), pois foram respondidas por informantes independentemente das dimensões diastráticas (sexo e faixa etária) de que faziam parte. A mesma percepção ocorreu para *zigue-zigue* no ponto 18 (Palmares) e para *lava-cu* nos pontos 6 (Floresta) e 7 (Tacaratu). A denominação *lava-bunda* foi registrada por: um informante do sexo feminino de Afrânio (ponto 1); um informante masculino e um feminino do ponto 3 (Santa Maria da Boa Vista); um informante masculino dos pontos 10 (São José do Egito) e 13 (Águas Belas); e por um informante do sexo feminino do ponto 11 (Tupanatinga).

Tanto em Alagoas quanto em Pernambuco, a denominação *lava-cu* faz alusão ao inseto que bate a traseira na água. No Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), essa denominação constitui marca do falar sergipano, possivelmente, trazida à América Latina por imigrantes europeus, já que ela se encontra mencionada no *Atlas Linguístico Romano (ALIR)*, no âmbito da Galícia e da Itália Setentrional, em que se justaposicionam o verbo designativo da ação desempenhada pelo inseto e a parte do corpo responsável por essa ação, resultando em itens lexicais como *molha-cu, encharca-cu* e inspirando outros tantos já conhecidas dos brasileiros – a exemplo do que se percebe nas capitais brasileiras: *bate bunda* (Campo Grande e Goiânia) e *lava-bunda* (Vitória, Curitiba, Campo Grande e Goiânia).

Assim como *lava-cu*, a denominação *helicóptero* também foi cartografada no ALEAL e no ALiPE, aludindo semanticamente às características relacionadas ao voo do inseto.

Trata-se de uma denominação também conhecida em Goiânia, Curitiba, Florianópolis, Rio Branco, Campo Grande, São Paulo e Natal; da mesma forma, com outras formações, ainda fazem referência a transportes que se sustentam no ar, assim como a *libélula*. Esse fato se comprova no ALIR, que menciona, além de *helicóptero*, marcado pelo povo espanhol, *avião*, que nomeia o inseto em português, galego e espanhol, e *aeroplano d'água*, como chamam os romenos.

Já os itens lexicais *zigue-zigue* e *zigue-zague* remetem aos movimentos desconexos da *libélula*. Essas denominações são conhecidas em outros estados nordestinos da mesma maneira como ocorrem em Pernambuco e em Alagoas.

*Cachimbal* foi acentuada em Alagoas, mas, segundo Doiron (2017), não se encontrou qualquer motivação para tal denominação. Para ela, há, pelo menos, duas hipóteses, caracterizadas pela anatomia e pelo critério acústico:

O corpo fino e comprido, a cabeça desproporcional e olhos proeminentes da libélula assemelhar-se-iam a um cachimbo, objeto consistindo de um tubo delgado que tem numa das extremidades um recipiente arredondado e oco (local onde se coloca o tabaco). Pode-se cogitar também que existiria alguma semelhança entre o corpo da libélula e a estrutura do berimbau, construído a partir de um arco fino e longo de madeira e retesado por um fio de arame e uma meia cabaça na extremidade. Já a segunda hipótese envereda-se pelo âmbito acústico, ou seja, pelo som que o inseto emite durante o voo, vibrante e ressonante, tal qual o instrumento musical citado. (DOIRON, 2017, p. 181)

Além das denominações que apresentaram o maior número de registros nos dois atlas consultados, outras variantes, fazendo ou não referência ao inseto de que trata este subtópico, aguçam a curiosidade do leitor acerca do que teria motivado a resposta do informante. O que se constata é a necessidade de se recorrer a ciências distintas, que ultrapassam os limites da Linguística, adentrando, inclusive, na fantasia, na religiosidade e na cultura do falante, cujas lembranças remetem ao totemismo enquanto solução intelectual para problemas cognitivos colocados por diferentes fenômenos naturais inexplicáveis, como conceituava Frazer (1982).

Comparando-se as denominações dos animais pertencentes à fauna de Alagoas e de Pernambuco, é possível perceber o que converge e o que diverge nos dois estados.

**Quadro 1** – Distribuição diatópica das denominações de elementos representativos da fauna nos atlas linguísticos de Alagoas e Pernambuco

Questão	Resposta esperada	Respostas	ALEAL	ALiPE
<b>QSL 57: como se chama a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até mesmo nos cantos da casa?</b>	joão-de-barro	casaca de couro	x	
		fura-barreiro		x
		joana-de-barro		x
		joão-de-barro	x	x
		mané-de-barro	x	
		maria-de-barro	x	x
		rolinha-pé-de-feijão	x	
<b>QSL 62: como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?</b>	gambá	camambá, cambambá, cangambá	x	x
		cassaco	x	x
		gambá	x	x
		jarita		x
		saruê	x	
		tembu, timbu		x
		ticaca, tacaca, picaca	x	x
<b>QSL 85: como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?</b>	libélula	cabra-cega		x
		cachimbal	x	
		helicóptero	x	
		lava-bunda	x	x
		lava-cu	x	x
		molha-bunda		x
		libélula	x	x
		zigue-zague, ziguezigue	x	x

Fonte: Elaboração do autor

Como se percebe, as denominações para o ‘joão-de-barro’, o ‘gambá’ e a ‘libélula’ se assemelham parcialmente, enquanto as demais representam marcas específicas de cada estado. Assim, é possível constatar que essas denominações advêm de traços semânticos genéricos, específicos e virtuais. São, pois, os produtos derivados desses traços que precisam ser inseridos nos dicionários, contemplando os limites geográficos e culminando, com isso, na inclusão dos regionalismos que refletem a cultura das comunidades e são expressos pela língua falada por seus habitantes.

### **Considerações finais**

A ideia de analisar o falar nordestino, com ênfase aos estados de Alagoas e Pernambuco, partiu da percepção defendida por Marroquim (2008, p. 18) de que “a identidade de interesses entre os dois estados, a sua igualdade histórica, afora a homogeneidade geográfica e étnica, estabeleceram a igualdade da dialeção”.

Nesse sentido, tentou-se verificar se a igualdade de dialeção a que Marroquim (2008) se referiu se exemplificou em alguns itens registrados em atlas linguísticos dos dois estados. Para tanto, foram selecionadas as denominações para elementos representativos da fauna.

Se para o autor “a formação histórica e étnica dos alagoanos e pernambucanos é uma só, logo idêntica é a sua orientação linguística” (MARROQUIM, 2008, p. 9), neste trabalho, são percebidas convergências – explicadas sob a égide da história da língua, das derivações e composições dialetais influenciadas, muitas vezes, pela pronúncia, pela contribuição estrangeira e, naturalmente, por efeitos migratórios que aproximaram as duas populações. Contudo, são reveladas divergências léxicas multiplicadas pelo próprio falante ao denominar aspectos inerentes à sua realidade, à sua cultura e ao modo como ele vê as coisas com que se depara diariamente.

São essas variantes significativas e cheias de vida que inserem na língua portuguesa falada no Nordeste, e tão imitada por todos, um tom original à maneira de falar de cada habitante.

### **Referências**

AGUILERA, V. A. De onde vieram por onde anda as nossas libélulas e jacintas? um estudo da etimologia popular com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB). *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, v.41, p. 291-309, jan./jun. 2010..

ARAGÃO, M. S. S. *et al.* Variação fônica e léxico semântica no português do Brasil a partir dos dados do projeto ALiB. In: SÁ JÚNIOR, L. de; MARTINS, M. A. (org.). *Rumos da Linguística Brasileira: Historiografia, Gramática e Ensino*. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2016, v. 1, p. 73-95.

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. brasileira. 2v. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

BARBOSA, M. A. *O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos*. In: Encontro de Estudos Linguísticos de Assis. *Anais...* Assis: UNESP, 1993, p. 1-9.

- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARDOSO, S. *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2.v. Londrina: EDUEL, 2014.
- CARVALHO, N. Empréstimos linguísticos e identidade cultural. In: ALVES, I. M. *et al.* (Org.). *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. v. 1, 255p.
- CHEIDA, C. C. *et al.* Ordem carnívora. In: REIS, N. R. *et al.* *Mamíferos do Brasil*. Londrina: Nélío Roberto dos Reis, 2006.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- DOIRON, M. P. B. *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas*. 2017. 488 f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.
- DURANTI, A. *Antropologia linguística*. Tradução de Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- ENCARNAÇÃO, M. R. T. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba* - municípios do litoral norte de São Paulo. 2010. 723 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIGUEIREDO, L. F. A reprodução do joão-de-barro, *Furnarius rufus* (Gmelin, 1788): uma revisão. *Boletim CEO*, São Paulo, v. 11, p. 2-33, 1995.
- FRAZER, J. G. *O ramo de ouro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- HEMMING, J. *Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros*. São Paulo: EdUSP, 2007.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras... In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 41-60.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LOPES, N. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2012.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 8 ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1966.

NAVARRO, F. *Dicionário do Nordeste*. 2 ed. Recife: CEPE, 2013.

OLIVEIRA, A. M. P. P. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 109-115.

RAMOS, C. M. A. *et al.* No céu do Maranhão, cruzam-se catirinas, tingas e pragas: um estudo semântico-lexical da fauna maranhense. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (Org.) *Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 263-280.

RIBEIRO, T.L. Cavalinho-de-judeu, donzelinha, jacinta e lava-bunda: variação lexical para o inseto típico de áreas alagadiças. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 22., 2018, Rio de Janeiro. *Cadernos [...]*. Rio de Janeiro: CNLF, 2018. p. 340-353.

SÁ, E. J. *Atlas linguístico de Pernambuco*. São Paulo: Ixtlan, 2016.

SÁ, E. J. *Atlas linguístico de Pernambuco*. 2013, 417 f. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SILVA, D. *A vida íntima das palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Arx, 2002.

SILVA, G. A.; AGUILERA, V. Geolinguística: um estudo lexical no campo da fauna brasileira. In: ENCONTRO CIENTÍFICO DO CURSO DE LETRAS, 5., 2007, Rolândia. *Caderno [...]*. Rolândia: Faccar, 2007. v. 1. p. 41-42.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.



Data de submissão: 03/06/2020

Data de aceite: 30/06/2020

## COMO SE CHAMA UM RIO PEQUENO, ESTREITO, DE UNS DOIS METROS DE LARGURA NO INTERIOR PAULISTA?

WHAT IS A SHORT RIVER ABOUT TWO METERS WIDE  
IN SÃO PAULO STATE'S INLAND CITIES CALLED?

Selmo Ribeiro Figueiredo Junior | [Lattes](#) | [selmo.figueiredo@ff.cuni.cz](mailto:selmo.figueiredo@ff.cuni.cz)

Universidade Federal do Piauí.

**Resumo:** Este artigo é um recorte da tese de doutorado *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista* (FIGUEIREDO JR., 2019). Nomeadamente, ele aborda a variação lexical documentada no interior paulista como resposta à pergunta “Como se chama um rio pequeno, estreito, de uns dois metros de largura?”. A rede de pontos é constituída pelos municípios de Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Araçariguama, São Roque, Sorocaba, Itu, Porto Feliz, Tietê, Capivari e Piracicaba, integrantes da região do Médio Tietê, considerada berço da cultura caipira (GARCIA, 2011; PAZETTI, 2014). Com aporte teórico-metodológico da Dialectologia Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 2000, 2005, entre outros), 13 covariantes lexicais foram coletadas de 80 informantes. Dessas formas, as mais frequentes e relevantes estão cartografadas e quantitativamente tratadas em correlação com variáveis diatópica, diastrática, diagenérica e diageracional. Um conjunto de conclusões é apresentado, entre as quais a de que Santana de Parnaíba é o ponto mais conservador da rede de pontos, dividido *alternadamente* entre o uso do grupo covariante <córrego>/<corgo> e o uso da covariante <riacho>, e, inversamente, a de que Tietê é o ponto mais inovador, dividido *simultaneamente* entre o uso do grupo covariante <córrego>/<corgo>, o uso da covariante <riacho> e o uso da covariante <ribeirão>.

**Palavras-chave:** Geolinguística; Atlas linguístico; Descrição; Variação semântico-lexical.

**Abstract:** As a part out of Figueiredo Jr.'s (2019) dissertation, this paper presents the lexical variation emerged by the question “What is a short river about two meters wide called?” posed to 80 speakers living in ten São Paulo State's inland cities—Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Araçariguama, São Roque, Sorocaba, Itu, Porto Feliz, Tietê, Capivari, and Piracicaba—that are part of the Médio Tietê region, the cradle of

the “Caipira” culture (GARCIA, 2011; PAZETTI, 2014). In total, 13 lexical covariants have been elicited, from which the most frequent and relevant ones constitute linguistic maps and are also quantitatively approached in perspective with diatopic, diastratic, digenerational, and diagender-specific variables. A set of conclusions are drawn. Among them, it is revealed that Santana de Parnaíba is the most conservative city in the network, and that Tietê is the most innovative one. The former *alternately* uses the covariant group <córrego>/<corgo> and the covariant <riacho>, while the latter *simultaneously* utilizes the covariant group <córrego>/<corgo>, the covariant <riacho>, and the covariant <ribeirão> too. This study follows the theoretical and methodological background of Pluridimensional Dialectology (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 2000, 2005, among others).

**Keywords:** Geolinguistics; Linguistic atlas; Description; Semantic-lexical variation.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da tese de doutorado *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista* (FIGUEIREDO JR., 2019). Nomeadamente, ele aborda a variação lexical observada no interior paulista como resposta à seguinte pergunta:

Q Como se chama um rio pequeno, estreito, de uns dois metros de largura?

Q é uma leve reformulação da questão 1 integrante do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001).

Respostas a Q foram coletadas por Figueiredo Jr. (2019) de informantes da rede de pontos mostrada no Quadro 1.

**Quadro 1** – Rede de pontos

Ponto – Nome – Surgimento – Pop.*				Ponto – Nome – Surgimento – Pop.*			
P1	Sant. de Par.	1561	139.447	P6	Itu	1610	173.939
P2	PBJ	1725	18.895	P7	Porto Feliz	1721	53.098
P3	Araçariguama	1590	22.364	P8	Tietê	±1500	42.076
P4	São Roque	±1665	91.016	P9	Capivari	±1760	55.768
P5	Sorocaba	1654	679.378	P10	Piracicaba	1766	404.142

Sant. de Par. = Santana de Parnaíba ☒ PBJ = Pirapora do Bom Jesus  
\* População estimada em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Trata-se de dez localidades participantes da região chamada Médio Tietê, berço da cultura caipira paulista (GARCIA, 2011, p. 56; PAZETTI, 2014, p. 12).

Com aporte teórico-metodológico da Dialetologia Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 2000, 2005, entre outros), Q, acompanhada por uma imagem ilustrativa de seu referente semântico, foi aplicada a 80 informantes, 8 por ponto, dos quais 4 mulheres e 4 homens, que satisfizeram os seguintes critérios:

pertencer a um de dois grupos etários: ou ao GI (18 a 36 anos) ou ao GII (a partir de 55 anos);

pertencer a uma de duas classes sociais/escolares: ou à Cb (desde analfabetos até secundaristas incompletos), ou à Ca (a partir de estudos superiores incompletos);

morar na localidade por, no mínimo, três quartos da vida; e

ininterruptamente morar na localidade pelos últimos cinco anos.

Esses critérios foram aplicados de modo equitativo ao universo de informantes, ou seja: das quatro mulheres por localidade, havia uma do perfil CaGII, uma do perfil CbGII, uma do perfil CaGI e uma do perfil CbGI. Quanto aos quatro homens por ponto, rigorosamente o mesmo foi realizado.

Assim, esses quatro perfis representam um cruzamento das variáveis diastrática ( $Cx$ ) e diageracional ( $Gy$ ), chamado cruzamento  $CxGy$ . Com o controle metodológico também da variável diagenérica ( $Wz$ , saturada ou com o valor  $Wf$ , para informantes femininos, ou com o valor  $Wm$ , para os masculinos), houve outros dois cruzamentos sistemáticos:  $CxWz$  e  $WzGy$ . É com esses três cruzamentos que, após a apresentação panorâmica dos dados e da técnica que os elicitou, as seções subsequentes lidam.

## **1 UNIVERSO DAS COVARIANTES COLETADAS E TÉCNICA UTILIZADA**

Distribuído pela rede de pontos, este é o universo das covariantes registradas na pesquisa:

**Quadro 2** – Universo das covariantes distribuídas pela rede de pontos

	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	Σ	
córrego	4	5	4	6	3	7	3	3	4	4	43	47
corgo	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	3	
corguinho	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	
riacho	4	2	4	4	0	2	3	3	4	2	28	
ribeirão	1	1	2	0	0	1	5	3	0	1	14	
riozinho	0	1	0	0	2	2	0	0	0	1	6	10
rio	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	2	
rio pequeno	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	
afluente	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	
arroio	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	
bosteiro	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	
lago	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	
lajeado	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	
13												

Fonte: Figueiredo Jr. (2019, p. 1.641)

Os dois agrupamentos realizados no interior do Quadro 2 – identificáveis tanto por uma borda em preto quanto por um somatório em comum de segundo nível – constituem-se de formas que compartilham similitudes morfolexicais entre si, em regra, e, em particular, de covariantes ortográficas resultantes de pequenas variações fonéticas.

O arrolamento dos (agrupamentos de) itens de cima para baixo no Quadro 2 está organizado pelo critério de maior frequência, em primeiro lugar, e, em segundo, pelo ordenamento alfabético.

Algumas dessas formas foram objeto de comentários metalinguísticos/epilinguísticos espontâneos por parte dos informantes (infs.) durante o inquérito semântico-lexical. Como Figueiredo Jr. (2019, p. 1.886) relata, o inf41 (masculino, jovem, classe baixa, Itu) disse que ouvia no passado e ouve no presente <corgo> e <bosteiro> da boca dos antigos, independentemente se o pequeno rio está limpo ou não, o qual passa, segundo o mesmo informante, a chamar-se <riacho> se possui uma queda d'água. O inf42 (feminino, jovem, classe alta, Itu), por <riacho>, entende cachoeira. O inf63 (masculino, velho, classe baixa, Tietê) disse que, mais exatamente, o ribeirão é um pouco mais largo do que o córrego. Já o inf65 (masculino, velho, classe alta, Capivari) alegou que, mais exatamente, o ribeirão é um pouco mais largo do que o córrego.<sup>1</sup>

A técnica de eliciação utilizada chama-se técnica de entrevista orientada à contun-  
dência responsiva/anuente (doravante TE), diretamente baseada na técnica de três tem-  
pos (TTT) de Thun (2000). Na TE, é prevista a aplicação dos três tempos – perguntar  
(para obtenção de respostas espontâneas), insistir (para obtenção de respostas adicionais  
espontâneas) e sugerir (para obtenção de formas aceitas ou rejeitadas), mas não de ma-

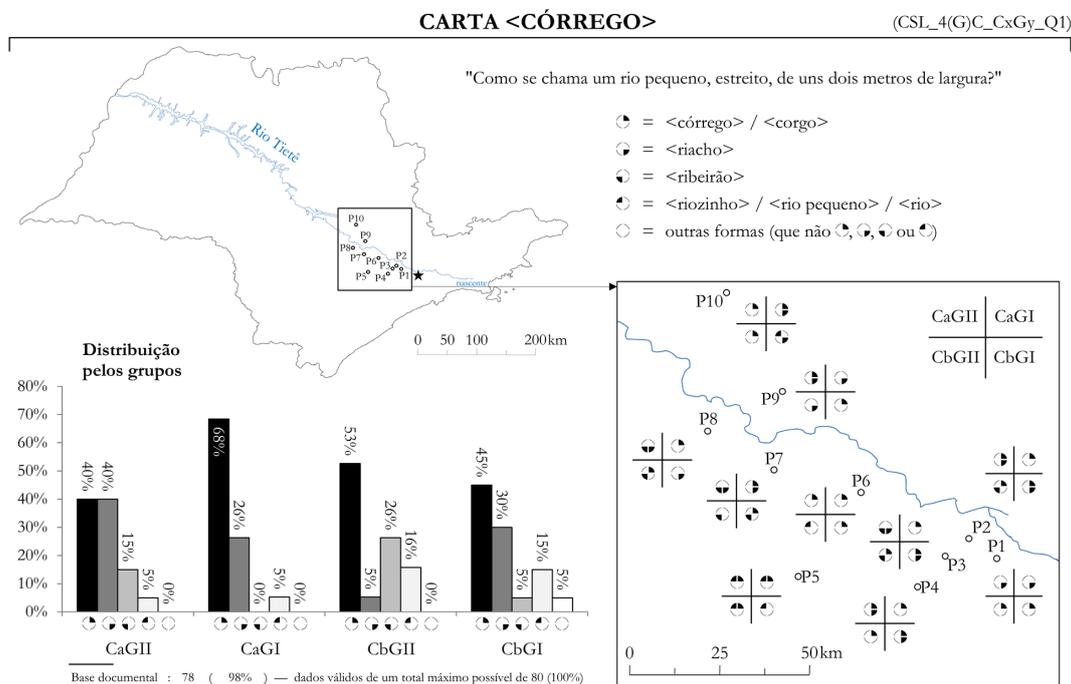
neira sistemática como prevê a TTT, porque a TE objetiva, antes, a obtenção prioritária da contundência responsiva/anuente do informante, e a obtenção dessa contundência pode dar-se em qualquer tempo. Nos casos em que os informantes produzem várias respostas, estas submetem-se a um ordenamento de relevância, baseado em parâmetros contextuais. A forma mais relevante do ordenamento chama-se cabeça de relevância. No atlas de Figueiredo Jr. (2019), são as cabeças de relevância que figuram na cartografia.<sup>2</sup>

## 2 CARTAS LINGUÍSTICAS

### 2.1 Exórdio

Também com aporte da Dialetoologia Pluridimensional para a cartografia, cartas linguísticas foram elaboradas para representar as covariantes mais frequentes e relevantes documentadas em campo por ensejo da aplicação de Q. Os termos e os símbolos que lhe são próprios estão introduzidos a seguir, para as adequadas leitura e interpretação das cartas. Com esse propósito, é utilizada a Figura 1, que correlaciona a variável Q com as variáveis diatópica, diastrática (Cx) e diageracional (Gy), também chamadas, no âmbito geolinguístico pluridimensional, de dimensões.

**Figura 1** – Carta de Q em cruzamento CxGy



Fonte: Figueiredo Jr. (2019, p. 241)

Na parte superior da Figura 1, encontram-se, no centro, o título da carta simplifi-

<sup>2</sup> Cf. Figueiredo Jr. (2019, tomo I, cap. 'Metodologia') para detalhes sobre a técnica de elicitação adotada.

cado e, à direita, seu título técnico<sup>3</sup>. Logo abaixo, lê-se a variável linguística investigada. O mapa, na parte superior esquerda, representa os limites político-administrativos do Estado de São Paulo, o rio Tietê, os pontos visitados do Médio Tietê e a capital (estrela). À direita do mapa, veem-se as covariantes registradas, dispostas da mais frequente geral para a menos frequente geral, de cima para baixo, acompanhadas pelos símbolos correspondentes, com os quais é interpretada a parte ampliada do mapa, em cujo canto superior direito encontra-se a cruz-legenda dos quatro grupos/perfis já introduzidos (CaGII, CaGI, CbGII e CbGI), ou seja: é com a cruz-legenda que as dez cruzeiras associadas à rede de pontos são interpretadas.

Na parte inferior esquerda da Figura 1, observa-se um gráfico estatístico que distribui os dados válidos pelos quatro grupos/perfis de informantes. Os valores percentuais exibidos são frequências relativas das covariantes lexicais enunciadas pelos grupos. Por fim, o rodapé informa a base documental a partir da qual a carta foi elaborada.

## 2.2 Cruzamento CxGy

Como se vê na Figura 1, em todos os pontos há uma ou mais instanciações de variação nula em certos grupos/perfis de informantes, o que totaliza 21 vezes no geral. O grupo covariante <córrego>/<corgo> se destaca, com 13 instanciações. Sua distribuição nos diferentes grupos e pontos acha-se no Quadro 3, onde as localidades reincidentes estão numeradas entre parênteses.

**Quadro 3** – <córrego>/<corgo> (☉) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)
CaGII	Itu (1/3)   Piracicaba (1/2)
CaGI	Pirapora do Bom Jesus   Araçariçuama   São Roque (1/2)   Itu (2/3)   Tietê
CbGII	Santana de Parnaíba (1/2)   São Roque (2/2)   Piracicaba (2/2)
CbGI	Santana de Parnaíba (2/2)   Itu (3/3)   Capivari

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em perspectiva com as localidades e os grupos/perfis de informantes, a forma <riacho> instancia-se cinco vezes sem concorrentes.

**Quadro 4** – <riacho> (☉) sem concorrência

<sup>3</sup> O primeiro vale-se do nome da covariante coletada mais frequente, enquanto o segundo comprime detalhes técnicos: CSL = carta semântico-lexical; 4(G)C = quatro (grupos de) covariantes cartografadas; CxGy = cruzamento diatrático e diageracional; e Q1 = questão 1 do Questionário Semântico-Lexical.

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaGII	Santana de Parnaíba (1/2)	CbGII	Capivari (2/2)
CaGI	Santana de Parnaíba (2/2)   Capivari (1/2)	CbGI	Tietê

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em toda a rede de pontos, a forma <ribeirão> sozinha só possui uma instanciação (∅ = zero instâncias):

**Quadro 5** – <ribeirão> (☐) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaGII	∅	CbGII	Porto Feliz
CaGI	∅	CbGI	∅

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já o grupo <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> sem concorrentes instancia-se duas vezes:

**Quadro 6** – <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> (☐) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaGII	∅	CbGII	Itu
CaGI	∅	CbGI	Sorocaba

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto à concorrência entre duplas covariantes, das seis combinações possíveis – ☐☐, ☐☑, ☑☐, ☑☑, ☑☑ e ☑☐ –, as cinco primeiras verificam-se, com 19 instâncias no total. O quadro a seguir expõe a primeira, com oito instâncias.

**Quadro 7** – <córrego>/<corgo> & <riacho> (☐☑)

Grupo	Ponto(s)
CaGII	Pirapora do Bom Jesus (1/2)   São Roque (1/2)   Capivari
CaGI	Porto Feliz   Piracicaba
CbGII	∅
CbGI	Pirapora do Bom Jesus (2/2)   Araçariçama   São Roque (2/2)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A segunda combinação tem quatro instanciações, conforme se observa no Quadro 8.

**Quadro 8** – <córrego>/<corgo> & <ribeirão> (☞)

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaGII	∅	CbGII	Pirapora do Bom Jesus   Araçariguama   Tietê
CaGI	∅	CbGI	Porto Feliz

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com três instanciações, a terceira combinação se apresenta no Quadro 9.

**Quadro 9** – <córrego>/<corgo> & <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> (☞)

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaGII	Sorocaba (1/3)	CbGII	Sorocaba (3/3)
CaGI	Sorocaba (2/3)	CbGI	∅

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tem-se a quarta combinação, também com três instanciações, todas da classe alta velha, apresentada no Quadro 10.

**Quadro 10** – <riacho> & <ribeirão> (☞)

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaGII	Araçariguama   Porto Feliz   Tietê	CbGII	∅
CaGI	∅	CbGI	∅

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por fim, o Quadro 11 apresenta a quinta combinação, com apenas uma instanciação.

**Quadro 11** – <riacho> & <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> (☞)

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaGII	∅	CbGII	∅
CaGI	∅	CbGI	Piracicaba

Fonte: Elaborado pelo autor.

### 2.2.1 Aspectos quantitativos

Ainda com base na Figura 1, nota-se que, na classe alta velha (CaGII), o grupo covariante <córrego>/<corgo> varia com <riacho> em pé de igualdade a disputar a preferência dos falantes do Médio Tietê, já que atingem 40% de frequência relativa cada. Depois, vem a covariante <ribeirão>, com 15%. As demais variantes em CaGII não obtêm percentual significativo ( $\leq 5\%$  cada).

Na classe alta jovem (CaGI), o grupo covariante <córrego>/<corgo>, com 68% de frequência relativa, sobrepuja suas concorrentes e quase se arvora como norma relativa em CaGI, não fosse sua ausência em dois pontos (Santana de Parnaíba e Capivari). Entretanto, do ponto de vista não relativo a grupos/perfis de informantes, o grupo covariante em questão se estabelece como norma absoluta, ao figurar em cada ponto da rede em diferentes grupos/perfis.<sup>4</sup> Em segundo lugar decrescente, tem-se <riacho>, com 26%. As demais covariantes não pontuam significativamente em CaGI.

Na classe baixa velha (CbGII), <córrego>/<corgo> também atinge um percentual alto, 53%, mas dista do posto de norma relativa por não se apresentar entre os representantes de CbGII de três localidades (Itu, Porto Feliz e Capivari). A covariante <ribeirão>, por sua vez, ocorre com 26%, o que a coloca em segundo lugar decrescente. Em terceiro, vem o grupo <riozinho>/<rio pequeno>/<rio>, com 16%. As outras concorrentes, em CbGII, não têm frequência significativa.

Na classe baixa jovem (CbGI), por sua vez, o grupo covariante <córrego>/<corgo> possui 45% de frequência relativa, seguida por <riacho> (30%, segundo lugar decrescente) e por <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> (15%, terceiro lugar). As formas restantes ocorrem sem percentual significativo em CbGI.

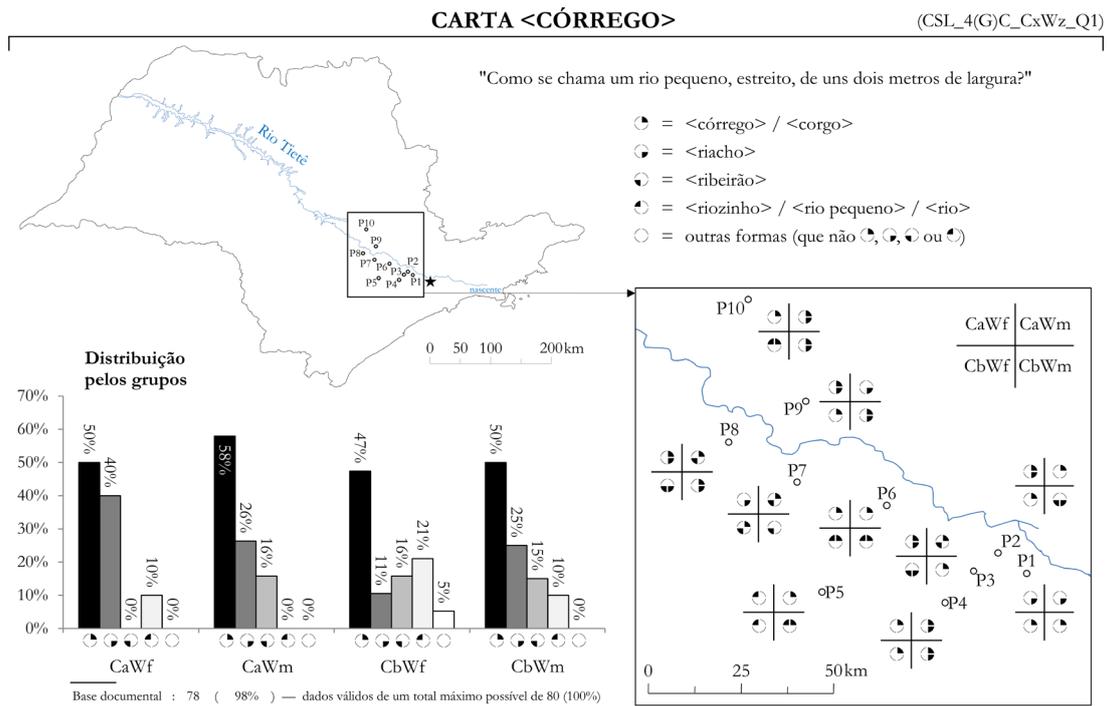
### 2.3 Cruzamento CxWz

Os dados levantados pela aplicação de Q também são postos em perspectiva nas dimensões diatópica, diastrática e diagenérica. A Figura 2 assim os exhibe.

Figura 2: Carta de Q em cruzamento CxWz

---

<sup>4</sup> Norma (linguística) é a forma que ocorre em distribuição diatópica regular (i.e., ocorre em todas as localidades de uma dada rede de pontos) e com frequência relativa superior a cinquenta por cento entre as demais covariantes válidas. Figueiredo Jr. (2019, p. 1.955) a chama norma absoluta quando a avaliação distributiva e percentual não leva em conta grupos específicos de falantes e a chama norma relativa quando a toma em relação estrita a algum grupo específico.



Fonte: Figueiredo Jr. (2019, p. 327)

Instanciações de variação nula são identificadas 19 vezes no total. Sua distribuição pela rede de pontos e pelos diferentes grupos/perfis visualiza-se nos Quadros 12 a 19, cada qual responsável pela apresentação de uma forma por vez. O Quadro 12 exhibe as instanciações do grupo covariante <córrego>/<corgo>, que somam 12.

**Quadro 12 – <córrego>/<corgo> (●) sem concorrência**

Grupo	Ponto(s)
CaWf	São Roque (1/2)   Itu (1/2)   Piracicaba
CaWm	Pirapora do Bom Jesus (1/2)   Sorocaba   Itu (2/2)
CbWf	Santana de Parnaíba (1/2)   Pirapora do Bom Jesus (2/2)   São Roque (2/2)   Capivari
CbWm	Santana de Parnaíba (2/2)   Araçariguama

Fonte: Elaborado pelo autor.

A classe alta de três municípios realizou apenas <riacho>, com quatro instanciações. O Quadro 13 as organiza.

**Quadro 13** – <riacho> (☉) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaWf	Santana de Parnaíba (1/2)   Porto Feliz	CbWf	∅
CaWm	Santana de Parnaíba (2/2)   Capivari	CbWm	∅

Fonte: Elaborado pelo autor.

A forma <ribeirão> aparece com apenas uma instanciação, conforme Quadro 14.

**Quadro 14** – <ribeirão> (☉) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaWf	∅	CbWf	∅
CaWm	∅	CbWm	Porto Feliz

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por sua vez, o grupo covariante <riozinho>/<rio pequeno>/<rio>, quando sem concorrentes, tem duas instanciações, ambas localizadas num único ponto, como ilustra o quadro a seguir.

**Quadro 15** – <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> (☉) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaWf	Sorocaba (1/2)	CbWf	Sorocaba (2/2)
CaWm	∅	CbWm	∅

Fonte: Elaborado pelo autor.

No que concerne à variação em pares de covariantes, das seis combinações possíveis – ☉, ☉, ☉, ☉, ☉ e ☉ –, as quatro primeiras tomam lugar, com 21 instanciações no total. A distribuição da primeira combinação pelos grupos/perfis e pelas localidades é visualizada no Quadro 16, com dez instanciações.

**Quadro 16** – <córrego>/<corgo> & <riacho> (☉)

Grupo	Ponto(s)
CaWf	Pirapora do Bom Jesus   Araçariguama   Tietê (1/2)   Capivari (1/2)
CaWm	São Roque (1/2)   Piracicaba (1/2)
CbWf	∅
CbWm	São Roque (2/2)   Tietê (2/2)   Capivari (2/2)   Piracicaba (2/2)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A segunda combinação tem quatro instanciações:

**Quadro 17** – <córrego>/<corgo> & <ribeirão> (☹)

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaWf	∅	CbWf	Porto Feliz (2/2)
CaWm	Araçariguama   Porto Feliz (1/2)   Tietê	CbWm	∅

Fonte: Elaborado pelo autor.

Também com quatro instanciações figura a terceira combinação, com distribuição organizada no Quadro 18.

**Quadro 18** – <córrego>/<corgo> & <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> (☹)

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaWf	∅	CbWf	Itu (1/2)   Piracicaba
CaWm	∅	CbWm	Sorocaba   Itu (2/2)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já a quarta e última combinação de duplas covariantes exhibe três instanciações:

**Quadro 19** – <riacho> & <ribeirão> (☹)

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
CaWf	∅	CbWf	Araçariguama   Tietê
CaWm	∅	CbWm	Pirapora do Bom Jesus

Fonte: Elaborado pelo autor.

### 2.3.1 Aspectos quantitativos

Na classe alta feminina (CaWf), o grupo <córrego>/<corgo> obtém 50% de frequência relativa, garantindo o primeiro lugar decrescente, mas não conquistando o estatuto de norma relativa<sup>5</sup>, por faltar em três pontos da rede (Santana de Parnaíba, Sorocaba e Porto Feliz). Com boa aproximação, tem-se <riacho>, com 40%, deixando o terceiro lugar para o grupo covariante <riozinho>/<rio pequeno>/<rio>, com 10% em CaWf.

Na classe alta masculina (CaWm), o grupo covariante <córrego>/<corgo> é realizado com 58% de frequência relativa, com distribuição diatópica quase regular, uma vez que ele não é contemplado em dois municípios da rede de pontos (Santana de Parnaíba e Capivari). Em ordem decrescente, na sequência, vem a forma <riacho>, com 26%, segui-

<sup>5</sup> Cf. nota de rodapé 4.

da por <ribeirão>, com 16%. As demais formas não obtêm frequência relativa superior a cinco por cento cada.

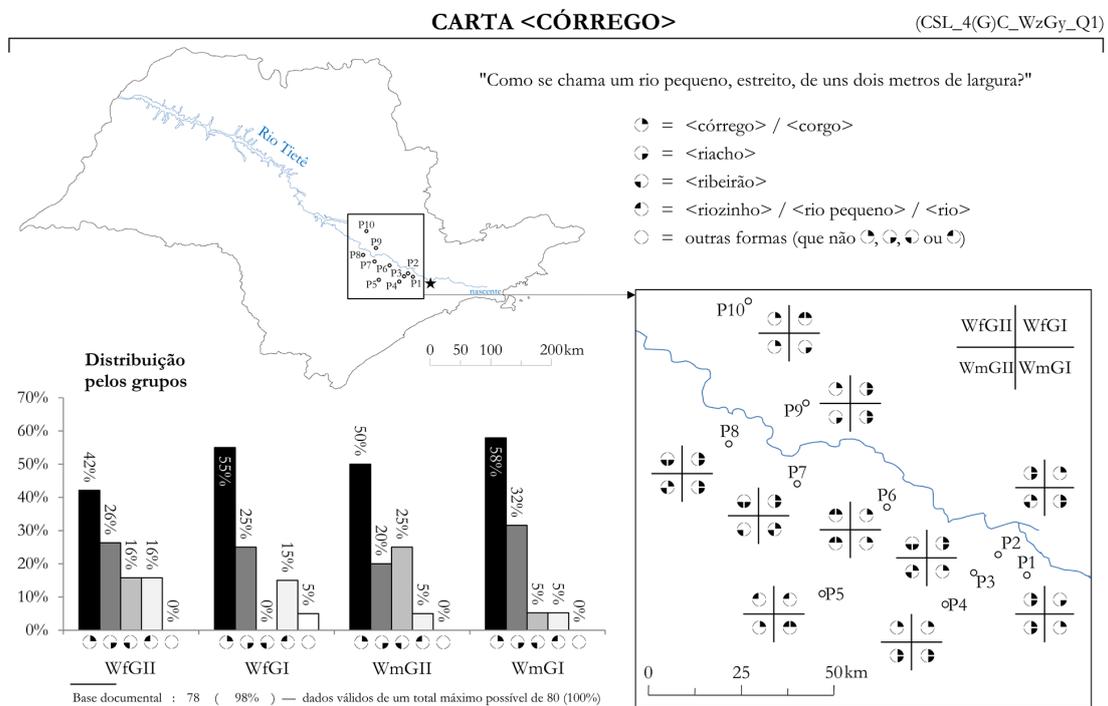
Na classe baixa feminina (CbWf), o grupo <córrego>/<corgo> aparece com 47%, longe do posto de norma relativa por três pontos nos quais ele não é enunciado. Na sequência decrescente, o grupo covariante <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> alcança o segundo lugar, com 21%. Em terceiro, figura <ribeirão>, com 16%. Por seu turno, <riacho> é a quarta covariante mais frequente em CbWf ao longo da rede de pontos. Outras formas não pontuam significativamente.

Já na classe baixa masculina (CbWm), <córrego>/<corgo> está presente em toda a rede de pontos, exceto em dois pontos (Pirapora do Bom Jesus e Porto Feliz), com 50%. A forma <riacho> adquire a segunda posição decrescente, com 25%, seguida por <ribeirão> (15%) e por <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> (10%), respectivamente.

#### 2.4 Cruzamento WzGy

Semelhantemente aos dois cruzamentos anteriores, faz-se agora o cruzamento das lexias com as dimensões diatópica, diagenérica e diageracional, tal como a Figura 3 mostra.

**Figura 3 – Carta de Q em cruzamento WzGy**



Fonte: Figueiredo Jr. (2019, p. 413)

Há 17 instanciações de variação nula no total. O grupo covariante <córrego>/<-

corgo> é o mais numeroso, identificado 11 vezes. O Quadro 20 as apresenta distribuídas pelos grupos/perfis e pelos pontos.

**Quadro 20** – <córrego>/<corgo> (☺) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)
WfGII	São Roque (1/2)   Capivari   Piracicaba (1/2)
WfGI	Pirapora do Bom Jesus   São Roque (2/2)   Itu (1/2)
WmGII	Sorocaba   Piracicaba (2/2)
WmGI	Santana de Parnaíba   Araçariguama   Itu (2/2)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A covariante <riacho>, por seu turno, obtém três instanciações:

**Quadro 21** – <riacho> (☹) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
WfGII	∅	WmGII	Capivari
WfGI	Santana de Parnaíba	WmGI	Piracicaba

Fonte: Elaborado pelo autor.

A forma <ribeirão> apresenta-se com somente uma instanciação:

**Quadro 22** – <ribeirão> (☹) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
WfGII	∅	WmGII	Porto Feliz
WfGI	∅	WmGI	∅

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já o grupo covariante <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> instancia-se duas vezes:

**Quadro 23** – <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> (☺) sem concorrência

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
WfGII	Sorocaba (1/2)	WmGII	∅
WfGI	Sorocaba (2/2)	WmGI	∅

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à variação em duplas, as quatro primeiras combinações das seis possíveis – (♣, ♠), (♣, ♥), (♣, ♦), (♠, ♥) e (♠, ♦) – são registradas, com 23 instanciações no total. A primeira obtém 12 instanciações, distribuídas pelos grupos/perfis e pontos, como o Quadro 24 apresenta.

**Quadro 24** – <córrego>/<corgo> & <riacho> (♣)

Grupo	Ponto(s)
WfGII	Santana de Parnaíba (1/2)   Pirapora do Bom Jesus (1/2)
WfGI	Araçariguama   Porto Feliz   Tietê (1/2)   Capivari (1/2)
WmGII	Santana de Parnaíba (2/2)   São Roque (1/2)
WmGI	Pirapora do Bom Jesus (2/2)   São Roque (2/2)   Tietê (2/2)   Capivari (2/2)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A segunda combinação tem quatro instanciações:

**Quadro 25** – <córrego>/<corgo> & <ribeirão> (♣)

Grupo	Ponto(s)
WfGII	∅
WfGI	∅
WmGII	Pirapora do Bom Jesus   Araçariguama   Tietê
WmGI	Porto Feliz

Fonte: Elaborado pelo autor.

Também com quatro instanciações figura a terceira combinação, com distribuição organizada no Quadro 26.

**Quadro 26** – <córrego>/<corgo> & <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> (♣)

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
WfGII	Itu (1/2)	WmGII	Itu (2/2)
WfGI	Piracicaba	WmGI	Sorocaba

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já a quarta e última combinação de duplas covariantes exibe três instanciações:

**Quadro 27** – <riacho> & <ribeirão> (☹)

Grupo	Ponto(s)	Grupo	Ponto(s)
WfGII	Araçariguama   Porto Feliz   Tietê	WmGII	∅
WfGI	∅	WmGI	∅

Fonte: Elaborado pelo autor.

*2.4.1 Aspectos quantitativos*

No grupo feminino velho (WfGII), o grupo covariante <córrego>/<corgo> ocorre com 42% de frequência relativa, sendo a primeira opção lexical do perfil de informantes em apreço. A segunda opção é representada por <riacho>, com 26%. Disputando a terceira opção na preferência de WfGII, encontram-se <ribeirão>, de um lado, e <riozinho>/<rio pequeno>/<rio>, de outro, cada qual com 16%.

No grupo feminino jovem (WfGI), com 55% de frequência relativa, o grupo covariante <córrego>/<corgo> por pouco não se torna norma relativa<sup>6</sup>; duas localidades a separam da conquista (Santana de Parnaíba e Sorocaba). Na segunda posição decrescente, vê-se <riacho>, com 25%. Na terceira, tem-se <riozinho>/<rio pequeno>/<rio>, com 15%. As demais concorrentes não exibem frequência relativa significativa no âmbito do grupo/perfil WfGI.

No grupo masculino velho (WmGII), <córrego>/<corgo> alcança 50% de frequência relativa entre os falantes em questão, com distribuição diatópica quase regular – quase, por causa de sua ausência em dois pontos (Porto Feliz e Capivari). A forma <ribeirão> surge na sequência decrescente, com 25%, seguida por <riacho>, com 20%. As outras formas não pontuam com valores significativos.

Já no grupo masculino jovem (WmGI), com 58%, <córrego>/<corgo> é virtualmente norma relativa. Falta-lhe ocorrência apenas em uma cidade (Piracicaba). Depois, como alternativa mais frequente em WmGI, tem-se <riacho>, com 32%. Todas as outras formas possuem frequência não superior a cinco por cento cada.

**CONCLUSÕES**

As seções anteriores formam a base estrita da qual as inferências a seguir, sem repetirem ilações específicas/pontuais já realizadas antes, são extraídas. Seu escopo é a rede de pontos em sua totalidade.

Todos os grupos/perfis de informantes e o conjunto das covariantes concorrentes à saturação de (i.e., à ocupação ou ao preenchimento da variável) Q – “Como se chama um rio pequeno, estreito, de uns dois metros de largura?” – sendo considerados em geral, tem-se que:

<sup>6</sup> Cf. nota de rodapé 4.

- o grupo covariante <córrego>/<corgo> se estabelece como norma linguística absoluta – goza de distribuição diatópica regular e de 51% de frequência relativa;
- Santana de Parnaíba (P1) é a localidade mais conservadora, com a menor variação em curso – exhibe o maior número de instanciações de variação nula, 10, e o menor número de instanciações de variação dupla, 2;
- Tietê (P8) é o ponto que mais se apresenta inovador, com a maior variação em curso – evidencia o menor número de instanciações de variação nula, 2, e o maior número de instanciações de variação dupla, 10;
- dentre todos os perfis investigados<sup>7</sup>, o da classe alta jovem (CaGI) é o que mais contribui para a conservação – é responsável pelo maior número de instanciações de variação nula, 7, e pelo menor número de instanciações de variação dupla, 3;
- dentre todos os perfis investigados, o da classe alta velha (CaGII) e o da classe baixa masculina (CbWm) são os que menos contribuem para a conservação – respondem pelo menor número de instanciações de variação nula, 3 cada, e pelo maior número de instanciações de variação dupla, 7 cada.

Da perspectiva CxGy – cruzamento das variáveis diastrática (Cx) e diageracional (Gy):

- o grupo covariante <córrego>/<corgo> está disseminado por toda a rede;
- <riacho> não aparece em Sorocaba e Itu;
- mais da metade das ocorrências do grupo covariante <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> está em Sorocaba (3/5);
- a variação em par de <córrego>/<corgo> & <ribeirão> é produto da classe baixa;
- a variação em par de <córrego>/<corgo> & <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> é sediada em Sorocaba; e
- a variação em par de <riacho> & <ribeirão> é gerada pela classe alta velha.

Da perspectiva CxWz – cruzamento das variáveis diastrática (Cx) e diagenérica (Wz):

- <riacho>, quando instanciado sem concorrentes, é enunciado pela classe alta;
- o grupo covariante <riozinho>/<rio pequeno>/<rio>, quando instanciado sem concorrentes, é visto só em Sorocaba entre falantes femininos;

<sup>7</sup> A saber: CaGII, CaGI, CbGII, CbGI, CaWf, CaWm, CbWf, CbWm, WfGII, WfGI, WmGII e WmGI.

- <córrego>/<corgo> ocorre em toda a rede de pontos;
- <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> prevalece na classe baixa;
- a variação em par de <córrego>/<corgo> & <riacho> não se apresenta na classe baixa feminina;
- a variação em par de <córrego>/<corgo> & <ribeirão> predomina na classe alta masculina;
- a variação em par de <córrego>/<corgo> & <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> é verificada apenas na classe baixa; e
- a variação em par de <riacho> & <ribeirão> também só é observada na classe baixa.

Por fim, da perspectiva WzGy – cruzamento das variáveis diagenérica (Wz) e diageracional (Gy):

- <ribeirão>, quando instanciado sem concorrentes, surge uma única vez, no grupo masculino velho, em Porto Feliz;
- o grupo covariante <riozinho>/<rio pequeno>/<rio>, quando instanciado sem concorrentes, é registrado somente entre mulheres de Sorocaba;
- <córrego>/<corgo> ocorre ao longo da rede de pontos;
- <ribeirão> ocorre com predominância entre os velhos;
- o grupo covariante <riozinho>/<rio pequeno>/<rio> também ocorre com predominância entre os velhos;
- a variação em par de <córrego>/<corgo> & <ribeirão> engendra-se com predominância entre os velhos; e, finalmente,
- a variação em par de <riacho> & <ribeirão> é registrada apenas no grupo feminino velho.

## Referências

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

FIGUEIREDO JR., S. R. *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê*. 2018. 2.120 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GARCIA, R. M. S. *Moda de viola: lirismo, circunstância e musicalidade no canto recitativo caipira*. 2011. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *São Paulo*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp.html>. Acesso em: 17 jul. 2020.

PAZETTI, H. A. *A região do Médio Tietê e os primeiros acordes paulistas: o cururu*. 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2014.

RADTKE, E.; THUN, H. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: eine Bilanz. In: RADTKE, E.; THUN, H. (org.) *Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p.1-24.

THUN, H. (Dir.). *Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay*. Kiel: Westensee-Verl., 2000.

THUN, H. A Dialetolegia Pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (Org.) *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.



Data de submissão: 30/10/2020

Data de aceite: 29/06/2021